



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Metodologia da Geografia

Volume Único

Mônica Sampaio Machado



SECRETARIA DE CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Geografia

UERJ – Glaucio José Marafon

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Mônica Sampaio Machado

DIREÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

COORDENAÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

DESIGN INSTRUCIONAL

Joseph Meyohas

Livia Tafuri Giusti

Marcelo Alves da Silva

Paulo César Alves

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Fábio Rapello Alencar

ASSISTENTE

DE PRODUÇÃO

Bianca Giacomelli

REVISÃO LINGUÍSTICA E TIPOGRÁFICA

Beatriz Fontes

Carolina Godoi

Flávia Saboya

Licia Matos

Maria Elisa Silveira

Mariana Caser

Thelenayce Ribeiro

Yana Gonzaga

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

Camille Moraes

Juliana Vieira

Patrícia Seabra

Ronaldo Florio

ILUSTRAÇÃO

Bianca Giacomelli

Fernando Romeiro

CAPA

Fernando Romeiro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Copyright © 2015, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M149

Machado, Mônica Sampaio.

Metodologia da Geografia: volume único / Mônica Sampaio Machado. – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.

370 p.; il. 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0018-7

1. Geografia – Metodologia. 2. Geografia – Filosofia. 3. Geografia – Teoria. I. Título.

CDD: 910.01

Referências bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Gustavo Tutuca

Universidades Consorciadas

⋮

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE
Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Roberto Leher

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

- Aula 1** – Método e metodologia: considerações históricas e conceituais _____ 7
Mônica Sampaio Machado
- Aula 2** – Modernidade, constituição da ciência moderna e metodologia científica _____ 35
Mônica Sampaio Machado
- Aula 3** – Os polos da metodologia da ciência moderna: método indutivo (Empirismo) x método dedutivo (Racionalismo) _____ 65
Mônica Sampaio Machado
- Aula 4** – O campo da metodologia da Geografia e a concepção de paradigma _____ 99
Mônica Sampaio Machado
- Aula 5** – Métodos de interpretação e pesquisa em Geografia _____ 139
Mônica Sampaio Machado
- Aula 6** – Geografia Clássica ou Tradicional: Positivismo Clássico e Historicismo (método indutivo e empirismo) _____ 159
Mônica Sampaio Machado
- Aula 7** – Geografia Clássica ou Tradicional: origem, autores, conceitos e exemplos de estudos e pesquisas _____ 179
Mônica Sampaio Machado
- Aula 8** – Geografia Lógico-formal: Neopositivismo ou Positivismo Lógico (método dedutivo e racionalismo) _____ 203
Mônica Sampaio Machado
- Aula 9** – Geografia Neopositivista: origem, autores, conceitos, princípios teórico-metodológicos e exemplos de estudos e pesquisas _____ 217
Mônica Sampaio Machado

Aula 10 – Geografia marxista: materialismo histórico-dialético _____	237
<i>Mônica Sampaio Machado</i>	
Aula 11 – Geografia marxista: origem, autores, conceitos, bases teórico-metodológicas e exemplos de estudos e pesquisas _____	257
<i>Mônica Sampaio Machado</i>	
Aula 12 – Geografia Humanística e as filosofias dos significados: hermenêutica, fenomenologia e existencialismo _____	279
<i>Mônica Sampaio Machado</i>	
Aula 13 – Geografia Humanística: origem, autores, conceitos, bases teórico-metodológicas e exemplos de estudo e pesquisas _____	299
<i>Mônica Sampaio Machado</i>	
Aula 14 – O paradigma ambiental e a Geografia: o diálogo de saberes _____	319
<i>Mônica Sampaio Machado</i>	
Aula 15 – Exemplos de estudos desenvolvidos pela Geografia na atualidade e seus principais desafios metodológicos _____	347
<i>Mônica Sampaio Machado</i>	
Referências _____	359

Aula 1

Método e metodologia: considerações históricas e conceituais

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar os conceitos de método e metodologia, suas diferenças e aproximações; introduzir o universo de estudo da Metodologia da Geografia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. apresentar e desenvolver os conceitos de método, metodologia e metodologia científica;
2. apresentar e desenvolver os conceitos de método de pesquisa e método de interpretação;
3. identificar o campo de estudo da Metodologia da Geografia e a diferença entre Geografia como ciência e geografia como materialidade.

Para começar

O significado da palavra “método” está ligado à ideia de busca, pesquisa. É a associação entre *metá* (atrás, através) e *hodós* (caminho). Assim, *método* indica a ideia do caminho trilhado, percorrido, para se chegar a um determinado lugar ou resultado.

Já a *metodologia* é o estudo dos métodos. A palavra *metodologia* corresponde à associação de “método + logia”, ou seja, “caminho + estudo”. Por isso, o significado de metodologia corresponde ao estudo e análise dos caminhos percorridos, dos métodos.

Três questões importantes que auxiliam no entendimento do significado e abrangência da metodologia:

- 1) Qual o caminho escolhido?
- 2) Como o caminho foi percorrido?
- 3) Por que este caminho foi escolhido?

No campo científico, a metodologia está diretamente vinculada às atividades realizadas no processo de investigação científica. Esse processo inclui atividades tanto práticas ou empíricas, como atividades teóricas, ideológicas e políticas. Assim, quando afirmamos que metodologia é o estudo dos métodos, dos caminhos, a *metodologia científica* é o estudo, a discussão e análise dos caminhos percorridos ao longo da pesquisa realizada, ou seja, dos métodos empregados.

Na realidade, a discussão metodológica está diretamente relacionada à Filosofia. E a metodologia científica, vinculada ao campo da Filosofia da Ciência, ou seja, constitui uma área de estudo da Filosofia da Ciência.

Assim, podemos dizer que no campo científico, metodologia é uma área de estudo sobre os princípios que orientam a pesquisa científica, incluindo desde suposições básicas, técnicas de indagação e bases teóricas. Além de ser uma disciplina que estuda os métodos e de estar vinculada à Filosofia, a metodologia é também considerada

uma forma de conduzir a pesquisa ou um conjunto de regras para ensino de ciência e arte.



METODOLOGIA: é o discurso/relato do caminho percorrido no processo de pesquisa.

A palavra metodologia se origina em meados do século XIX, nas línguas inglesa e francesa, no sentido da investigação científica moderna.

Etimologia da palavra:

METODOLOGIA = MÉTODO + LOGIA

Método: do grego *méthodos*, significa busca por extensão, estudo metódico de um tema da ciência (Platão), ou tratado metódico, obra de ciência (Aristóteles). Derivado de *metá + hodós* (através do caminho), significa o modo de pesquisa, investigação, experimentação.

+

Logia (logo + ia): do grego *lógos*, afirmar ou negar algo (pensamento, ideia, opinião), significa "o estudo de".



Para aperfeiçoar seus conhecimentos

Platão (427-347 a.C.): importante filósofo grego nascido em Atenas, considerado o pai da Filosofia. Para Platão, a verdade não se encontra nas sensações, que sempre mudam de um indivíduo para outro. Ela reside, eterna e imutável, no mundo das ideias, onde os filósofos podem contemplar as formas

verdadeiras, e só pode ser descoberta pelo uso exclusivo da razão. A tarefa dos filósofos para Platão seria a de transformar a sociedade para que ela se conforme a esse modelo ideal. Platão é também considerado o fundador da primeira universidade – a Academia de Platão –, que partia do princípio de que os alunos deviam aprender a criticar e a pensar por si mesmos, em vez de somente aceitar as ideias de seus mestres. Aristóteles (384-322 a.C.): filósofo grego nascido em Estagira, Macedônia, considerado o segundo pai da Filosofia ocidental. Enquanto Platão deu vida à Filosofia e inventou seu espaço e estilo, Aristóteles a educou, disciplinando-a e transformando-a em pesquisa. Aluno de Platão, Aristóteles se opõe ao mestre com relação à concepção de verdade. Nega a existência do mundo das ideias, e procura conhecimentos verdadeiros na observação das realidades diante dos olhos, integrando as lições da experiência e inventando as ciências naturais.

Fonte: DROIT, Roger-Pol. *Filosofia em cinco lições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.



Micah Burke

Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Sanzio_01.jpg; <http://www.sxc.hu/photo/1282502>

A escola de Atenas, do renascentista italiano Rafael, pintado entre 1509 e 1510. No centro do quadro,

Platão e Aristóteles. Platão segura o Timeu (apresenta especulações sobre a natureza do mundo físico) e aponta para o alto, sendo assim identificado com o ideal, o mundo inteligível. Aristóteles segura a Ética (expõe concepção de racionalidade prática, virtude e hábito) e tem a mão na horizontal, representando o terrestre, o mundo sensível.

No campo científico, podemos classificar os métodos como *método de pesquisa* e *método de investigação*. Os métodos de pesquisa indicam as atividades práticas e empíricas da pesquisa, e os métodos de investigação, as concepções ideológica, política e teórica do pesquisador.

Nesse sentido, quando falamos que metodologia científica é o estudo dos métodos científicos, estamos afirmando que a metodologia é o estudo e avaliação dos métodos de pesquisa e de investigação realizados ao longo da atividade de pesquisa científica.

A metodologia científica busca captar e analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização.



Leituras recomendadas

Para aprender mais um pouco sobre os conceitos de metodologia, recomendo que você leia o livro *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*, de André Lalande, Editora Martins Fontes – WMF, 1999.



Sanja Gjenero

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1184809>

Nesta obra o autor se propõe a estudar os termos filosóficos e torná-los mais precisos, esclarecendo a significação de alguns termos utilizados pela Filosofia. Sua intenção é afastar, tanto quanto possível, os erros e confusões que podem fazer leitores menos familiarizados com o tema. Sendo assim, esse *Vocabulário* nos dá explicações detalhadas e até mesmo informações históricas e bibliográficas de termos filosóficos. Aproveite!

A composição da metodologia científica: métodos de interpretação e de pesquisa

A metodologia científica é o estudo e a avaliação dos métodos, ou seja, dos caminhos percorridos em uma pesquisa. Esses caminhos se diferenciam entre *método de interpretação* e *método de pesquisa*.

Método de interpretação

É a concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade e da ciência. É a forma de ver o real e de representar lógica e racionalmente o mundo e a vida.

De acordo com o geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes (1983, p. 23), na Geografia existe a ideia de um único método de interpretação comum a todas as ciências. Isto é, a não aceitação da diferença de qualidade entre o domínio das ciências humanas e o das ciências naturais. Tal método seria originário dos estudos da natureza – as ciências mais desenvolvidas, pelas quais as outras deveriam se orientar. Essa concepção, que incide na mais grave naturalização dos fenômenos humanos, se expressa na seguinte afirmação: “A Geografia é uma ciência de contato entre o domínio da natureza e o da humanidade.” Postura esta que serviu para tentar encobrir o profundo naturalismo que perpassa todo o pensamento geográfico tradicional. O homem vai aparecer como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra. Apesar de algumas vezes valorizado nas introduções dos estudos, no corpo do trabalho acaba reduzido a um fator num conjunto de fatores.



Ampliando seus conhecimentos

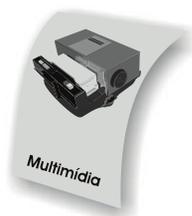
Para entender mais sobre questões da ideologia referente ao método de interpretação, é recomendável a leitura do livro *A questão da ideologia*, de Leandro Konder, Editora Companhia das Letras.



Sanja Gjenero

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1360030>

Leandro Konder é um autor que possui uma experiência de mais de cinquenta anos de estudos sobre ideias marxistas. Nesta obra recomendada, Konder aponta um dos conceitos mais importante de Marx, a ideologia. A retomada dessa questão, de acordo com Leandro Konder, é de grande importância, pois se considera insatisfatória a solução encaminhada por Marx sobre o assunto. Devido a esses argumentos, o autor procura avaliar como a ideologia influi na construção do conhecimento, e como essa distorção poderia ser superada. Em seu estudo, Konder vai trabalhar com diferentes pensadores que interpretam de diversas formas o conceito marxista da ideologia, como por exemplo, Lukács, Adorno, Gramsci, Benjamin, Marcuse, Bakhtin, Foucault, Bourdieu, Habermas, Jameson, e também brasileiros, como Michael Löwy, Roberto Schwarz, Marilena Chauí e Sergio Paulo Rouanet.



Cine conhecimento



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/174728>

Janela da alma

País de origem: Brasil

Gênero: Documentário

Classificação etária: Livre

Duração: 73 minutos

Ano de lançamento: 2001

Estúdio/Distribuição: Europa Filmes

Direção: João Jardim/Walter Carvalho

Sinopse: Dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual – da miopia discreta à cegueira total – falam como se veem, como veem os outros e como percebem o mundo. O escritor e Prêmio Nobel José Saramago, o músico Hermeto Paschoal, o cineasta Wim Wenders, o fotógrafo cego franco-esloveno Evgen Bavcar, o neurologista Oliver Sacks, a atriz Marieta Severo, o vereador cego Arnaldo Godoy, entre outros, fazem revelações pessoais e inesperadas sobre vários aspectos relativos à visão: o funcionamento fisiológico do olho, o uso de óculos e suas implicações sobre a personalidade, o significado de ver ou não ver em um mundo saturado de imagens e também a importância das emoções como elemento transformador da realidade, se é que ela é a mesma para todos.

Fonte: http://www.interfilmes.com/filme_13649_janela_da.alma.html

Método de pesquisa

É o conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. Relaciona-se aos problemas operacionais da pesquisa.

A utilização de um método de pesquisa não implica diretamente em posicionamentos políticos ou concepções existenciais do pesquisador. O método de pesquisa está diretamente relacionado aos procedimentos técnicos e práticos de uma investigação e às técnicas de pesquisa, como: levantamento e análise da literatura especializada, levantamento e organização de dados, mapeamento das informações, elaboração e sistematização de entrevistas e questionários, etc.

Com isso, podemos concluir que metodologia é o processo geral de desenvolvimento de uma pesquisa, isto é, o universo de métodos colocados para auxiliar a reflexão e explicitação das questões. Assim, metodologia refere-se ao conjunto dos métodos de interpretação e dos métodos de pesquisa.

Veja a seguir alguns exemplos de métodos de interpretação e de pesquisa.

Métodos de interpretação

- Positivismo Clássico (1870-1950): ênfase na indução e no trabalho de campo.
- Neopositivismo ou Positivismo Lógico (1950-1970): ênfase na dedução e no trabalho de gabinete (escritório).

- Materialismo Histórico-Dialético (1980-1990): história materialista e raciocínio dedutivo.

- Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo (1980-1990): idealismo.



Sanja Gjenero

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/985450>

Métodos de pesquisa

- Descrição de áreas; descrição da população; relação meio e população; descrição de atividades econômicas; catalogação e classificação de dados; uso de fotografias, mapas feitos a mão.
- Descrição numérica de realidades; linguagem matemática; elaboração de modelos espaciais; conferências de modelos; proposições para planejamento; uso de estatística.
- Realidade material como base para reflexão; indivíduos reais, suas ações e condições materiais de vida (produção e reprodução material).
- Filosofia idealista, do significado, compreensão; não depende do mundo externo e da condição material da vida.



Para saber mais

Recomendo a leitura do livro *A valorização do espaço*, de Antônio Carlos Robert Moraes, Editora Hucitec, 1999.

Através de uma análise marxista da Geografia Humana, esse livro coloca em discussão a relação sociedade-espço, retomada no debate da Economia Política clássica sobre a origem do valor. Nesse livro, o autor apresenta uma abordagem (método de interpretação) marxista para o estudo do espaço geográfico.

Método de pesquisa: refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo; relaciona-se, assim, mais aos problemas operacionais da pesquisa do que aos seus fundamentos filosóficos; a utilização de um método de pesquisa não implica diretamente em posicionamentos políticos ou concepções existenciais do pesquisador; resulta muito mais da demanda do objeto tratado e dos recursos técnicos (técnica de pesquisa).

a) Método de pesquisa, por apresentar atividades práticas de investigação, como coletas de dados, e fontes.

b) Método de interpretação, por apresentar uma forma de ver o mundo através da fenomenologia, filosofia dos significados.

Metodologia da Geografia

A Metodologia da Geografia é a área de estudo da Geografia que se ocupa do estudo dos métodos de pesquisa e interpretação utilizados pela ciência geográfica. A Metodologia da Geografia resulta do diálogo entre Filosofia da Ciência e Geografia.

A Metodologia da Geografia estuda e avalia as pesquisas desenvolvidas pela ciência geográfica, etapas seguidas em um determinado processo de pesquisa em Geografia. Procura apresentar e avaliar as etapas e o processo de desenvolvimento da pesquisa realizada pela ciência geográfica.

Geografia: campo de estudo, área de conhecimento científico moderno (estabelecido no final do século XIX) que se preocupa com a escrita da Terra em sua relação com a sociedade. Envolve tanto estudos mais especializados – tais como os característicos da Geografia Física –, como estudos mais históricos/filosóficos/políticos/culturais – como os da Geografia Humana.

A palavra geografia indica não apenas um campo de estudo, mas também uma representação ou marcas da Terra (grafia e mesmo *design*) realizadas tanto pela dinâmica da natureza quanto por indivíduos e sociedade.



GEOGRAFIA

GEO + GRAFIA
 Geo = Terra graphos = descrição, escrita

A palavra geografia vem do grego *geographía*, que significa “descrição da Terra”.

Assim, a geografia em seu conceito mais usual seria “o estudo da grafia, forma, ou design da superfície terrestre”.



Santa Cjenero

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1191967>

Para consolidar o campo de estudo da Metodologia da Geografia, uma última consideração é necessária: *estabelecer a diferença entre Geografia como campo científico e geografia como materialidade, uma dimensão do mundo como espaço geográfico.*

A Geografia como campo científico moderno desenvolveu ao longo de sua existência formas diversificadas de investigação e de metodologia do espaço geográfico, ou seja, da geografia como materialidade. Neste curso, vamos nos limitar a apresentar e avaliar historicamente os principais eixos metodológicos desenvolvidos pela Geografia como campo científico.

Geografia como ciência

A Geografia como ciência refere-se ao campo científico moderno da Geografia, que se consolidou nos últimos trinta anos do século XIX no mundo europeu e norte-americano e no Brasil na década de 1930. Tem como objeto prioritário de estudo a geografia como materialidade, “como é de fato” o espaço geográfico.

É formada a partir de uma comunidade científica, intelectuais e estudiosos preocupados com temas geográficos, que no primeiro momento estavam associados à relação causal homem-meio.

Necessita de um objeto de estudo próprio e justificável, um corpo de noções e conceitos, práticas de pesquisa, etc.

Para sua existência é necessária a implantação de modernas instituições de ensino e pesquisa – como as universidades –, reuniões e revistas científicas – como as sociedades de geografia –, para a formação de professores e profissionais do planejamento territorial, etc.

Geografia como materialidade

A geografia como materialidade ou espaço geográfico é produzida pela dinâmica da natureza e pelos engenheiros, arquitetos, artistas plásticos, operários e pelas ações cotidianas do homem comum.

Impossível pensar a realização do ser e do mundo sem considerar a geografia como materialidade. Ela é a própria condição de realização do real. Sem ela o cotidiano torna-se impossível, sem ela tudo é abstração. A geografia não apenas participa ativamente da efetivação da vida cotidiana, como constitui sua própria condição de existência. Corresponde à realidade facto-material de disposição e organização dos objetos e seres na superfície do planeta.

Além de ser condição de existência, a geografia como materialidade é expressão das dinâmicas física, biológica e das ações sociais; é a consolidação das ações sociais e das energias naturais no tempo; é a corporificação da história da sociedade e da natureza.

Essa consolidação reúne espacialidades superpostas que se tornam evidentes pelas formas, espaciais ou geográficas, que em conjunto configuram os cenários geográficos ou, como a Geografia mais comumente tem chamado, as *paisagens geográficas*: espacialidade física, espacialidade biológica e espacialidade social.

A *especialidade física* é resultante de uma rede de relações físicas constituída por características específicas, como extensão, massa, forma, movimento, etc. A diversidade da paisagem local é inicialmente resultante das formas locais expressas pela especialidade inorgânica, o domínio do mundo mineral e dos processos físico-químicos. É expressa pela morfologia da superfície terrestre, principalmente pela estrutura do relevo.

A *especialidade orgânica* se sobrepõe à especialidade física, isto é, às feições físicas diferenciadas dos lugares, manifestando a vida biológica e introduzindo a variedade local da materialidade biológica. É constituída dos organismos biológicos e seus diversos elementos, tais como extensão, forma, posição relativa de suas partes, deslocamento de fluídos, possibilidades de movimento como conjunto, etc. A diversidade da paisagem local é acrescida, assim, pela expressão da especialidade orgânica, identificada pela cobertura vegetal e a vida animal, os biomas e a biodiversidade.

A *especialidade social* se manifesta sobre as especialidades física e biológica. Materializa as heranças culturais, também desigualmente acumuladas nos diferentes pontos da superfície terrestre. Assim como no caso anterior, em que a ordem física não desaparece nas formações orgânicas, na especialidade social a ordem e as formas naturais também não se dissipam para deixar lugar para o campo social, mas sim compõem o social, sofrendo variações resultantes dos diversos usos que a sociedade faz. A diversidade da paisagem local é complementada, então, pela expressão da especialidade social. Por exemplo, as cidades, o espaço da produção agropecuária, as estradas de ferro e de rodagem, os automóveis, as habitações, etc.

Assim, a geografia, o espaço geográfico, está diretamente relacionado à matéria e à forma dos objetos, isto é, ao material e ao produto final, à forma que a matéria toma a partir da intervenção e da vida humana. Por exemplo: a geografia de um país, de uma cidade, de uma região, de um bairro, de um continente, etc.

Um determinado lugar, que pode ser uma cidade, expressa a síntese dessas espacialidades, uma associação de formas espaciais diferenciadas, com dinâmicas e lógicas diversas, mas com força de expressão e atuação em conjunto. Cada lugar se revela através de específicos cenários geográficos, ou paisagens geográficas.

Cada lugar apresenta, nesse sentido, estruturas, desenhos, estéticas, velocidades e capacidades técnicas variadas que são produzidas e reproduzidas socialmente. Apresenta também níveis diferenciados de desenvolvimento econômico, político e cultural, e potencialidades físicas e biológicas diversificadas. Cada lugar é igualmente palco da vida cotidiana de indivíduos e grupos que interferem na paisagem e por ela são impulsionados. Embora muitas ações não deixem marcas na paisagem, acontecem em determinados lugares e somente estes podem ajudar a explicá-las.

A Geografia como campo científico estuda de forma diferenciada o espaço geográfico tanto a partir de suas áreas mais especializadas – como no caso da Geografia Física –, como a partir da Geografia Humana, Urbana, Agrária, Econômica, Cultural, etc.

A seguir, você verá algumas imagens de paisagens brasileiras. Em cada uma destas paisagens, identificamos um conjunto de espacialidades diferenciadas, física, orgânica e cultural. Observe.



Figura 1.1: Goiás (Cerrado). Relevo plano, sem barreiras montanhosas; clima seco. Vegetação com gramíneas, arbustos e árvores esparsas. Observam-se limites, cercas que marcam territórios. Dentre as áreas de estudo da Geografia, para se iniciar uma investigação a partir dessa paisagem, cabem destaques à Biogeografia, Geografia Agrária e Pedologia.



Figura 1.2: Pirenópolis, Goiás. Cidade histórica fundada em 1727 em função da atividade aurífera, é atualmente tombada como patrimônio histórico e artístico. De relevo plano e clima seco, tem vegetação característica do Cerrado. Dentre as áreas de estudo da Geografia, para se iniciar uma investigação a partir dessa paisagem cabem destaques para a Geografia Histórica, Geografia Urbana, Geografia do Turismo.



Figura 1.3: Ponte JK sobre o lago Paranoá, Brasília, DF (2002).



Figura 1.4: Congresso Nacional, Brasília, DF, projeto de Oscar Niemeyer (2002).



Figura 1.5: Parati, Rio de Janeiro (2006).



Figura 1.6: Piscinão de Ramos, Rio de Janeiro, RJ (2008).



Aprendendo mais

É recomendável a leitura do livro *Principais métodos em Geografia*, de Gill Valentine e Nicholas Clifford, Editora Sage, 2003.

Esta obra é uma introdução para estudantes universitários, e aponta as principais questões metodológicas envolvidas na coleta, análise e apresentação de informação geográfica. Aborda definições de termos como Geografia Humana e Geografia Física, além de fornecer uma visão geral e simples em questões de projetos de pesquisa para apresentação. Está organizado em quatro partes: 1. primeiros passos na pesquisa geográfica; 2. coleta de dados em Geografia Humana; 3. coleta de dados em Geografia Física e 4. análise e representação de dados geográficos.

Boa Leitura!



Atende ao objetivo 3

Qual a diferença entre Geografia como ciência e geografia como materialidade?

Resposta comentada

A Geografia como um campo científico é composta por diferentes atores com interesses específicos reunidos, em geral, em uma instituição em torno de um propósito mais amplo: promover e produzir estudos geográficos e suas práticas profissionais. Já a geografia como materialidade é constituída pelas formas espaciais de naturezas distintas, física, biológica e social, que em conjunto compõem e movimentam, a partir de uma ordem que lhes é própria, os cenários geográficos. Estes constituem os territórios e os lugares, concentram as espacialidades e as territorialidades, são gerados pelos interesses sociais como também atuam sobre eles.

CONCLUSÃO

De acordo com o conteúdo exposto, pudemos apreender conceitos importantes no campo da metodologia da Geografia, tais como: método, metodologia, metodologia científica, métodos de pesquisa e interpretação. Foi possível também estabelecer a diferença entre Geografia como campo científico e geografia como materialidade, ou espaço geográfico, distinção fundamental para podermos avançar no estudo dos eixos metodológicos da ciência geográfica.

Atividade final

A foto a seguir foi tirada em Teresópolis, município da região serrana do estado do Rio de Janeiro. Ao fundo, pode ser observada a serra dos Órgãos e o famoso bloco rochoso do Dedo de Deus.

Apresente e desenvolva as características desta paisagem, procurando descrever suas diferentes espacialidades física, orgânica e social. Em seguida, aponte uma área de estudo da Geografia capaz de desenvolver investigações. Siga como exemplo as observações das **Figuras 1.1 e 1.2**.



Figura 1.7: Teresópolis, Rio de Janeiro (2012).

Resposta comentada

Teresópolis é cercada por matas e por formações rochosas conhecidas, dentre as quais podemos destacar o Dedo de Deus e Pedra do Sino, ambas localizadas na Serra do Mar, que apresenta topografia acidentada e com grandes desníveis. Na vegetação, predomina a mata atlântica. Seu clima é conhecido como tropical de altitude, com invernos frios e secos e verões úmidos. Podemos observar também a expansão urbana da cidade subindo as montanhas. Uma ocupação intensa, irregular e em área de risco. Em 2011, Teresópolis e outros municípios da região serrana do estado do Rio de Janeiro foram palco de uma grande tragédia climática, com grande número de mortos. Vários bairros foram totalmente devastados por fortes chuvas. O grande número de mortos se deu em função dessa ocupação. Hoje, Teresópolis procura reascender à sua vocação histórica e turística, que ficou muito abalada com a tragédia.

As áreas de estudo da Geografia capazes de desenvolver investigações neste local são: Geografia Urbana, Geografia do Turismo, Geografia Histórica, Climatologia, Geomorfologia, Ecologia.

Ver **Figuras 1.1 e 1.2**, imagens e observações.

RESUMO

Nesta aula você estudou:

- definição de método, metodologia e metodologia científica;
- composição da metodologia científica: métodos de interpretação e pesquisa;
- Geografia;
- Geografia como ciência;
- geografia como materialidade;

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula vamos dar prosseguimento ao estudo da Metodologia da Geografia, explorando a origem e desenvolvimento dos estudos metodológicos da ciência moderna.

Para tanto, iniciaremos a aula apresentando o significado e histórico de modernidade e ciência moderna, com o intuito de situar o surgimento da metodologia científica e suas principais atividades e práticas.

Não é demais lembrar que as cinco primeiras aulas do curso apresentam o campo de estudo da disciplina e sua base histórica e conceitual.

Até lá!

Aula 2

Modernidade,
constituição da
ciência moderna
e metodologia
científica

Mônica Sampaio Machado

Meta da aula

Apresentar a origem da metodologia científica e da ciência moderna, demonstrando sua relação com a modernidade.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. localizar temporal e espacialmente o surgimento da modernidade e suas características;
2. apresentar as características da ciência moderna;
3. apresentar o surgimento da metodologia científica e sua importância para a ciência moderna.

INTRODUÇÃO

Introduzimos na aula passada a diferença entre método e metodologia, que pode ser resumida a partir da definição a seguir:

Metodologia é o estudo dos métodos. É o estudo das opções e dos caminhos escolhidos para se chegar a um determinado lugar ou resultado. No campo científico, a metodologia está diretamente vinculada às atividades realizadas no processo de investigação científica, correspondendo, assim, ao estudo e avaliação dos métodos de pesquisa e dos métodos de interpretação. Nesse sentido, a metodologia científica tem como finalidade captar e analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização. Vale a pena ainda lembrar que o termo “metodologia” é comumente utilizado em documentos e projetos em geral, para informar o leitor sobre os passos e a maneira como foram construídos os caminhos e decisões tomados. Ou seja, é utilizado para apresentar a forma como foi conduzida a pesquisa e/ou as regras e as opções pedagógicas tanto em ciência quanto em arte.

Na aula de hoje, vamos apresentar e explicar o surgimento da metodologia científica, que está diretamente vinculada ao aparecimento de uma nova forma de entendimento do mundo desenvolvida no Ocidente: a ciência moderna, que por sua vez emerge em um período denominado pela historiografia ocidental de “modernidade” e tem como referência a Europa do século XVI.

Começaremos pela modernidade... Vamos lá?

Idade Média (adj. medieval)

Um dos três grandes períodos da história da Europa, delimitado entre os séculos V e XV. É o período intermédio da divisão clássica da história ocidental, dividida em três períodos: Antiguidade (até o séc.V), Idade Média (do séc. V ao XV) e Idade Moderna.

Idade Moderna

Período específico da história do Ocidente. Tradicionalmente, tem seu início estabelecido pelos historiadores franceses no século XVI, principalmente com a tomada de Constantinopla (atualmente Istambul, Turquia) em 29 de maio de 1453 pelos turcos otomanos. Esse foi o marco de uma nova geopolítica mundial e, para alguns historiadores, o início do sistema-mundo planetário, com as grandes navegações e a inclusão da América nos projetos colonizadores e expansionistas europeus (WALLERSTEIN, 2001; BRAUDEL, 1996).

Revolução Industrial

Consistiu um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada no Reino Unido em meados do século XVIII, expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX.

Um breve histórico sobre a modernidade

A modernidade costuma ser entendida como uma nova visão de mundo que rompe com a tradição herdada do pensamento medieval dominado pela doutrina religiosa da Igreja Católica. Com a modernidade é estabelecida a autonomia da razão frente à religião, o que teve enormes repercussões sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais.

Assim a modernidade pode ser descrita como um estilo, um costume de vida ou organização social, surgida na Europa com o fim da **Idade Média**, a partir do século XVI, na **Idade Moderna**, tornando-se posteriormente de influência mundial. Na realidade, a modernidade se vincula ao projeto de moderno, que se consolida com a **Revolução Industrial** e está normalmente relacionado ao desenvolvimento do capitalismo.

A noção de modernidade origina do adjetivo “moderno”, do latim *modernus*, que significa moderado, recente, novo, contemporâneo, opondo-se ao antigo, antiquado, arcaico, obsoleto, gasto ou retrógrado. Historicamente, surge em finais da Idade Média, período de grandes modificações no mundo ocidental, principalmente na Inglaterra, relacionadas às práticas humanas mais fundamentais, de um rompimento com antiquíssimos padrões de interação humana com a natureza. Assim, a noção de modernidade aponta a qualidade ou o estado do que é moderno, o ato e efeito do que é moderno e, por sua vez, se relaciona às noções de modernização e Modernismo.



Para aperfeiçoar seus conhecimentos

Modernização: é o processo amplo de mudanças econômicas, sociais e políticas, pelas quais determinada sociedade supera estruturas tradicionais (de base rural), criando novas formas de produção, mecanismos racionais de dominação e novos padrões de comportamento. Industrialização, urbanização, desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação de massa são fenômenos característicos do processo de modernização. Para alguns intelectuais marxistas, como Perry Anderson (1984), a modernização é um processo econômico, inaugurado com o advento da máquina, que cria a modernização, uma força motriz não humana. A máquina produziu uma escala de produção e induziu uma certa organização do trabalho que ultrapassa os limites da manufatura. Ela representa, principalmente, o limite pleno da técnica que entra no mundo do trabalho e produz um salto de qualidade nas técnicas. A modernização, então, é o uso da técnica na produção, para potencializar a produção.

Modernidade: a vivência da modernização gera um sentimento que Anderson (1984 e 1999) chama de modernidade. A modernidade é viver na era da modernização técnica, na era da inovação. A modernidade é o mundo comandado pela inovação, e não pela tradição, é a esfera da cultura. Ela tem uma base econômica, mas é um processo cultural, basicamente. O que significa viver no mundo da inovação? É viver no mundo que está em constante mudança, ao contrário do mundo da tradição, onde você nascia, morria e vivia em um mesmo mundo, sob os mesmos valores, ideias, etc.

Modernismo: é a expressão estética, acadêmica, da modernização e da modernidade. Chama-se genericamente Modernismo (ou Movimento

Modernista) ao conjunto de movimentos culturais, escolas e estilos que permearam as artes e o design da primeira metade do século XX, atingindo a literatura, a arquitetura, a pintura, a escultura, o teatro e a música.



Cine Conhecimento

Estão indicados três filmes: dois deles, *Giordano Bruno* e *O nome da rosa*, retratam o controle político, ideológico e cultural da Igreja no início da Era Moderna. O terceiro filme, *1492 – A conquista do paraíso*, apresenta a chegada à América de Cristóvão Colombo, um marco do sistema-mundo planetário, com as grandes navegações. Veja mais:

- *Giordano Bruno*, filme franco-italiano de 1973, drama biográfico, tendo por tema o processo movido pela Inquisição Romana contra o filósofo italiano Giordano Bruno.
- *O nome da rosa*, filme franco-italo-alemão de 1986, dirigido por Jean-Jacques Annaud, baseado no romance do italiano Umberto Eco. Trata da história ocorrida no ano de 1327, em um mosteiro beneditino italiano que continha, na época, o maior acervo cristão do mundo. Poucos monges tinham seu acesso autorizado, devido às relíquias arquivadas naquela biblioteca. Um monge franciscano e renascentista foi designado para investigar vários crimes que estavam ocorrendo no mosteiro.
- *1492 – A conquista do paraíso*, coprodução entre EUA, Reino Unido, Espanha e França, de 1992, dirigida por Ridley Scott. A viagem de Cristóvão Colombo insere-se no cenário da expansão ultramarina liderada por Portugal e Espanha entre .

os séculos XV e XVI, constituindo-se em um dos principais acontecimentos na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. A expansão marítima europeia visava atingir as Índias, uma vez que, com a conquista de Constantinopla pelos turcos, em 1453, os preços das especiarias orientais elevaram-se bruscamente, o que incentivou ainda mais a busca por um novo caminho marítimo para as Índias.

Para entendermos a relação entre modernidade e ciência moderna e passarmos para sua discussão, uma breve síntese do que foi desenvolvido será apresentada. Observe:

A modernização um processo econômico, a modernidade um processo cultural, o Modernismo é a expressão dessa vivência, seja na arte moderna, que rompe com o figurativo, que exprime esse sentimento de insegurança, de incerteza, seja na ciência. A meta da ciência na modernidade é buscar uma explicação desse novo movimento, o moderno. A ciência moderna é a tentativa de responder tanto a introdução da técnica no mundo da produção como a própria reflexão, no caso das ciências humanas, da vivência dessa técnica e de suas mudanças, uma reflexão sobre a própria vivência da modernidade.

A ciência moderna

A palavra *ciência* surge do latim e significa sabedoria, conhecimento. Ao longo da História, os homens produziram, e continuam produzindo, vários tipos de conhecimento, ou seja, vários tipos de ciência. O conhecimento científico moderno é um tipo de conhecimento que emerge no mundo ocidental, na Idade Moderna, e se desenvolve em função da efetiva separação entre ciência e religião, isto é, de seu efetivo divórcio, que se estabeleceu no desenrolar da modernidade.

O conhecimento científico moderno se opõe ao conhecimento produzido no passado medieval, aquele orientado pelas doutrinas religiosas da Igreja Católica, que dominavam todas as formas de expressão, como a artística, a política, a filosófica e a científica. A ciência moderna, portanto, vai produzir um conhecimento baseado em outras fontes e em formas de conduta diferentes. Buscando combater o obscurantismo, o misticismo e a metafísica religiosa, a ciência moderna vai se desenvolver a partir da observação e da prática da experimentação dos homens, a partir dos seus próprios sentidos.

O conhecimento chamado de científico surge, assim, basicamente no século XVII, com a constituição histórica da modernidade no Ocidente. A separação, tão comum hoje, entre filosofia e ciência não existia antes do advento da modernidade.



A Santa Inquisição

A Inquisição foi criada na Idade Média (século XIII) e era dirigida pela Igreja Católica Romana.

Ela era composta por tribunais que julgavam todos aqueles considerados uma ameaça às doutrinas (conjunto de leis) desta instituição.

Todos os suspeitos eram perseguidos e julgados, e aqueles que eram condenados cumpriam penas que podiam variar desde prisão temporária ou perpétua até a morte na fogueira, sendo queimados vivos em plena praça pública.

Aos perseguidos, não lhes era dado o direito de saber quem os denunciara, mas, em contrapartida, estes podiam dizer os nomes de todos seus inimigos para averiguação deste tribunal medieval.

Com o passar do tempo, esta forma de julgamento foi ganhando cada vez mais força e tomando conta de países europeus como: Portugal, França, Itália e Espanha. Muitos cientistas também foram perseguidos, censurados e até condenados por defenderem ideias contrárias à doutrina cristã. Um dos casos mais conhecidos foi o do astrônomo italiano Galileu Galilei, que escapou por pouco da fogueira por afirmar que o planeta Terra girava ao redor do sol (heliocentrismo).

A mesma sorte não teve o cientista italiano Giordano Bruno, que foi julgado e condenado à morte pelo tribunal. As mulheres também sofreram nesta época e foram alvos constantes. Os inquisidores consideravam bruxaria todas as práticas que envolviam a cura através de chás ou remédios feitos de ervas ou outras substâncias. As "bruxas medievais" que nada mais eram do que conhecedoras do poder de cura das plantas também receberam um tratamento violento e cruel.

Este movimento se tornava cada vez mais poderoso, o que atraía os interesses políticos. Durante o século XV, o rei e a rainha da Espanha se aproveitaram desta força para perseguir os nobres e, principalmente, os judeus. No primeiro caso, eles reduziram o poder da nobreza; já no segundo, eles se aproveitaram deste poder para torturar e matar os judeus, tomando-lhes seus bens.

Durante esta triste época da História, milhares de pessoas foram torturadas ou queimadas vivas por acusações que, muitas vezes, eram injustas e infundadas. Com um poder cada vez maior nas mãos, o Grande Inquisidor chegou a desafiar reis, nobres, burgueses e outras importantes personalidades da sociedade da época. Esta perseguição aos hereges e protestantes foi finalizada somente no início do século XIX.



Figura 2.1: *Galileu diante do Santo Ofício.* Pintura do século XIX de Joseph-Nicolas Robert-Fleury.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Galileo_before_the_Holy_Office.jpg

No Brasil, os tribunais chegaram a ser instalados no período colonial, porém não apresentaram muita força como na Europa. Foram julgados, principalmente no Nordeste, alguns casos de heresia relacionados ao comportamento dos brasileiros, além de terem sido perseguidos alguns judeus que aqui moravam.

No início da modernidade houve uma valorização da experimentação e da observação como procedimentos ou passos necessários para se fazer ciência. Isso acontecia justamente porque se partia do pressuposto de que o homem seria capaz de, por si só, descobrir as causas dos fenômenos da natureza, descrevendo em leis gerais seu modo de funcionamento.

Conforme Alex Carvalho (2000), também estava suposta uma ordem na natureza: os eventos se relacionavam uns com os outros de forma regular, assim como todo o dia pode se observar que, em determinado momento, o sol se põe. No entanto, antes da modernidade, a observação da natureza não era valorizada (ao contrário, muitas vezes era até proibida), pois se partia de um pressuposto diferente: o único conhecimento possível seria dado por Deus ao homem, através de uma revelação.

Assim, uma ordem ou regularidade nos eventos da natureza era um pressuposto a partir do qual o cientista moderno passou, com os procedimentos que criava com essa finalidade, a observar relações entre eventos.

Nesse sentido, a ciência moderna foi se constituindo a partir dos seguintes pressupostos:

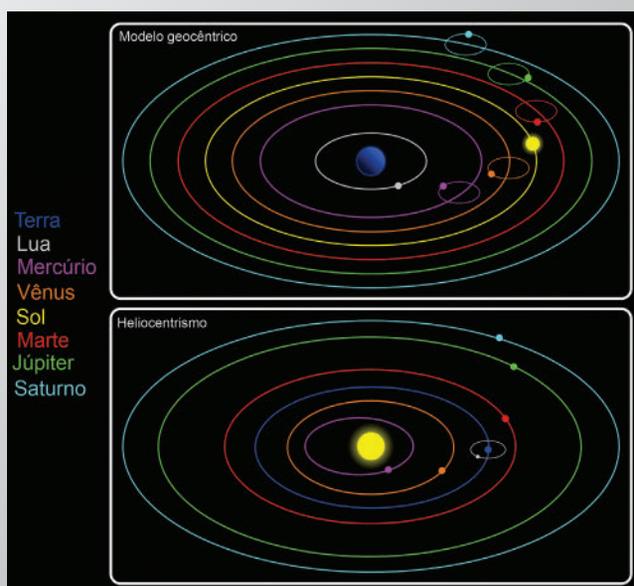
1. Afirmção da concepção racionalista de mundo: o feudalismo legitimava a interpretação teológica do mundo. O fenômeno não era conhecido e repousava na teleologia divina: valorização da razão humana com postura combatente ao Antigo Regime e à filosofia cristã, movimento que já aparece desde o Renascimento (XV e XVI).
2. De explicações divinas da ação dos ventos passa-se para uma visão que defende a observação sistemática na busca de constâncias, ritmos e relações entre fenômenos.

Na realidade, o nascimento da ciência moderna tem como marco a contribuição dos estudos dos físicos, especificamente de Isaac Newton, que consegue construir uma verdadeira síntese dos estudos de seus predecessores e uma formulação matemática de explicação da natureza, sendo considerado um novo Moisés.



Geocentrismo x heliocentrismo

Heliocentrismo é a teoria que diz que o sol está estacionário no centro do universo. A palavra vem do grego (ἥλιος *Helios* = sol e κέντρον *kentron* = centro). Historicamente, o heliocentrismo era oposto ao geocentrismo, que colocava a Terra no centro. Apesar de as discussões sobre o heliocentrismo datarem da Antiguidade Clássica, somente 1.800 anos mais tarde, no século XVI, o matemático e astrônomo polonês Nicolau Copérnico apresentou um modelo matemático preditivo completo de um sistema heliocêntrico, que mais tarde foi elaborado e expandido por Johannes Kepler.



Fonte: Adaptado de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Geoz_wb_en.svg.

Os físicos mencionados a seguir foram os grandes responsáveis pela substituição de uma visão de mundo religiosa na produção do conhecimento moderno, portanto, pelo desenvolvimento da ciência moderna:

Copérnico (1473-1543): se opõe a visão geocêntrica de Ptolomeu e da bíblia e apresenta visão heliocêntrica.



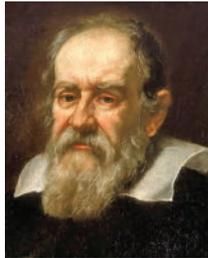
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>
Ficheiro:Copernicus.jpg

Kepler (1571-1630): místico; possui visão heliocêntrica, desenvolve leis empíricas do movimento planetário; colabora com Copérnico.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>
Ficheiro:Johannes_Kepler_1610.jpg

Galileu (1564-1642): primeiro a combinar experimentação científica com linguagem matemática para formular leis para a natureza que ele descobrirá (considerado o pai da ciência moderna).



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/
Ficheiro:Galileo.arp.300pix.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Galileo.arp.300pix.jpg)

Francis Bacon (1561-1626): descreve o método empírico da ciência; primeiro a formular o método indutivo; o objetivo da ciência passa a ser o conhecimento para dominar e controlar a natureza; substitui a concepção orgânica pela mecânica.



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/
Ficheiro:Francis_Bacon,_Viscount_St_Alban_from_NPG_\(2\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francis_Bacon,_Viscount_St_Alban_from_NPG_(2).jpg)

Descartes (1569-1650): completa a visão mecânica de mundo; considerado pai da filosofia moderna.

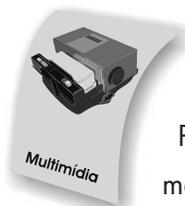


Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg

Newton (1642-1727): deu realidade ao sonho de Descartes e completa a revolução científica; desenvolve completa formulação matemática da concepção mecanicista da natureza através da síntese dos físicos citados.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:GodfreyKneller-IsaacNewton-1689.jpg>



Leituras recomendadas

Para aprender mais um pouco sobre a ciência moderna, recomendamos as seguintes leituras:

1. *O mundo depois de copérnico*, de Lia Formigaria, Lisboa: Edições 70, 1984;
2. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*, de Fritjof Capra, São Paulo: Cultrix, 1982;
3. *Breve história da ciência moderna*, de Marco Braga, Andreia Guerra e José Cláudio Reis, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, especialmente o volume 2: “Das máquinas do mundo ao universo-máquina (séc. XV ao VXII)” e o volume 3: “Das luzes ao sonho do doutor Frankenstein (século XVIII)”.



anjia gjenero

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1184809>

Muito tempo se passou desde o século XVIII para cá e vários movimentos e transformações impactaram na ciência moderna. Esta, por sua vez, modificou o estilo de vida da sociedade, principalmente pela aplicação de seus resultados.

O homem na lua e a penicilina são apenas exemplos que ilustram o progresso científico, sem contar com todo o desenvolvimento técnico e tecnológico que cercam nosso cotidiano na atualidade. Não podemos também esquecer que, embora os ganhos provenientes tenham sido inegáveis, a ciência moderna, associada ao sistema capitalista, promoveu e continua promovendo grandes impactos socioespaciais, como o aumento da poluição ambiental e a destruição do planeta. Entretanto, nem a história das transformações científicas nem os impactos negativos da ciência moderna são tema da nossa aula. Voltemos, então, ao nosso objeto de estudo: para apreendermos um pouco mais sobre a ciência moderna, cabe agora refletir sobre suas práticas e formas de conhecimento. Para tanto, é fundamental entendermos o surgimento dos métodos e da metodologia científica e sua vinculação à ciência moderna. Podemos dizer que a produção do conhecimento científico ocorre da mesma maneira que outros tipos de conhecimento?

O conhecimento científico moderno, ou seja, a ciência moderna, apresenta um tipo de conhecimento que se distingue de outros. Na realidade, podemos dizer que, de forma esquemática, há vários tipos de conhecimento, dentre os quais, para melhor compreendermos a dinâmica da ciência moderna, podemos destacar dois: o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico.

- O conhecimento do senso comum, como todo conhecimento, produz informações sobre a realidade. No entanto, em geral, prende-se aos seus objetivos mais imediatos e contenta-se com informações superficiais. Suas explicações são baseadas em enunciados amplos, a maioria proveniente da tradição oral.
- Já a ciência não se contenta com informações superficiais, ela pretende ser crítica e busca sempre julgar a correção de suas próprias produções. Busca também compreender ou explicar a realidade apresentando os fatores que determinam a existência de um evento. E uma vez obtido este conhecimento, procura garantir validade em outras situações.

Silvio Seno Chibeni (2006) ressalta também que o conhecimento fornecido pela ciência distingue-se por um grau de certeza alto, desfrutando assim de uma posição privilegiada com relação aos demais tipos de conhecimento. Teorias, métodos, técnicas, produtos, contam com aprovação geral quando considerados científicos. Indústrias, por exemplo, frequentemente rotulam de “científicos” processos por meio dos quais fabricam seus produtos, bem como os testes aos quais os submetem. Essa atitude deve-se, em grande parte, ao extraordinário sucesso prático principalmente da Física, Química e Biologia. Assume-se, implícita ou explicitamente, que por detrás desse sucesso existe um “método” especial, uma “receita” que, quando seguida, redundará em conhecimento certo, seguro. Embora a complexidade da ciência não permita que se conceba um método único de aplicabilidade geral, para todas as áreas do conhecimento, o conhecimento científico se distingue de outras formas de saber por algumas características importantes, que giram em torno do constante teste das teorias científicas. A validade de uma teoria científica está sempre sendo questionada.

A divulgação dos resultados também é uma marca fundamental da ciência moderna. Ao relatar seus resultados, o cientista deve também contar como chegou a eles, qual caminho seguiu para alcançá-los. Trata-se, pois, da apresentação do que se chama de método científico, metodologia científica. Nesse sentido, método em ciência não se reduz a uma apresentação dos passos de uma pesquisa. Não é apenas a descrição dos procedimentos, dos caminhos traçados pelo pesquisador para a obtenção de determinados resultados. Quando se fala em método e metodologia, busca-se também explicitar quais os motivos escolhidos para o caminho da pesquisa. Assim, conforme vimos na primeira aula, a metodologia inclui um conjunto de métodos de pesquisa e métodos de interpretação em constante diálogo.

Vejamos, após a Atividade, algumas considerações e características da metodologia científica que indicam sua estreita vinculação à ciência moderna.

A metodologia científica

O século XVII foi marcado por grandes transformações, principalmente no mundo europeu, refletindo em toda a sua fronteira, o que inclui o Novo Mundo, a América. O feudalismo foi se esvaecendo e o modelo capitalista se instaurando de maneira diversificada na Europa, promovendo novos arranjos socioespaciais, que acabaram promovendo significativas alterações na forma de pensamento, prática política e cultural. Dentre elas, o fim do domínio do pensamento religioso católico em todas as esferas, implicando uma sensação de insegurança e incerteza, típica da modernidade. A tradição religiosa dava uma certeza, um parâmetro de comportamento que é perdido com o Renascimento e o Iluminismo. A ciência moderna vai, então, ocupar o vazio deixado pela esfera religiosa e, aos poucos, servir de referência, subsidiando as respostas e o comportamento da nova sociedade.



Para aperfeiçoar seus conhecimentos

- *Renascimento*: é o termo usado para identificar o período da história da Europa séculos XIV e XVII, marcado por transformações que assinalam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Caracteriza-se pela transição do feudalismo para o capitalismo e pela ruptura com as estruturas medievais. Chamou-se “Renascimento” em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da Antiguidade Clássica, que orientaram as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista.

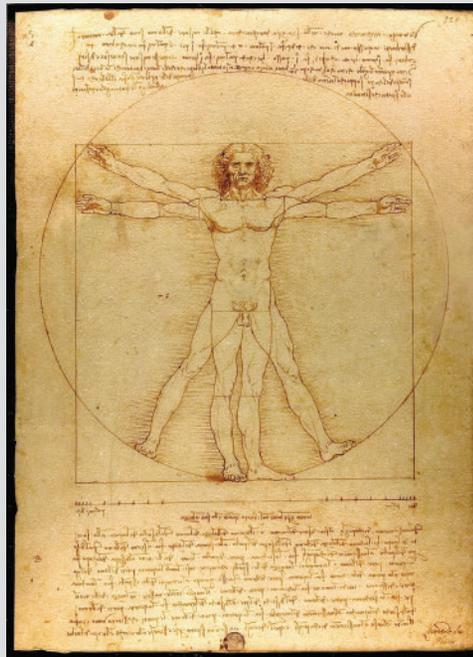


Figura 2.2: O homem vitruviano de Leonardo da Vinci sintetiza o ideário renascentista: humanista e clássico.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg

- *Iluminismo*: o século XVIII na Europa é o século da iluminação, do conhecimento estabelecido a partir experiência e da razão humana, que passaram a ser consideradas como únicas responsáveis pelo conhecimento e pelas formas de relação humana na terra. Assim, o Iluminismo, ou a Era da Razão, foi um movimento cultural da elite de intelectuais do século XVIII na Europa, que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento prévio. Promoveu o intercâmbio intelectual e foi contra a intolerância e os abusos da Igreja e do Estado. Originário do período compreendido entre os anos de 1650 e 1700, o Iluminismo foi despertado pelos filósofos Baruch Spinoza (1632-1677), John Locke (1632-1704), Pierre Bayle (1647-1706) e pelo matemático Isaac Newton (1643-1727). Príncipes reinantes, muitas vezes, apoiaram e fomentaram

figuras do Iluminismo e até mesmo tentaram aplicar as suas ideias de governo. O Iluminismo floresceu até cerca de 1790-1800, período após o qual a ênfase na razão deu lugar à ênfase do Romantismo na emoção e um movimento contra-iluminista ganhou força.



Figura 2.3: Esta obra está carregada de simbolismo: a figura do centro representa a verdade – rodeada por luz intensa (o símbolo central do Iluminismo). Duas outras figuras à direita, a razão e a filosofia, estão a retirar o manto sobre a verdade.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Encyclopedie_frontispice_full.jpg

Dogmatismo

De um modo geral, é uma espécie de fundamentalismo do senso comum. Os dogmas expressam verdades talvez não certas, indubitáveis e não sujeitas a qualquer tipo de revisão ou crítica.

Como a ciência moderna irá se estabelecer a partir da experiência e da razão humana, em substituição à divina, o grande problema dos modernos será fornecer as bases seguras do conhecimento. Não apenas afastando o **dogmatismo** medieval, como também os erros advindos da falta de orientação da razão humana. Assim, a luta é contra o erro e a busca dos fundamentos seguros do conhecimento está, sobretudo com os primeiros modernos, comprometida com a suposição de que existe uma unidade ou permanência na natureza.

A crença na ciência passou então a ser comum entre os primeiros modernos. Mas como proceder dentro deste novo padrão de comportamento e racionalidade? Quais caminhos seguir? A saída estava na adoção de um comportamento padrão, passível de demonstração de sua eficácia. Ou seja, na adoção de um protocolo de conduta, em um conjunto de procedimentos e técnicas seguras, na adoção de um método científico. Acreditava-se que a adoção de um método científico garantiria o sucesso da investigação. A metodologia científica representava, assim, o caminho seguro para a produção do conhecimento. Surge assim a metodologia científica.

Conforme Chibeni (2006) a questão de saber que método seria esse tem constituído uma das principais preocupações dos filósofos, desde que a ciência ingressou em uma nova era, no século XVII. Na realidade, não há um método científico no sentido de uma receita universal para se fazer ciência. O escopo da ciência é tão amplo e diversificado que, mesmo sem muita pesquisa filosófica, deve-se desconfiar da defesa de um procedimento único, aplicável a todas as áreas. A percepção aguda desse ponto levou alguns filósofos contemporâneos a defender a posição extrema de que simplesmente não há nenhum método científico, como Paul Feyerabend expôs em sua obra *Contra o método*, publicada em 1975.

Embora a complexidade da ciência não permita que se conceba um método único e de aplicabilidade geral, principalmente na atualidade, o conhecimento científico se distingue de outras formas de saber. Primeiro em função das práticas de pesquisa, como a coleta de dados e informações, a análise dessa coleta, a divulgação

dos resultados e o emprego desse conhecimento, e em segundo lugar, ou concomitantemente, em virtude da exposição deliberada e sistemática das teorias científicas à análise racional e ao controle experimental. Temas e procedimentos que estão sob o domínio da chamada metodologia científica.

A questão da metodologia científica, assim, tem constituído uma das principais preocupações dos filósofos. Investigações pioneiras foram conduzidas por Francis Bacon (1561-1626), Descartes (1569-1650), Newton (1642-1727) e pelos enciclopedistas dos séculos XVIII e XIX. Se fizermos uma breve recuperação histórica, podemos dizer que, desde o século XVII, duas foram as respostas dadas aos fundamentos do conhecimento científico ao método científico:

- a) o empirismo, relacionado aos nomes de Francis Bacon e John Locke (1632-1704);

A corrente empiricista: a observação é defendida por Bacon como etapa inicial da investigação científica, que deveria consistir na elaboração, com base na experiência, de extensos catálogos de observações neutras dos mais variados fenômenos, aos quais chamou “tábuas de coordenações de exemplos”. As leis científicas são extraídas do conjunto das observações por um processo supostamente seguro e objetivo, chamado indução, que consiste na obtenção de proposições gerais (como as leis científicas) a partir de proposições particulares (como os relatos observacionais).

- b) o racionalismo, relacionado aos filósofos René Descartes e G. W. Leibniz (1646-1716).

A corrente racionalista: o conhecimento é obra da razão. É ela que garante a correção das descobertas e a relação real entre ideias e extensão. E é, sobretudo, de natureza matemática, um saber, por definição, puramente dedutivo. É o processo inverso da indução: na dedução, o caminho é o da lógica e, nessa perspectiva, o sujeito produtor de conhecimento se apresenta como um “eu” que valoriza a si mesmo; por dedução (todo o

raciocínio feito para garantir a correspondência entre ideia e realidade mostra tal operação do intelecto humano). Assim, o processo da dúvida metódica, em Descartes, resultou numa garantia para a produção de verdades no campo da ciência. A famosa frase “Penso, logo existo”, deste filósofo, é ilustrativa da importância e supremacia da razão.

De maneira simplificada, podemos identificar na atualidade múltiplas variantes dessas duas visões, claramente percebidas no positivismo clássico e no positivismo lógico. Da mesma forma, as correntes dialéticas e pós-modernas, inclusas aqui as correntes filosóficas dos significados, como a fenomenologia e a hermenêutica, na busca de superar a dicotomia empirismo/racionalismo e oferecer uma base interpretativa mais reveladora e crítica, vão ter no diálogo entre as duas tendências a busca de sua superação. Assunto que será tratado na nossa próxima aula, com o intuito de nos preparar para entrarmos no campo metodológico da ciência geográfica. Fique tranquilo!



Atende ao objetivo 3

A partir do que vimos, apresente o surgimento da metodologia científica e sua importância para a ciência moderna.

Resposta comentada

A metodologia científica surge concomitante à ciência moderna. Na realidade, ela é inerente ao processo de desenvolvimento científico moderno. Sem a metodologia científica, não há ciência moderna e a recíproca também é verdadeira. A metodologia científica busca apresentar um protocolo de conduta, um conjunto de procedimentos e técnicas seguras para o exercício da ciência.

CONCLUSÃO

De acordo com o conteúdo exposto, pudemos apreender um pouco sobre o surgimento da modernidade e suas características, assim como a história da ciência moderna e da metodologia científica. Na primeira parte da aula, buscou-se localizar temporal e espacialmente o surgimento da modernidade e de suas características. Na segunda parte, procuramos apresentar as características da ciência moderna e, por último, o surgimento da metodologia científica e sua importância para a ciência moderna. A ideia central dessa aula foi fornecer subsídios históricos e conceituais para o estabelecimento da relação entre *metodologia científica*, *ciência moderna* e *modernidade*, o que irá nos permitir refletir sobre as questões metodológicas da ciência geográfica.

Atividade final _____

Atende aos objetivos 1, 2 e 3

Apresente a relação entre metodologia científica, ciência moderna e modernidade.

Resposta comentada

Não é possível pensar em metodologia científica sem correlacioná-la com ciência moderna, que por sua vez só surge no momento em que a racionalidade humana supera as amarras do obscurantismo religioso medieval. Na realidade, a ciência moderna apresenta indagações e respostas sobre o mundo, sobre o homem e a natureza, que não mais passariam pelos limites dos preceitos religiosos. Isso permitiu uma verdadeira autonomia do desenvolvimento científico.

RESUMO

Nesta aula você estudou:

- Modernidade, modernização e Modernismo.
- Os fundamentos da ciência moderna e seu histórico.
- A metodologia científica e suas características.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos dar prosseguimento à discussão sobre metodologia científica, aprofundando os dois polos de discussão metodológica: o empiricismo e o racionalismo. Serão também apresentadas as variantes dessas duas visões e suas críticas... Até lá!

Aula 3

Os polos da
metodologia da
ciência moderna:
método indutivo
(Empirismo) ×
método dedutivo
(Racionalismo)

Mônica Sampaio Machado

Meta da aula

Apresentar os dois caminhos de produção de conhecimento da ciência moderna: o caminho indutivo ou empírico e o caminho dedutivo ou racionalista, assim como as influências que exerceram nas correntes filosóficas posteriores, positivistas e neopositivistas.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir o método indutivo, empiricista, e sua relação com o positivismo;
2. definir o método dedutivo, racionalista, e sua relação com o neopositivismo;
3. apresentar a crítica aos métodos indutivo e dedutivo, e definir a revolução copernicana na Filosofia.

INTRODUÇÃO

Introduzimos na aula passada os conceitos de modernidade, ciência moderna e metodologia científica, e enfatizamos principalmente a relação entre metodologia científica e ciência moderna. Para iniciarmos a aula de hoje, vale reportarmo-nos a algumas considerações apresentadas na primeira aula sobre a diferença entre método e metodologia e metodologia científica.

Método indica a ideia do caminho trilhado, percorrido, para se chegar a um determinado lugar ou resultado. Metodologia é o estudo dos métodos, ou seja, o estudo e a análise dos caminhos percorridos. Três perguntas são importantes para compreendermos o universo da metodologia:

1. Qual o caminho escolhido?
2. Como o caminho foi percorrido?
3. Por que este caminho foi escolhido?

A metodologia científica está diretamente vinculada às atividades realizadas no processo de investigação científica. Esse processo inclui atividades tanto práticas ou empíricas como atividades teóricas, ideológicas e políticas. Assim, metodologia científica é o estudo, a discussão e análise dos caminhos percorridos ao longo da pesquisa realizada, ou seja, dos métodos empregados.

Vamos iniciar a aula de hoje lembrando os propósitos da metodologia científica, resgatando seus objetivos e os caminhos apresentados pelos principais filósofos dos séculos XVII e XVIII que estabeleceram os dois eixos metodológicos: o indutivo e o dedutivo.

Como vimos na aula passada, metodologia científica é a área que trata do modo como a ciência moderna é realizada, e seu surgimento está vinculado ao surgimento da ciência moderna, no século XVII. A ciência moderna, por sua vez, substituiu a prática da produção de conhecimento dominada pelo catolicismo medieval. A metodologia científica, assim, corresponde ao modo de agir,

Empiricismo

Conhecimento produzido que privilegia a experiência sensorial dos homens, adquirida através dos órgãos dos sentidos e pela prática da indução: observação, descrição e catalogação de vários eventos na busca de um comportamento geral, síntese, identificada como lei ou teoria.

Racionalismo

Conhecimento que atribui à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade, independente da experiência sensível, externa; adquirido e produzido pelo domínio das ideias, da linguagem matemática, da lógica e da representação através da prática da dedução: as ideias inatas e o pensamento lógico orientam a produção de leis e teorias.

de estudar e de pesquisar da ciência moderna, orientada pela experiência e razão humana. Uma vez que os caminhos apresentados pela religião deixaram de ser aceitos como respostas à produção do conhecimento, a ciência moderna estabeleceu novos caminhos e novas condutas para a produção do conhecimento. Essas novas opções correspondem, assim, à área da metodologia científica: Como agir? O que e como observar? Como a razão humana produz conhecimento? Quais as bases corretas do conhecimento científico?

Duas respostas à questão dos fundamentos do conhecimento científico moderno e da Filosofia Moderna, isto é, fundamentos que garantam a produção correta do conhecimento, surgiram nos séculos XVII e XVIII: o **Empiricismo** e a prática da *indução* e o **Racionalismo** e a prática da *dedução*.

De fato, tanto o Empirismo, ou o método indutivo, quanto o Racionalismo, ou o método dedutivo, são atividades racionais que exigem provas e demonstrações e realizam-se por meio de demonstração das verdades que estão sendo conhecidas ou investigadas. Não é um ato intelectual, mas vários atos intelectuais internamente ligados ou conectados, formando um processo de conhecimento. Indução e dedução são procedimentos racionais que nos levam do já conhecido ao ainda não conhecido, isto é, permitem que adquiramos conhecimentos novos, graças a conhecimentos já adquiridos. Por isso, costuma-se dizer que, no raciocínio, o intelecto opera seguindo cadeias de razões ou nexos e conexões internas necessárias entre as ideias ou entre os fatos (CHAUI, 2002, p. 66-68).



Definição de empirismo e racionalismo

“O *Empirismo* é, juntamente com o *Racionalismo*, uma das grandes correntes formadoras da Filosofia Moderna (séculos XVI-XIX). Enquanto o Racionalismo de Descartes explicava o conhecimento humano a partir da existência no indivíduo de ideias inatas que se originavam, em última análise, de Deus, os empiricistas pretenderam dar uma explicação do conhecimento a partir da experiência, eliminando assim a noção de ideia inata, considerada problemática. Para os empiristas, todo o nosso conhecimento provém de nossa percepção do mundo externo ou do exame da atividade de nossa própria mente” (SOUZA FILHO, 1992, p. 98).

O método indutivo ou empiricista

A palavra “empiricista” advém de “empíria”, do grego *empeiría*, que significa experiência, ou seja, um conjunto de dados ou acontecimentos conhecidos através da experiência, por intermédio das faculdades sensitivas, relativas aos sentidos e as sensações (HOUAISS, 2009).

Empirismo, empiricista ou empirista são termos equivalentes e constituem uma doutrina. De forma simplificada, podemos dizer que essas expressões indicam um sistema filosófico, ou seja, um conjunto de ideias que admite apenas o conhecimento advindo unicamente da experiência captada do mundo externo pelos sentidos, sendo descartadas as verdades

reveladas e transcendentais do misticismo, ou apriorísticas e inatas do Racionalismo (HOUAISS, 2009).

A palavra "indutivo" resulta da indução, ou seja, do raciocínio que parte de dados particulares (fatos, experiências, enunciados empíricos) e, por meio de uma sequência de operações cognitivas, chega a leis ou conceitos mais gerais, indo dos efeitos à causa, das consequências ao princípio, da experiência à teoria.

Assim, quando falamos em método indutivo ou empiricista, estamos nos referindo a uma forma de produção de conhecimento advinda da experiência sensorial (dos sentidos humanos) do mundo externo e da observação contínua de vários eventos/fatos particulares. O objetivo último desta observação é construir uma explicação geral sobre o fenômeno observado e sobre seu comportamento. Nesse sentido, a ideia que envolve a concepção de método indutivo ou empirista é a experiência sensorial do mundo e a observação continuada de fenômenos particulares.

Os principais filósofos empiricistas clássicos foram:

- Francis Bacon (1561-1626),
- Thomas Hobbes (1588-1679),
- John Locke (1636-1704),
- George Berkeley (1685-1753),
- David Hume (1711-1776).

Segundo Danilo de Souza Filho (1992), o empirismo desenvolveu-se inicialmente na Inglaterra, a partir do século XVI, tendo sido representativo do pensamento da burguesia inglesa, classe social que a partir do século XVII passaria a dominar as atividades comerciais e de serviços, especialmente as atividades financeiras.

Principais filósofos

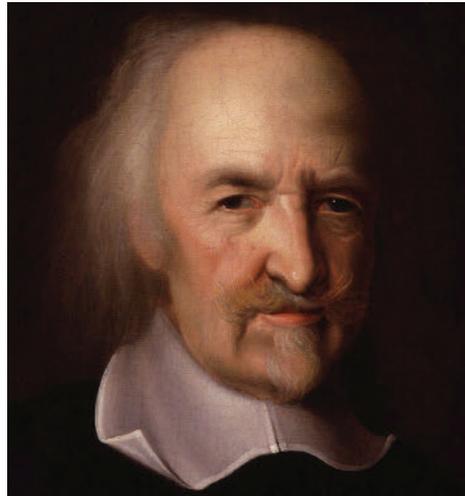
Francis Bacon (1561-1626): um dos grandes formuladores do Empirismo, Bacon é considerado o fundador da ciência moderna, justamente por buscar novas formas de conhecimento, baseada na experimentação, observação e aplicação prática da ciência, em contraposição ao misticismo, obscurantismo e à barbárie. Bacon defendia que a obtenção dos fatos verdadeiros dava-se através da observação e experimentação regulada pelo raciocínio lógico. Propôs a classificação das ciências em três grupos: 1) ciência da imaginação (poesia); 2) ciência da memória (História), 3) ciência da razão (Filosofia).



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Francis_Bacon,_Viscount_St_Alban_from_NPG_%282%29.jpg

Thomas Hobbes (1588-1679): foi um matemático, teórico político e filósofo inglês. Defendia a ideia segundo a qual os homens só podem viver em paz se concordarem em submeter-se a um poder absoluto e centralizado. Para ele, a igreja cristã e o Estado cristão formavam um mesmo corpo, encabeçado pelo monarca, que teria o direito de interpretar as Escrituras, decidir questões religiosas e

presidir o culto. Neste sentido, critica a livre-interpretação da Bíblia na Reforma Protestante por, de certa forma, enfraquecer o monarca.



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Thomas_Hobbes_\(portrait\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Thomas_Hobbes_(portrait).jpg)

John Locke (1632-1704): foi um filósofo inglês e ideólogo do Liberalismo, sendo considerado o principal representante do Empirismo britânico. Locke rejeitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos. A filosofia da mente de Locke é frequentemente citada como a origem das concepções modernas de identidade e do “eu”.



Fonte: <http://pt.wikipe dia.org/wiki/Ficheiro:JohnLocke.png>

George Berkeley (1685-1753): foi um filósofo irlandês. Berkeley aceita o Empirismo de Locke, mas não admite a passagem dos conhecimentos fornecidos pelos dados da experiência para o conceito abstrato de substância material. Por isso, e assumindo o mais radical Empirismo, Berkeley afirma que uma substância material não pode ser conhecida em si mesma. O que se conhece, na verdade, resume-se às qualidades reveladas durante o processo perceptivo. Assim, o que existe realmente nada mais é que um feixe de sensações e é por isso que esse ser é percebido. O que está em xeque não é a negação do mundo exterior, mas sim o conceito fundamental, desde Descartes, de uma ideia de matéria como constituinte de tudo o que é e que fosse diferente da substância pensante.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:George_Berkeley_by_John_Smibert.jpg

David Hume (1711-1776): foi um filósofo, historiador e ensaísta escocês que se tornou célebre por seu Empirismo radical e seu ceticismo filosófico. Ao lado de John Locke e George Berkeley, Hume compõe a famosa tríade do Empirismo britânico, sendo considerado um dos mais importantes pensadores do chamado Iluminismo escocês e da própria Filosofia ocidental. Hume opôs-se particularmente a Descartes e às filosofias que consideravam o espírito humano desde um ponto de vista teológico-metafísico. Assim, Hume abriu caminho à aplicação do método experimental aos fenômenos mentais. Sua importância no desenvolvimento do pensamento contemporâneo é considerável.



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro: David_Hume.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:David_Hume.jpg)

A passagem a seguir, retirada de Danilo Souza Filho, ajuda a ilustrar e a consolidar as principais características do Empirismo e sua relação com a produção do conhecimento científico:

Desde Bacon, o Empirismo se caracteriza pela defesa da ciência baseada em um método experimental, valorizando a observação e aplicação prática da ciência. As leis científicas seriam fundamentalmente resultado de generalizações com base na observação da repetição de fenômenos com características constantes. A esse procedimento chama-se indução, sendo uma lógica indutiva a base da concepção da ciência (SOUZA FILHO, 1992, p. 101).

Ainda de acordo com o autor mencionado, podemos destacar quatro palavras-chave para a definição e compreensão do Empirismo. Esses termos são muito importantes e serão úteis para o entendimento das primeiras formas de desenvolvimento dos estudos da ciência geográfica moderna, a *Geografia Clássica*, tema da nossa sexta aula de nossa disciplina.

Experiência: o termo “Empirismo” significa experiência, contato com algo. Para os empiristas, a experiência é a apreensão da realidade externa através dos sentidos, que forma a base de todo o conhecimento.

Conhecimento: na concepção empiricista, todo o conhecimento científico provém da experiência e é a experiência que fornece o critério de verificação que confirma ou não a verdade das afirmações científicas.

Ideia: termo grego que equivale a “visão”. Para os empiristas, as ideias sempre se originam na percepção sensorial. Ideias são objetos mentais, resultado de um processo de abstração, que representam objetos externos percebidos pelos sentidos.

Causalidade: forma explicativa da dinâmica do mundo a partir da percepção dos homens sobre a relação entre os fenômenos. A causalidade é uma projeção sobre a natureza da nossa forma de perceber o real.

Podemos, então, dizer que fazer ciência moderna, a partir do século XVI, correspondia a atuar por meio de uma Filosofia Moderna que esteve assentada em dois caminhos diferentes: o Empiricismo (ou método indutivo) e o Racionalismo (ou método dedutivo). Produzir conhecimento científico a partir do Empiricismo exigia agir de forma diferente do passado, ou seja, exigia uma experiência do homem no mundo material. A partir dessa experiência, saíam as ideias, o conhecimento e as explicações do mundo. O método dos estudos empíricos sustentava-se na indução.

No início do século XIX, a corrente filosófica denominada de Positivismo Clássico, de grande predomínio na forma de produção de conhecimento científico até meados do século XX, sustentou-se no pensamento empirista e no método indutivo. O Positivismo só declarava admissível de conhecimento certezas do tipo experimental. Sustentava-se na observação dos fatos e no raciocínio indutivo: a observação é a única base possível de conhecimentos verdadeiros.

Partindo da observação e mediante classificação e comparação, o Positivismo buscava construir conclusões gerais, raciocinando sobre elas e procurando estabelecer leis invariáveis. As inferências indutivas iniciam com premissas particulares a respeito de um número finito de observações e terminam com a conclusão geral. As ciências da natureza e a ciência geográfica, que, em finais do século XIX, era parte delas desenvolveram-se sobre a influência do Positivismo e do método indutivo como caminho para garantir sua cientificidade.

Descrições infundáveis de lugares e costumes, desenvolvidos pela ciência geográfica daquele período, buscavam construir uma concepção geral, uma lei geral, sobre a relação homem/meio. As teorias deterministas e possibilistas em Geografia são bons exemplos. Entretanto, por ora, vamos nos concentrar em entender e fixar o significado e abrangência do Empiricismo e do método indutivo. O Positivismo Clássico será tratado mais detalhadamente em aulas posteriores.

Passemos agora para ao outro polo de produção do conhecimento da ciência moderna nos seus primórdios, o Racionalismo. Antes, contudo, para consolidar o conteúdo dado, responda à pergunta a seguir.

O método dedutivo (Racionalismo)

A palavra “Racionalismo” advém de “racional”, do latim *rationalis*, significando algo que serve para contar. O Racionalismo é um modo de pensar que atribui valor somente à razão, ao pensamento lógico. Na realidade, o que se denomina de Racionalismo refere-se a um sistema filosófico que privilegia a razão como meio de conhecimento e explicação da realidade. Existem várias teorias filosóficas racionalistas. O Platonismo (oriundo das ideias do filósofo grego Platão) e o Cartesianismo (oriundo da contribuição do filósofo francês René Descartes) são exemplos de duas grandes correntes de pensamento racionalista. As teorias racionalistas são fundamentadas na suposição de que a investigação da verdade, conduzida pelo pensamento puro, ultrapassa em grande medida os dados imediatos oferecidos pelos sentidos e pela experiência (HOUAISS, 2009).

A palavra “dedutivo” refere-se à dedução, que, por sua vez, é o ato ou efeito de deduzir, de concluir. É uma operação intelectual por meio da qual se afirma a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras proposições já reconhecidas como verdadeiras. Conforme Hilton Japiassu (1992, p. 96), dedução

é o ato pelo qual nós compreendemos a passagem de uma verdade evidente por intuição às suas consequências. A dedução organiza a transferência da evidencia ao longo de uma cadeia lógica. A evidência assim transferida torna-se a certeza.

Nesse sentido, qualifica-se um raciocínio de dedutivo quando este enuncia logicamente uma conclusão necessária a partir de proposições dadas. A dedução é de fato a operação mental que conclui, a partir de uma ou várias premissas, uma proposição que é a consequência lógica delas (DUROZOI; ROUSSEL, 1996, p. 118).

Conforme Marilena Chauí (2002, p. 66-68), a dedução realiza um caminho exatamente contrário ao da indução. Com a dedução, partimos de uma verdade já conhecida e que funciona como um princípio geral ao qual se subordinam todos os casos que serão demonstrados a partir dela. Ou seja, na dedução, parte-se de uma verdade já conhecida para demonstrar que ela se aplica a todos os casos particulares iguais. Por isso, também se diz que a dedução vai do geral ao particular ou do universal ao individual. O ponto de partida de uma dedução é uma ideia ou uma teoria reconhecida.

Assim, quando falamos em método dedutivo ou racionalista, estamos nos referindo a uma forma de produção de conhecimento que prioriza o raciocínio lógico em detrimento da experiência do mundo sensível. Partindo do geral e descendo ao particular, o método dedutivo tem início nos princípios reconhecidos como indiscutíveis e chega a conclusões de maneira formal, utilizando a lógica. Com base em uma hipótese de investigação, uma suposição levantada pelos cientistas, são realizadas várias experimentações e observações com o objetivo de testar a veracidade e abrangência da hipótese levantada. Se os estudos particulares realizados indicarem a veracidade da hipótese levantada, então ela pode se tornar uma teoria, uma verdade reconhecida e aceita.

Os principais filósofos racionalistas foram:

- René Descartes (1596-1650),
- Spinoza (1632-1677),
- Leibniz (1646-1716).

Esses grandes pensadores foram responsáveis por introduzir o racionalismo na filosofia e na ciência moderna. Atribuía à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade. Por oposição ao Empirismo, consideravam a razão como independente da experiência sensível. Contrariamente ao misticismo, rejeitam toda e qualquer intervenção dos sentimentos e das emoções, pois, no domínio do conhecimento, a única autoridade é a razão.

O século XVII foi um período de profunda transformação na Filosofia, na ciência e na teologia e ainda na concepção da vida humana. A filosofia escolástica das universidades foi questionada, e muitos temas ainda hoje centrais no debate filosófico tiveram então seu início. Descartes (1596-1650), Spinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716) foram três poderosos pensadores metafísicos, que usaram a razão para criticar tanto a filosofia de seus predecessores medievais como as visões de mundo do senso comum (ROSS; FRANCKS, 2002, p. 509).

Descartes, por vezes chamado de “o fundador da Filosofia Moderna” e o “pai da matemática moderna”, é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da história do pensamento ocidental. Sua contribuição à produção do conhecimento científico e às ciências naturais é fundamental. Suas obras, *Discurso sobre o método* e *Meditações metafísicas*, criaram as bases da ciência contemporânea. Muitos afirmam que a partir de Descartes inaugurou-se o Racionalismo da Idade Moderna. O movimento filosófico inglês, o Empirismo, com John Locke e David Hume, foi o seu oposto.

Descartes parte do princípio de que ter conhecimento é ter ideias e de que as ideias são diferentes das coisas tomadas em si mesmas. Ele rejeita o testemunho dos sentidos, uma vez que podem derivar de sonhos ou ilusões. Para este filósofo, a dedução representava o método superior de investigação filosófica, pois seria capaz de melhor conduzir a razão na busca da verdade nas ciências. O bom método era aquele que permitisse conhecer o maior número possível de coisas e isso com menor número de regras. Assim, Descartes buscava estabelecer um método universal, inspirado na matemática e no encadeamento racional. O pensamento de Descartes inspirou várias gerações e serviu como um importante alicerce da ciência moderna. Suas ideias provocaram tanto adesões quanto reações dos filósofos posteriores.

No século XX, por exemplo, a corrente filosófica denominada de Positivismo Lógico, de grande predomínio na forma de produção

de conhecimento científico entre as décadas de 1930 e 1960, sustentou-se no pensamento racionalista e no método dedutivo. A adoção de um método único capaz de garantir a verificação das proposições foi para o Positivismo Lógico fundamental. Assim as proposições eram verdadeiras ou falsas quando verificadas *a posteriori*, com observações a partir de vários fatos empíricos. Exemplos de proposições como: “há mais mulheres do que homens no Brasil”, “solteiros tendem a morrer mais cedo do que homens casados”, “o desmatamento das encostas é o grande responsável pelos deslizamentos de terra”, se fossem verificadas e se fossem verdadeiras, expressariam verdades empíricas *a posteriori* sobre o mundo real. Era um pressuposto básico do Positivismo Lógico que todas as proposições significativas poderiam ser verificadas.

Aprendendo mais

Platão: é o precursor do Racionalismo, porém, mais tarde, é Descartes quem o sistematiza na Era Moderna.



Figura 3.1: Estátua do filósofo grego Platão.

René Descartes (1596-1650): filósofo e matemático francês. Elaborou importante sistema filosófico que deu origem à Filosofia Moderna. Sua principal obra foi *Discurso sobre o método* (1637), na qual apresenta ideias e estudos de método de raciocínio –

“Penso, logo existo” –, base de toda a sua filosofia e do futuro Racionalismo Científico.



Figura 3.2: René Descartes (1596-1650).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Frans_Hals__Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg

Spinoza (1632-1677): foi um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna. Defendeu que Deus e natureza eram dois nomes para a mesma realidade, a saber, a única substância em que consiste o universo e da qual todas as entidades menores constituem modalidades ou modificações. Ele afirmou que *Deus sive natura* (“Deus ou natureza”, em latim) era um ser de infinitos atributos, entre os quais a extensão (sob o conceito atual de matéria) e o pensamento eram apenas dois conhecidos por nós.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Spinoza.jpg>

Leibniz (1646-1716): foi um filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. Data o seu começo na história da Filosofia com seu “Discurso sobre metafísica”, que ele compôs em 1686 e que não foi publicado até o século XIX.

Em 1695, Leibniz fez sua entrada pública na Filosofia europeia, com um artigo de jornal intitulado “Novo sistema da natureza e da comunicação das substâncias”. Entre 1695 e 1705, compôs o seu “Novos ensaios sobre o entendimento humano”, um longo comentário sobre John Locke em seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, mas, ao saber da morte de Locke, em 1704, perdeu o desejo de publicá-lo. Isto aconteceu até que os novos ensaios foram publicados em 1765. *A Monadologia*, composta em 1714 e publicada postumamente, é constituída por 90 aforismos. Leibniz conheceu Espinoza em 1676, leu alguns de seus escritos inéditos e, desde então, tem sido suspeito de apropriar-se de algumas das ideias de Espinosa. Embora Leibniz admirasse o poderoso intelecto de Espinosa, ele ficou francamente desanimado com as conclusões de Spinoza, especialmente por estas serem incompatíveis com a ortodoxia cristã.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>
Ficheiro:Gottfried_Wilhelm_von_Leibniz.jpg

hipótese levantada, então ela pode se tornar uma teoria, uma verdade reconhecida e aceita. Utilizando o mesmo exemplo do morango, podemos partir da seguinte proposição: "Todo morango vermelho é doce". Para o Racionalismo, essa proposição só é verdadeira se for verificada. Assim, para se confirmar sua veracidade precisamos testá-la, realizando observações em vários lugares *a posteriori*.



Leituras recomendadas

Para aprender mais um pouco sobre o Empirismo e o Racionalismo, recomendamos as seguintes leituras:

- **Curso de Filosofia**, de Antonio Resende (Org.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/SEAF, 1992, p. 85-98;
- **Convite à Filosofia**, de Marilena Chauí, São Paulo: Ática, 2002.



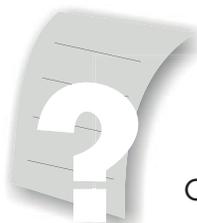
sanja gjenero

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1184809>

A crítica aos métodos indutivo e dedutivo: a revolução copernicana na Filosofia

A dicotomia entre Racionalismo e Empirismo perpassa toda a Filosofia dos séculos XVII e XVIII. A possibilidade do conhecimento efetivo e absoluto, afirmado pelos racionalistas e negado pelos empiristas, é estudada detalhadamente pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804). De certo modo, Kant tentou provar que tanto os racionalistas quanto os empiristas estavam errados. Kant, em vez de colocar no centro a realidade objetiva (como defendiam os empiricistas) ou os objetos do conhecimento (como defendiam os racionalistas), dizendo que são racionais e que podem ser conhecidos tais como são em si mesmos, colocou no centro a própria razão.

Assim, conforme Chauí (2002, p. 76), a proposição de Kant significou uma verdadeira “revolução copernicana” na Filosofia.



Revolução copernicana

Refere-se à contribuição do astrônomo Nicolau Copérnico (1473-1543). Copérnico negou a concepção geocêntrica do universo, anteriormente aceita, desde Aristóteles e Ptolomeu, que defendia a centralidade da Terra no universo e defendeu a teoria heliocêntrica do sistema solar: o sol no centro do universo, estando o planeta Terra, bem como outros astros, girando ao seu redor.

Revolução copernicana em Filosofia, a exemplo da “revolução copernicana em Astronomia”, representa uma importante troca de referencial com a obra de Immanuel Kant. A partir de Kant, os objetos deixam de ser o centro da potencialidade de conhecimento, saindo

da ênfase dos objetos para o humano que os conhece, estando os objetos sujeitos à capacidade de conhecer deste humano, e não o contrário. Assim, a revolução copernicana de Immanuel Kant é um marco na filosofia moderna, sobretudo na teoria do conhecimento. Tal revolução é uma resposta ao antagonismo presente nas proposições elaboradas tanto pelos racionalistas quanto pelos empiristas. Kant desloca o sujeito da periferia do conhecimento para colocá-lo em seu lugar: o centro. É esse deslocamento que se denominou de revolução copernicana.



Copérnico

Publicado em 1543, *De Revolutionibus Orbitum Caelestium* veio transformar completamente o modo de pensar e compreender a Terra e o universo. Foi um livro revolucionário, na medida em que permitiu não apenas uma nova abordagem da astronomia, mas, sobretudo uma revolução das ideias, uma grande transformação do conceito que o homem tinha do universo e da sua própria relação com ele.

Conforme Kant, os conteúdos do conhecimento não eram inatos, naturais, nem eram adquiridos pela experiência. Kant postula que inata era a razão, mas é uma estrutura vazia e sem conteúdo, que não depende da experiência para existir. A razão fornece a forma do conhecimento e a matéria é fornecida pelo conhecimento. Desta maneira, a estrutura da razão é inata e universal, enquanto os conteúdos são empíricos, obtidos pela experiência.

A razão humana só pode conhecer aquilo que recebeu as formas (cor, tamanho etc.) e as categorias (elementos que organizam o conhecimento) do sujeito do conhecimento, isto é, de cada um de nós. A realidade, portanto, não está nas coisas, mas em nós. Assim, vemos o mundo “filtrado e processado” pela nossa razão, depois que as percepções passaram pelas categorias.



Immanuel Kant (1724-1804), prussiano, um dos mais importantes filósofos dos princípios da Era Moderna, indiscutivelmente um dos pensadores mais influentes.

Passou toda sua vida em Königsberg, cidade da qual nunca saiu, levando uma vida monotonamente pontual e só dedicada aos estudos filosóficos. Realizou numerosos trabalhos sobre ciência, física, matemática, etc.

Kant operou, na Epistemologia, uma síntese entre o Racionalismo continental (Descartes e Leibniz, para quem impera a forma de raciocínio dedutivo) e a tradição empírica inglesa (de David Hume, John Locke, ou George Berkeley, que valorizam a indução).

Sua principal obra, *Crítica da razão pura* (1781), aborda a oposição entre Racionalismo e Empirismo.



Figura 3.5: Retrato de Immanuel Kant.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Immanuel_Kant_%28portrait%29.jpg

Efetivamente, depois de Kant, a produção do conhecimento científico tomou um rumo bastante diverso daquele do Racionalismo e Empirismo originais. A solução dada ao tema pelo filósofo não eliminou as discussões, mas deu-lhes uma profundidade muito maior e apresentou caminhos diferentes para a produção do conhecimento científico.

De maneira bem simples, podemos dizer que o primeiro e mais importante desdobramento da proposição kantiana foi a aceitação da inseparabilidade da indução e dedução como método de produção de conhecimento e a centralidade da razão nessa operação. Filósofos que sucedem Kant, como Georg Hegel, Karl Marx ou Edmund Husserl, por exemplo, vão contribuir para o desenvolvimento do pensamento científico, principalmente nas ciências humanas, e influenciar as novas correntes filosóficas que subsidiaram novos métodos de pesquisa e produção de conhecimento, como o materialismo histórico e dialético (de Marx, que por sua vez se desenvolve em grande parte pelo diálogo e crítica à dialética hegeliana) ou a fenomenologia, proposta por Husserl. Para todos esses estudiosos, o debate entre indução e dedução e a sua superação constituem pontos fundamentais de suas

proposições. Esses grandes filósofos vão ser a essência, o ponto de partida, as bases filosóficas dos novos modelos de produção científica predominantes no século XX, dos chamados paradigmas, tema de nossa próxima aula.

Costuma-se opor a dedução à indução. A dedução iria do geral ao particular (do princípio às suas consequências); a indução, do particular ao geral (do fato à lei). Isso, de fato, indica duas direções e duas fraquezas. A fraqueza da indução é que a particularidade dos fatos, por mais numerosos que sejam, nunca poderá justificar a universalidade de uma lei (mesmo que eu tivesse visto dez mil cisnes brancos, isso nunca me autorizaria a afirmar que todos os cisnes são brancos). A fraqueza da dedução é que ela só é verdadeira se os princípios o forem – o que nem a dedução nem a indução basta para atestar. Assim toda indução é abusiva e toda a dedução, incerta (COMTE; SPONVILLE, 2003, p.140).

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado (MARX, 1987, p.16).

CONCLUSÃO

Vimos que fazer ciência moderna, a partir do século XVI, correspondia a atuar a partir de uma Filosofia Moderna que esteve assentada em dois caminhos diferentes: o Empiricismo (ou método indutivo) e o Racionalismo (ou método dedutivo). Produzir conhecimento científico a partir do Empiricismo exigia agir de forma diferente do passado, ou seja, exigia uma experiência do homem no mundo material. A partir dessa experiência saíam as ideias, o conhecimento e as explicações do mundo. O método dos estudos empíricos se sustentava na indução.

Com a indução, partimos de casos particulares iguais ou semelhantes e procuramos a lei geral, a definição geral ou a teoria geral que explica e subordina todos esses casos particulares. A definição ou a teoria são obtidas no ponto final do percurso. E a razão também oferece um conjunto de regras precisas para guiar a indução; se tais regras não forem respeitadas, a indução será considerada falsa.

Produzir conhecimento científico a partir do Racionalismo exigia a dedução, um caminho exatamente contrário ao da indução. Com a dedução, partimos de uma verdade já conhecida e que funciona como um princípio geral ao qual se subordinam todos os casos que serão demonstrados a partir dela. Ou seja, na dedução parte-se de uma verdade já conhecida para demonstrar que ela se aplica a todos os casos particulares iguais. Por isso, também se diz que a dedução vai do geral ao particular ou do universal ao individual. O ponto de partida de uma dedução é ou uma ideia verdadeira ou uma teoria verdadeira (CHAUÍ, 2002, p. 66-68).

Com as contribuições kantianas, essa oposição dissipou-se, constituindo indução e dedução inseparáveis.

De fato, tanto o Empirismo (ou método indutivo) quanto o Racionalismo (ou método dedutivo) são atividades racionais que exigem provas e demonstrações e se realizam por meio de demonstração

das verdades que estão sendo conhecidas ou investigadas. Não é um ato intelectual, mas vários atos intelectuais internamente ligados ou conectados, formando um processo de conhecimento. Indução e dedução são procedimentos racionais que nos levam do já conhecido ao ainda não conhecido, isto é, permitem que adquiramos conhecimentos novos graças a conhecimentos já adquiridos. Por isso, costuma-se dizer que, no raciocínio, o intelecto opera seguindo cadeias de razões ou nexos e conexões internos necessários entre as ideias ou entre os fatos (CHAUÍ, 2002, p.66-68).

Atividade final

Marque verdadeiro ou falso nas assertivas a seguir. Explique, quando marcar falso.

1. () Empiricismo é o conhecimento produzido que privilegia a experiência sensorial dos homens, adquirida através dos órgãos dos sentidos e pela prática da indução.
2. () Indução define-se como observação, descrição e catalogação de vários eventos na busca de um comportamento geral, síntese, identificada como lei ou teoria.
3. () Racionalismo é a forma de conhecimento que atribui à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade, independente da experiência sensível, externa; adquirido e produzido pelo domínio das ideias, da linguagem matemática, da lógica e da representação através da prática da dedução.
4. () A dedução realiza um caminho exatamente contrário ao da indução. Na dedução parte-se de uma verdade já conhecida para demonstrar que ela se aplica a todos os casos particulares iguais. Por isso, também se diz que a dedução vai do geral ao particular ou do universal ao individual.
5. () A revolução copernicana na Filosofia defendia a adoção do método dedutivo como garantia da produção do conhecimento científico.
6. () O método empírico ou indutivo sustenta as atividades e práticas do Neopositivismo, e o método racionalista ou dedutivo, a prática do Positivismo Clássico.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos dar prosseguimento ao estudo metodológico, a partir da discussão de paradigmas científicos, ou seja, de modelos predominantes de produção do conhecimento científico. Para cada modelo ou padrão adotado, iremos observar a existência e predominância de uma base filosófica determinante, que irá dirigir as formas de pesquisas, observação e demonstração dos resultados. A proposta central é apresentar e desenvolver os conteúdos, os limites e o funcionamento do campo metodológico da ciência geográfica.

Não é demais lembrar novamente que as cinco primeiras aulas do curso apresentam o campo de estudo da disciplina e sua base histórica, filosófica e conceitual. Até lá!

Aula 4

O campo da
metodologia da
Geografia e a
concepção de
paradigma

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar o campo de estudo da Metodologia da Geografia e a concepção de paradigma: demonstrar os principais paradigmas em Geografia, suas características e seu papel na produção e dinâmica/desenvolvimento da ciência geográfica.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar o campo de estudo da Metodologia da Geografia;
2. definir os conceitos de paradigma e paradigma em Geografia;
3. identificar os principais paradigmas em Geografia.

INTRODUÇÃO

Apresentamos em aulas passadas os conceitos de método, metodologia, e metodologia científica. Para iniciarmos a aula de hoje, vale reportarmo-nos a algumas considerações apresentadas anteriormente, especialmente sobre metodologia científica e os elementos que compõem seu universo, para então definirmos o campo da Metodologia da Geografia.

A metodologia científica é o estudo dos métodos, ou seja, o estudo e análise dos caminhos percorridos e das atividades realizadas no processo de investigação científica. Esse processo inclui atividades tanto práticas como empíricas, tais como atividades teóricas, ideológicas e políticas.

Assim, metodologia científica é o estudo, discussão e análise dos métodos de pesquisa e dos métodos de interpretação de uma dada pesquisa.



Apenas para lembrar...

- *Método de pesquisa*: conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. Relaciona-se aos problemas operacionais da pesquisa.
 - *Método de interpretação*: concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade e da ciência. É a forma de ver o real e de representar logicamente e racionalmente o mundo e a vida.
- Para melhor fixação desses conceitos, sugerimos consultar a primeira aula do curso.

Assim, Metodologia da Geografia, ou seja, da Ciência Geográfica, é o estudo, discussão e análise dos métodos de pesquisa e dos métodos de interpretação da pesquisa em Geografia.

E isso é o que vamos estudar agora.

O campo de estudo da Metodologia da Geografia

Primeiramente, vale destacar que a Metodologia da Geografia é a área de estudo resultante de diálogos entre a Filosofia e a Geografia. Seu propósito central é avaliar e apresentar as razões, as condições e as formas como o conhecimento geográfico foi produzido durante uma dada investigação. Assim, o campo da Metodologia da Geografia engloba tanto atividades e ações práticas quanto a construção e seleção do referencial teórico-conceitual da pesquisa em Geografia. Engloba, portanto, os métodos de pesquisa e os métodos de interpretação da pesquisa utilizados.

Nesse sentido, é no campo da Metodologia da Geografia que o relato/discurso sobre as decisões tomadas e os caminhos percorridos ao longo da pesquisa em Geografia (bases teóricas, conceitos, empiria, escala de análise, fontes, procedimentos, etc.) é elaborado e apresentado. As razões das escolhas e as formas de uso dos métodos de pesquisa e de interpretação empregados em uma dada investigação são expostas e explicitadas pela Metodologia da Geografia.

Um trabalho científico exige uma explicitação metodológica. Assim, se estamos realizando ou lendo um trabalho científico em Geografia, é fundamental a apresentação de um tópico denominado “metodologia”. Nesta parte, são expostos os referenciais teóricos e conceituais da pesquisa, os principais autores que orientaram o estudo, os conceitos importantes para a investigação e os propósitos políticos e ideológicos do trabalho.

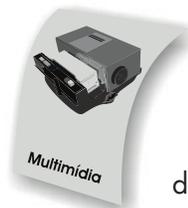
Alguns conceitos geográficos	Alguns autores brasileiros da Geografia
<ul style="list-style-type: none"> • Região; • Lugar; • Território; • Territorialidade; • Paisagem; • Meio; • Bioerosão; • Sítio; • Rede. 	<ul style="list-style-type: none"> • Milton Santos; • Ruy Moreira; • Roberto Lobato Correa; • Bertha Becker; • Manoel Correia de Andrade; • Aziz Ab'Saber; • Pedro Geiger; • Carlos Walter Porto Gonçalves; • Mauricio Abreu; • André Roberto Martin.

Algumas teorias geográficas	Alguns propósitos políticos/ideológicos
<ul style="list-style-type: none"> • Ciclo da Erosão (Geomorfologia); • Teoria das Localidades Centrais (Geografia Urbana); • Os dois circuitos da economia (Geografia Urbana); • Teoria do Meridionalismo (Geografia Política); • Globalização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento urbano/regional; • Planejamento ambiental; • Projeto político-territorial nacional; • Desigualdades socioespaciais; • Movimentos sociais; • Políticas públicas (economia e cultura); • Infraestrutura e gargalos; • Descentralização de investimentos.

São também apresentadas:

- a natureza do estudo realizado, ou seja, sé é empírico ou teórico;
- a escala de análise da investigação, local, regional, nacional ou mundial.
- as fontes de pesquisa, como: dados secundários de instituições de pesquisas como IBGE, levantamento de dados, informações e documentos no campo, em bibliotecas e arquivos;
- os procedimentos de classificação e análise, como organização de tabelas, quadros analíticos, organização de questionários e tabulações;
- as principais técnicas de estudo realizadas, como mapeamentos diversos e uso de geotecnologias.

Algumas fontes de pesquisa	Alguns procedimentos e técnicas
<ul style="list-style-type: none"> • Censo e mapas do IBGE; • Bibliotecas e arquivos; • Sites da internet; • Universidades; • Visitas a campo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento bibliográfico e documental; • Questionários abertos e fechados; • Recolhimento de depoimentos; • Organização de tabelas; • Mapeamentos e geoprocessamento.



Aqui você encontra algumas sugestões de sites para consultas de temas, pesquisas, dados, documentos, bibliografias, mapas, imagens satélites e fomentos para pesquisas:

- Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – <http://www.agb.org.br/>
- Association of American Geographers (AAG) – <http://www.aag.org/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – <http://www.ibge.gov.br/home/>
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) – <http://www.inpe.br/>
- Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo (USP) – <http://dedalus.usp.br/F?RN=200850850>
- Sistema de Documentação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – <http://www.minerva.ufrj.br/>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – <http://www.capes.gov.br/>
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – <http://www.cnpq.br/>

Geógrafos (blog organizado por geógrafos formados pela Universidade Federal de Santa Maria, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela Universidade de São Paulo, apresentando variados temas e debates de interesse dos geógrafos) – <http://geografoss.blogspot.com.br/>

Portanto, a metodologia é a área que apresenta e detalha as opções tomadas para a realização do estudo. A Metodologia da Geografia é a área que apresenta e detalha as opções de pesquisa em Geografia, ou seja, está diretamente relacionada aos objetos de estudo da Ciência Geográfica, à Geografia como materialidade, assunto já apresentado e estudado na primeira aula do curso.



Atende ao objetivo 1

A partir do que vimos, defina o campo de estudo da Metodologia da Geografia, identificando seus principais elementos.

Resposta comentada

O campo da Metodologia da Geografia apresenta o relato/discurso sobre as decisões tomadas e os caminhos percorridos ao longo da pesquisa em Geografia. As razões das escolhas e as formas de uso dos métodos de pesquisa e de interpretação empregados em uma dada investigação são expostas e explicitadas pela Metodologia da Geografia.

Assim, são apresentadas as bases teóricas, os conceitos, a natureza da investigação (empírica ou teórica), a escala de análise, as fontes, os procedimentos e as técnicas empregadas.

Paradigma e paradigma em Geografia

Paradigma

Segundo o *Dicionário Houaiss*, a palavra paradigma se origina do grego *parádeigma*, que significa modelo, padrão, exemplo.

Paradigma, assim, é um modelo que serve como exemplo a ser seguido. É um exemplo privilegiado ou um modelo que serve para pensar. A palavra paradigma indica um modelo que pode ser estético, comportamental, político, científico ou qualquer outro.

Na produção científica moderna, um paradigma inclui uma concepção filosófica matriz, que interfere na adoção e no desenvolvimento de teorias, métodos, valores e técnicas de uma investigação. Estes são concebidos como modelos a serem seguidos no processo de pesquisa. É uma referência, uma base, um modelo para o desenvolvimento dos estudos e pesquisas. A influência de uma forma de pensamento, um pensamento dominante.



Definição de paradigma científico

“A palavra, que encontramos em Platão ou Aristóteles (*parádiegma*), é utilizada hoje principalmente em epistemologia ou em história das ciências. É um dos conceitos maiores de Thomas Kuhn, em *A estrutura das revoluções científicas*. Um paradigma é o conjunto das teorias, das técnicas, dos valores, dos problemas, das metáforas, etc., que em determinada época, os cientistas de uma disciplina dada compartilham: é a ‘matriz disciplinar’ que lhes possibilita se compreender e progredir. Também é, e por isso mesmo, o que é transmitido aos estudantes, na mesma época, e lhes permite compreender a ciência do seu tempo, identificar-se a trabalhar com ela. O estado normal das ciências (a “ciência normal”, diz Kuhn) é aquele em que reina um paradigma. O terreno da pesquisa é balizado então pelas descobertas anteriores, o que cria, entre os pesquisadores, como que um consenso eficaz: eles estão de acordo não apenas sobre as descobertas já feitas, mas sobre o que resta descobrir e sobre os métodos empregados para tanto. As revoluções científicas, ao contrário, são os períodos em que aparece um novo paradigma, que se opõe ao antigo, resolvendo certos problemas até então insolúveis, fazendo outros desaparecerem, levantando novos... É o que acontece quando se passa da mecânica clássica (a de Newton) à física relativista (a de Einstein e de seus sucessores): não são apenas as soluções que são novas, mas também os problemas, as dificuldades, os procedimentos” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 437-438).

Paradigma em Geografia

Ao falarmos de paradigma em Geografia, portanto, estamos nos referindo a uma base filosófica e a um conjunto de teorias, técnicas, valores, problemas, metáforas, etc., aceitos e compartilhados por geógrafos e profissionais do campo científico geográfico em determinada época.

Para melhor entendermos paradigma em Geografia, vejamos agora algumas considerações a partir da obra *Filosofía y Ciencia en Geografía Contemporánea* (1983), de Horacio Capel.

Como qualquer ciência moderna, a Geografia tem se desenvolvido ao longo do tempo partir de diferentes paradigmas, de diferentes matrizes filosóficas, teóricas, metodológicas, técnicas, etc.. Estabelecida nas três últimas décadas do século XIX no mundo europeu, primeiramente na Alemanha e na França, e na década de 1930 no Brasil, a Ciência Geográfica passou por várias crises e mudanças desde seu processo de institucionalização. A cada crise, surgem novas formas de fazer Geografia, novas Geografias, ou seja, novos paradigmas.

O aparecimento de novos paradigmas ocorre em momentos de crises científicas, ou seja, crises nas formas e nos instrumentos que guiam a produção do conhecimento de um dado campo da ciência. Assim, para superar essas crises, estão sempre a surgir novas formas de realização da investigação dentro dos campos científicos. Segundo Capel (1983, p. 246-248) é nesse sentido, para superar crises, que surgem “novas” sociologias, novas economias, novas Geografias, etc.

Ao longo da história do pensamento geográfico, novas Geografias têm aparecido em numerosas ocasiões. Nova foi a Geografia de Ptolomeu, que os europeus conheceram nos séculos XV e XVI. Foi também nova a Geografia após os descobrimentos, que apresentou uma nova imagem de mundo, assim como a

Geografia de Ritter e a dos geógrafos alemães e franceses. Uma nova Geografia era utilizada por autores de finais do século XIX, a Geografia descritiva, enciclopédica, tradicional. Nova igualmente foi a Geografia de Mackinder na Alemanha no início do século XX, assim como a de La Blache na mesma época na França. A Geografia dos anos 1950 também foi nova, como a Geografia Aplicada, a Geografia Quantitativa. Nova também foi a Geografia da Percepção e do Comportamento, a Geografia Radical, marxista, a Geografia Humanística, etc. Novas não somente quanto ao método, mas quanto à concepção de Ciência Geográfica (CAPEL, 1983, p. 246-248).

De fato a Geografia tem sido nova em distintos momentos de seu desenvolvimento. Não tem havido uma evolução linear em que cada fase da evolução se conecta com a anterior, mas sim uma série de rupturas, de revoluções, que têm dado lugar a novas abordagens, que têm obrigado adoção de novas concepções.

O significado deste fato parece importante e permite situar a evolução de nossa ciência no quadro de evolução científica geral. O problema da existência destas diversas novas Geografias pode ser explorado, em primeiro lugar, a partir das ideias existentes sobre as rupturas epistemológicas e sobre as revoluções científicas e a adoção de novos paradigmas (CAPEL, 1983, p. 248).

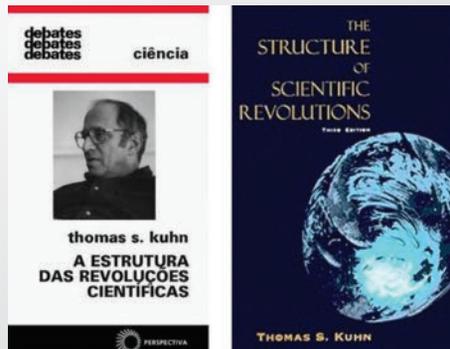
O físico norte-americano Thomas Kuhn (1922-1996), importante por suas contribuições à história e filosofia da ciência, especialmente, pelas suas explicações sobre o desenvolvimento científico, representa célebre referência para a compreensão de paradigmas científicos. Suas ideias básicas são trazidas por Capel em função de serem sugestivas para a compreensão das mudanças em Geografia. Assim, vamos apresentar algumas delas.



Leituras recomendadas

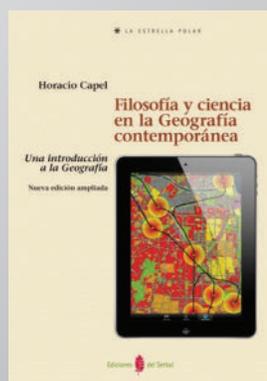
Para aprender mais um pouco sobre paradigmas e paradigmas em Geografia:

- *A estrutura das revoluções científicas*, de Thomas S. Kuhn, 7. ed., São Paulo: Perspectiva, 2003, 262 p.



Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/59489560/Filosofia-y-Ciencia-en-La-Geografia-Contemporanea-Horacio-Capel>

- *Filosofía y Ciencia en Geografía Contemporánea*, de Horacio Capel, Barcelona: Editorial Barcanova, 1983.



Fonte: http://www.edicionesdelserral.com/libro.php?pag=filosofia_ciencia_en_geografia_contemporanea_una_introduccion_la_geografia__nueva_edicion_ampliada



Thomas Kuhn (Cincinnati, 18 de julho de 1922 – Cambridge, 17 de junho de

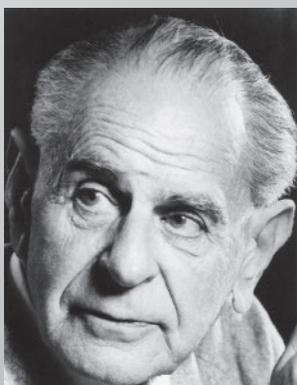
1996): foi um físico e filósofo da ciência estadunidense. Seu trabalho incidiu sobre história da ciência e filosofia da ciência, tornando-se um marco no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico.



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Thomas_Kuhn.jpg

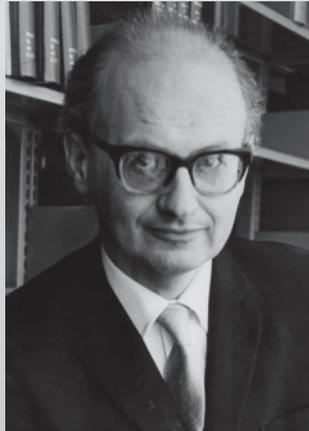
Karl Popper (Viena, 28 de julho de 1902 – Londres, 17 de setembro de 1994): foi um

filósofo da ciência austríaco naturalizado britânico. É considerado por muitos como o filósofo mais influente do século XX a tematizar a ciência.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/43/Karl_Popper.jpg

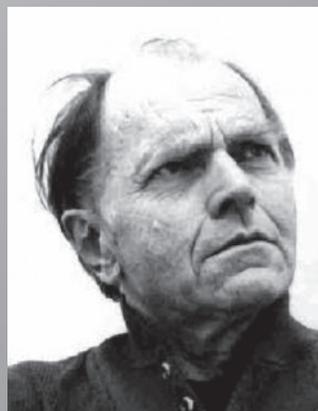
Imre Lakatos (Debrecen, 9 de novembro de 1922 – Londres, 2 de fevereiro de 1974): foi um filósofo da matemática e da ciência.



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Professor_Imre_Lakatos,_c1960s.jpg

Paul Feyerabend (Viena, 13 de janeiro de 1924 – Genolier, 11 de fevereiro de 1994):

foi um filósofo da ciência austríaco que viveu em diversos países, como Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Itália e Suíça. Feyerabend tornou-se famoso pela sua visão anarquista da ciência e por sua suposta rejeição da existência de regras metodológicas universais.



Fonte: <http://www.marxists.org/glossary/people/f/pics/feyerabe.jpg>

Para Thomas Kuhn o conhecimento científico não se desenvolve de modo cumulativo e contínuo, mas sim de forma descontínua, por saltos qualitativos, provocados principalmente por fatores externos, mas de forte impacto na prática científica, como os fatores de ordem econômica, política e tecnológica. Assim, de acordo com Kuhn, uma revolução científica significa a transferência de um paradigma a outro, ou seja, a transferência de uma nova concepção a respeito de um determinado fenômeno, um novo conjunto de regras, suposições teóricas e técnicas que orienta e dirige as atividades do grupo de cientistas dominantes.

Os paradigmas científicos, nesse sentido, são universalmente reconhecidos e aceitos, proporcionando, durante certo tempo, modelos e soluções para uma comunidade científica. A crise de um paradigma e a substituição por outro distinto é o que se caracteriza de revolução científica. Dentro do que se chama de “ciência normal”, ou seja, a ciência baseada na existência de comunidades científicas, os paradigmas obtêm seu status como tal, em função do seu êxito na resolução de problemas importantes. Os paradigmas passam a ser compartilhados pelos membros de uma comunidade científica, difundindo-se através de livros, artigos, eventos, relatórios ou por outros meios de difusão.

Em Geografia, embora não haja acordo com relação à aceitação dos paradigmas, é possível reconhecer, contudo, vários conjuntos de normas, valores, fatos significativos, métodos e teorias ao longo da história da Ciência Geográfica. Ou seja, é possível reconhecer várias Geografias.

Até 1950, por exemplo, vários geógrafos mencionam a existência de paradigmas, como: exploratório, ambientalista, regional, determinista, possibilista ou vidalino, a deriva continental e as placas tectônicas, a Geomorfologia de Davis, etc. Após os anos 1950, surgem outros paradigmas como: ciência espacial (ou análise locacional), quantitativo, comportamental, radical, humanístico, ambiental, etc. Vários geógrafos concordam com muitos desses paradigmas para explicar a Ciência Geográfica. Entretanto, o que

importa ressaltar é que cada paradigma indica uma forma nova do fazer geográfico, novas Geografias, orientadas por bases filosóficas e teóricas diferenciadas e metodologias de análise e pesquisa também diversificadas.

É o que veremos a seguir, após a realização da segunda atividade.



Atende ao objetivo 2

Com base no que acabamos de estudar, enumere as seguintes afirmativas de acordo com a coluna da esquerda. Após identificar as definições da coluna da esquerda, busque na internet o conceito de paradigma em três dicionários filosóficos online e apresente os conceitos encontrados.

a) Paradigma	() Padrões de estabelecimento da atividade científica, um modelo em grande escala para a atividade científica.
b) Paradigma científico	() Modelo que serve como exemplo a ser seguido. É um exemplo privilegiado ou um modelo que serve para pensar.
c) Paradigma em Geografia	() Paradigmas exploratório, ambientalista, regional, determinista, possibilista ou vidalino, quantitativo, comportamental, radical, humanístico, ambiental, etc.

Resposta comentada

A ordem correta é: b – a – c.



Sugestões de sites de dicionários filosóficos online:

Dicionário Escolar de Filosofia – <http://www.defnarede.com/>

Dicionário de Filosofia – <http://www.filosofia.com.br/dicionario.php>

Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano – <http://pt.scribd.com/doc/4776000/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-Abbagnano>

Sugestão de site de dicionário online de português:

Dicionário Online de Português – <http://www.dicio.com.br/>

Os principais paradigmas em Geografia

Embora nenhum dos exemplos indicados anteriormente tenha sido unanimemente aceito pelos geógrafos como um paradigma geográfico no sentido de Kuhn, eles têm uma grande história dentro da disciplina, coexistido mesmo com todas as divergências que apresentam. Alguns com mais força e expressão do que outros.

Vamos apresentar e explorar cinco grandes paradigmas geográficos de ampla aceitação pela comunidade científica da Geografia. Embora a influência desses paradigmas tenha sido registrada na Geografia Humana, verifica-se que os estudos desenvolvidos pela Geografia Física foram igualmente por eles impactados.

Conforme será visto, cada paradigma é orientado e definido por uma específica base filosófica, e sua prática de investigação é sustentada por um método dominante estabelecido na relação entre

o Empirismo e a prática da indução e o Racionalismo e a prática da dedução. São eles:

- a) Geografia Clássica: Positivismo Clássico (método indutivo e Empirismo).
- b) Geografia Lógico-formal: Neopositivismo (método dedutivo e Racionalismo).
- c) Geografia marxista: materialismo histórico dialético.
- d) Geografia Humanística: Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo.
- e) Paradigma ambiental e a Geografia: diálogo dos saberes.

Na realidade esses seis paradigmas representam tendências diferenciadas do fazer geográfico. Embora cada um tenha sido dominante em determinados períodos e países, é possível observar sobreposições ou mesmo interposições. Os quatro primeiros foram surgindo sucessivamente, desde a formação do campo científico geográfico. O paradigma ambiental emergiu posteriormente na final dos anos de 1980 e início dos 1990.

Vejamos agora um pouco mais sobre cada paradigma apenas a título introdutório, uma vez que cada um deles constituirá uma aula específica deste curso.

Geografia Clássica: Positivismo Clássico (método indutivo e Empirismo)

A Geografia Clássica, denominada também como Geografia Tradicional ou Geografia Empiricista, constituiu a base da Geografia institucionalizada. No campo científico geográfico seu domínio se estabeleceu entre 1870 e 1960. Entretanto, seu impacto foi muito maior, influenciando livros e atividades didáticas até o final da década de 1970, principalmente no Brasil.

A concepção de espaço absoluto, ou seja, um espaço possível de se definir por meio de um sistema de coordenadas cartesianas,

como latitude e longitude, dominava os estudos geográficos desse período. Assim, a atividade científica geográfica priorizava a observação e descrição de fenômenos variados presentes em um dado recorte da superfície terrestre.

É a Geografia descritiva, empírica, uma ciência caracterizada como sinônimo de superfície terrestre, totalmente influenciada pelo Positivismo Clássico, uma concepção filosófica e científica que surge no final do século XVIII e início do século XIX, estimulando pesquisas realizadas apenas a partir dos sentidos do homem, daquilo que o homem pudesse realmente observar e descrever no mundo material.

O estudo geográfico limitava-se, assim, aos aspectos visíveis da superfície terrestre e dos fenômenos. A atividade do geógrafo era essencialmente a coleta de dados, a descrição e omapeamento de informações, em geral, solicitadas por estrategistas, autoridades coloniais e pelos estados nacionais. Essa coleta era realizada a partir de estudos de campo em diversas áreas, com o objetivo de construir uma explicação mais geral dos fenômenos observados. Era então o domínio do método empiricista e indutivo na atividade científica em Geografia.

Foi a Geografia, guardando as devidas diferenças, empreendida por Humboldt e Ritter, pelas Escolas Alemã e Francesa do início do século XX, pelos norte-americanos e brasileiros até os anos de 1960.

Geografia Lógico-formal: Neopositivismo (método dedutivo e Racionalismo)

A Geografia Lógico-Formal recebeu várias denominações, como Geografia Teórica, Geografia Quantitativa, Geografia Modelística, Geografia Sistêmica, Geografia Neopositivista, Geografia Analítica, etc. Todas essas denominações apresentam a mesma essência: a atividade racional, o pensamento lógico e a matemática no estudo do espaço geográfico.

Surgiu após a Segunda Guerra Mundial como fruto do desenvolvimento técnico e da necessidade de planejamento espacial, ou seja, de projeção para o futuro, seja pela devastação causada pelo conflito ou pela necessidade de sustentar e expandir o capitalismo no mundo. O domínio do paradigma lógico-formal na Geografia perdurou até o final dos anos de 1970.

A concepção de espaço relativo, ou seja, aquele que depende diretamente da matéria, dos objetos, e está fortemente vinculado ao tempo e ao custo do deslocamento, predominou nos estudos geográficos desse período. Assim, a atividade científica geográfica priorizava como método o trabalho dentro dos escritórios a partir dos dados e informações levantados pelas atividades censitárias e tabuladas através dos computadores, que começavam a entrar na vida social. Partia-se de afirmações gerais, hipóteses, casos hipotéticos que pudessem explicar a dinâmica econômico-espacial e buscava-se uma confirmação em estudos de casos a partir dos dados e amostras censitárias, sobretudo.

É a Geografia dedutiva e racionalista, uma ciência caracterizada pelo estudo do tempo e dos custos dos diversos fluxos de mercadorias, constituindo a noção de espaço dinâmico. O espaço geográfico, então, passava a ser interpretado como um campo geométrico, no qual se valoram o mensurável, as superfícies, linhas e os nós, pontos de interseção e conexão dos fluxos. A partir da estatística, o geógrafo buscava elaborar e testar modelos espaciais, com o intuito de construir sistemas explicativos da dinâmica espacial. Uma Geografia dominada pela Filosofia Neopositivista ou Positivista Lógica, que promove no interior dessa ciência uma grande transformação teórica e metodológica.

O Neopositivismo, Positivismo Lógico ou Empirismo Lógico surge em Viena, em um grupo denominado Círculo de Viena, no início do século XX, como uma nova forma da Filosofia Positivista. A partir dele, buscava-se estabelecer uma linguagem científica unificada graças a uma lógica simbólica, uma verdadeira língua comum a todas as ciências. Abandona-se assim o real físico, o

estudo do mundo material através dos sentidos, em proveito de uma combinação de signos reduzindo a Filosofia á análise da expressão lógica.

Foi a Geografia criada e impulsionada pelo mundo anglo-saxão, especialmente pelos EUA. Destacam-se como os primeiros representantes do paradigma neopositivista em Geografia: Fred Schaefer, William Bunge, Brian Berry e Richard Chorley. Todos com formações em Economia, Matemática e Estatística. No Brasil, tem grande expressão entre os geógrafos atuantes, nos anos 1960 e 1970, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e no Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Rio Claro. Em termos didáticos, seu impacto foi muito pouco sentido nos Ensinos Fundamental e Médio.

Apesar da renovação operada na Geografia pelo paradigma neopositivista, especialmente pelo desenvolvimento teórico e conceitual que promoveu na disciplina, os estudos do espaço geográfico tornavam-se cada vez mais abstratos, desvinculados da realidade material. Isto é, nessa Geografia, o espaço era concebido apenas como matemático, excluindo as atividades e os eventos sociais, isto é, seu aspecto concreto, real e social.

Buscando operar com um espaço diferenciado, elaborado e constituído socialmente, a Geografia passaria, nos anos de 1980, a ser movimentada por outro paradigma, uma nova Geografia, a Geografia marxista, é o que veremos a seguir.

Geografia marxista: materialismo histórico dialético

A Geografia marxista, também denominada de Geografia Crítica ou Radical, tem sua base filosófica no materialismo histórico e dialético desenvolvido por Karl Marx entre 1840 e 1880. A essência deste paradigma em Geografia está no rompimento com o Positivismo e no entendimento do espaço geográfico como produto social.

A Geografia marxista surge na década de 1970, como fruto da reação neopositivista e da grande revolução política e cultural iniciada na década de 1960 no mundo ocidental. Reações ao sistema capitalista, as opções socialista e comunista tomavam força no cenário mundial.

Assim, passaram a proliferar movimentos radicais e críticos nas ciências sociais e, em particular, na Geografia. Esses movimentos revolucionários criticavam o pensamento reacionário e autoritário do passado e propunham um novo papel à ciência, um papel de denúncia e de luta social. Não podemos esquecer que, nos anos 1970, o processo de urbanização se estabelece fortemente, ampliando problemas sociais, econômicos e ambientais. Problemas que estarão associados à crise econômica mundial capitalista.

Em Geografia, uma nova forma de interpretação do espaço geográfico, a partir de uma nova metodologia, não mais sustentada no estudo empírico e indutivo ou no racionalista e dedutivo, passaria a ser estabelecida com a adoção do materialismo histórico e dialético. Assim, começaria a dominar na Geografia a concepção de espaço social, relacional, um espaço entendido pelas lutas e contradições sociais, em substituição ao espaço absoluto e relativo das Geografias Positivista e Neopositivista. O trabalho de investigação do geógrafo não estaria mais em descrever os lugares ou elaborar e aplicar modelos espaciais de desenvolvimento econômico, mas sim em revelar a essência da dinâmica e das desigualdades espaciais, a partir da relação constante e dialética entre empiria e teoria.

A Geografia marxista surge com expressão na França e se expande pela Europa e América de formas diferenciadas. No Brasil, o movimento foi se estabelecendo com força em finais da década de 1970 e início de 1980, quando o regime militar chegava ao fim. Geógrafos brasileiros e estrangeiros de grande participação na defesa da Geografia marxista podem aqui ser mencionados, como Yves Lacoste, David Harvey, Milton Santos, Horacio Capel, Edward Soja, Armando Correa da Silva, Ruy Moreira, Carlos Walter Porto Gonçalves, Antônio Carlos Robert Moraes. Em termos didáticos,

esse paradigma teve grande repercussão nos Ensinos Fundamental e Médio no Brasil, e ficou aqui conhecido como Geografia Crítica.

Paralelamente ao desenvolvimento da Geografia marxista, outra contracorrente ao Positivismo passaria a estar presente nos estudos geográficos, delimitando um novo paradigma, a Geografia Humanística, baseada nas Filosofias dos Significados, ou seja, a Fenomenologia, a Hermenêutica e o Existencialismo. Essa nova Geografia buscava recuperar a experiência pessoal e a centralidade do homem e sua subjetividade nas investigações geográficas. Embora não tenha sido um movimento dominante, marcou uma nova etapa da Geografia. É o que veremos agora.

Geografia Humanística: Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo

A Geografia Humanística, também conhecida como Geografia Humanista, surge a partir da adoção de filosofias que valorizam a consciência e a experiência pessoal como fontes de dados válidos sobre o mundo, como a Fenomenologia, a Hermenêutica e o Existencialismo, que surgem em finais do século XIX e se desdobram até a metade do século XX. Todas impugnam as abstrações positivistas e possibilitam novo ideal científico sustentado na revalorização do homem e do indivíduo, deslocando a atenção e observação dos objetos para o indivíduo, especialmente para os fenômenos e sentimentos que se colocam em sua consciência. A Geografia Humanística, assim, valoriza o estudo do mundo vivido pelo sujeito, do cotidiano em detrimento do mundo objetivo e abstrato da Geografia Positivista e Neopositivista.

Na realidade, se a perspectiva marxista na Geografia buscava sua efetivação no estudo e análise das dinâmicas sociais e sua relação com o espaço geográfico, a partir dos grupos e classes sociais, as abordagens fenomenológica, existencialista e hermenêutica, de formas diferenciadas, buscam valorizar o indivíduo, o sujeito, e seu sentimento sobre o mundo, sobre a

Geografia Material. A Geografia Humanística, assim, procura a compreensão dos fenômenos em detrimento de sua explicação, como preconizava a Geografia Positivista.

Contemporânea à Geografia marxista, a Geografia Humanística surge na década de 1970 e ganha expressão na década de 1990. Puxada inicialmente por Yi-Fu Tuan (sino-americano), Anne Buttimer (irlandesa e norte-americana), Edward Relph (canadense) e Armand Frémont (francês), a Geografia Humanística tem seu principal eixo de desenvolvimento no mundo norte-americano. No Brasil, destacam-se na década de 1990 os estudos desenvolvidos pelo geógrafo João Baptista Ferreira de Mello e pelo arquiteto Werther Holzer.

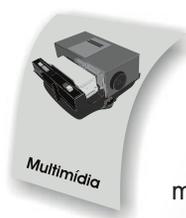
Em termos metodológicos, a Geografia Humanística se sustenta nas investigações a partir da observação, experiência e reflexão do cotidiano dos indivíduos, ou seja, do seu espaço vivido. Aqui também é importante a personalidade, a intuição, a experiência e a reflexão do pesquisador. Interpretações sobre literatura, arte e as diversas expressões culturais com o intuito de compreensão da essência humana constituem igualmente elementos do quadro metodológico da Geografia Humanística.

Do ponto de vista didático, a Geografia Humanística tem tido expressão na atualidade em função de trazer para formação e debate nos Ensinos Fundamental e Médio a experiência espacial do aluno a partir do seu cotidiano e do mundo vivido.

Desde finais do século XX, convivem na Geografia diferentes e novos modos de interpretação e investigação do espaço geográfico, diferentes e novos paradigmas e modelos teórico-metodológicos. A amplitude e o alcance desses paradigmas também não são mais os mesmos. As correntes pós-positivistas, como o Marxismo e a Fenomenologia, que sustentaram a Geografia marxista e a Geografia Humanística, respectivamente, não vão eliminar o Positivismo e o Neopositivismo em Geografia, ou seja, a Geografia Clássica e a Geografia Neopositivista. Mas vão apresentar outra perspectiva de

estudo e análise da Geografia Material, que ganham força frente aos inúmeros desafios e impactos da globalização (econômico, político, tecnológico, ambiental e cultural) nos lugares. Nesse sentido, o campo científico geográfico passou a ser movimentado a partir de modelos e padrões de estudos e pesquisa diversificados, convivendo simultaneamente. Na realidade, como já assinalava o geógrafo David Harvey, em *Condição pós-moderna* (1993, p. 48), o paradigma é substituído pelo sintagma, indicando composição e combinação.

Assim, estabeleceu-se a pluralidade teórico-metodológica na Geografia. Essa pluralidade é denominada por muitos geógrafos de Geografia Pós-moderna, ou seja, a convivência e o diálogo de correntes filosóficas distintas na Geografia, impulsionando diferentes Geografias, que a todo o momento ganham novos contornos. É nesse contexto que emergem e se renovam as investigações na Ciência Geográfica. O paradigma ambiental toma força e passa a ser polo de convergência de estudos realizados tanto pela Geografia Física como pela Geomorfologia, Biogeografia e Geoecologia e pela Geografia Humana, através dos estudos do turismo e patrimônio cultural. De fato, a antiga e histórica separação entre Geografia Física e Humana não tem se dado com a mesma intensidade de outrora.



Leituras recomendadas

Para aprender mais um pouco sobre os paradigmas geográficos e suas matrizes filosóficas:

- “A questão do método e a crítica do pensamento geográfico”, de Eliseu Saverio Sposito, p. 347-359, in: CASTRO, Iná E. et al. (Org.) *Redescobrimdo o Brasil: 500 anos depois*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Faperj, 1999, 389 p.

- *Geografia e Filosofia: contribuição à metodologia do ensino do pensamento geográfico*, de Eliseu Saverio Sposito, São Paulo: Unesp, 2004, 218 p. (Estudar especialmente o capítulo 1, “A questão do método e a crítica do conhecimento”, p. 24-72.)

Paradigma ambiental e a Geografia: diálogo dos saberes

Desde o estabelecimento da Geografia científica moderna, no século XIX, o ambientalismo foi uma de suas principais preocupações. Assim, os estudos sobre o ambiente não são novos na Geografia, mas a concepção de ambiente mudou muito, especialmente a partir da década de 1980. De uma noção puramente naturalista, que considerava o estudo ambiental delimitado apenas pela dinâmica natural, excluindo a intervenção e perspectiva social, a Geografia passou a incluir gradualmente a dinâmica social como parte fundamental para o estudo ambiental. Passou a não dissociar sociedade e natureza.

Esta mudança na forma de entendimento do ambiente esteve associada aos grandes impactos advindos do desenvolvimento econômico mundial e da globalização estabelecida em finais do século XX. Isto é, associa-se a crise ambiental que, como destaca Enrique Leff (2004, p. 19), representou a crise do conhecimento científico. A globalização tem promovido um acelerado processo de urbanização e degradação do meio ambiente, assim como grandes alterações que abrangem desde relações pessoais e de trabalho até novos cenários climáticos. A técnica passou a dominar não apenas a forma de comunicação entre pessoas, como também o território, conforme já assinalava Milton Santos em *Natureza do espaço* (1996).

Nesse sentido, a problemática ambiental atual obrigou a Geografia a encontrar e construir novas concepções teórico-metodológicas. Conforme nos diz Francisco Mendonça (2001, p. 117),

o envolvimento da sociedade e da natureza nos estudos emanados de problemáticas ambientais, nos quais o natural e o social são concebidos como elementos de um mesmo processo, resultou na construção de uma nova corrente do pensamento geográfico aqui denominada Geografia Socioambiental (MENDONÇA, 2001).

Geógrafos brasileiros como Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Carlos Walter Porto Gonçalves, Antônio Carlos Robert Moraes valem menção pela contribuição na mudança do tratamento da questão ambiental pela Geografia. Essa nova perspectiva ambiental alcançou e englobou áreas e estudos diversificados em Geografia, como: a área de Geografia Política e Geopolítica, os estudos de Bertha Becker sobre a Amazônia e sua biodiversidade; as atividades didáticas de educação ambiental dos professores de Geografia nos Ensinos Fundamental e Médio; as áreas de Geomorfologia e Hidrologia, através dos estudos de riscos e processos erosivos; as atividades econômicas nas áreas de turismo ecológico e preservação; os estudos de sustentabilidade das cidades e espaços rurais, de expressões culturais, geoprocessamento, saúde, etc.

Sob a temática ambiental, então, estão incluídas diferentes abordagens referentes não apenas às subáreas da Geografia, mas sobretudo às perspectivas teórico-metodológicas que ou se mesclam ou dialogam com muito mais frequência do que no passado. Filosofias Positivistas, Neopositivistas, Marxistas, Fenomenológicas são trazidas de formas diferenciadas para as investigações ambientais em Geografia.

A temática ambiental pode ser considerada como uma das sínteses possíveis da crise dos grandes modelos interpretativos da ciência, ou seja, dos grandes paradigmas científicos e sociais. O desafio colocado pelos problemas ambientais exige um conhecimento holístico, possível apenas a partir dos diferentes olhares dos campos científicos.

Assim, na atualidade, os desafios ambientais obrigam o diálogo e o contato de autores díspares na busca de soluções para

continuidade do homem no planeta. Esta situação cria, então, uma nova epistemologia, a epistemologia ambiental, baseada no constante diálogo dos saberes.

Nesse sentido, na atualidade, o paradigma ambiental tem tido enorme expressão entre as ciências e, especialmente, na Geografia. O ambiente é tratado tanto filosoficamente, de forma diferenciada, quanto a partir de abordagens teórico-metodológicas distintas.

Apesar da amplitude da temática ambiental, a pluralidade temática, filosófica, teórica e metodológica é observada no campo da Geografia. Há várias tendências de estudos geográficos convivendo e dialogando, não predominando como no passado um modelo, um padrão, um paradigma geográfico, e sim vários paradigmas. É a quebra do modelo, do paradigma universal e o estabelecimento da perspectiva sintagmática da composição, combinação e convivência da diversidade, sob o comando do sistema capitalista do atual mundo globalizado, denominados por alguns como “pós-modernidade científica”.



Atende ao objetivo 3

Apresente os cinco paradigmas geográficos e, a partir das informações dadas, continue o preenchimento do quadro “A Geografia institucionalizada”, a seguir, nos espaços das três colunas que estão indicados em laranja claro.

Quadro 4.1: A Geografia institucionalizada

Posição da Geografia entre as ciências	Período dominante	Bases filosóficas	Escolas e temas	Principais autores	Principais desdobramentos	Modelo metodológico	Denominações
Ciência da Natureza	1870/1950	Positivismo Clássico	Homem/Meio (ambientalismo naturalista)	- Humboldt e Ritter - Ratzel - La Blache - Hartshorne	- Determinismo Ambiental - Geografia Política - Possibilismo - Estudo Regional	Empirismo Clássico verdade = objeto (observação, descrição, comparação e classificação)	Geografia Clássica ou Tradicional
Ciência Espacial (economia espacial)	1950/1970		Locacional (estudo dos custos dos diversos fluxos de mercadorias)		- Geografia Quantitativa - Geografia Modelística ou Sistemática - Geografia da Percepção ou Comportamental	Empirismo Lógico (formalismo) verdade = "teoria" (matemática) - Construção de sistemas e modelos espaciais	
Ciência Social	1970		- Diferentes temas vinculados a questões sociais, movimentos sociais, desigualdades e injustiças socioespaciais - Diferentes temas vinculados à subjetividade		- Reconhecimento do caráter social do espaço - Revalorização da questão política - Valorização da perspectiva subjetiva	Materialismo histórico e dialético Prática/Teoria/Práxis objeto/teoria/objeto - Codificação Interno/ Externo (significado) verdade = sujeito	
Ciência Social	1985 em diante		- Geografia Ambiental e Geografia Pós-Moderna (não há um paradigma dominante)	- David Harvey - Edward Soja - Milton Santos	- Diferentes temas/correntes - A unidade se apresenta na valorização da dimensão e da abordagem espacial - Estudos objetivam investigar a nova relação espaço/tempo, em diferentes escalas de análise (local ao mundial)	Diversificação (pois está associado às bases filosóficas adotadas)	

Resposta comentada

Quadro 4.1: A Geografia institucionalizada

Posição da Geografia entre as ciências	Período dominante	Bases filosóficas	Escolas e temas	Principais autores	Principais desdobramentos	Modelo metodológico	Denominações
Ciência da Natureza	1870/1950	Positivismo Clássico	Homem/Meio (ambientalismo naturalista)	- Humboldt e Ritter - Ratzel - La Blache - Hartshorne	- Determinismo Ambiental - Geografia Política - Possibilismo - Estudo Regional	Empirismo Clássico verdade = objeto (observação, descrição, comparação e classificação)	Geografia Clássica ou Tradicional
Ciência Espacial (economia espacial)	1950/1970	Neopositivismo ou Positivismo Lógico	Locacional (estudo dos custos dos diversos fluxos de mercadorias)	- Fred Schaefer - William Bunge - Brian Berry - Richard Chorley - David Harvey	- Geografia Quantitativa - Geografia Modelística ou Sistemática - Geografia da Percepção ou Comportamental	Empirismo Lógico (formalismo) verdade = "teoria" (matemática) - Construção de sistemas e modelos espaciais	New Geography (Neopositivista, Quantitativa)
Ciência Social	1970	Marxismo	- Diferentes temas vinculados a questões sociais, movimentos sociais, desigualdades e injustiças socioespaciais. - Diferentes temas vinculados à subjetividade	- David Harvey - Yves Lacoste - Milton Santos - Horacio Capel - Edward Soja, - Armando Correa da Silva - Ruy Moreira - Carlos Walter Porto Gonçalves - Antônio Carlos Robert Moraes - Yi-Fu Tuan - Anne Buttimer - Edward Relph - Armand Frémont - João Baptista Ferreira de Mello - Werner Holzer	- Reconhecimento do caráter social do espaço - Revalorização da questão política - Valorização da perspectiva subjetiva	Materialismo histórico e dialético Prática/Teoria/Praxis objeto/teoria/objeto - Codificação Interno/ Externo (significado) verdade = sujeito	As geografias radicais (Crítica ou marxista) (Humanística)
Ciência Social	1985 em diante	Paradigma Ambiental e Pós-modernidade Diferentes bases filosóficas, teóricas (sinagma - Eclesiismo)	- Geografia Ambiental e Geografia Pós-Moderna (não há um paradigma dominante)	- Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro - Carlos Walter Porto Gonçalves - Antônio Carlos Robert Moraes - David Harvey - Edward Soja - Milton Santos	- Diferentes temas/correntes - A unidade se apresenta na valorização da dimensão e da abordagem espacial - Estudos objetivam investigar a nova relação espaço/tempo, em diferentes escalas de análise (local ao mundial)	Diversificação (pois está associado às bases filosóficas adotadas)	Ambientalismo Pós-modernidade e Geografia (indica Eclesiismo e relativismo, ou seja, o paradigma sintagmático; convivem múltiplas bases teórico-metodológicas em função da complexidade contemporânea e seus desafios para as ciências)

Geografia Clássica; Geografia Neopositivista; Geografia marxista; Geografia Humanística; Geografia Ambiental. As respostas completas estão destacadas na tabela anterior.

CONCLUSÃO

Esta foi uma aula muito importante. Vocês podem e devem retornar a ela com frequência, mesmo que estejam no final do curso.

Vimos na primeira parte a definição do campo de estudo da Metodologia da Geografia e seus principais elementos. Em seguida, foram apresentadas as concepções de paradigma, paradigma científico e paradigma em Geografia.

E, por último, estudamos os cinco paradigmas geográficos:

- positivista,
- neopositivista,
- marxista,
- humanista,
- ambiental.

Apontamos também para a diversidade e o ecletismo teórico-metodológico, característico da pós-modernidade na ciência.

Atividade final

Correlacione as imagens a seguir com as definições dos cinco paradigmas geográficos. Cada imagem apresenta uma aproximação com relação aos modelos de investigação apontados.

Imagem 1



Fonte: <http://latuscultus.blogspot.com.br/2010/08/o-positivismo.html>

Imagem 2



Figuras 4.1 e 4.2: Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache.

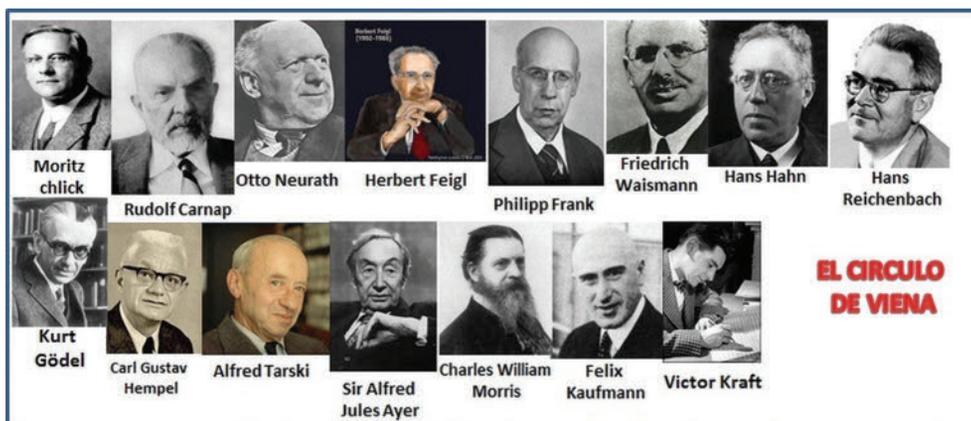
Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Ratzel;
http://pt.wikipedia.org/wiki/Vidal_de_La_Blache

Imagem 3



Figura 4.3: Poluição ambiental em um mundo global.

Imagem 4



Fonte: <http://healthymotions.wordpress.com/2012/06/30/el-circulo-de-viena/>

Imagem 5

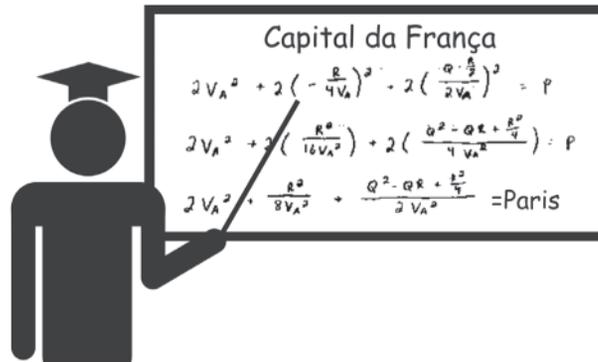


Figura 4.4: Geografia matemática – o professor de Geografia ensinando a geografia por fórmulas matemáticas.

Imagem 6



Figura 4.5: Desigualdade econômica e política no Brasil – denúncia.

Imagem 7



Figura 4.6: Favela do morro Dona Marta – Rio de Janeiro/RJ.

Imagem 8



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/severo/382167954/sizes/m/in/photostream/>

Imagem 11



Figura 4.9: Globalização e meio ambiente e o impacto do capitalismo, comprando áreas de reserva.

Imagem 12



Carla Souza

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/crlnh/67137873/sizes/m/in/photostream/>



Carla Souza

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/crlnh/70100418/sizes/m/in/photostream/>

Imagem 13



Figura 4.10: Poluição ambiental em um mundo global.

Imagem 14



São Paulo Urgente

Figura 4.11: Depósito clandestino de resíduos.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/saopaulourgente/3840099746/sizes/m/in/photostream/>

Paradigmas geográficos:

- a) Geografia Clássica: Positivismo Clássico (método indutivo e Empirismo)
- b) Geografia Lógico-formal: Neopositivismo (método dedutivo e Racionalismo)
- c) Geografia marxista: materialismo histórico dialético
- d) Geografia Humanística: Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo
- e) Paradigma ambiental e a Geografia: diálogo dos saberes

Resposta comentada

- a) Geografia Clássica: Positivismo Clássico (método indutivo e Empirismo) – Imagens 1 e 2;
- b) Geografia Lógico-formal: Neopositivismo (método dedutivo e Racionalismo) – Imagens 4 e 5;

- c) Geografia marxista: materialismo histórico dialético – Imagens 6, 7 e 8;
 - d) Geografia Humanística: Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo – Imagens 9 e 10;
 - e) Paradigma ambiental e a Geografia: diálogo dos saberes – Imagens 3, 11, 12, 13 e 14.
-

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- Delimitação do campo de estudo da Metodologia da Geografia.
- Definição de paradigma, paradigma científico e paradigma na Geografia.
- Os principais paradigmas geográficos.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos apresentar, discutir e exemplificar métodos de interpretação e de pesquisa. Nas aulas subsequentes, trataremos especificamente de tais métodos na Geografia.

Não é demais lembrar que as cinco primeiras aulas do curso apresentam o campo de estudo da disciplina e sua base histórica, filosófica e conceitual. Até lá!

Aula 5

Métodos de interpretação e pesquisa em Geografia

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Aprofundar, discutir e exemplificar os conceitos de método de interpretação e método de pesquisa. Identificar os principais métodos de interpretação e de pesquisa utilizados na ciência geográfica.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender a importância da decomposição do método, entre interpretação e pesquisa;
2. definir método de interpretação e identificar os principais métodos de interpretação em Geografia;
3. definir método de pesquisa e identificar os principais métodos de pesquisa em Geografia.

INTRODUÇÃO

Desde a primeira aula deste curso, com o intuito de demonstrar o significado e o universo da metodologia científica, considerações sobre método de interpretação e método pesquisa vêm sendo apresentadas. Vamos agora aprofundar ambos os conceitos, aplicá-los e exemplificá-los na Geografia.

Em primeiro lugar, vale lembrar que, em nossa última aula, estudamos o significado de paradigma e os principais paradigmas em Geografia. Conforme vimos, cada paradigma geográfico foi movimentado por uma base filosófica predominante e um conjunto também dominante de teorias, técnicas, valores, problemas, metáforas, etc., aceitos e compartilhados por geógrafos e profissionais do campo científico geográfico em determinada época. Assim, cada paradigma em Geografia, ou seja, cada modelo/padrão científico geográfico, corresponde a um determinado método de interpretação, que por sua vez, utiliza e põe em movimento métodos de pesquisa variados.

Nesse sentido, para iniciarmos a aula de hoje, é importante salientar esta associação entre paradigmas em Geografia e métodos de interpretação e pesquisa, uma vez que cada paradigma é orientado e definido por uma específica base filosófica e sua prática de investigação é sustentada por um método dominante (método de interpretação), estabelecido na relação entre o Empirismo e a prática da indução e o Racionalismo e a prática da dedução.

A chamada Geografia Clássica foi orientada pelo método de interpretação positivista clássico, indutivo e empirista; a Geografia Lógico-formal, pelo método de interpretação neopositivista, dedutivo e racionalista; a Geografia marxista, pelo método de interpretação materialista histórico e dialético, associando empiria (prática) e dedução (teoria); a Geografia Humanística, pelas filosofias do significado, contemplativa e elaborada empiricamente, no mundo vivido, no estudo do cotidiano e nas interpretações das expressões

culturais. O paradigma ambiental, fruto da crise desses grandes modelos interpretativos, tem sido orientado por diversos métodos interpretativos resultantes do diálogo dos saberes e de abordagens teórico-metodológicas distintas. Assuntos que serão tratados a partir da próxima aula.

Vejamos agora o conteúdo de nossa aula: método de interpretação e método de pesquisa. Antes de apresentar esses conceitos e aprofundar essa distinção, vamos entender sua importância para a Geografia e os motivos que levaram a decomposição do método entre interpretação e pesquisa.

Importância da distinção entre método de interpretação e método de pesquisa

Na Geografia, no Brasil da década de 1980, dois grandes geógrafos, Robert de Moraes e Wanderley Costa, da Universidade de São Paulo, foram responsáveis por introduzir a distinção entre método de interpretação e método de pesquisa. Esta distinção foi trazida para o debate geográfico brasileiro com o intuito de demonstrar que os processos de investigação científica não estavam isentos dos propósitos políticos, ideológicos e filosóficos do pesquisador. Ou seja, foi trazida com a intenção de combater a ideia dominante, naquele momento, da neutralidade científica no processo de investigação geográfico, como pregavam os cientistas positivistas. A produção do conhecimento científico é tão movimentada pelas formas interpretativas e pelos interesses políticos e econômicos quanto qualquer outro campo de conhecimento ou expressão, como o cultural ou o artístico, por exemplo.

Assim, para denunciar a não existência da neutralidade científica e combater essa fonte de grandes equívocos na pesquisa em Geografia, esses geógrafos insistiram em explicitar a distinção entre método de interpretação e método de pesquisa, com a publicação do livro *Geografia crítica: a valorização do espaço*. Nesta obra, os autores defendem a importância da discussão metodológica em

Geografia e, de forma direta e clara, anunciam suas proposições metodológicas, fundamentadas no método de interpretação do materialismo histórico e dialético. Será a partir das contribuições desses autores que vamos agora nos orientar.

A distinção acima efetuada é muito importante, pois a confusão entre as duas definições mencionadas pode gerar graves equívocos. O principal deles seria o de mascarar a existência da diversidade de métodos interpretativos. Algumas abordagens ligadas à orientação neopositivista insistem em se proclamar como as únicas “científicas”, colocando todas as outras perspectivas de interpretação como subjetivistas, metafísicas ou ideológicas. [...] Outro equívoco [...] seria o de rotular um dado trabalho, baseando-se apenas na metodologia de pesquisa ali empregada. [...] As técnicas de análise são um patrimônio comum da ciência e estão em constante aprimoramento. O uso de uma determinada técnica não define as diretrizes interpretativas de uma pesquisa e muito menos o perfil ideológico do pesquisador (MORAES; COSTA, 1987, p. 27-28).

A distinção entre método de interpretação e método de pesquisa, ou seja, entre bases filosóficas e técnicas empregadas, então, é fundamental para todo o processo de investigação, uma vez que deixa clara a posição assumida pelo pesquisador e seus propósitos mais importantes.

A explicitação da posição assumida representa a garantia de coerência no percurso, pois revela o controle lógico e a consciência que o pesquisador tem dos instrumentos de seu trabalho. Não optar significa deixar vagos os pressupostos fundamentais e as posturas basilares da proposta a ser construída (MORAES; COSTA, 1987, p. 29-30).

Cada opção metodológica, ao se sustentar em um sistema filosófico específico, ou seja, em linha de pensamento dominante, fornece ao pesquisador uma lógica e orientações com relação

ao real e ao próprio conhecimento, fornece também uma visão e percepção da realidade, da História e do espaço geográfico. Por, isso se torna também muito importante não apenas compreender a distinção entre método de interpretação e método de pesquisa, mas sobretudo conhecer as obras clássicas e os autores que serão utilizados como referências interpretativas, para que a técnica possa ser melhor empregada no processo da pesquisa.



Atende ao objetivo 1

A partir do que vimos, apresente quatro motivos que tornam fundamental a decomposição do método e a distinção entre método de interpretação e método de pesquisa.

Resposta comentada

- Demonstrar que os processos de investigação científica não são isentos dos propósitos políticos, ideológicos e filosóficos do pesquisador. Ou seja, combater a ideia da neutralidade científica no processo de investigação.
- Demonstrar a existência de diversos métodos interpretativos no processo científico.

- Não rotular um dado trabalho, baseando-se apenas na metodologia de pesquisa ali empregada, ou seja, nas técnicas de análise empregadas.
 - Deixar clara a posição assumida pelo pesquisador e seus propósitos mais importantes.
-

Métodos de interpretação

Quando falamos de método de interpretação, estamos nos referindo à forma de entendimento das coisas, dos lugares, das pessoas, etc. Assim, método de interpretação está diretamente ligado à percepção e à compreensão de mundo do sujeito, que são construídas pelas referências socioculturais e espaciais, adquiridas e vividas cotidianamente. Podemos dizer que o método de interpretação refere-se à concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade e da ciência. É a forma de ver o real e de representar lógica e racionalmente o mundo e a vida. É a concepção política, ideologia e filosófica do pesquisador.

Observe esta definição de método de interpretação, conforme Antonio Carlos Robert Moraes e Wanderley Messias da Costa:

Método de interpretação diz respeito à concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade, da ciência, do movimento, etc. É a sistematização das formas de ver o real, a representação lógica e racional do entendimento que se tem do mundo e da vida. O método de interpretação refere-se, assim, a posturas filosóficas, ao posicionamento quanto às questões da lógica e, por que não dizer, à ideologia e à posição política do cientista. O método é, nesse sentido, o elemento de relação entre os vários campos da ciência e de cada um com a Filosofia. Pode-se dizer que ele é o arcabouço estrutural sobre o qual repousa qualquer conhecimento científico. Mesmo a postura da negação ao

método é a exteriorização de uma posição metodológica. Concluindo, método de interpretação é uma concepção de mundo normatizada e orientada para a condução da pesquisa científica; é a aplicação de um sistema filosófico ao trabalho da ciência (MORAES; COSTA, 1987, p. 26-27).

Nesse sentido, método de interpretação indica tanto a percepção e interpretação de mundo do pesquisador quanto sua forma de atuar e se posicionar no mundo. Seus valores morais e princípios éticos, suas opções políticas e ideológicas, suas referências culturais e intelectuais, suas trajetórias histórico-espaciais, assim como a matriz filosófica que lhe serve de base e orientação, compõem e explicam o método de interpretação do pesquisador. Na realidade, a tomada de conhecimento desse conjunto de variáveis que compõe o método de interpretação possibilita o melhor entendimento dos propósitos da pesquisa e a quebra da neutralidade científica do pesquisador, isto é, possibilita a humanização da pesquisa e do pesquisador.

Descobrir e estudar as matrizes filosóficas dos pesquisadores são, nesse sentido, tarefas fundamentais para o melhor entendimento dos seus eixos interpretativos e das suas intencionalidades no processo da investigação científica.

Métodos de interpretação em Geografia

A ciência geográfica moderna, estabelecida em finais do século XIX no mundo europeu e início do século XX no americano, foi impulsionada pela Filosofia Positivista, que teve na obra de Auguste Comte sua grande referência. A primeira corrente de pensamento dominante na ciência geográfica foi, então, a positivista. Esta influenciou os geógrafos do período e orientou suas bases teóricas e interpretativas. Essa primeira corrente da Geografia denominou-se Geografia Tradicional ou Geografia Positivista Clássica. A segunda grande corrente filosófica que dominou os estudos geográficos a partir da década de 1950 foi a neopositivista ou positivista lógica,

que teve sua fonte nos filósofos da Escola de Viena. A Geografia passou, então, a ser denominada de Geografia Neopositivista ou, no caso brasileiro, de Geografia Pragmática. A terceira base filosófica foi a Filosofia Marxista, estruturada a partir dos escritos e interpretações de Karl Marx, que deu origem à Geografia marxista, Radical ou Crítica. A quarta base filosófica se estabeleceu a partir das filosofias dos significados, associadas ao Existencialismo, à Fenomenologia e à Hermenêutica, e marcou a Geografia Humanística. O movimento mais recente na ciência geográfica, em função dos grandes desafios do mundo na atualidade, não é marcado pelo domínio de uma única base filosófica, ou seja, de uma filosofia dominante como no passado. Não apenas vários geógrafos com bases filosóficas distintas convivem entre si como também várias bases filosóficas constituem referências para muitos geógrafos. Esse ecletismo filosófico na ciência geográfica foi denominado por vários geógrafos como Geografias Pós-modernas.

Assim, como pode ser notado a partir do que estudamos em nossa última aula, cada corrente filosófica estabeleceu um determinado paradigma geográfico. Assunto que será detalhado a partir da próxima aula.

Por ora, basta entendermos que em cada corrente filosófica e em cada corrente geográfica há formas de conceber o mundo e a pesquisa científica. Vamos agora apenas apontar alguns exemplos de correntes filosóficas mencionadas, que serão desenvolvidas mais adiante.

• **Filosofia Positivista Clássica**

No estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as suas causas íntimas, para descobrir, graças ao raciocínio e à observação, suas leis efetivas [...] suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos resume-se de agora em diante na ligação estabelecida entre diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais (COMTE, 1978).

De acordo com Auguste Comte, cinco são as acepções para a palavra "positivo". A primeira designa o *real* em oposição ao *quimérico*. Isto significa que o espírito humano deve investigar sobre o que é possível conhecer, eliminando a busca das causas últimas ou primeiras das coisas. O positivo é um estado sobre o *útil* ao invés do *ocioso*. Nada que não seja destinado ao aperfeiçoamento individual ou coletivo deve ficar de lado. A Filosofia Positiva deve guiar o ser humano para a *certeza*, distanciando-o da *indecisão*; deve elevá-lo ao *preciso*, eliminando o *vago*, tão característico da Filosofia tradicional. A quinta acepção do vocábulo "positivo" aparece como contrária a *negativo*. Assim, a Filosofia tem por objetivo não destruir, mas *organizar*.

O Positivismo de Augusto Comte sustentou-se sobre duas premissas essenciais: 1) A sociedade pode ser comparada à natureza; na vida social reina uma harmonia natural. 2) A sociedade é regida por leis naturais, ou seja, invariáveis e independentes da vontade e ação humanas.

Implicações ideológicas conservadoras são evidentes nesta concepção, sendo as leis sociais, leis naturais; a sociedade não pode ser transformada. O Positivismo enaltece a aceitação passiva do ambiente social.

A palavra "positivo" é empregada por Comte para opor-se às teorias negativas, críticas da Revolução Francesa e do Socialismo.



Auguste Comte (1798-1857): filósofo francês, uma das suas principais realizações foi a criação da corrente de pensamento chamada Positivismo, corrente filosófica que prega o método científico como única forma de chegar ao conhecimento. O pensamento positivista pregava um modelo de sociedade organizada, na qual o poder espiritual não teria mais importância, tendo os sábios e cientistas a primazia nas decisões.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Auguste_Comte.jpg

• Filosofia Neopositivista

Existe uma ordem subjacente ao aparente caos da realidade, mas somente a descobriremos se estivermos armados de teorias. Estas são, portanto, a chave da realidade. O objetivo tem que ser sua elaboração, e não o recolhimento de dados ou a realização de observações. É da teoria de onde se partem todas as formulações de hipóteses que podem ou não ser verificadas mediante a investigação empírica.

• Filosofia Marxista, o materialismo histórico dialético

O *materialismo dialético*, não é como o tradicional, reducionista. Não reduz as ideias à matéria, afirmando sua identidade final. Sustenta dialeticamente que o material e o ideal são diferentes – na realidade, opostos, mas existem dentro de uma unidade na qual o material é básico e primordial. A matéria pode existir sem espírito, mas o inverso não pode ocorrer. O espírito originou-se da matéria e dela continua dependente. O *materialismo histórico* é a concepção materialista da História que constitui um aspecto particular do materialismo dialético. Insistindo na importância do fator econômico na existência humana, o materialismo histórico afirma que a luta de classes – que é resultante das relações econômicas entre os homens – atravessa a História. Todavia, essa infraestrutura econômica não determina de forma mecânica a evolução das superestruturas. Deve-se, ao contrário, pensar em suas ações como recíprocas; a base econômica permanecendo, apesar de tudo, determinante em última instância.

A teoria do conhecimento de Marx é centrada no conceito de “práxis”, que, de modo simples, significa prática, um agir estabelecido entre o pensar e o fazer, ou seja, como resultado dialético do confronto entre o pensar e o fazer e sempre incorporar algo de ambos. A práxis é, para Marx, uma atividade humana prático-crítica que nasce das relações entre sociedade e natureza. A práxis expressa, assim, tanto o poder do homem em transformar o meio externo quanto a atuação deste sobre o homem.

Pode-se caracterizar as considerações metodológicas a partir do esquema esboçado a seguir:



A prática é o ponto de vista primeiro e fundamental da teoria materialista marxista do conhecimento.

• **As Filosofias dos Significados, o exemplo da Fenomenologia**

A Fenomenologia busca, antes de tudo, o significado e a revelação da essência através da busca da consciência pura. As essências não podem ser concluídas a partir dos fatos, mas através de um esforço de pensamento que se exerce sobre o fenômeno cujo sentido se busca. Será por um esforço mental que se conhecerá a essência, o ser fundamental.



Atende ao objetivo 2

A partir do que vimos e com base no trecho a seguir, apresente as principais variáveis que compõem o método de interpretação e aponte pelo menos um exemplo de um método de interpretação importante na ciência geográfica moderna.

Cada matriz filosófica apresenta caminhos interpretativos específicos para seu entendimento e sua atuação no mundo. Na atividade científica, o conhecimento da perspectiva filosófica do pesquisador possibilita uma compreensão maior dos caminhos de sua investigação.

Resposta comentada

Principais variáveis: a percepção e interpretação de mundo do pesquisador; a forma de atuar e o posicionamento no mundo; valores morais e princípios éticos; opções políticas e ideológicas; referências culturais e intelectuais; trajetórias histórico-espaciais; matriz filosófica.

Método de Interpretação (exemplos): 1. Positivismo Clássico e a Geografia Tradicional; ou 2. Positivismo Lógico e a Geografia Neopositivista; ou 3. Marxismo e a Geografia Crítica; ou 4. Fenomenologia e a Geografia Humanística; ou 5. Ecletismo e a Geografia Pós-Moderna.

Métodos de pesquisa

Os métodos de pesquisa indicam as atividades práticas e empíricas de uma investigação. Segundo Robert de Moraes e Wanderley Costa (1987), o método de pesquisa relaciona-se ao conjunto de técnicas utilizadas em uma dada investigação, portanto, associa-se às operações mais objetivas e operacionais da pesquisa:

[...] o método de pesquisa refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. Relaciona-se, assim, mais aos problemas operacionais da pesquisa do que aos seus fundamentos filosóficos. Pode-se dizer que a utilização de um método de pesquisa não implica diretamente posicionamentos políticos ou concepções existenciais do pesquisador, resultando muito mais das demandas do objeto tratado e dos recursos técnicos de que dispõe (MORAES; COSTA, 1987, p. 27).

Assim, um mesmo conjunto de métodos de pesquisa pode ser utilizado por diferentes métodos de interpretação:

[...] a opção por uma metodologia de pesquisa não define, a priori, os resultados interpretativos do trabalho executado. Estudos orientados por diferentes métodos de interpretação podem fazer uso da mesma metodologia de pesquisa. [...] As técnicas são um patrimônio comum da ciência e estão em constante aprimoramento. O uso de uma determinada técnica não define as diretrizes interpretativas de uma pesquisa e

muito menos o perfil ideológico do pesquisador (MORAES; COSTA, 1987, p. 28-29).

O método de pesquisa, assim, refere-se ao plano de trabalho e às etapas de execução de uma pesquisa, isto é, aos procedimentos práticos, técnicos e instrumentais de uma investigação, às atividades estabelecidas, às técnicas e aos instrumentos utilizados para a realização da pesquisa.

Algumas atividades são fundamentais para a investigação científica, não apenas em Geografia, mas em todas as áreas, tais como: 1) levantamento bibliográfico e documental (com o objetivo de conhecer as referências teóricas e empíricas do tema investigado); 2) levantamento, recolhimento e organização de dados, informações e imagens; 3) organização e classificação e descrição do material levantado; 4) elaboração de quadros, tabelas e gráficos.

Como pôde ser visto, o método de pesquisa refere-se à dimensão técnica e instrumental da atividade investigativa.

Métodos de pesquisa em Geografia

Ao longo da história da ciência geográfica, vários métodos de pesquisa têm sido utilizados. Estes estão relacionados não apenas ao desenvolvimento da Geografia, mas sobretudo ao desenvolvimento das técnicas e da tecnologia, que interferem diretamente nas formas de expressão do material levantado, assim como na captação de imagens.

Todo esse desenvolvimento técnico tem tido grande impacto nos estudos e pesquisas geográficas, a ponto de Horacio Capel, assim como outros geógrafos, anexar um último capítulo à edição ampliada de seu famoso livro *Filosofía y Ciencia en Geografía Contemporánea*, de 2012, denominado “Nuevas Geografías e Neogeografía”. Nele, o autor apresenta o surgimento do termo “neogeografía” e analisa o desenvolvimento e uso dos computadores, da internet e da telefonia móvel na produção intelectual da Geografia.

Por ora nos interessa apenas apontar algumas técnicas e alguns procedimentos que constituem os métodos de pesquisa mais utilizados pela ciência geográfica. Estes serão mencionados a seguir. Vale a pena, contudo, uma observação: a apresentação e análise dos métodos de pesquisa estão diretamente ligadas à forma de interpretação do pesquisador, ou seja, ao método interpretativo. Embora constituam conjuntos autônomos e diferenciados, a relação é dialética. Um conjunto interfere em outro.

Algumas técnicas e alguns procedimentos da pesquisa em Geografia

- *Fontes de pesquisa:* bibliográfica, documental, iconográfica e de campo.
- *Lugares de pesquisa:* instituições, sites e lugares visitados para realização do trabalho de campo.
- *Trabalho de campo:* coleta de dados e informações (dinâmica da natureza e dinâmica social); observação da área; entrevistas com a população, líderes, gestores, etc.; aplicação de questionários com perguntas objetivas (questionário fechado) e subjetivas (questionário aberto), etc.
- *Trabalho no gabinete de pesquisa:* pesquisa e análise bibliográfica e documental; tabulação dos dados (confecção de banco de dados, de tabelas, quadros, gráficos, índices, amostras, mapas, etc.); utilização de mapas, do sensoriamento remoto, da web, do Google e das redes sociais.

Em nossas últimas aulas da disciplina, dedicadas ao estudo dos projetos de pesquisa em Geografia desenvolvidos na graduação, nos aprofundaremos em algumas dessas técnicas e em alguns desses procedimentos da pesquisa em Geografia.



Para vocês começarem a conhecer alguns lugares importantes de pesquisa, seguem alguns *sites*:

Bibliotecas	Geoprocessamento
www.usp.br/sibi/	http://www.ndc.uff.br/
http://www.rsirius.uerj.br/	http://www.dbd.puc-rio.br/
http://www.ibge.gov.br/home/	http://www.minerva.ufrj.br
http://www.inpe.br/	http://www.mma.gov.br/governanca-ambiental/geoprocessamento
http://www.viconsaga.com.br/lageop/index.php	http://lagepro.wordpress.com/
http://www.painelglobal.com.br/	http://mundogeo.com/



Atende ao objetivo 3

Defina método de pesquisa e mencione alguns exemplos em Geografia.

Resposta comentada

Método de pesquisa: refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo; relaciona-se aos problemas operacionais da pesquisa e não aos seus fundamentos filosóficos.

Exemplos: coleta de dados realizada no trabalho de campo; levantamento de imagens; confecção de mapas; organização de quadros e tabelas; levantamento documental e bibliográfico; etc.

CONCLUSÃO

Vimos na primeira parte desta aula a importância da decomposição do método entre interpretação e pesquisa. Em seguida, apresentamos a definição de método de interpretação e identificamos os principais métodos de interpretação em Geografia. Por último, definimos método de pesquisa e apontamos os principais métodos de pesquisa em Geografia.

Atividade final

Vimos que a metodologia científica é composta por dois conjuntos diferenciados: o método de interpretação – aquele que se refere à dimensão filosófica e ideológica do pesquisador – e o método de pesquisa – o que indica a dimensão técnica da pesquisa. A metodologia científica, assim, articula essas duas dimensões. O exercício a seguir ajuda a consolidar o conteúdo aqui trabalhado. Classifique os cinco exemplos entre método de interpretação e método de pesquisa, colocando entre os parênteses “I” para *interpretação* e “P” para *pesquisa*.

1. () Para Marx, o capitalismo é essencialmente desumano em sua prática e, por isso, ele deve ser superado, uma vez que tem em sua essência a exploração do homem pelo homem.
2. () O processamento eletrônico de dados georreferenciados constitui elementos importantes da técnica do geoprocessamento, que, por sua vez, é bastante útil para a informação sobre o meio ambiente e para a pesquisa em Geografia.
3. () Segundo os resultados do Censo Demográfico 2010, do IBGE, a população do Brasil alcançou 190.755.799 habitantes. Assim, em 50 anos, a população brasileira quase triplicou: em 1960, eram 70.992.343; em 1970, 94.508.583; em 1980, 121.150.573; em 1991, 146.017.457; em 1991, 169.590.693.
4. () Com a expansão do capitalismo e da sociedade de consumo, muitos problemas ambientais estão sendo desencadeados em todo o mundo; um deles é o aquecimento global. Devemos refletir mais sobre que sociedade e que mundo desejamos e por qual modelo econômico deveremos lutar.
5. () O estado do Rio de Janeiro compõe, com os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, a Região Sudeste do Brasil. Possuindo uma área de 46.696 km², o estado do Rio se localiza a 22° 54' S 43° 10' W. Suas cidades mais populosas são: Rio de Janeiro (6,3 milhões de habitantes), São Gonçalo (1 milhão) e Duque de Caxias (861 mil).

Resposta comentada

1. I – Método de interpretação, ideologia marxista.
 2. P – Método de pesquisa, técnicas do geoprocessamento.
 3. P – Método de pesquisa, descrição da pesquisa do Censo Demográfico.
 4. I – Método de interpretação, questionamento filosófico do mundo que desejamos.
 5. P – Método de pesquisa, informações sobre a localização do estado do Rio de Janeiro e suas cidades mais populosas.
-

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- A importância da distinção entre métodos de interpretação e pesquisa.
- Métodos de interpretação e pesquisa: definição e exemplos.
- Métodos de interpretação e pesquisa em Geografia.

Informação sobre a próxima aula

Nas próximas aulas, vamos aprofundar os principais paradigmas da Geografia expostos na quarta aula e analisaremos a dinâmica metodológica de cada um deles. Na primeira aula, trataremos da Geografia Positivista Clássica. As outras quatro aulas serão sobre a Geografia Neopositivista, a Geografia marxista, a Geografia Humanística e a Epistemologia Ambiental. Até lá!

Aula 6

Geografia Clássica
ou Tradicional:
Positivismo
Clássico e
Historicismo
(método indutivo
e empirismo)

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia Clássica ou Tradicional, a partir da abordagem metodológica. Conceituar e discutir Positivismo Clássico e Historicismo, correlacionando-os ao método indutivo e ao empirismo.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir Positivismo Clássico e Historicismo;
2. relacionar o Positivismo e o Historicismo ao método indutivo e empirista e à Geografia Clássica.

INTRODUÇÃO

A partir desta aula, serão apresentados os principais paradigmas da Geografia e suas bases filosóficas e metodológicas, buscando alguns exemplos na produção intelectual da Geografia. Serão explorados cinco grandes eixos ou paradigmas da Geografia: 1) A Geografia Clássica ou Tradicional; 2) A Geografia Lógico-formal; 3) A Geografia marxista; 4) A Geografia Humanística; 5) A Epistemologia Ambiental. Cada eixo corresponde a duas aulas.

Em primeiro lugar, vale lembrar que estudamos o significado de paradigma e os principais paradigmas em Geografia. Conforme vimos, cada paradigma geográfico foi movimentado por uma base filosófica predominante e um conjunto também dominante de teorias, técnicas, valores, problemas, metáforas etc., aceitos e compartilhados por geógrafos e profissionais do campo científico geográfico em determinada época. Assim, cada paradigma em Geografia, ou seja, cada modelo/padrão científico geográfico corresponde a um método de interpretação dominante, que, por sua vez, utiliza e põe em movimento métodos de pesquisa variados.

Nesse sentido, para iniciarmos a aula de hoje, é importante salientar esta associação entre paradigmas em Geografia e métodos de interpretação e pesquisa, uma vez que cada paradigma é orientado e definido por uma específica base filosófica, e sua prática de investigação é sustentada por um método dominante (método de interpretação), estabelecido na relação entre o empirismo e a prática da indução e o racionalismo e a prática da dedução.

A chamada Geografia Clássica foi orientada pelo método de interpretação positivista clássico, indutivo e empirista. A Geografia Lógico-formal, pelo método de interpretação neopositivista, dedutivo e racionalista. A Geografia marxista, pelo método de interpretação materialista histórico e dialético, associando empiria (prática) e dedução (teoria). A Geografia Humanística, pelas filosofias do significado, contemplativa e elaborada empiricamente, no mundo

vivido, no estudo do cotidiano e nas interpretações das expressões culturais. O paradigma ambiental, resultante da crise desses grandes modelos interpretativos, tem sido orientado por diversos métodos interpretativos resultantes do diálogo dos saberes e de abordagens teórico-metodológicas distintas.

Vejamos agora o conteúdo de nossa aula: Geografia Clássica ou Tradicional: Positivismo Clássico e Historicismo (método indutivo/empirismo).

Positivismo Clássico e Historicismo: correntes filosóficas da Geografia Clássica ou Tradicional

A Geografia Clássica ou Tradicional foi a denominação dada ao conjunto de estudos e pesquisas realizados nas primeiras décadas da Geografia universitária institucionalizada, por diferentes escolas e países, compreendendo o período entre 1870 e 1950. Embora os geógrafos e os trabalhos realizados naquele período fossem diversificados, tratando de temas diferenciados e com conceitos distintos, há uma unidade entre eles, estabelecida, principalmente, pela filosofia positivista do século XIX.

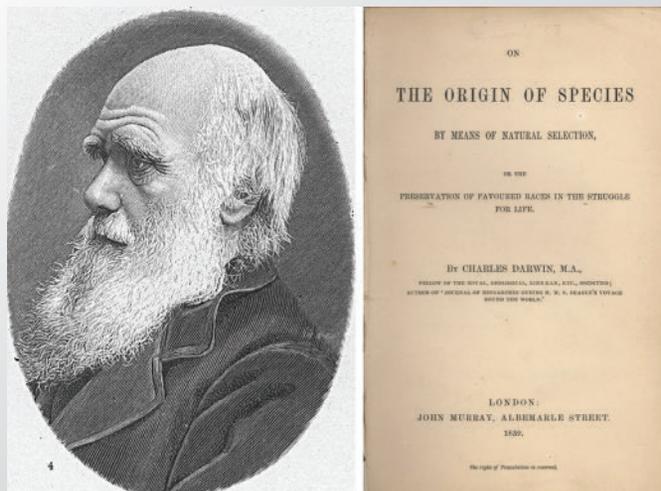
O Positivismo do século XIX não se limitou à prática científica. Ele é bem mais do que uma metodologia científica, ou seja, uma conduta de pesquisa. Na realidade, esse Positivismo é uma concepção de mundo, uma forma de enxergar, avaliar e conceber o mundo, a natureza, as coisas, os seres vivos e as sociedades humanas. Assim, o Positivismo Clássico esteve presente e interferiu nas pesquisas, nos estudos e no ensino da Geografia Clássica.

O próprio Historicismo, que como veremos emergiu como uma reação ao Positivismo, vai conviver e interagir com proposições naturalistas, evolucionistas e organicistas, típicas do Positivismo Clássico, não se colocando em oposição ao padrão positivista, e sim em associação. Assim, não obstante tenha apresentado diferenças

epistemológicas significativas, o Historicismo estará convivendo e interagindo com o Positivismo ainda nas décadas iniciais do século XX.



O Positivismo e o Evolucionismo eram duas importantes matrizes científicas que interagem no seio da sociedade europeia no final do século XIX e início do século XX. Ambas repousavam na concepção monista de mundo, que pressupunha a existência de apenas uma realidade dada pelo mundo natural.



Fontes: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hw-darwin.jpg>; http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Origin_of_Species_title_page.jpg

O Evolucionismo, a partir da importante obra de Charles Darwin, *A origem das espécies*, publicada em 1859, apoiava-se no conceito biológico de organização, de organismo vivo. A concepção orgânica, o organicismo, foi extremamente importante pois serviu de referência para compreender a complexidade de todos os fenômenos, tanto naturais quanto sociais.

Para prosseguirmos e estudarmos a Geografia Clássica, começaremos a conceituando Positivismo e, em seguida, Historicismo.

O Positivismo Clássico

Positivismo advém da palavra positivo, do latim *positivu*, que significa não ter dúvida, algo indiscutível, evidente, certo, seguro. Um conhecimento positivo baseia-se ou origina-se da experiência humana. É o conhecimento adquirido apenas na experiência ou na observação humana do mundo, da natureza, da realidade. Este conhecimento adquirido pela experiência humana é denominado de conhecimento empírico (FERREIRA, 2010).

O conhecimento empírico orientou a prática científica a partir do século XVIII no mundo ocidental. Opondo-se ao conhecimento metafísico e religioso, dominante nas produções e práticas científicas europeias, em função da força política, econômica e religiosa da Igreja Católica durante o medievo, o conhecimento empírico passou a ser a base e o modelo de cientificidade.

Assim, o desejo de realizar uma ciência positiva, segura, indiscutível, certa e baseada na experiência humana, emergiu desde finais do século XVIII, no mundo europeu. Os naturalistas, importantes estudiosos dos séculos XVIII e XIX, buscavam realizar seus estudos baseados na observação e no recolhimento de muitos dados e informações, baseados na concepção positiva.

Na Geografia, o desejo de realizar uma ciência positiva, segura, antimetafísica e baseada na experiência passou a estar cada vez mais presente nos estudos e pesquisas realizados nas décadas finais do século XIX, mais especificamente, desde de 1870, quando se estabeleceu o primeiro curso de Geografia universitária na Alemanha.

Conforme destaca Capel (2012, p. 249), o movimento positivista, baseado nos ideais positivistas

[...] se desenvolveu na Europa, sobretudo, nos anos centrais do século XIX, e por isso pôde impregnar fortemente o pensamento científico dos primeiros mestres da Geografia institucionalizada. A esta influência uniram-se também o impacto do Evolucionismo e, mais concretamente, da obra de Darwin e dos primeiros criadores da ecologia biológica.

Esse Positivismo ficou conhecido como Positivismo Clássico e pode ser definido como um método científico e como uma concepção de mundo, aspectos intimamente ligados entre si. Como método científico, o Positivismo é um empirismo indutivo, racionalista e decididamente antimetafísico e antirreligioso. Ou seja, advém da experiência sensitiva dos homens a partir de inúmeras observações individuais, de casos particulares, buscando sua associação, classificação e construção de uma explicação geral, uma teoria. Levantar, reunir, descrever, associar e classificar casos particulares, a partir das observações recolhidas pelos sentidos humanos, constituem atividades fundamentais da ciência positivista. Unem-se a essas características uma posição naturalista e um reducionismo científico, isto é, a ideia de que somente as ciências da natureza constituem o modelo de cientificidade. Assim, estudar a sociedade humana, na perspectiva positivista clássica, significa ter como modelo de observação o sistema natural e os comportamentos animais. Isso se denomina de concepção monista da ciência. Na Geografia Clássica, essa concepção monista foi responsável por estudos em que as dinâmicas sociais eram comparadas às dinâmicas animais, promovendo conclusões que naturalizavam as relações sociais; o determinismo geográfico é um exemplo.

O Positivismo Clássico foi desenvolvido por Auguste Comte (1789-1857) entre 1830 e 1850. Francês de Montpellier, católico e monarquista, formado pela Escola Politécnica (matemático e científico), Comte afirmava que o conhecimento científico deveria se ater à observação dos fatos e à descrição e racionalização sobre eles, buscando construir leis, teorias explicativas universais, advindas da síntese dos fatos observados. Além de defender que a

observação é a única base possível de conhecimentos verdadeiros, e estes deveriam ser guiados para um fim, com uma utilidade.

Regras básicas do Positivismo Clássico:

1. A observação é a única base possível para os conhecimentos (imaginação perde supremacia e subordina-se à observação). Ela advém da experiência sensitiva e da atividade empírica.
2. A redução e descrição dos fenômenos àquilo que ele é, renunciando descobrir sua origem e destino (renunciar a metafísica).
3. Recusa o empirismo puro e defende uma intermediação racional, fundamental para a construção de leis, teorias. O verdadeiro espírito positivista consiste em prever e construir leis gerais que indicam as relações entre os fenômenos.
4. A busca pela construção de leis gerais, teorias explicativas universais, advindas da síntese dos fatos observados.
5. A base do método positivista é sempre o raciocínio indutivo que parte da observação e, mediante a descrição, classificação e comparação, se constroem conclusões gerais (leis).
6. Seu modelo de cientificidade se sustenta nas ciências da natureza, na Biologia.
7. Cientificismo, crença na ciência como única via de produção de conhecimento.



Atende ao objetivo 1

A partir do que vimos, conceitue Positivismo Clássico.

Resposta comentada

Positivismo Clássico pode ser definido como um método científico e como uma concepção de mundo, aspectos intimamente ligados entre si. Como método científico, o Positivismo é um empirismo indutivo, racionalista e decididamente antimetafísico e antirreligioso. Ou seja, advém da experiência sensitiva dos homens a partir de inúmeras observações individuais, de casos particulares, buscando sua associação, classificação e construção de uma explicação geral, uma teoria.

○ **Historicismo**

O Historicismo é uma concepção de mundo idealista, que afirma a singularidade dos fatos históricos e a subjetividade de sua apreensão. O Historicismo vai apresentar uma reação à concepção positivista e evolucionista da ciência, que muito influenciou e sustentou não apenas a Geografia mas também o debate científico de final do século XIX e início do século XX.

Essa reação se fundamentava no desenvolvimento das correntes historicistas, que foram bastantes significativas, a ponto de a História constituir-se em uma grande obsessão nos finais do século XIX.

As correntes historicistas deram lugar a dois sistemas de ciências diferenciadas – as ciências naturais e as ciências humanas –, igualmente válidas e distintas uma da outra pela especificidade de seu objeto e dos métodos ou instrumentos utilizados para sua investigação. As correntes historicistas se opunham ao reducionismo naturalista, inerentes ao Positivismo e ao Evolucionismo, e à simples transferência dos métodos e conceitos das ciências naturais para as ciências sociais.

Com o Historicismo, a realidade humana vai ter como característica explicativa essencial sua historicidade. O que pressupõe substituir a consideração generalizada e abstrata das forças humanas, estabelecidas a partir do modelo de investigação das ciências da natureza, pelas considerações singulares esclarecedoras da realidade social. Desenvolvem-se, assim, estudos mais concretos sobre casos particulares. O entendimento da realidade social começa a ser feito através de um conhecimento compreensivo que descreve as individualidades históricas e considera as intencionalidades do ser individual e social.

Assim, o Historicismo emancipa as ciências humanas das ciências naturais, enfatizando não apenas a singularidade dos homens perante os outros animais, como também seu papel ativo sobre a natureza. Na Geografia Clássica, o movimento historicista

vai coincidir com a institucionalização da Geografia francesa, em 1880, e de sua mais importante vertente de investigação, a síntese regional. É nesse contexto e na escola francesa de Geografia que surge o Possibilismo, expressão cunhada pelo historiador francês Lucien Febvre, em sua obra *La Terre et l'Évolution Humaine* (Paris, 1922), para caracterizar os estudos desenvolvidos pela Geografia Clássica francesa. Estes estudos apresentavam uma forte compreensão histórica da relação homem/meio e fortaleciam a capacidade decisória e transformadora do homem na relação com a natureza. Febvre passaria a firmar que a Geografia francesa era baseada no Historicismo e desenvolvia estudos possibilistas, e a Geografia alemã era sustentada pelo Positivismo e desenvolvia estudos deterministas.

Quadro 6.1: Quadro-síntese – Positivismo e Historicismo

Positivismo	Historicismo
<p>Surge no final do século XVIII e início do século XIX, espírito que estimula as pesquisas científicas. Declara admissíveis as verdades positivas (científicas) excluindo qualquer investigação centrada na essência das coisas (metafísica). Doutrinas que renunciam a qualquer conhecimento <i>a priori</i>. Admite unicamente certezas de tipo experimental, ou seja, verdades científicas elaboradas a partir da experiência e das relações entre os fenômenos observados. O axioma da neutralidade conduz o Positivismo a negar, ignorar, o condicionamento histórico do conhecimento.</p>	<p>Baseia-se nas correntes filosóficas <i>neokantianas</i> (movimento filosófico de retorno a Kant, que apresenta limites à atividade racional em sua possibilidade de alcançar a essência das coisas; examina limites da razão, as possibilidades de um conhecimento verdadeiro, as relações entre fé e razão, as relações recíprocas entre homem e natureza – temas fundamentais nos séculos XVIII e XIX). Surge no fim do século XVIII e início do XIX, sobretudo na Alemanha, como reação à filosofia do Iluminismo (1860 a 1914) e ao Positivismo. Romântico, nostálgico, revela o sentido da História e se opõe à abstração racionalista a-histórica e ao empirismo. Wilhelm Dilthey (1833/1911) é um grande representante do Historicismo. Desenvolveu a distinção kantiana entre as ciências do espírito (ciências do homem) e as ciências da natureza. Distinção fundamental para o desenvolvimento das ciências humanas. Sustenta que o objetivo do sistema filosófico é revelar a “visão do mundo” de seu autor. Ataca o racionalismo e o método positivista, formula um método compreensivo, a partir da intuição da situação social e histórica do indivíduo.</p>

Ideias centrais do Positivismo	Ideias centrais do Historicismo
<p>1. A sociedade é regida por leis naturais, leis invariáveis, independentes da vontade da ação humanas; na vida social reina uma harmonia natural.</p> <p>2. A sociedade pode ser assimilada pela natureza e ser estudada pelos mesmos métodos e processos empregados pelas ciências da natureza.</p> <p>3. As ciências da sociedade assim como as da natureza devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamento de valor ou ideologias, descartando as "preconções" e os preconceitos.</p>	<p>1. Todo o <i>fenômeno cultural</i>, social ou político é <i>histórico</i> e não pode ser compreendido senão através da e na sua historicidade.</p> <p>2. Existem <i>diferenças</i> fundamentais entre os fatos <i>naturais</i> e os <i>fatos históricos</i> e, conseqüentemente, entre as ciências que os estudam.</p> <p>3. Não somente o <i>objeto da pesquisa</i> está <i>imerso</i> no fluxo da <i>História</i> mas também o <i>sujeito</i>, o próprio pesquisador, sua perspectiva, seu método, seu ponto de vista.</p>



Atende ao objetivo 2

A partir do que vimos, conceitue Historicismo.

Resposta comentada

O *Historicismo* é uma concepção de mundo idealista, que afirma a singularidade dos fatos históricos e a subjetividade de sua apreensão. Com o Historicismo, a realidade humana vai ter como característica explicativa essencial sua historicidade. O que pressupõe substituir a consideração generalizada e abstrata das forças humanas, estabelecidas a partir do modelo de investigação das ciências da natureza, pelas considerações singulares esclarecedoras da realidade social. Desenvolvem-se, assim, estudos mais concretos sobre casos particulares.

A Geografia Clássica ou Tradicional e sua relação com o Positivismo Clássico e o Historicismo (método indutivo e empirismo)

A rivalidade política e econômica entre Alemanha e França, em finais do século XIX, evidenciava-se no campo científico e intelectual. Primeiramente, na Geografia universitária, a Alemanha era o modelo para toda a Europa, tendo à frente um grande intelectual: Friedrich Ratzel. Em seguida, a França passa a ocupar uma posição de destaque, não apenas sediando a polêmica historicista mas também deslocando da Alemanha para seu país o eixo do debate geográfico europeu, a partir do trabalho de outro importante intelectual, Paul Vidal de La Blache.

A Geografia alemã e a Geografia francesa, em finais do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, constituíram dois grandes modelos de estudos geográficos para o mundo ocidental, duas grandes escolas. A escola alemã irá influenciar a institucionalização das escolas geográficas anglo-saxônicas, enquanto a escola francesa irá influenciar as escolas geográficas dos países latinos, principalmente o Brasil. A Geografia alemã era positivista e a Geografia francesa, historicista. Mas na realidade, sendo um pouco menos categóricos, poderíamos dizer que a Geografia alemã era mais positivista do que a Geografia francesa, que era mais historicista.

Apesar de o Historicismo ter sido uma reação às vertentes científicas positivistas e evolucionistas que, desde meados do século XIX, dominavam as polêmicas intelectuais, ele não vai ser o único modelo de investigação, nem mesmo vai colocar-se em total oposição ao antigo padrão de cientificidade. Não obstante apresentar diferenças epistemológicas significativas, o Historicismo conviveu e interagiu com as proposições naturalistas ainda nas décadas iniciais do século XX. Tal interação pode ser sentida através da ampla utilização da abordagem organicista como modelo de explicação da realidade social na própria escola francesa de Geografia.

Embora de forma diferenciada, as interferências positivistas e evolucionistas vão se fazer presentes também nas escolas de Geografia francesa. Como aponta Vicent Berdoulay (1982, p. 578), a ideia de se referir ao mundo vivo e, mais particularmente, ao organismo e sua fisionomia, para dar conta dos aspectos da realidade física e social, aparece como instrumento privilegiado do pensamento ocidental do final do século XVIII ao início do século XX e não é admirável que interfira no discurso geográfico desse período.

A Geografia surge na França, nesse sentido, a partir da reação historicista e também da assimilação da abordagem naturalista oriunda do Positivismo e do Evolucionismo. Assim, Vidal de La Blache (1843-1918), um dos maiores representantes da escola de Geografia francesa, apresenta em sua formação um itinerário que se estende do Positivismo e do Evolucionismo à filosofia espiritualista. É nessa filosofia que repousa o elemento que diferencia a escola francesa da escola alemã. A filosofia espiritualista proporciona a crítica antipositivista e o enfrentamento ao reducionismo naturalista, estabelecendo a intencionalidade, a liberdade, a História, enfim, a especificidade humana como elementos estruturadores das investigações, construindo, dessa maneira, as bases da escola historicista de Geografia (CAPEL, 1981, p. 328).

A Geografia Clássica ou Tradicional, assim, foi estabelecida a partir das correntes filosóficas positivista e historicista, e das escolas alemã e francesa de Geografia. A Geografia alemã, com maior

acento positivista, e a Geografia francesa, com maior ênfase na perspectiva histórica, embora não rompa com o Positivismo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa era realizada a partir do método empírico e indutivo. Ou seja, a partir da experiência e da observação do pesquisador nos trabalhos de campo realizados, em diferentes lugares e regiões, eram recolhidos dados e informações que, após classificação e mapeamento, possibilitavam a elaboração de um discurso explicativo, de teorias sobre a relação homem/meio. A Geografia alemã, com maior acento nas forças e formas naturais, em função do vigor positivista, e a Geografia francesa, com maior acento na dinâmica e atuação do homem sobre o meio, em virtude da grande influência recebida pelas correntes historicistas.



Determinismo e possibilismo

Tanto o determinismo quanto o possibilismo geográficos foram expressões empregadas pelo historiador Lucien Febvre para diferenciar a Geografia alemã, para ele claramente positivista, da Geografia francesa, possibilista.

Determinismo geográfico: expressão generalizada entre os geógrafos do final do século XIX e início do XX. Determinismo significa um tipo de explicação unilateral da distribuição, estrutura e das modificações dos grupos humanos única e exclusivamente pela ação das condições do meio físico, como o clima, o relevo, os oceanos, mares, rios, lagos, a natureza do solo, a topografia, o manto vegetal, as faunas etc. O homem é considerado só um elemento passivo, sem capacidade de modificar o ambiente, logo, é considerado como efeito e nunca, ou quase nunca, como causa. Muito associado à escola de Geografia alemã e ao Positivismo.

Possibilismo geográfico: Supõe que a natureza oferece uma série de possibilidades, de recursos naturais, que o homem pode escolher e utilizar a partir dos meios técnicos disponíveis. O termo passou a designar uma escola de pensamento geográfico, a escola francesa, e o Historicismo, que encarava o ambiente natural, o meio, como fornecedor de possibilidades para a modificação humana, e não como determinante da evolução das sociedades. Pode-se afirmar que a Geografia brasileira, até a década de 1960, foi fortemente influenciada por essa Geografia francesa.



Atende ao objetivo 2

A partir do que vimos, apresente as principais escolas da Geografia Clássica e suas características. Em seguida, explique como essas escolas realizavam as pesquisas geográficas do ponto de vista metodológico.

Resposta comentada

A *Geografia Clássica ou Tradicional* se consolidou pela atuação da Geografia alemã e da Geografia francesa, que, em finais do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, constituíram dois grandes modelos de estudos geográficos para o mundo ocidental, duas grandes escolas. A escola alemã irá influenciar a institucionalização das escolas geográficas anglo-saxônicas, enquanto a escola francesa irá influenciar as escolas geográficas dos países latinos, principalmente o Brasil. A Geografia alemã era mais positivista do que a Geografia Francesa, que era mais historicista.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa era realizada a partir do método empírico e indutivo. Ou seja, a partir da experiência e observação do pesquisador nos trabalhos de campo realizados, em diferentes lugares e regiões, eram recolhidos dados e informações que, após classificação e mapeamento, possibilitavam a elaboração de um discurso explicativo, de teorias sobre a relação homem/meio. A Geografia alemã, com maior acento nas forças e formas naturais, em função do vigor positivista, e a Geografia francesa, com maior acento na dinâmica e atuação do homem sobre o meio, em virtude da grande influência recebida pelas correntes historicistas.

CONCLUSÃO

Nesta aula, vimos a Geografia Clássica ou Tradicional, orientada pelo método de interpretação positivista clássico, indutivo e empirista. Vimos também que, apesar da supremacia do pensamento positivista clássico, um movimento de reação acabou a ele se associando e configurando a escola possibilista de Geografia,

o Historicismo. Primeiramente foram apresentados o Positivismo Clássico e o Historicismo. Em seguida, a Geografia Clássica ou Tradicional e sua relação com o Positivismo Clássico e Historicismo (método indutivo e empirismo).

Atividade final _____

Atende aos objetivos 1 e 2

Estabeleça a relação entre as duas colunas, enumerando a segunda coluna de acordo com os temas da primeira coluna:

(1) Geografia Clássica ou Tradicional	() Advém da experiência sensitiva dos homens a partir de inúmeras observações individuais, de casos particulares, buscando sua associação, classificação e construção de uma explicação geral, uma teoria.
(2) Método indutivo e empirista	() Concepção de mundo idealista, que afirma a singularidade dos fatos históricos e a subjetividade de sua apreensão. Muito influenciou e sustentou não apenas a Geografia mas também o debate científico de final do século XIX e início do século XX.
(3) Positivismo Clássico	() Classificação estabelecida para um conjunto de estudos geográficos produzidos das décadas finais do século XIX a meados do século XX. São estudos orientados pelo Positivismo Clássico, pelo Historicismo e pelo método indutivo e empirista.
(4) Historicismo	() Afirmava que o conhecimento científico deveria se ater à observação dos fatos e à descrição e racionalização sobre eles, buscando construir leis, teorias explicativas universais, advindas da síntese dos fatos observados.

Resposta comentada

A ordem das respostas é 3 - 4 - 1 - 2.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- O Positivismo Clássico, o Historicismo e sua relação com o método indutivo e empirista.
- As características metodológicas das pesquisas desenvolvidas pelas principais escolas da Geografia Clássica, alemã e francesa.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos dar continuidade ao estudo metodológico da Geografia Clássica ou Tradicional, aqui iniciado. Serão apresentados a origem, os principais autores e conceitos da Geografia Clássica, assim como exemplos de seus estudos e pesquisas. Até lá!

Aula 7

Geografia Clássica
ou Tradicional:
origem, autores,
conceitos e
exemplos de
estudos
e pesquisas

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia Clássica ou Tradicional, a partir da abordagem metodológica. Indicar sua origem, principais autores, conceitos e exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia Clássica.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. descrever as principais características da Geografia Clássica ou Tradicional: origem, autores, escolas e conceitos;
2. apresentar exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia Clássica.

INTRODUÇÃO

A aula de hoje dá continuidade à discussão iniciada na nossa sexta aula, sobre a Geografia Clássica ou Tradicional, vista através da perspectiva metodológica. Vamos apresentar a origem da Geografia Clássica, seus autores, conceitos e alguns exemplos de estudos realizados por esse paradigma geográfico.

Antes, contudo, uma observação sobre a denominação Geografia Clássica cabe aqui ser apresentada. Embora Geografia Clássica seja uma designação utilizada para caracterizar os estudos geográficos desenvolvidos pelos gregos e romanos na Antiguidade Clássica, é igualmente empregada para identificar uma corrente de trabalho produzida nas décadas iniciais da Geografia institucionalizada, ou seja, entre 1870 e 1950. Assim, utilizaremos aqui a denominação de Geografia Clássica ou Geografia Tradicional como forma de classificação das primeiras décadas dos estudos geográficos institucionalizados.

Nesse sentido, a denominação de Geografia Clássica ou Tradicional foi dada para uma corrente de estudos geográficos institucionalizados que tinha como objeto de estudo a relação do homem com o meio, orientados pelas filosofias positivista, evolucionista e historicista. Valorizando a experimentação, a indução e a realização de trabalhos de campo, essa corrente geográfica buscava explicar a distribuição e organização dos homens a partir da sua relação com o meio, principalmente, das formas geográficas, como a montanha, a planície, o mar etc.

Para melhor entendermos as características metodológicas da Geografia Clássica, vamos conhecer um pouco sobre suas origens, autores e conceitos.

A Geografia Clássica ou Tradicional: origem, autores e conceitos

As escolas alemã e francesa de Geografia formaram duas grandes e importantes matrizes da Geografia Clássica. A Geografia alemã, que fora institucionalizada em 1870, foi impulsionada pela grande contribuição de Friedrich Ratzel e Ferdinand Richthofen. Ratzel estabelece as bases teóricas e conceituais da Geografia Humana e Richthofen, da Geografia Física. A Geografia francesa, institucionalizada 10 anos após, a partir do trabalho de Paul Vidal de La Blache, que aglutina um expressivo grupo de estudiosos da Geografia, consegue estabelecer uma escola de pensamento muito influente, tanto na Geografia Humana quanto na Geografia Física, não apenas na França mas também nos países latino-americanos, como o Brasil.

Ratzel estabeleceu também as bases teóricas da Geografia Política e seu desdobramento, a Geopolítica. Um dos principais conceitos por ele desenvolvido foi o de território, para se referir a uma unidade política nacional, ou seja, a então escala de poder nacional, o território nacional. Para Ratzel, não havia nenhuma condição de criação de estados nacionais sem território, e a ciência política, à época, negligenciava essa importante instância da sociedade.

Geografia alemã: principais contribuições de Ratzel

1. Introduz proposta de um estudo geográfico dedicado especificamente aos problemas humanos: a Geografia Humana.
2. Estabelece as bases teóricas da Geografia Política e seu desdobramento, a Geopolítica.
3. Desenvolve e aprofunda a principal via de indagação da Geografia, a relação homem/meio. Defende que a Geografia seria a ciência capaz de refletir sobre a influência das condições naturais sobre o homem.
4. Demonstra que a Geografia seria uma ciência fundamental para explicar a difusão dos povos na superfície terrestre.

5. Estabelece a Geografia como ciência moderna, defendendo-a como ciência de síntese, área de estudo que busca estabelecer as relações entre os diversos fenômenos humanos e naturais, com objetivo de construir explicações, teorias, sobre os homens e o uso do território.
6. Aplica o modelo científico da época, baseado no Positivismo e no Evolucionismo, aos estudos geográficos: método indutivo e empirista, baseado na observação, descrição, classificação.

A Geografia lablachiana foi sendo construída a partir do diálogo com a Geografia francesa e, principalmente, com a Geografia ratzeliana. *Paisagem* e *região* foram os dois principais conceitos desenvolvidos pela escola lablachiana de Geografia, fortemente associados pelo conceito de gênero de vida. Destacam-se também os conceitos de *sítio*, *localização* e *posição*.

Geografia francesa: principais contribuições de La Blache

1. Introduce e desenvolve grande aproximação entre História e Geografia, valorizando a filosofia historicista.
2. Redefine o objeto da Geografia Humana como o estudo das relações entre o homem e o meio, dando maior valor ao homem e sua capacidade intelectual, subjetiva e transformadora.
3. Lidera o grupo de oposição ao determinismo geográfico, denominado possibilismo. Considera o homem como elemento ativo, podendo sofrer influência do meio, mas também sendo capaz de modificá-lo e criar novas condições ambientais, ou seja, o meio se apresentaria como uma possibilidade para o homem e não como uma condição determinante.
4. Estabelece como objeto de estudo para a Geografia a relação homem/meio a partir da paisagem geográfica, que indicaria o grau de desenvolvimento social e as características ambientais e culturais dos povos.
5. Desenvolve o conceito de *gênero de vida*, associando-o à *paisagem* e à *região*. O gênero de vida exprimiria a relação do homem

com a natureza, na medida em que essa relação se desenvolve de forma contínua e cumulativa, intermediada pelas técnicas, hábitos, usos e costumes. Os gêneros de vida se expressariam na paisagem. Distintas paisagens apontariam distintas regiões, que são também produtos de gêneros de vidas diferentes.

6. Do ponto de vista metodológico, associa Positivismo, Organicismo, Historicismo. Defende o método empírico, indutivo e as observações de campo, das paisagens, comparando-as e classificando-as.

7. Desenvolve uma metodologia de investigação geográfica denominada *monografia regional*, servindo de exemplo para várias escolas de Geografia no mundo. Essas monografias partiam das regiões naturais, levantando e analisando os elementos físicos e suas diferentes formas de ocupação e atividades humanas; em seguida, estabelecia-se uma interação entre esses elementos, dando ênfase à intervenção do homem sobre o meio. Metodologia utilizada nas monografias regionais:

- a) localização da região com projeção cartográfica nacional, continental e as coordenadas geográficas;
- b) as bases físicas (relevo, clima, vegetação, hidrografia etc.);
- c) o povoamento, quadro agrário;
- d) a estrutura urbana;
- e) a estrutura industrial.

Conclusão: sobreposição dos dados levantados e descrição da região (singularidade dada pela síntese homem/meio).



Atende ao objetivo 1

Desenvolva de forma objetiva os cinco tópicos a seguir sobre a Geografia Clássica ou Tradicional, preenchendo a coluna da direita.

a) Origem e período dominante:	
b) Principais autores e seus respectivos países:	
c) As escolas e suas influências:	

d) Os conceitos e suas escolas:	
e) As bases metodológicas de cada escola:	

Resposta comentada

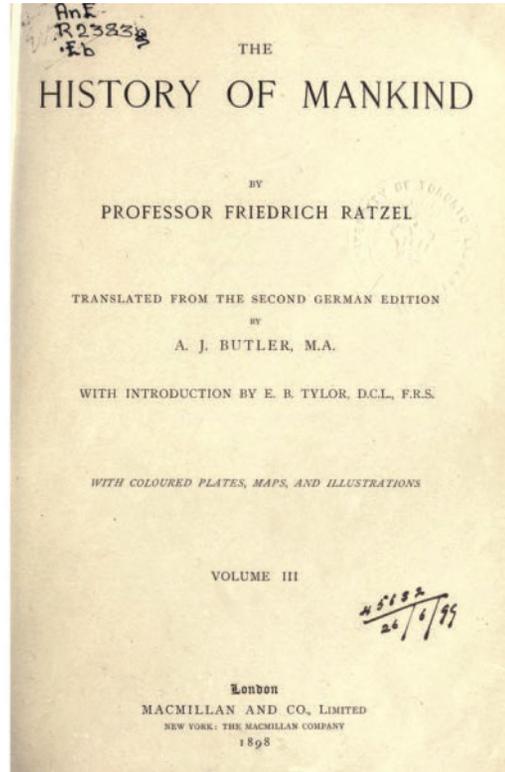
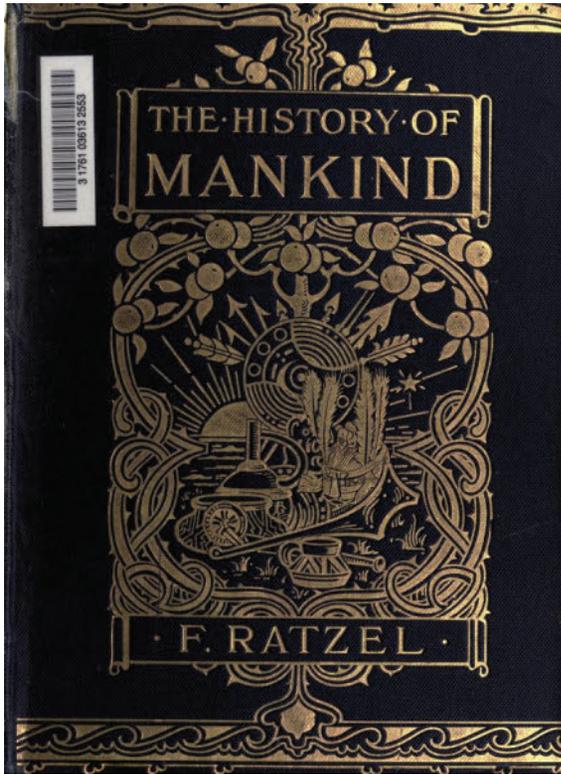
a) Origem e período dominante:	Europa, Alemanha e França, entre 1870 e 1950.
b) Principais autores e seus respectivos países:	Friedrich Ratzel (Alemanha) e Paul Vidal de La Blache (França).
c) As escolas e suas influências:	Escola de Geografia alemã, influência nas primeiras décadas da Geografia institucionalizada do mundo anglo-saxão; Escola de Geografia francesa, influência nas primeiras décadas da Geografia institucionalizada no mundo latino, especialmente o Brasil.
d) Os conceitos e suas escolas:	Território, Geografia alemã; paisagem e região, Geografia francesa.
e) As bases metodológicas de cada escola:	Positivismo e Evolucionismo, mais forte na Geografia alemã; Historicismo associado ao Positivismo, na Geografia francesa.

Exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia Clássica ou Tradicional

Para fixação e conclusão desta aula, vamos agora apresentar fragmentos de estudos realizados por Friedrich Ratzel e por Vidal de La Blache.

Embora os textos aqui selecionados se encaixem na perspectiva da Geografia Clássica, principalmente no que se refere ao objeto de estudo defendido para a Geografia naquele período, a relação homem/meio e a metodologia indutiva e empirista, eles apresentam temáticas diferenciadas e distintas expressões positivistas, ora mais naturalistas, ora mais historicistas.

Vamos iniciar pela Geografia alemã e a contribuição de Ratzel. Os fragmentos selecionados a seguir foram retirados da obra *History of Mankind* (“História da Humanidade”), de 1898. Essa publicação em inglês está sendo aqui trazida em função de ela apresentar um estudo realmente geográfico desenvolvido por Ratzel. Da vasta produção intelectual ratzeliana, raras foram as publicações em língua portuguesa, com exceção da coletânea de Moraes (1990) e de alguns textos isolados, mas que apresentam contribuições teóricas, filosóficas e conceituais sobre a ciência, a Geografia, a relação homem/meio etc.).



CONTENTS

BOOK IV—Continued

THE NEGRO RACES

B.—THE AFRICANS OF THE INTERIOR

8. The Waganda and other Races who have formed States in the District of the Sources of the Nile	1
9. The Negroes of the Upper and Middle Nile Regions	18
10. The Races of Interior Africa	44

C.—THE WEST AFRICANS

11. The Negroes of Western Africa	95
-----------------------------------	----

BOOK V

THE CULTURED RACES OF THE OLD WORLD

INTRODUCTION

1. Modes of Life among Races of the Old World	149
2. Culture	152
3. The Nomenclature of the Pastoral Races	156

B.—THE CULTURED RACES OF AFRICA

4. Survey of the Red Sea Group of Races	180
5. Indian	195
6. Life in the Nomad Districts of Africa and Arabia	204
7. The Abyssinians	222
8. The Berbers	241
9. The Races of the Sahara	256
10. The Soudan and its Peoples	272
11. The Fullex, Fula, or Fellata, and the Dark Races of the Western Soudan	296

C.—THE CULTURED RACES OF ASIA

12. The Mongols, Tibetans, and Turckic Races in General	313
13. The Mongols and the Turckic Races	323
14. The Tibetans	349
15. The Peoples of India in General	355
16. The Indians	371
17. The Iranian and Kindred Nationalities	394
18. The People of Farther India, and the Hill Tribes of South-East Asia	406
19. The Hill Tribes of Southern Asia	430

Fonte: RATZEL, 1898.

B. THE AFRICANS OF THE INTERIOR

§ 8. THE WAGANDA AND OTHER RACES WHO HAVE FORMED STATES IN THE DISTRICT OF THE SOURCES OF THE NILE

Relations with the East African pastoral peoples—Mixture of races in Uganda—Waganda, Wanyoro, and kindred peoples—The Wahuma—Sketch of the Wahuma States, Unyoro, Uganda, Karagwe, Usinja, Ruanda.

IN the population of the lands around the sources of the Nile, divided as it is by language into Waganda, Wanyoro or Wasinga, and Warundi, we are met between Lake Albert and the north-east border of Lake Tanganyika by an anthropological distinction, which appears of double importance as coinciding with one of ethnology. In its level of culture this contrast is connected, as in the southern parts of East Africa, with that between settlers and nomads. But in its anthropological basis it is clearer here than there, for in the settled tribes even the first visitors to the land of the sources of the Nile recognised a stock other than that of the pastoral races who roamed among them and lorded it over them. The former have more affinity than the latter to genuine negroes, but collectively are raised above the darker negro peoples as a race lighter in colour and of nobler bodily build, the result of a specially favourable admixture of breeds.

From the descriptions of the most unprejudiced observers we get the impression of a nobler type of mankind, and from their pictures we carry away the feeling that we have here reached a border region of true negroid men. The statements even as to the colour of skin paint them in yet lighter tints. Among the Waganda of pure breed Stanley speaks of a bronze colour, or dark reddish brown, and in reference to some of their women, of a colour like light reddish gold, which here and there approached that of white men. But of the pastoral Wahuma he says: "Though the majority have a nutty brown complexion, some even of a rich dark brown, the purest of their kind resemble old ivory in colour, and their skins have a beautifully soft feel, as of finest satin." Elsewhere he speaks of "tall, finely-formed men, with almost European features." In general it may be said that here the South and Central African form of figure recedes, and we are at the point of transition to those of East and North Africa, influenced by Asia. In Uganda, the most important in every respect of these countries, this blending of races has no doubt reached its highest development, at any rate has been most thoroughly studied. Here the Waganda form the basis of the population; with whom we may reckon also the island-dwellers, Bazese, who live in the islands along the coast of Uganda, have the same origin, and speak

Fragmento 1**B. THE AFRICANS OF THE INTERIOR****§ 8. THE WAGANDA AND OTHER RACES WHO HAVE FORMED STATES IN THE DISTRICT OF THE SOURCES OF THE NILE**

Relations with the East African pastoral peoples—Mixture of races in Uganda—Waganda, Wanyoro, and kindred peoples—The Wahuma—Sketch of the Wahuma States, Unyoro, Uganda, Karagwe, Usinja, Ruanda.

IN the population of the lands around the sources of the Nile, divided as it is by language into Waganda, Wanyoro or Wasinga, and Warundi, we are met between Lake Albert and the north-east border of Lake Tanganyika by an anthropological distinction, which appears of double importance as coinciding with one of ethnology. In its level of culture this contrast is connected, as in the southern parts of East Africa, with that between settlers and nomads. But in its anthropological basis it is clearer here than there, for in the settled tribes even the first visitors to the land of the sources of the Nile recognised a stock other than that of the pastoral races who roamed among them and lorded it over them. The former have more affinity than the latter to genuine negroes, but collectively are raised above the darker negro peoples as a race lighter in colour and of nobler bodily build, the result of a specially favourable admixture of breeds.

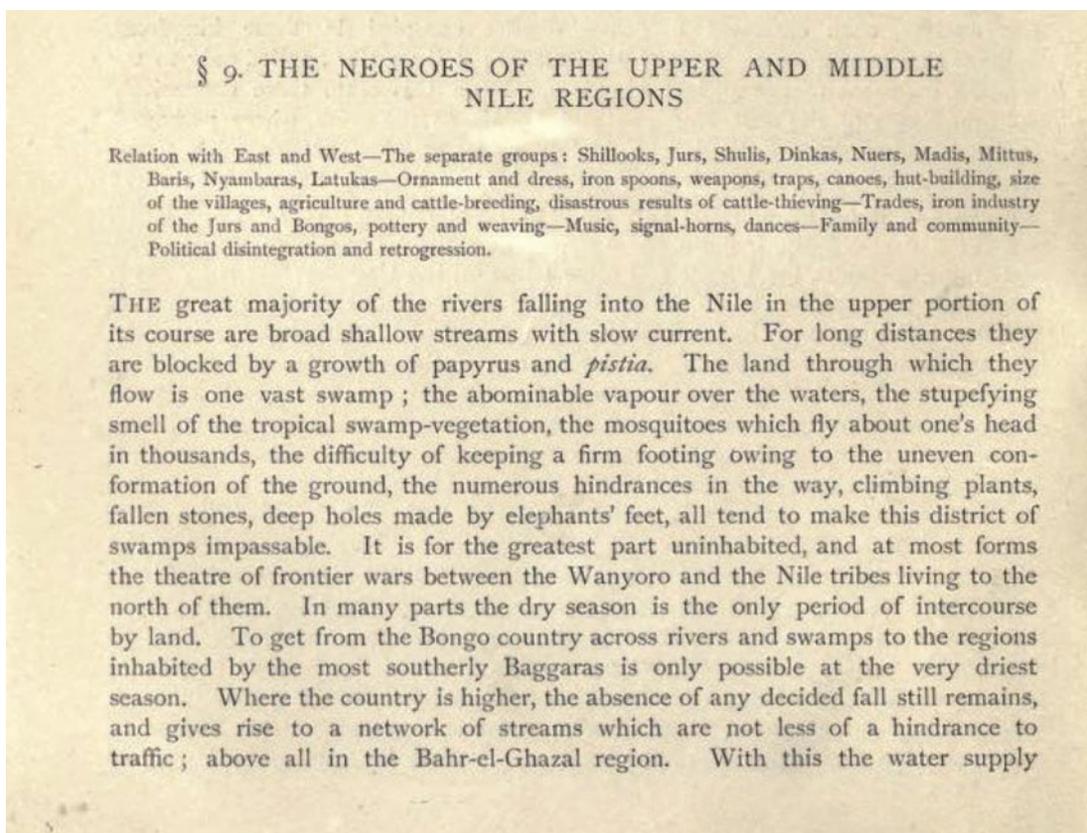
Fonte: RATZEL, 1898.

Os africanos do interior**Os Waganda e outras raças com Estados formados nas áreas das nascentes do Nilo****Relação com o povos pastoris do Leste Africano, mistura de raças em Uganda - Waganda, Wanyoro e povos parentes - Wahuma - esboço do Estado de Wahuma, Unyoro, Uganda, Karagwe, Usinja, Ruanda.**

Os povos das terras próximas das nascentes do Nilo, divididos pelos idiomas Waganda, Wanyoro ou Wasinga, e Warundi, localizados entre o Lago Albert e a fronteira nordeste do Lago Tanganyika, são descritos pela Antropologia com dupla importância do ponto de vista etnológico. Culturalmente esse contraste está

relacionado, assim como na porção meridional do Leste da África, com aquele entre colonizadores e nômades. Mas na sua raiz antropológica, está mais clara aqui do que lá, tanto com relação às tribos assentadas quanto aos primeiros visitantes das terras das nascentes do Nilo, a existência de um outro grupo de raça, diferente das pastoris, que andava entre eles e os dominava. Os primeiros apresentam mais afinidade com os negros genuínos do que os últimos, mas coletivamente são considerados superiores aos povos negros mais escuros, por possuírem uma raça de cor mais clara e uma constituição corporal mais nobre, resultado da mistura de raças especialmente favoráveis.

Fragmento 2



Fonte: RATZEL, 1898.

Os negros nas regiões superiores e do Médio Nilo

Relação Leste e Oeste – Os grupos separados: Shilloks, Jurs, Shulis, Dinkas, Nuers, Madis, Mittus, Baris, Nyambaras, Latukas – Ornamentos e vestimentas, colher de ferro, armas, canoas, construção de canoas, tamanho das aldeias, agricultura e pecuária, ladrões da gado, resultados desastrosos dos ladrões da gado – Comércio, indústria de ferro dos Jurs e Bongos, cerâmica e tecelagem – Música, berrante de chifre, danças – Família e comunidade – Desintegração e retrocesso político.

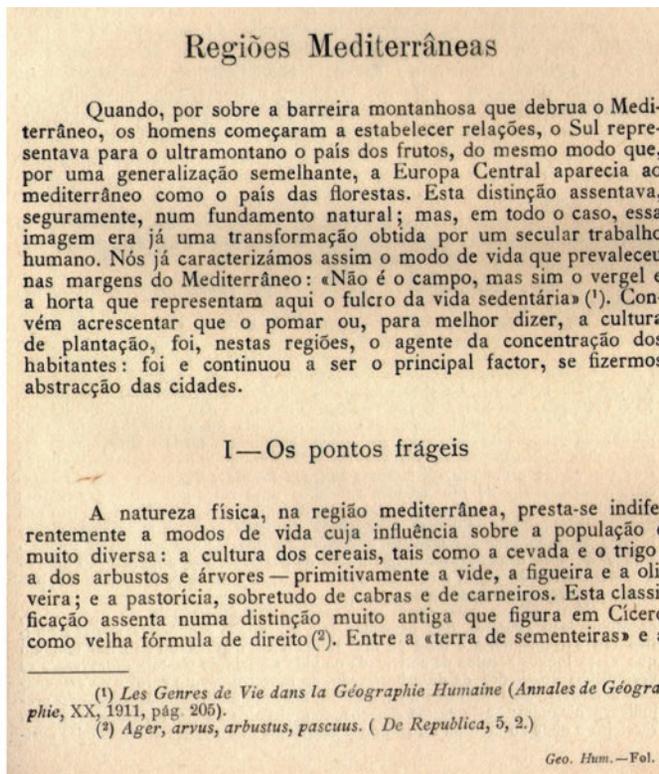
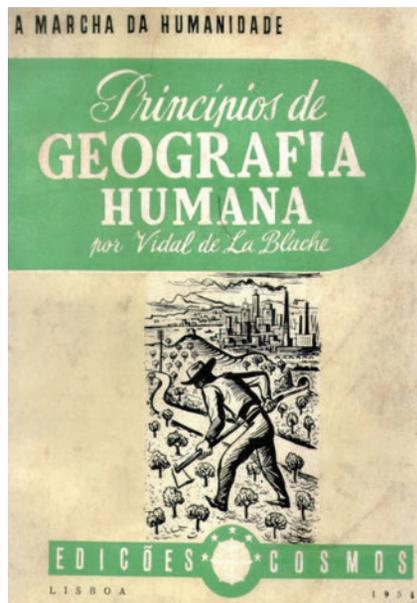
A grande maioria dos rios que deságuam no Nilo, na porção superior do seu curso, é de grande fluxo de águas rasas e corrente lenta. Por longas distâncias, eles são represados pelo crescimento de papiros e *pístia*. A terra que os rios cortam é um vasto pântano; o abominável vapor sobre as águas, o cheiro muito forte de vegetação pantanosa tropical, as centenas de mosquitos voando sobre as cabeças, a dificuldade de manter o pé firme devido à conformação irregular do solo, os numerosos obstáculos no caminho, trepadeiras, pedras caídas, enormes buracos feitos por pés de elefantes, tudo tende a tornar essa zona pantanosa intransitável. A maior parte é inabitada e é palco de guerras fronteiriças entre Wanyoro e as tribos do Nilo que vivem ao norte. Em muitas partes, a estação seca é o único período de ligação por terra. Chegar à nação Bongo através de rios e pântanos das regiões habitadas para a maioria dos Baggaras meridionais somente é possível na estação mais seca. Onde o país é mais elevado, não há qualquer descida e se origina uma rede de córregos que são mais um obstáculo ao tráfego, sobretudo na região de Bahr-el-Ghazal.

As passagens e imagens apresentadas anteriormente, extraídas da obra de Ratzel, buscam ilustrar a tendência de estudo da Geografia Clássica (com maior acento do Positivismo), bastante significativa na escola ratzeliana de Geografia. Como pode ser notado no primeiro fragmento, são descritas as características físicas e culturais dos povos habitantes das nascentes do Nilo, e grande destaque é dado às suas características raciais. Daí são extraídas conclusões de superioridade. Observa-se claramente um discurso descritivo, naturalista, evolucionista e em concordância com as atividades colonizadoras europeias na África, em finais do século XIX.

As duas imagens também fortalecem a perspectiva positivista. O mapa “Raças da Ásia e Europa” localiza os grupos humanos a partir das características raciais, um conceito que obedece parâmetros classificatórios biológicos, típicos da Antropologia positivista desenvolvida entre finais do século XIX e início do século XX e da Antropogeografia de Ratzel. A segunda imagem detalha as raças com desenhos de um menino e uma menina dos grupos africanos.

No segundo fragmento de texto, a perspectiva de síntese homem/meio se evidencia. São apresentadas descrições físicas do meio, associando ao deslocamento, às guerras, para chegar na economia, cultura e política, como é anunciado no resumo inicial.

Vamos agora observar a Geografia francesa e a contribuição de La Blache. Os fragmentos selecionados foram retirados da obra *Princípios de Geografia Humana*, publicada em 1921. Os exemplos trazidos foram retirados da edição em português de 1958.



Fonte: LA BLACHE, 1958.

A capa do livro ilustra bem a Geografia Clássica francesa lablachiana, a chamada Escola Possibilista. Nela, um homem trabalha a terra para a agricultura, tendo, ao fundo, montanhas, um aglomerado urbano e uma fábrica: a paisagem geográfica, reveladora da relação homem/meio, fruto da relação transformadora do homem sobre o meio intermediada pela técnica.

No texto ao lado, “Regiões mediterrâneas”, a História se sobressai na relação homem/meio. São descritas paisagens mediterrâneas como fruto do trabalho humano e de seus modos de vida, a partir dos quais são encontradas explicações para a ocupação das regiões. Uma observação realizada pelas atividades empíricas de campo, na busca de um quadro explicativo para a organização humana nas regiões.



Atende ao objetivo 2

A partir das passagens a seguir, retiradas de textos de duas geógrafas importantes, apresente as principais características metodológicas de cada texto e associe-os às escolas de pensamento geográfico estudadas nessa aula.

Texto 1:

O homem é um produto da superfície da Terra. Isto não significa apenas que ele é um filho da terra, pó do seu pó; mas que a terra o concebeu, o alimentou, lhe impôs tarefas, dirigiu pensamentos, criou dificuldades que lhe robusteceram o corpo e lhe aguçaram o engenho, lhe suscitou problemas de navegação e rega e, ao mesmo tempo, lhe murmurou sugestões para resolver. Ela entrou-lhe nos ossos e na carne, na mente e na alma. Nas montanhas deu-lhe pernas e músculos de aço para trepar as vertentes; ao longo da costa deixou-lhas fracas e bambas, mas deu-lhe, em troca, um vigoroso desenvolvimento do tórax e do braço para manejar os remos. Nos vales amarrou-o ao solo fértil, circunscreveu as suas ideias e ambições ao ambiente de monótona tranquilidade aos trabalhos minuciosos, limitando-lhe a visão ao horizonte apertado no seu campo. Nos planaltos ventosos, nas pradarias sem fim, nos caminhos sem água dos desertos, onde vagueia com os rebanhos de pastagem em pastagem e de oásis em oásis, onde a vida é incômoda, mas sem trabalho, onde o olhar pelo gado que pasta lhe dá tempo para a meditação e os horizontes são largos, as suas ideias tomam certa simplicidade grandiosa: a religião torna-se monoteísta, Deus torna-se uno e sem rivais, como a areia do deserto e a erva da estepe (SEMPLE, 1911 apud FERREIRA; SIMÕES, 1986, p. 121).

- a) Informações sobre a autora, Ellen Semple: _____
- b) Escola de pensamento geográfico: _____
- c) Exemplos retirados do texto que exemplificam a classificação estabelecida no item anterior: _____

- d) Informações baseadas na _____ e no método _____ e _____

Texto 2:

Na colina em que fora implantada, a cidade estava circundada pela planície embrejada que se continha entre o maciço costeiro e o mar, empunha-se assim, de início, a luta contra esses três elementos – o brejo, o mar e a montanha – luta que seria uma constante na conquista do espaço urbano.

Em etapas sucessivas e atacando diversas frentes, simultaneamente, a cidade do Rio de Janeiro aumentou seu espaço urbano conquistando a planície, as colinas e os vales, avançando sobre os brejos, os mangues e também sobre a montanha e fazendo recuar a linha do litoral.

Foi a princípio lento o crescimento da cidade mas, paulatinamente, venceu o colonizador árdua luta contra o brejo na pequena planície que medeia entre os morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição. Ampliando-se o espaço urbano para oeste a partir da praia de Manuel de Brito, uma a uma foram sendo dessecadas as lagoas e aterrados os brejos, com esse fim tendo sido abertas valas de drenagem ou desmontadas as abas dos morros. [...]

Circundando o maciço carioca, o Rio de Janeiro impressiona aos que vêm a conhecê-lo, pelos arranjos de seus bairros. À maneira de um grande arco envolve um sopé do maciço, cujos esporões rochosos, aqui e ali, impõem um estrangulamento ao espaço urbano. A cidade aproveitou as pequenas planícies, insinuou-se pelos vales, assumindo uma forma antes longitudinal que compacta. A montanha e o mar dificultaram a expansão do centro comercial e administrativo ao mesmo tempo que impuseram uma circulação caracteristicamente linear e atormentada (BERNARDES; SOARES, 1987).

a) Informações sobre a autora, Lysia Bernardes: _____

b) Escola de pensamento geográfico: _____

c) Exemplos retirados do texto que exemplificam a classificação estabelecida no item anterior: _____

d) Informações baseadas na _____ e no método _____ e

Resposta comentada

Texto 1:

a) Informações sobre a autora, Ellen Semple: geógrafa determinista norte-americana, discípula de Ratzel.

b) Escola de pensamento geográfico: Geografia positivista, determinista, naturalista e evolucionista.

c) Exemplos retirados do texto que exemplificam a classificação estabelecida no item anterior: "O homem é um produto da superfície da Terra..." (todo o texto apresenta sujeição e determinação do homem à natureza).

d) Informações baseadas na observação e no método indutivo e empirista.

Texto 2:

a) Informações sobre a autora, Lysia Bernardes: geógrafa brasileira com grande contribuição à perspectiva historicista da Geografia no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1960.

b) Escola de pensamento geográfico: Geografia historicista, possibilista.

c) Exemplos retirados do texto que exemplificam a classificação estabelecida no item anterior: (Todo o texto apresenta a natureza, o meio, como possibilidades ao homem, que, a partir dos meios técnicos, pode vencer suas barreiras e transformá-lo.)

d) Informações baseadas na observação e no método indutivo e empirista.

CONCLUSÃO

Vimos, nesta aula, a Geografia Clássica ou Tradicional, orientada pelo método de interpretação positivista clássico, indutivo e empirista. Inicialmente, apresentamos as características da Geografia Clássica, valorizando a perspectiva metodológica, e os principais representantes e conceitos. Em seguida, vimos alguns exemplos dessas duas tendências, a partir da seleção de textos e imagens de geógrafos representativos, com o intuito de fixar o conteúdo aqui estudado.

Atividade final

Atende aos objetivos 1 e 2

A passagem a seguir foi retirada de um texto escrito em 1933 por um autor da Geografia Clássica, o alemão Carl Troll. A partir dela é possível observar a metodologia do paradigma da Geografia Clássica. Leia com atenção e complete as lacunas do texto a seguir.

Há três décadas nota-se na ciência geográfica uma marcada tendência à síntese, de acordo com as ideias gerais da época. Se se define a Geografia como a ciência que trata dos fenômenos da superfície terrestre, isto é, da litosfera, hidrosfera e da atmosfera em suas diferentes configurações e intercâmbios funcionais, a síntese geográfica significa a observação dos fenômenos que se dão na superfície terrestre e de suas convergências na unidade do espaço, isto é, na paisagem. Naturalmente, é preciso conhecer os diversos aspectos para compreender o conjunto. De um geógrafo moderno se espera menos o conhecimento da dinâmica das glaciações, das áreas florísticas do mundo ou da estatística comercial dos países, do que a capacidade de explicar uma paisagem

baseando-se em seus caracteres e buscando compreender a concordância causal de suas partes. Com as paisagens a Geografia tem encontrado seu objeto próprio, um objeto que não disputa com mais nenhuma outra ciência, uma vez que o interesse por seus diversos elementos a relaciona com as ciências naturais, humanas, econômicas e sociais. Cada vez mais tende-se a considerar uma paisagem como uma unidade orgânica e a estudá-la em ritmo temporal e espacial de seus numerosos e diversos fatores (TROLL, 1933 apud MENDONZA, 1982).

A _____ é defendida por Carl Troll como o objeto central da Geografia. Nela é possível observar a _____ dos fenômenos que se dão na superfície terrestre. O estudo geográfico pela _____ pressupõe também o uso dos sentidos do geógrafo (visão, audição, olfato, paladar, tato) e a realização de trabalhos de campo variados, com o intuito de observar, descrever e comparar áreas e construir uma explicação de suas dinâmicas, ou seja, construir uma _____ geográfica. Essa era a orientação teórico-metodológica para a realização dos estudos geográficos de finais do século XIX e das primeiras décadas do século XX, sustentada pela filosofia científica dominante de então, a _____.

Assim, a _____ e a _____ foram práticas fundamentais para a realização dos estudos geográficos clássicos. A partir dessas práticas metodológicas, a Geografia Clássica buscou se firmar como ciência moderna e construir suas bases teóricas. Os estudos influenciados pela Geografia Clássica alemã foram mais racionalistas e naturalistas, e os da Geografia Clássica francesa, mais historicistas. A primeira foi rotulada por Febvre de _____ e a segunda, de _____.

Resposta comentada

A paisagem é defendida por Carl Troll como o objeto central da Geografia. Nela é possível observar a síntese dos fenômenos que se dão na superfície terrestre. O estudo geográfico pela paisagem pressupõe também o uso dos sentidos do geógrafo (visão, audição, olfato, paladar, tato) e a realização de trabalhos de campo variados, com o intuito de observar, descrever e comparar áreas e construir uma explicação de suas dinâmicas, ou seja, construir uma teoria geográfica. Essa era a orientação teórico-metodológica para a realização dos estudos geográficos de finais do século XIX e das primeiras décadas do século XX, sustentada pela filosofia científica dominante de então, a filosofia positivista clássica. Assim, a indução e a empiria foram práticas fundamentais para a realização dos estudos geográficos clássicos. A partir dessas práticas metodológicas, a Geografia Clássica buscou se firmar como ciência

moderna e construir suas bases teóricas. Os estudos influenciados pela Geografia Clássica alemã foram mais racionalistas e naturalistas, e os da Geografia Clássica francesa, mais historicistas. A primeira foi rotulada por Febvre de determinista e a segunda, de possibilista.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- A Geografia Clássica alemã e francesa, sua metodologia, representantes e conceitos.
- Exemplos das Geografia Clássica, as abordagens determinista e possibilista na Geografia.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, procuraremos seguir a mesma metodologia desta. Trataremos da Geografia Neopositivista. Até lá!

Aula 8

Geografia Lógico-formal: Neopositivismo ou Positivismo Lógico (método dedutivo e racionalismo)

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia Neopositivista ou Lógico-formal, a partir da abordagem metodológica. Conceituar e discutir Neopositivismo e sua relação com o método dedutivo e racionalista.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. definir a filosofia neopositivista e identificar suas origens;
2. relacionar Neopositivismo ao método dedutivo e racionalista, e à Geografia Neopositivista.

INTRODUÇÃO

Conforme já indicamos em aulas anteriores, a Geografia Neopositivista foi a denominação dada ao conjunto de estudos e pesquisas desenvolvido a partir da Segunda Guerra, ou seja, a partir da década de 1950. Mais precisamente, a Geografia Neopositivista emerge com força nos Estados Unidos, tendo tido grande expressão no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, principalmente pela atuação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Rio de Janeiro, e do Departamento de Geografia da Unesp, em Rio Claro, São Paulo, liderado pelo professor Antonio Christofolletti. Conforme Capel,

A partir da década de 1950, a Geografia passou por uma grande mudança no mundo anglo-saxão, que deu origem à chamada revolução quantitativa, da qual surgiu uma *New Geography*, uma nova Geografia. Na década seguinte, outros países conheceram também uma revolução semelhante, que deu origem, da mesma forma que ocorrera nos Estados Unidos, a uma grande divisão no seio da comunidade científica dos geógrafos. Geógrafos quantitativos e qualitativos se enfrentam e passam a confrontar teorias, métodos e técnicas de investigação opostas; essa oposição indicava dois conceitos diferentes de trabalho científico (CAPEL, 2012, p. 335).

Na realidade, a Geografia Neopositivista recebeu várias denominações. Todas apresentavam em comum a ênfase no raciocínio lógico e dedutivo e na linguagem matemática. Denominações como Geografia Teorética, Geografia Lógico-formal, *New Geography*, Geografia Quantitativa e Geografia Pragmática são alguns exemplos. No Brasil, as designações que tomaram grande expressão foram a Neopositivista, a Quantitativa e a Pragmática. Do ponto de vista metodológico e filosófico, essa corrente de pensamento geográfico se estabeleceu e se desenvolveu a partir da filosofia

neopositivista, ou seja, a partir de um novo Positivismo, como a própria expressão indica.

Vejam agora algumas considerações históricas e conceituais sobre a filosofia neopositivista.

Neopositivismo, corrente filosófica da Geografia Neopositivista: definição e origens

A filosofia neopositivista representou uma linha de continuidade com o Positivismo Clássico, mas de uma forma diferente, nova. Esse novo Positivismo – denominado também Positivismo Lógico ou Empirismo Lógico – se desenvolveu na Europa Central nos anos de 1920 em dois núcleos fundamentais: no Círculo de Viena, organizado em torno de Moritz Schlick e de Ernst Mach; e no grupo de Berlim, organizado em torno de Hans Reichenbach.



Theodor Bauer Source

Figura 8.1: Moritz Schlick (1882-1936), físico e filósofo alemão fundador do Positivismo Lógico e do Círculo de Viena.
Fonte: <http://www.bildarchivaustria.at/Pages/Ausstellung/Kapitel/MoreImages.aspx?AusstellungID=3293123&Kapitel>



Charles Scolik

Figura 8.2: Ernst Mach (1838-1916), matemático e filósofo austríaco, um dos intelectuais mais influentes do Positivismo Lógico.

Fonte: <http://www.bildarchivaustria.at/Pages/Ausstellung/KapitelMoreImages.aspx?AusstellungID=3293123&KapitelID=3293453&page=3>

A partir desses dois núcleos, grupos de filósofos da Polônia, Grã-Bretanha e Estados Unidos, procedentes particularmente da Física e da Matemática, foram desenvolvendo uma concepção coletiva que se denominou de Positivismo Lógico ou Empirismo Lógico. Esses grupos tinham em comum a rejeição a metafísica e ao idealismo.

Pode-se afirmar que o primeiro manifesto coletivo desse movimento neopositivista surgiu do Círculo de Viena. O objetivo da reflexão filosófica do Círculo de Viena era conseguir uma ciência unificada e uma visão unificada do mundo. Para isso era necessário a busca e construção de um sistema de fórmulas, livre das impurezas da linguagem histórica e literária. O método para a construção desse sistema foi a análise lógica, que distinguia o positivismo anterior, o positivismo clássico, mais biológico e psicológico, do novo positivismo. Assim, o neopositivismo do Círculo de Viena era um positivismo ou um empirismo lógico, sustentado a partir da interpretação e da linguagem matemática.



O Círculo de Viena foi o nome pelo qual ficou conhecido um grupo de filósofos que se juntou informalmente na Universidade de Viena, de 1922 a 1936, com a coordenação de Moritz Schlick. Também foi chamado de "Sociedade Ernst Mach" em homenagem a Ernst Mach. Em reuniões semanais, procuravam reconceitualizar o empirismo a partir das novas descobertas científicas e demonstrar as falsidades da metafísica. Suas atividades cessam quando Schlick é assassinado por um dos seus alunos, figura destacada do movimento nazista. Os membros do Círculo, então, se dispersam frente à perseguição nazista (Stanford Encyclopedia of Philosophy e Mélika Ouelbani).

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_de_Viena

Conforme Capel (2012, p. 337), a partir de 1936, com a morte de Schilck, o Círculo de Viena começou a se dividir em função da emigração de seus membros. A ameaça nazista e a incorporação da Áustria à Alemanha levaram seus principais representantes para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos, o mesmo acontecendo com os filósofos do grupo de Berlim. Como resultado dessa migração, desenvolveu-se no mundo anglo-saxão uma poderosa corrente neopositivista nas décadas de 1940 e 1950, que se difundiu, posteriormente, por vários países.



Atende ao objetivo 1

A partir do que vimos, explique o que foi a filosofia neopositivista e apresente suas origens.

Resposta comentada

O neopositivismo, conforme sua nomenclatura, indica “novo positivismo”. Foi é uma filosofia, uma forma de pensar e descrever a realidade a partir da lógica e da matemática. A filosofia neopositivista representou uma linha de continuidade com o positivismo clássico, mas de uma forma diferente, nova. Esse novo positivismo, denominado também como Positivismo Lógico ou Empirismo Lógico, se desenvolveu na Europa central nos anos de 1920 em dois núcleos fundamentais, no Círculo de Viena e o grupo de Berlim.



Características do Neopositivismo e sua relação com o método dedutivo e racionalista

Apesar de se desdobrar do Positivismo anterior, o Neopositivismo apresenta características completamente novas. Vejamos as principais características do Neopositivismo.

a) Análise lógica ao material empírico

- O ponto de partida continua sendo empírico, a experiência. Entretanto, ainda que a experiência seja o ponto de partida, abandona-se o real físico em proveito de uma combinação de signos, advindos da linguagem matemática. Assim, a filosofia é reduzida à construção e análise da expressão lógica. O esforço intelectual está direcionado para a construção de uma descrição científica aplicando a análise lógica ao material empírico. Mas essa descrição não se refere e nem contém a essência do objeto, ou seja, suas qualidades subjetivas experimentadas, como o prazer de contemplar ou o colorido.

b) Exclusão da metafísica, das proposições idealistas e a defesa da neutralidade científica

- Exclui-se, assim, a metafísica e as proposições idealistas em defesa da neutralidade da ciência. O avanço da ciência está, nesse sentido, condicionado ao abandono da metafísica (ou seja, da busca da essência) e ao estabelecimento de fórmulas convencionalmente aceitas.

c) Adoção de uma linguagem científica comum para todas as disciplinas

- Há grande preocupação com a linguagem científica, seu significado e uso comum para todas as disciplinas. Defende-se o uso de uma linguagem comum para todas as áreas do conhecimento, assim como de uma metodologia comum. A investigação científica e seus resultados deveriam ser expressos de forma clara, o que exige o uso da linguagem matemática e da

lógica, que são concebidas como a estrutura da ciência. Assim, haveria melhor compreensão se as substâncias fossem descritas através de uma linguagem formal e comum a todas as ciências, como a matemática. Busca-se, então, constituir uma linguagem científica unificada graças a uma lógica simbólica, verdadeira língua comum de todas as ciências.

d) Atitude normativa para com a ciência: adoção do método científico

- Há também uma atitude normativa para com a ciência, isto é, uma forma de agir estabelecida a partir de regras, medidas e padrões comuns e aceitos como científicos. Há critérios que delimitam o científico e o metafísico, assim como as regras do método científico. A produção da ciência é apenas aceita quando se adota o método científico. Busca-se, assim, estabelecer quais os enunciados ou proposições que podem ser considerados científicos, assim como as regras do método científico.

e) Adoção do método dedutivo e racionalista

- Há nesse novo modelo científico, a afirmação da indeterminação da relação entre previsão e acontecimento futuro, concedendo um peso cada vez maior para a probabilidade. O princípio da indução não servirá para decidir sobre a verdade, mas sobre a probabilidade da verdade. Assim, independente da origem dos dados e informações que sustentam as novas teorias, o que passou a importar para o Neopositivismo foi a clareza do seus enunciados, uma vez que precisavam ser verificados. A verificação das teorias estabeleceria, nesse sentido, sua validade. As teorias passaram a ser elaboradas com o objetivo de aplicação e comprovação. Para tanto, abandona-se o processo indutivo, essencial no Positivismo Clássico, e adotam-se as proposições dedutivas e racionalistas.

Raciocínio indutivo (indução)	Raciocínio dedutivo (dedução)
<p>A incapacidade de falar sobre o futuro com alguma certeza é chamada de problema da indução e foi reconhecida pela primeira vez por Hume, no século XVIII. Então o que é raciocínio indutivo?</p> <p>A indução é o processo de deslocar-se de um conjunto de fatos observados para conclusões mais gerais sobre o mundo. Esperamos que, ao soltar uma bola, ela atinja o solo, porque, de acordo com Hume, estamos generalizando a partir de incontáveis experiências de ocasiões similares, nas quais descobrimos que coisas como bolas caem ao solo quando soltamos.</p>	<p>Outra forma de raciocínio, que os filósofos contrastam com a indução, é o raciocínio dedutivo.</p> <p>Enquanto a indução se desloca do caso particular para o geral, a dedução se desloca do geral para o particular. Por exemplo, um caso de raciocínio dedutivo pode começar a partir de duas premissas, tais como: “se é uma maçã, então é uma fruta (já que todas as maçãs são frutas) e isso é uma maçã”. Admitida a natureza dessas premissas, a afirmação “isso é uma maçã” leva inevitavelmente à conclusão: “é uma fruta”.</p>

Fonte: BUCKINGHAN; BURNHAM, 2011, p. 263-264.

Nas ciências humanas, em geral, e na Geografia, em particular, a filosofia neopositivista ou a positivista lógica estava associada não apenas à crise econômica capitalista e às demandas advindas da reconstrução de regiões devastadas pela Segunda Guerra, bem como aos avanços tecnológicos gerados no pós-guerra. De acordo com Capel (2012, p.341), o surgimento de potentes instrumentos de tratamento da informação, como os computadores, e de novos marcos teóricos e conceituais – como a Teoria Geral dos Sistemas, a Teoria da Informação e da Comunicação, a Teoria

da Decisão e dos Jogos – causou inevitável mudança nos métodos e nas teorias dessas disciplinas.

Os métodos qualitativos, o Historicismo e a intuição passaram, então, a ser rejeitados pelo processo científico. Emerge um grande interesse pela aplicação de sistemas lógicos ao material empírico, tanto das ciências naturais quanto das ciências humanas. Busca-se a construção de modelos a partir da quantificação e do raciocínio lógico. Uma grande euforia pela quantificação e pela análise estatística surge com força em todas as ciências humanas na década de 1950. A Geografia passava, então, a ser impactada pelas correntes neopositivistas, sofrendo transformações principalmente nos seus métodos e objetos de investigação. Essa mudança ficou conhecida como *revolução quantitativa*, indicando uma nova Geografia, científica, racional e dedutiva.



Atende ao objetivo 2

A partir do que foi visto anteriormente, apresente uma importante distinção entre o Neopositivismo e o Positivismo Clássico do ponto de vista metodológico.

Resposta comentada

Do ponto de vista metodológico, podemos dizer que uma importante distinção entre o Neopositivismo e o Positivismo Clássico se sustenta na linguagem científica que utilizam e no caminho que percorrem para a construção de teorias. O Neopositivismo se baseia no raciocínio dedutivo e na linguagem matemática, enquanto o Positivismo Clássico, no método indutivo e nas descrições advindas da experiência sensitiva.

CONCLUSÃO

Nesta aula, procuramos demonstrar a base filosófica da chamada Geografia Lógico-formal ou Geografia Neopositivista, o Neopositivismo ou Positivismo Lógico. Embora o Neopositivismo tenha representado uma linha de continuidade com o Positivismo Clássico, uma vez que o ponto de partida permaneceu sendo empírico, baseado na experiência, nele abandonou-se o real físico em proveito de uma combinação de signos, advindos da linguagem matemática. Nesse sentido, podemos dizer que o Neopositivismo é um Positivismo, ou um Empirismo Lógico, sustentado a partir da interpretação e da linguagem matemática.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- A definição e a origem da filosofia neopositivista.
- As diferentes denominações dadas à filosofia neopositivista.
- As principais características do Neopositivismo e sua aproximação e distinção com o Positivismo Clássico.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos dar continuidade ao estudo metodológico da Geografia Neopositivista, aqui iniciado. Serão apresentados a origem, os principais autores e conceitos da Geografia Neopositivista, assim como exemplos de seus estudos e pesquisas. Até lá!

Aula 9

Geografia
Neopositivista:
origem, autores,
conceitos, princípios
teórico-metodológicos
e exemplos de
estudos e pesquisas

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia Neopositivista ou Lógico-formal, a partir da abordagem metodológica. Indicar a origem da Geografia Neopositivista, alguns autores, conceitos e princípios teórico-metodológicos, assim como exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidos por esse paradigma geográfico.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. descrever as principais características da Geografia Neopositivista ou Lógico-formal: origem, autores, conceitos e princípios teórico-metodológicos;
2. apresentar exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia Neopositivista.

INTRODUÇÃO

Vimos na aula passada considerações a respeito da filosofia neopositivista: definição, características e nomenclaturas e sua relação com o método racionalista e dedutivo. Vimos também que, em busca de maior rigor científico, uma nova Geografia surgiu na década de 1950, uma ciência geográfica baseada no Positivismo Lógico, no método racionalista, dedutivo e na linguagem matemática. Na aula de hoje, vamos tratar especificamente da Geografia Neopositivista, apresentando sua origem, autores, conceitos, princípios teóricos e exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidos por esse paradigma geográfico.

A Geografia Neopositivista: origem, autores, conceitos e princípios teórico-metodológicos

Origem e alguns autores da Geografia Neopositivista

A Geografia Neopositivista emerge no mundo anglo-saxão e desenvolve-se, especialmente, nos Estados Unidos, nos anos de 1950, sob influência do Círculo de Viena.

Antes de apresentarmos os principais geógrafos neopositivistas, cabe mencionar a contribuição de Walter Christaller, que publica, em 1933, cerca de 20 anos após o surgimento do movimento neopositivista na Geografia, uma obra pioneira denominada *Teoria das localidades centrais*. Alemão e com formação em Economia e Geografia, Christaller (1893-1969) buscava explicar o número, a dimensão e a distribuição dos lugares centrais a partir do fornecimento de bens e serviços, com o intuito de estabelecer uma hierarquia desses lugares segundo seu grau de centralidade. Essa obra foi muito difundida na década de 1960 e passou a ser uma das principais teorias da Geografia Neopositivista, influenciando

geógrafos norte-americanos, principalmente do grupo de William Garrison, da Universidade de Washington, e muitos trabalhos realizados no Brasil, especialmente no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O alemão Fred Schaefer defendeu essa nova Geografia em 1953, em *Excepcionalismo em Geografia*, atacando diretamente a Geografia anterior, a Regionalista e Historicista. Schaefer tinha formação em Economia, Geografia e Matemática. Na década de 1940, migra para os Estados Unidos e passa a lecionar na Universidade de Iowa. A Universidade de Iowa, assim como a Universidade de Wisconsin, em Madison, ambas localizadas na região centro-oeste dos Estados Unidos, juntamente com a Universidade de Washington, em Seattle, localizada na região dos estados do Pacífico, foram importantes centros difusores da Geografia Neopositivista. A partir desses três centros, formaram-se importantes geógrafos neopositivistas.

Entretanto, como destaca Johnston (1986, p. 49), é incomparavelmente maior o volume de trabalho publicado durante os anos de 1950 pela Universidade de Washington, que também acabou formando na década de 1960 um grande e importante grupo de geógrafos como Brian Berry e William Bunge.

Universidade de Iowa	Universidade de Wisconsin	Universidade de Washington
<ul style="list-style-type: none"> • Harold McCarty • Fred Schaefer 	<ul style="list-style-type: none"> • John Weaver 	<ul style="list-style-type: none"> • William Garrison • Torsten Hägerstrand (sueco, exerceu grande influência nesse grupo)
		
<p>Figura 9.1: Estado de Iowa. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Iowa_in_United_States.svg</p>	<p>Figura 9.2: Estado de Wisconsin. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Wisconsin_in_United_States.svg</p>	<p>Figura 9.3: Estado de Washington. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Washington_in_United_States.svg</p>

Dos Estados Unidos, o movimento neopositivista na Geografia se transmitiu para outros países. No Brasil, a Geografia Neopositivista teve como grande centro difusor o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Rio de Janeiro. O IBGE promoveu a vinda de vários geógrafos norte-americanos para treinar seus profissionais na nova Geografia na década de 1960. Brian Berry e John Cole são alguns nomes. O instituto também realizava cursos e enviava, para o exterior, principalmente para os Estados Unidos, geógrafos para realizarem cursos de formação e pós-graduação. Dentre os geógrafos brasileiros, vinculados ao IBGE, de grande destaque na Geografia Neopositivista cabe mencionar Speridião Faissol.

Alguns conceitos da Geografia Neopositivista

Diferentemente da Geografia Clássica, a Geografia Neopositivista não está preocupada em observar, descrever e classificar as paisagens ou regiões a partir de trabalhos de campo e da experiência sensitiva. Assim, os conceitos clássicos da Geografia, conforme vistos em nossa sétima aula, como território e paisagem, serão substituídos pelos conceitos de *sistemas espaciais*, *espaço relativo*, *espaço econômico*, *redes*, *nós de redes* e *regiões de influência*. Todos esses conceitos estavam vinculados às realidades econômicas, aos dados matemáticos e ao método estatístico. A ciência econômica e a economia espacial passariam a orientar, então, essa nova Geografia.



Como a Geografia Clássica e a Geografia Neopositivista responderiam a pergunta: Por que a sociedade está espacialmente organizada dessa forma e não de outra?

Geografia Clássica	Geografia Neopositivista
<p>Apenas as circunstâncias naturais e históricas podem explicar as cidades, seu tamanho, distribuição e desenvolvimento. A descrição da paisagem a partir da relação estabelecida do homem com o meio seria a atividade central dessa Geografia.</p>	<p>Apenas a teoria e a construção de hipóteses e modelos econômicos podem explicar as cidades, seu tamanho, distribuição e desenvolvimento. A descrição não seria mais da paisagem, e sim do espaço geográfico, da relação entre pontos do espaço estabelecida por redes, a partir de dados como densidade demográfica, distância, alcance das mercadorias e dos serviços, número e tamanho de cidades.</p>

Princípios teóricos e metodológicos da Geografia Neopositivista

Em função da necessidade de substituição da Geografia Clássica, muito empírica e limitada à descrição e classificação de áreas, por uma Geografia mais moderna, uma *ciência dos lugares*, capaz de apresentar predições, a Geografia Neopositivista se estabeleceu com grande expressão, principalmente no Brasil nas décadas de 1960 e 1970.

Entretanto, para elevar a Geografia ao patamar de uma ciência neopositivista, era necessário que os geógrafos apresentassem leis explicativas gerais, em lugar das descrições únicas. Leis capazes de explicar a distribuição espacial de determinadas características e atividades da superfície terrestre.

Buscam-se, assim, enfoques teóricos e a constituição da Geografia Sistemática. A Geografia deveria ser uma ciência teórica. O conteúdo principal dos trabalhos geográficos neopositivistas abrangia, principalmente, a Geografia Urbana e a Econômica. O objetivo dessa nova Geografia era construir sistemas e modelos espaciais a partir da quantificação e elaboração de teorias. A teoria das localidades centrais, de Walter Christaller, mencionada anteriormente, é um exemplar dessa nova Geografia.

Walter Christaller, a partir do estudo do povoamento da Alemanha Meridional, procurou construir um esquema interpretativo capaz de explicar a distribuição e a hierarquia dos núcleos urbanos. Procurava encontrar as leis que regem essa distribuição e hierarquia e formular uma teoria com validade universal, completamente independente da realidade, mas válida em virtude de sua lógica. Para aprimorar a teoria, ela deveria ser confrontada com a realidade no intuito de avaliar se a realidade corresponde à teoria, ou seja, com objetivo de avaliar em que medida a realidade é explicada pela teoria e em quais aspectos ela não é.

Para Christaller, e para a Geografia Neopositivista, o importante era apresentar os princípios ordenadores explicativos da distribuição espacial dos homens (povoamento e cidade) e das atividades econômicas (agricultura, comércio e indústria). Para tanto, era necessário estabelecer uma perspectiva puramente teórica, com critérios puramente lógicos, para descobrir as leis do ordenamento espacial, o que era impossível para a Geografia Clássica. Assim, grande é a preocupação com as regularidades, as leis e a ordem do mundo. A base da explicação é econômica, as leis são econômicas e locais.

No exemplo das teorias das localidades centrais de Christaller importava responder questões como:

- Há algum princípio ordenador para explicar a distribuição espacial dos centros populacionais?
- Existem leis que determinam o número, o tamanho e a distribuição das cidades?
- O que explica a existência da pequena, média e grande cidade?
- Qual é o princípio ordenador, as leis, das distribuições e dos tamanhos das cidades?

Christaller mostrava a incapacidade da Geografia Clássica em responder questões relativas à localização espacial, tais como: Por que a sociedade está organizada espacialmente de uma forma e não de outra? Segundo Christaller, a resposta não estaria nas condições naturais, históricas ou meramente estatísticas. Era necessária uma perspectiva puramente teórica e com critérios de cientificidade lógica para se descobrir as leis de ordenamento espacial. Para responder a essa questão, Christaller, diferentemente de Ratzel ou de La Blache, afirmava que nem as condições físicas e naturais nem as condições históricas nem puramente a estatística são capazes de explicar as cidades, seu tamanho e sua distribuição. Apesar do método ser a base de reformulação da Geografia, a primeira expressão da Geografia Quantitativa, por si só, não é capaz de formular leis, apenas quantifica e relaciona dados: densidade demográfica, distância, categorias, número e tamanho de cidades. Mas não é capaz de formular leis. Era necessário pensar teoricamente, construir hipóteses e modelos, e a ciência orientadora era a Economia. Era necessário descobrir leis econômicas geográficas capazes de explicar o tamanho e a distribuição das cidades.

Assim, era necessário pensar teoricamente, construir hipóteses, sistemas e modelos com validades universais (independentes da realidade e possuindo um lógica própria) e depois compará-los com a realidade para saber quais aspectos correspondem ou não à teoria. Era inútil partir da descrição da realidade como fez a Geografia Clássica.

Quadro 9.1: Estudo do povoamento e das cidades, Geografia Clássica e Christaller

Geografia Clássica	Christaller
<ul style="list-style-type: none">• Partia-se da observação e descrição do sítio, da situação, da posição, da origem, das funções das cidades.• A classificação das cidades era dada a partir das características naturais, históricas, da estatística e da delimitação da área de influência das cidades e portos.	<ul style="list-style-type: none">• Incorpora parte da abordagem clássica (funções e áreas de influência das cidades).• Procura explicar a posição relativa em detrimento da absoluta.• Sugere a existência de uma organização geral para o povoamento e as áreas de influências.

Na realidade, havia uma atitude corrente entre os geógrafos neopositivistas, que pode ser resumida a seguir:

Existe uma ordem subjacente ao aparente caos da realidade, mas somente descobriremos se estivermos armados de teorias; sendo elas a chave da realidade o objetivo tem que ser sua elaboração e não o recolhimento de dados ou a realização de observações; é da teoria de onde partem todas as formulações de hipóteses que podem ou não ser verificadas mediante a investigação empírica (BRADFORD; KENT, 1977).

Assim, podemos afirmar que a Geografia Neopositivista deu ênfase à construção de teorias e modelos com validade universal, independentes da realidade, com sua própria lógica. Após a construção desses modelos, comparava-os com a realidade buscando identificar quais os aspectos da realidade corresponderiam ou não à teoria. Após essa comparação, se estabeleceria sua validade e seu alcance.

Quadro 9.2: Quadro comparativo – Geografia Clássica e Neopositivismo

Geografia Clássica (até 1950)	New Geography (1950/70)
Domínio do método INDUTIVO	Domínio do método DEDUTIVO
<p>1. Realidades particulares: ponto de partida para o conhecimento. Exemplo: Descrevia-se a paisagem individual com o objetivo de entender as paisagens em geral, entretanto só foram alcançados conhecimentos de áreas singulares.</p>	<p>1. Hipótese: ponto de partida para o conhecimento. Entretanto a hipótese era produto de experiências passadas, do conhecimento acumulado do pesquisador. Exemplo: Construía-se uma ideia comportamental geral dos elementos e, depois, buscava-se a confirmação nos estudos particulares. A confirmação era realizada por eleição de amostras matemáticas.</p>
<p>2. Domínio do <i>trabalho de campo</i>:</p> <ol style="list-style-type: none"> observação, experiências; ordenamento e descrição dos fatos: definição e classificação; analogias e comparações das realidades singulares, de várias áreas; generalizações (explicações). <p>Exemplos: Como conhecer um morango maduro? Observações de diferentes plantações de morango.</p> <ul style="list-style-type: none"> A observação do comportamento das águas, relevo, homens etc. de áreas específicas, buscando um entendimento geral do comportamento de áreas similares. O instrumento principal para a comparação era o mapa. Grande utilização de fotografias, relatos e histórias locais. 	<p>2. Domínio do <i>trabalho de gabinete</i>:</p> <ol style="list-style-type: none"> experiências, conhecimento acumulado do pesquisador; construção de hipóteses: representação da imagem da verdade; realização de experimentos e testes estatísticos e amostras estatísticas (o espaço geográfico era estudado através de amostras estatísticas: população, natalidade, PEA, erosão, hidrografia etc.). A hipótese poderia ou não ser comprovada através da utilização de técnicas estatísticas (média, desvio-padrão, moda, variância etc.); experimentos confirmavam a generalização, a hipótese, explicavam a generalização cientificamente. <p>Exemplos: A hipótese de que todo morango vermelho é maduro necessita ser confirmada. Explicação e funcionamento do fenômeno: o fluxo de águas obedece a relações com a declividade do terreno, desmatamento, clima, pluviosidade, ocupação do solo. São relações universais, mas precisam ser verificadas. Como por exemplo: a hidrografia de uma área é explicada em 70% pela declividade do relevo e em 80% pelo uso da terra (confirma a explicação geral).</p> <ul style="list-style-type: none"> Instrumentos principais para a explicação: máquina de calcular e computador.
<p>3. Método indutivo</p> <ul style="list-style-type: none"> A indução coloca a necessidade de ver (fotografias), e o olhar é sempre individual, subjetivo, impuro, não neutro. O mapa era uma forma de ver e de observar: permitia ver o que o olhar não percebia imediatamente. Observava-se, descrevia-se, fotografava-se, mapeava-se o relevo, a hidrografia, a vegetação, a população, para se identificar áreas singulares. O uso da estatística era apenas para auxiliar o levantamento da realidade local. 	<p>3. Método dedutivo</p> <ul style="list-style-type: none"> Conduz a necessidade de estabelecer amostras e testes estatísticos, o que irá limpar a pesquisa da subjetividade do pesquisador (busca da neutralidade científica). A ideia subjetiva agora é comprovada objetivamente (sem subjetividade). Assim é comprovada cientificamente, a partir do modelo de ciência do Positivismo Lógico. O uso de estatística agora se torna essencial para a Geografia, substituindo os ricos mapas e fotografias.



Atende ao objetivo 1

Desenvolva de forma objetiva os quatro tópicos a seguir sobre a Geografia Neopositivista.

a) Origem e período dominante:

b) Autores e instituições:

c) Principais conceitos:

d) Os princípios teóricos:

Resposta comentada

a) Origem e período dominante:

Alemanha e Estados Unidos.

Entre 1950-1970. No Brasil, destaca-se a década de 1970.

b) Autores e instituições:

Walter Christaller, Harold McCarty, Fred Schaefer, John Weaver, William Garrison; Torsten Hägerstrand, Brian Berry, William Bunge, John Cole, Speridião Faissol.

Universidade Iowa, Universidade de Wisconsin; Universidade de Washington; IBGE.

c) Principais conceitos:

Sistemas espaciais, espaço relativo, espaço econômico, redes, nós de redes e regiões de influência.

d) Os princípios teóricos e metodológicos:

Existe uma ordem subjacente ao aparente caos da realidade, mas somente a descobriremos se estivermos armados de teorias. Estas são, portanto, a chave da realidade. O objetivo tem que ser sua elaboração, e não o recolhimento de dados ou a realização de observações. É da teoria de onde partem todas as formulações de hipóteses que podem ou não ser verificadas mediante a investigação empírica.

Exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia Neopositivista

Para fixação e conclusão desta aula, vamos agora apresentar fragmentos de textos e representações gráficas da Geografia Neopositivista.

Fragmento 1

A discussão de metodologia que se apresenta aqui trata de relacionar a Geografia com a ciência. O alcance da discussão se estende mais além da consideração da mera teoria científica, posto que é necessário estabelecer as relações entre teoria e fatos (descrições) e entre teoria e lógica (matemáticas). Na primeira parte, se introduz uma filosofia geral da ciência, com ênfase no lugar da teoria. Na segunda, se discutem os problemas relacionados em considerar a Geografia como uma ciência. Esses problemas se referem ao papel da descrição em geografia e à predição dos fenômenos geográficos. A terceira e última parte, que se inspira amplamente em Schaefer, sugere uma metodologia científica para a Geografia e põe em destaque as relações entre Geografia Regional e Descritiva, Sistemática e Teórica, cartográfica e matemática.

A fim de considerar a metodologia na perspectiva que se pretende é necessário se ter presente certas regras fundamentais. Os argumentos históricos que sustentam ou atacam posições metodológicas não são utilizados (BUNGE, 1968 in MENDONZA, 1982).

Fragmento 2

O presente documento pretende discutir alguns problemas básicos em pesquisa de grandes aglomerações urbanas, partindo da premissa de que, sendo um campo ao mesmo

tempo vasto e pouco explorado, um dos seus aspectos fundamentais é a imprecisão de alguns conceitos. Daí a tentativa de se definir, em termos teóricos e brasileiros, alguns desses conceitos ligados às grandes aglomerações metropolitanas [...].

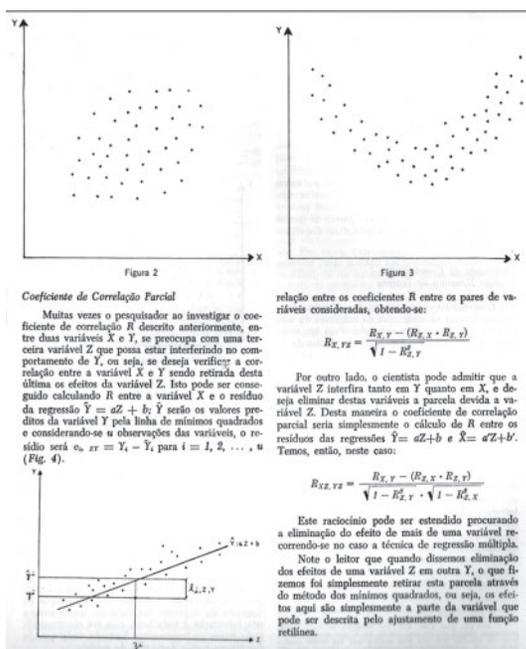
Com um contingente populacional da ordem dos 5 milhões de habitantes, o Rio de Janeiro representa o segundo aglomerado urbano do Brasil. Constitui com São Paulo, com o qual divide as funções de metrópole nacional, o aglomerado urbano em que o processo de metropolização se desenvolveu de forma clássica, no tempo e no espaço. No tempo, porque foi passando de núcleo de um pequeno interior à capital do país e hoje metrópole nacional. No espaço, porque o seu crescimento urbano e industrial foi se espalhando por núcleos dormitórios e outros de expansão industrial, típicos das áreas metropolitanas internas do mundo inteiro.

Quanto às características demográficas, excluindo-se o estado da Guanabara, distinguem-se na área de pesquisa do Rio de Janeiro quatro municípios com densidade, em 1960, superior a 1000 habitantes por km²: Nilópolis, São João de Meriti, Niterói e São Gonçalo. Os altos índices atingidos, refletem o caráter essencialmente urbano dos mesmos [...].

No que concerne à variação relativa de população no período 1950/1960, preenchem a exigência do critério, registrando um crescimento demográfico superior a 45% no último período intercensitário, os seguintes municípios: Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Nilópolis, São Gonçalo, Magé e Itaguaí (GALVÃO, 1969).

As passagens apresentadas anteriormente, extraídas da obra de William Bunge e da *Revista Brasileira de Geografia*, do IBGE, ilustram a tendência de estudo da Geografia Neopositivista. Como pode ser observado, tanto no primeiro fragmento quanto no segundo, sobressaem a importância da matemática, do aprimoramento dos

conceitos e da necessidade de desenvolvimento de teorias. O Fragmento 1 apresenta de forma evidente a preocupação com o reconhecimento e com o fortalecimento científico da Geografia, através do uso da lógica e da atividade racional, assim como a rejeição à abordagem histórica. No Fragmento 2, são levantados e comparados os dados censitários demográficos dos então grandes centros urbanos brasileiros, com o intuito de estabelecer regiões metropolitanas, ou seja, áreas de planejamento territorial a partir de critérios teóricos estabelecidos.



Figuras 9.4 e 9.5: Exemplos de técnicas quantitativas em Geografia.
Fonte: FAISSOL, 1978.

As **Figuras 9.4 e 9.5** também ilustram a Geografia Neopositivista. A primeira apresenta gráficos e cálculos do coeficiente de correlação, técnica estatística que mede o grau de correlação entre duas ou mais variáveis. O coeficiente de correlação foi muito utilizado nos trabalhos da Geografia Quantitativa para estabelecer possíveis relações entre fenômenos distintos em um

conjunto de áreas. Assim, puderam ser cruzados, por exemplo, dados de taxa de fecundidade com a porcentagem da população urbana e estabelecidas relações advindas desse cruzamento, como quanto maior a população urbana, maior a taxa de fecundidade. A partir desses resultados foi possível, por exemplo, estabelecer estratégias de planejamento territorial. A figura seguinte apresenta gráficos de difusão no espaço, que podem servir para estabelecer áreas de influências e hierarquias urbanas.

Sem dúvida, a Geografia Neopositivista foi muito importante para o desenvolvimento da ciência geográfica, principalmente pelo avanço teórico, metodológico e técnico, encadeando no interior da disciplina. Entretanto, muitas críticas são feitas, não apenas sobre o caráter conservador neopositivista e sua associação com os regimes autoritários, como no caso brasileiro, mas também sobre a cegueira desse paradigma da Geografia com relação ao espaço geográfico. As figuras apresentadas anteriormente ilustram um pouco essa cegueira. O paradigma neopositivista na Geografia terminou negligenciando o conhecimento da Geografia Material em proveito das fórmulas matemáticas e da análise estatística. Como já assinalava Milton Santos (1986, p. 92), a Geografia acabou dando as costas ao seu objeto e terminou sendo uma viúva do espaço, ao esvaziá-lo historicamente e socialmente.

A Geografia depois da Segunda Guerra pode ser definida por um conjunto de postulados que, ao invés de ajudar a descoberta do real, contribuía para escondê-lo. Como essa postulação se abrigava em uma retórica cientificista, em uma face da história em que a ciência é considerada como estudo de fenômenos, isto é, de aparências, se impunha à consideração da realidade em si mesma – [...] – tal cientificismo despreocupado com a essência das coisas era, ao mesmo tempo, o estímulo para a Geografia empírica e a sua justificação (SANTOS, 1978, p. 93).



Atende ao objetivo 2

Os dois mapas apresentados no quadro a seguir expressam dois momentos distintos da ciência geográfica. O mapa da **Figura 9.6** é mais artesanal do que o da **Figura 9.7**, que exige maior carga técnica. Observe os dois mapas e responda ao que se pede.

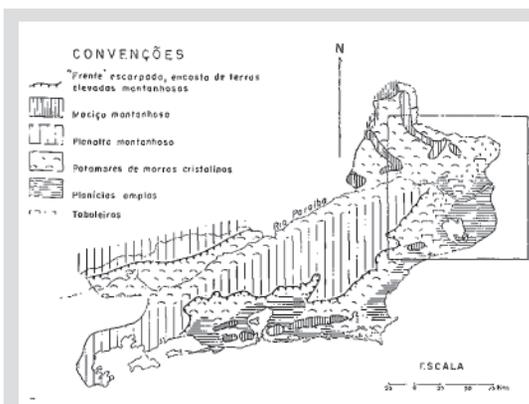


Figura 9.6: Estado do Rio de Janeiro e seu relevo.
Fonte: GEIGER, 1956.



Figura 9.7: Estado de São Paulo e sua área de influência.
Fonte: FAISSOL, 1978.

Este mapa ilustra a

Explique:

Este mapa ilustra a

Explique:

Resposta comentada

Estado do Rio de Janeiro	Estado de São Paulo
<p>Este mapa ilustra a Geografia Clássica ou Positivista.</p> <p>Nele, são representadas as realidades morfológicas do relevo do estado do Rio de Janeiro e é destacada a região Norte Fluminense. Assim, buscou-se descrever o relevo do estado do Rio para dar início ao estudo empírico da região Norte Fluminense. O relevo é plotado à mão, possivelmente fruto de observações de mapas anteriores e de trabalho de campo.</p>	<p>Este mapa ilustra a Geografia Neopositivista ou Quantitativa.</p> <p>Nele, são representados os centros urbanos no estado de São Paulo, na década de 1970, segundo sua hierarquia. Para tanto, foi necessário um levantamento de dados censitários demográficos e econômicos, principalmente dos bens e serviços dos centros urbanos. Em seguida, a partir do tratamento estatístico, foram estabelecidas as hierarquias urbanas, em função da importância de cada centro.</p>

CONCLUSÃO

Vimos, nesta aula, a a Geografia Neopositivista orientada pelo método de interpretação neopositivista ou positivista lógico, dedutivo e racionalista. Vimos também a origem e as características do Neopositivismo, sua entrada na Geografia, seu núcleo originário, os principais autores e instituições e seus princípios teóricos e metodológicos. Por último, apresentamos alguns exemplos da Geografia Neopositivista, a partir da seleção de textos e imagens, com o intuito de fixar o conteúdo aqui estudado.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- Origem, autores, instituições, conceitos, princípios teóricos e metodológicos da Geografia Neopositivista.
- Exemplos de trabalhos da Geografia Neopositivista: a importância da matemática e da estatística, a teoria dos lugares centrais; hierarquia urbana e expressões gráficas.

Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, procuraremos seguir a mesma metodologia desta aula. Trataremos da Geografia marxista. Até lá!

Aula **10**

Geografia
marxista:
materialismo
histórico-dialético

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia marxista a partir da abordagem metodológica. Conceituar e discutir marxismo e método materialista histórico e dialético, relacionando-o à Geografia marxista.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. apresentar a origem do marxismo e suas principais características;
2. relacionar o marxismo ao método materialista histórico-dialético e à Geografia marxista.

INTRODUÇÃO

Conforme já indicamos em aulas anteriores, a Geografia marxista foi a denominação dada ao conjunto de estudos e pesquisas desenvolvido a partir da década de 1960, influenciado pelo pensamento e pelas obras de Marx. Mais precisamente, a Geografia marxista emerge com força, inicialmente, na França e em vários países europeus. Em finais da década de 1970, correntes marxistas proliferam de forma expressiva nas ciências humanas no continente americano, estabelecendo-se, assim, a Geografia marxista nos Estados Unidos e no Brasil.

Na realidade, as transformações econômico-sociais ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 provocaram grandes desafios às ciências sociais positivistas e neopositivistas do período. Assim, movimentos críticos emergiam em todas as ciências sociais em busca de novos marcos teóricos de análise para o entendimento, explicação e intervenção na realidade. Foi justamente naquelas décadas que o marxismo se revelou como um suporte adequado para o novo enfoque nas ciências sociais, em geral, e na Geografia, em particular.

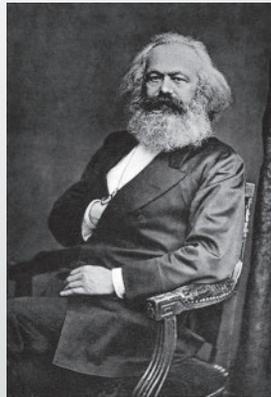
Vejamos agora um pouco mais sobre o marxismo e suas principais características. Em seguida, discorreremos sobre o método materialista histórico e dialético e sua relação com a Geografia marxista.

O marxismo e suas principais características

A palavra marxismo (Marx + ismo) advém do nome do grande intelectual e revolucionário alemão do século XIX, Karl Marx. Assim, quando falamos em marxismo ou marxista, aquele que é partidário do marxismo, estamos nos referindo a um conjunto específico de ideias desdobradas ou oriundas das obras e do pensamento de Marx.



Cientista social, historiador e revolucionário, Marx foi certamente o pensador socialista que maior influência exerceu sobre o pensamento filosófico e social e sobre a própria história da humanidade. Embora em grande parte ignorado pelos estudiosos acadêmicos de sua época, o conjunto de ideias sociais, econômicas e políticas que desenvolveu conquistou, de forma cada vez mais rápida, a aceitação do movimento socialista após sua morte, em 1883 [...]. (BOTTOMORE, 1988, p. 238-239)



Karl Marx.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Marx7.jpg>

Karl Marx: principais obras e notas biográficas

Karl Heinrich Marx (Trier, 1818 – Londres, 1883) nasceu em uma família de classe média em Trier, às margens do rio Mosela, na Alemanha, e descendia de uma longa linhagem de rabinos, tanto da parte materna, quanto paterna.

Aos 17 anos, matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Bonn, ficando noivo de Jenny von Westphalen, filha do barão von Westphalen, figura destacada da sociedade de Trier. No ano seguinte, foi para Berlim, passando quatro anos estudando na Universidade de Berlim.

Participou do movimento de jovens hegelianos, produzindo uma crítica radical ao cristianismo, uma oposição

à aristocracia prussiana, que comandava o então território alemão. Em função dessa oposição, não conseguiu ter acesso à carreira universitária, transferindo-se para o jornalismo.

Em 1842, foi para Colônia, dirigir o jornal liberal *Gazeta Renana*, apoiado pelos industriais renanos. Em função de seus artigos incisivos sobre questões econômicas, o governo fechou o jornal e seus diretores foram para a França.

Em Paris, em 1843, Marx se aproxima dos socialistas franceses e, durante os primeiros anos lá, tornou-se comunista, escrevendo sua obra *Manuscritos econômicos e filosóficos*, inédito até 1930. Aqui esboçou a concepção humanista de Comunismo (influenciada pela filosofia de Feuerbach e baseada no contraste entre a natureza alienada do trabalho no capitalismo e uma sociedade comunista na qual os seres humanos desenvolveriam livremente sua natureza em produção cooperativa). Em Paris, conhece Friedrich Engels e estabelece parceria, que duraria toda a sua vida.

Em 1844, é expulso de Paris, indo para Bruxelas com Engels. Em Bruxelas, passa a visitar a Inglaterra, na época, o país industrialmente mais adiantado do mundo, e dedica-se ao estudo da História, elaborando uma teoria que ficou conhecida como *Materialismo Histórico*, publicada na obra *A ideologia Alemã*, cuja tese básica é a de que a natureza dos indivíduos depende das condições materiais que determinam a produção. Aqui, Marx esboça vários modos de produção e prevê o colapso do modo de produção capitalista e sua substituição pelo comunismo. Ao mesmo tempo em que escrevia essa obra, Marx participava intensamente da atividade política.

Em 1847, Marx e Engels escrevem o *Manifesto Comunista*, publicado em 1848, expressando as concepções da Liga Comunista, organização de trabalhadores alemães sediados em Londres. Marx e Engels haviam se tornado seus principais teóricos.

Em 1848, Marx se transfere novamente para Paris e, em seguida, para a Alemanha, participando das revoluções que ali eclodiam.

Em 1849, em função de suas críticas radicais contra o autoritarismo prussiano, Marx foi obrigado a buscar asilo em Londres, ali ficando o resto de sua vida. Em Londres, participa da Liga Comunista renovada e escreve vários textos, como *As lutas de classe na França 1848-1850* e *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*.

Na década de 1850, passou a estudar economia política e, em 1857-1858, já havia redigido um gigantesco manuscrito, esboço inicial de uma obra que pretendia tratar do capital, da propriedade privada, do trabalho assalariado, do Estado, do comércio exterior e do mercado mundial. Esse manuscrito ficou conhecido como *Grundrisse*, esboços da crítica da economia política.

Em 1860, Marx escreve três volumes intitulados *Teorias da mais-valia*, em que examinava o pensamento de economistas, como Adam Smith e David Ricardo.

Em 1867, Marx publica o primeiro volume do livro *O Capital*, dedicado ao estudo do processo capitalista de produção. Nele, desenvolveu sua teoria do valor do trabalho, as concepções de mais-valia e a exploração. O segundo e o terceiro volumes de *O Capital* ainda não tinham sido finalizados na década de 1860. Marx trabalhou na elaboração de textos que constituíram outros volumes de *O Capital* pelo resto de sua vida.

(BOTTOMORE, 1988, p. 238-241)

Podemos dizer que a grande contribuição de Marx foi a de apresentar e explicar a forma e a dinâmica da sociedade capitalista. Nessa explicação, ficam evidenciadas a essência desse modo de produção e a necessidade de sua superação para a construção de uma sociedade mais justa, baseada em uma distribuição mais igualitária da produção. Do ponto de vista teórico-metodológico, Marx elabora e desenvolve um novo método de interpretação, baseado no processo histórico, no materialismo e na dialética.

Nesse sentido, podemos afirmar que o marxismo é um método de interpretação historicista. Entretanto, o historicismo do método marxista é crítico, materialista e dialético, baseado em uma concepção de história como totalidade do processo histórico cujos movimentos individuais concretos revelam precisamente sua essência dialética. Esse historicismo é muito diferente daquele que serviu de modelo para a Geografia Clássica francesa, um historicismo acrítico e evolucionista, originário nas ciências naturais, que concebia as mudanças sociais como resultados de leis evolutivas.

O historicismo marxista assinala que não existe um conhecimento que busque explicar, interpretar e compreender a realidade sócio-histórica que não seja influenciado, direta ou indiretamente, por uma perspectiva socialmente determinada. Assim, ele se contrapõe à concepção idealista de história e se vincula à análise de situações concretas da sociedade. Nesse sentido, a história não parte da ideia, não é o autodesenvolvimento do conceito, mas é fruto das ações, da prática humana. Ela é o processo social real pelo qual os homens se tornam homens, pelo qual eles constituem suas vidas.

Do ângulo adotado por Marx, nenhum aspecto significativo da realidade humana poderia ser pensado fora da história, acima da história. Desse modo, o marxismo permitiu compreender que os fatos humanos são instituições sociais e históricas produzidas não pelo espírito e pela vontade livre dos indivíduos, mas pelas condições objetivas nas quais a ação e o pensamento humanos devem se realizar. Permitiu também compreender que os fatos humanos mais originários ou primários são resultantes das relações de trabalho dos

homens com a natureza na luta pela sobrevivência. Essas relações de trabalho deram origem às primeiras instituições sociais: família (pela divisão sexual do trabalho), agricultura (pela divisão social do trabalho), troca e comércio (pela distribuição social dos produtos).

Outra característica do pensamento marxista, quanto à análise da sociedade, é a ênfase dada às formas de relações econômicas. Para Marx, as sociedades não podem ser compreendidas sem um estudo pormenorizado de sua base econômica, uma vez que esta indicaria a organização da produção da vida material, assim como as características e a composição do trabalho.

A categoria trabalho é central para o entendimento da sociedade no pensamento marxista, principalmente para a sociedade capitalista. A partir dela, Marx desenvolveu uma teoria para o valor dos produtos: o valor é a expressão da quantidade de trabalho social utilizado na produção da mercadoria. A apropriação do mais valor é realizada pelo capitalista, restando apenas ao trabalhador sua força de trabalho.

O marxismo se tornou uma base de ação para os movimentos dos trabalhadores e suas lutas. Estes passaram a se organizar em associações, em busca de melhores condições de vida e de uma divisão mais igualitária e justa da riqueza. Muitos movimentos passariam a defender a construção de outro sistema econômico, o Socialismo e o Comunismo. Após a Segunda Guerra Mundial, o marxismo apresentou um expressivo crescimento. Nos países mais pobres, constituiu-se como base para movimento de liberação nacional.

De maneira muito simples, podemos dizer que, do ponto de vista filosófico, o marxismo é uma forma de interpretar e explicar as sociedades, especificamente, a sociedade capitalista, com base na concepção materialista, historicista e dialética de mundo. Evidenciar a dinâmica da acumulação de riqueza capitalista foi um de seus inúmeros méritos. Embora possamos apontar as características do marxismo e os pensadores que o seguem, há uma infinidade de tendências e desdobramentos desse modelo de interpretação. Assim, na atualidade. Vamos apenas citar alguns no quadro a seguir.

Resposta comentada

A palavra marxismo (Marx + ismo) advém do nome do grande intelectual e revolucionário alemão do século XIX, Karl Marx. Assim, quando falamos em marxismo ou marxista, aquele que é partidário do marxismo, estamos nos referindo a um conjunto específico de ideias desdobradas ou oriundas das obras e do pensamento de Marx.

Principais características do marxismo: 1) método historicista de interpretação, sustentado no historicismo crítico e materialista; 2) ênfase na análise econômica e suas formas sociais de produção; 3) trabalho como categoria central; 4) teoria do valor do trabalho; 5) perspectiva da revolução, um outro modo de produção, com divisão mais igualitária da riqueza.

O método materialista histórico-dialético e a Geografia marxista

Definir o método em Marx não é tarefa fácil. De fato, Marx apresenta e desenvolve uma estrutura de pensamento e de entendimento da realidade muito complexa e de difícil definição objetiva. O que vamos aqui fazer é apresentar algumas referências que permitam balizar o estudo do marxismo, com o intuito de correlacioná-lo ao então paradigma da Geografia marxista, de grande expressão entre os anos de 1960 e 1980.

Para tanto, vamos então começar definindo *materialismo* e *dialética*, para posteriormente incluirmos a história e apresentarmos o materialismo histórico e dialético.

Materialismo

- Qualquer doutrina que não admite outra substância ou realidade além da matéria, sendo o pensamento apenas uma qualidade da última. No sentido mais amplo, afirma que tudo o que existe

é apenas matéria ou, pelo menos, depende da matéria. Toda a realidade é material.

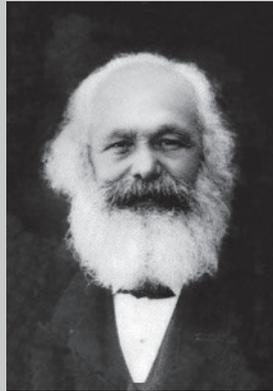
Dialética

- Na *Grécia Antiga*, era a arte do diálogo. Aos poucos, passou a ser a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão.
- No *sentido moderno*, significa o modo de pensarmos as contradições da realidade, de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

Assim, a associação entre materialismo e dialética indica uma composição entre matéria e forma e sua transformação, a partir de uma dinâmica não linear, ou seja, de uma dinâmica complexa. Ao incluirmos a história, estamos incorporando um processo nesse movimento de transformação, ou seja, uma marcha, um prosseguimento, uma sequência. Assim, o método de interpretação marxista inclui essa tríade associativa: matéria/forma, dinâmica complexa e processo.



Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia, – é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado. (MARX, 1987, p.16)



Materialismo histórico designa uma visão da história que procura a causa final e a grande força motriz de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações dos modos de produção e de troca na conseqüente divisão da sociedade em classes distintas na luta entre essas classes. (ENGELS, 1892 in BOTTO-MORE, 1988, p. 260).



O *materialismo do materialismo dialético* não é como o tradicional, não é reducionista, ou seja, ele não reduz as ideias à matéria, afirmando sua identidade final. Ele sustenta dialeticamente que o material e o ideal são diferentes (na realidade, opostos), mas existem dentro de uma unidade na qual o material é básico e primordial. Nesse sentido, a matéria pode haver sem espírito, mas o inverso não ocorre. O espírito originou-se da matéria e dela continua dependente.

O *componente dialético* afirma que a realidade concreta não é uma substância estática numa unidade indiferenciada, mas uma unidade que é diferenciada e especificamente contraditória: o conflito de contrários faz avançar a realidade num processo histórico de transformação progressiva e constante.

O método de interpretação *materialista histórico-dialético* pode então ser entendido como um instrumento capaz de projetar a percepção para além do fenômeno, na busca da essência através da aparência. A realidade última é revelada por intermédio da razão, histórica, determinada materialmente, isto é, historicamente determinada e contextualizada socialmente. Essa razão envolve categorias essenciais, como produção, reprodução, consumo, troca, propriedade privada, Estado, mercado e classes sociais. Essas categorias estão relacionadas diretamente à produção.

E o que envolve a produção?

A produção está diretamente ligada à troca que, por sua vez, vincula-se ao mercado e à divisão territorial do trabalho, que é a base da produção. Assim, podemos dizer, de forma bem simplificada, que o objetivo do método de interpretação materialista histórico-dialético é compreender a sociedade em seus aspectos fundamentais, suas relações sociais de produção, suas determinações e leis gerais de evolução.

De acordo com a valiação marxista mediante a análise da sociedade, o importante são conceitos associados às relações

sociais de produção, os quais foram muito estudados pela Geografia marxista. A seguir, mencionaremos os principais conceitos.

Forças produtivas: combinação de força de trabalho humana e meios de produção, isto é, instrumento e objeto de trabalho, tais como tecnologia, incluindo infraestrutura, ferramentas, máquinas, técnicas, materiais, conhecimento técnico, a terra e demais recursos naturais, formados pelo clima, água, solo, etc.

Relações de produção: relação trabalhista entre detentores dos meios de produção e os trabalhadores, a qual fundamenta toda a sociedade.

Modo de produção: consequência entre forças produtivas e relação de produção. É o desenvolvimento da vida social e econômica. Exemplo: modo de produção feudal, modo de produção capitalista.

Contradição: luta de classes, motor da história.

Mais-valia: é obtida pela exploração do trabalhador o qual é contratado pelo capitalista por certo período de tempo, a fim de alcançar determinada produtividade. Mas o trabalhador, estando disponível todo o tempo, pode produzir o excedente calculado que não é pago ao operário, ficando assim como lucro ao capitalista.

A partir do que vimos, então, como poderíamos caracterizar o método em Marx?

Conforme José Paulo Netto, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o método em Marx tem recebido diversas denominações, como materialismo histórico-dialético, materialismo histórico, materialista, dialético, etc. Para Netto, não importa sua denominação, o fundamental é conhecer e compreender seus principais procedimentos.

Vejamos, com base na aula “O método em Marx”, proferida pelo professor, em 2002, na Universidade Federal de Pernambuco, os procedimentos significativos do método marxista.

Como Marx trabalhou e tratou seu objeto?

Conforme José Paulo Netto (2002 e 2011), para Marx, o ponto de partida do conhecimento teórico é um fato ou conjunto de fatos, expressão empírica fenomênica da realidade.

Marx recusa o empirismo, mas considera fundamental a empiria, porém não só ela. Ela é ponto de partida, porém é a aparência, fundamental para o pensamento marxista, uma vez que é a expressão fática do objeto. Aparência é importante, mas é somente o ponto de partida, e não a essência. Ela tanto revela quanto esconde. Conhecer é também negar a aparência, a empiria. É preciso ultrapassar a aparência. Para isso, as descrições são importantes, pois são pontos de partida para a elaboração teórica. Expressão empírica de processos indica movimento, e cabe à razão identificá-los (a abstração).

Essa realidade deve ser analisada pelo investigador. O pensamento partiu dos dados fáticos e deles se abstraiu para analisar e identificar os processos que os dados sinalizaram. Vincula os processos aos outros processos para posteriormente retornar ao domínio da empiria. Assim, o pesquisador retorna à forma factual, empírica, de onde ele partiu. Conforme José Netto, essa empiria nada mudou, continua a mesma. A teoria nada muda. “Se fé removesse montanhas, não precisaria de trator.” (José Paulo Netto, 2002).

No marxismo, a teoria apenas reproduz idealmente o movimento do objeto real. O movimento teórico do pensamento nada modifica os processos, os quais não estão perdidos, mas sim conectados a outros processos pelo caminho da abstração.

Entretanto, esse fato é tomado pelo pensamento em dimensões não apreendidas quando do ponto de partida. Após essa longa viagem, o investigador pode ver o que não estava evidente ao olhar, o que não se sustenta nesse percurso analítico.

Podem-se caracterizar as considerações metodológicas a partir do esquema esboçado a seguir. A prática é o ponto de vista primeiro e fundamental da teoria materialista marxista do conhecimento.

CONCLUSÃO

Esta foi a décima aula do curso *Metodologia da Geografia*. Vimos a origem do marxismo e suas principais características e desdobramentos além das bases do método marxista, sustentado nos conceitos de materialismo, no historicismo crítico e na dialética. No pensamento marxista, a base produtiva e as relações econômicas, políticas e culturais que daí se desdobram são fundamentais para a produção do conhecimento. Por isso, foram destacados os conceitos de forças produtivas, relações de produção, modo de produção e mais-valia. Por último, foram apresentadas as principais etapas do método em Marx. A Geografia marxista se desenvolveu a partir do método de interpretação marxista.

Atividade final

Correlacione os enunciados da coluna da esquerda com os da direita, enumerando-os. Cada enunciado da coluna esquerda se completa a um enunciado da coluna direita.

1) Os principais conceitos marxistas para análise da dinâmica social são:	() Este plano está associado às posturas políticas e revolucionárias do marxismo.
2) No plano teórico, podemos afirmar que o marxismo busca as regras gerais do movimento do sistema social.	() Um instrumento capaz de projetar a percepção para além do fenômeno, na busca da essência através da aparência. A realidade última é revelada por intermédio da razão, uma razão histórica, determinada materialmente, isto é, historicamente determinada e contextualizada socialmente.
2) No plano prático, o marxismo define a nova atitude do cientista em sua relação com a sociedade, sempre crítico de denúncia das ideologias de manutenção do status quo.	() Este plano está diretamente associado à filosofia do conhecimento em Marx.
3) O materialismo tradicional é ...	() Forças produtivas, relações de produção, modo de produção e mais-valia.
4) O materialismo histórico dialético é ...	() Reducionista, ou seja, reduz as ideias à matéria, afirmando sua identidade final. Ele sustenta que o material e o ideal não são realidades opostas.

Resposta comentada

A ordem das respostas é : 3 - 5 - 2 - 1 - 4.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- origem do marxismo, principais características e desdobramentos;
- o historicismo marxista;
- os conceitos de materialismo, dialética e do método materialista histórico e dialético;
- o método em Marx, sua dinâmica e principais etapas.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos dar continuidade ao estudo metodológico da Geografia marxista aqui iniciado. Serão apresentados a origem, os principais autores e conceitos da Geografia marxista, assim como exemplos de seus estudos e pesquisas.

Até lá!

Aula 11

Geografia
marxista: origem,
autores, conceitos,
bases teórico-
metodológicas
e exemplos de
estudos
e pesquisas

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia marxista a partir da abordagem metodológica. Indicar a origem da Geografia marxista, alguns autores, conceitos e bases teórico-metodológicas, assim como exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas por esse paradigma geográfico.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. escrever as principais características da Geografia marxista: origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas;
2. apresentar exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia marxista.

INTRODUÇÃO

Dando continuidade à nossa última aula, vamos apresentar e aprofundar a Geografia marxista, buscando demonstrar como os estudos e pesquisas sob esse paradigma foram desenvolvidos pela ciência geográfica nas décadas de 1960, 1970 e 1980, período de grande expressão na Geografia. Conforme já indicamos em aulas anteriores, a Geografia marxista foi a denominação dada ao conjunto de estudos e pesquisas desenvolvidos a partir da filosofia, da teoria, do método e da prática marxista.

Assim, a partir das referências apresentadas e estudadas na nossa última aula, hoje, vamos tratar especificamente da Geografia marxista, apresentando sua origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas, e exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidos por esse paradigma geográfico.

A Geografia marxista: origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas

Origem e alguns autores da Geografia marxista

A Geografia marxista tem suas raízes na Geografia Francesa das décadas de 1950 e 1960. Nesta última década, expande-se para outros países europeus, como a Espanha, e para o continente americano, inicialmente para os Estados Unidos e, posteriormente, na década de 1970, para os países latino-americanos.

Antes de apresentarmos seus principais autores, cabe mencionar a essência da Geografia marxista, assim como suas principais características e desafios.

A Geografia marxista recebeu também as denominações de Geografia Radical e Geografia Crítica, todas associadas à crítica ao sistema capitalista e suas implicações com relação às desigualdades

socioespaciais. A Geografia Neopositivista não tinha como objetivo a crítica ao sistema ou sua superação; buscava, a partir da análise espacial, subsidiar e possibilitar a expansão das relações econômicas. O homem e o espaço geográfico eram considerados e estudados apenas como mercadorias.

Uma grande reação contra essa forma de entendimento do homem e do espaço, característico do positivismo lógico, eclodiu nas ciências humanas, em geral, e na Geografia, em particular. A insatisfação com o paradigma quantitativo neopositivista na Geografia surgiu em finais da década de 1960. Muitos geógrafos, buscando mudanças sociais e políticas, criticavam as práticas positivistas, uma vez que eram incapazes de produzir conhecimentos válidos que permitissem a transformação das condições sociais de existência.

As filosofias dos significados centradas na compreensão e reflexão, valorizando o indivíduo e sua subjetividade, emergiam e proporcionavam a crítica teórica ao positivismo lógico, mas não criavam uma base sólida para a prática geográfica relacionada à emancipação e à mudança social. Os geógrafos que desejavam desafiar as bases da sociedade capitalista recorreram às tradições radicais da teoria social e política, na busca de um exame crítico das relações de poder que a sustentavam.

Assim, na década de 1960, o campo científico geográfico vivenciou uma enorme reação e insatisfação ao neopositivismo e ao estabelecimento das correntes críticas. As razões dessa insatisfação e da nova orientação filosófica e ideológica tiveram origens sociais e intelectuais associadas aos desafios do contexto político econômico e social das décadas de 1960 e 1970. Destacaremos alguns, a seguir:

- O final da Guerra Fria, que permitiu o florescimento do marxismo no Ocidente, principalmente com a morte de Stalin em 1953.
- As descolonizações das colônias africanas, que vivenciaram movimentos de libertação nacional e se estabeleciam com forte reação ao capitalismo, às desigualdades sociais, às péssimas condições de trabalho e vida.

- A consciência das sociedades subdesenvolvidas do subdesenvolvimento como produto histórico de dominação e apropriação de suas riquezas pelos colonizadores – situação que promoveu questionamentos da desigualdade entre mundo desenvolvido e subdesenvolvido.
- A crise do sistema de produção capitalista de 1970, promovendo desempregos, falências, impactos ambientais e degradação da vida na cidade e no campo.
- A crescente processo de urbanização, que promovia conflitos urbanos e demandas por melhor qualidade de vida.
- O triunfo da Revolução Chinesa e da Revolução Cubana, apresentando uma alternativa ao capitalismo.
- A Guerra do Vietnã, que promoveu questionamentos sobre o caráter do desenvolvimento científico, assim como sobre a degradação ambiental e as catástrofes nucleares. Movimentos sociais contra o desenvolvimento científico moderno emergem com força, principalmente nas cidades.
- O triunfo da Revolução Chinesa e da Revolução Cubana, a crise do sistema de produção capitalista de 1970 e a Guerra do Vietnam.

Como a Geografia passou a responder aos desafios das décadas de 1960 e 1970?

- Eram necessários novos marcos teóricos de análise espacial, e o marxismo se revelava como um referencial adequado;
- Crítica ao idealismo e ao método dedutivo. Defesa de um método em que o estudo empírico e a indução estivessem associados à dedução, ao raciocínio lógico e ao historicismo crítico. O método materialista histórico- dialético foi se colocando como opção;
- defesa da introdução de novos temas para o estudo geográfico, como subdesenvolvimento, imperialismo, dependência, segregação espacial, periferização, movimentos sociais, pobreza, grupos marginais, conflitos sociais, etc.;

- valorização dos estudos dos sociólogos, como Henri Lefebvre, Louis Althusser, Manuel Catells, e dos economistas Samir Amin e Ernest Mandel.

Com relação aos principais autores da Geografia marxista, cabe destaque aos franceses Pierre George e Yves Lacoste. Este, em 1976, fundou a *Heródote*, uma revista de Geopolítica; o americano Richard Peet, em 1969, criou a revista *Antipode*, e o catalão Horácio Capel fundou a revista *Geocrítica* em 1976. Todos esses periódicos, de maneira diferenciada, veicularam e ainda veiculam temas ligados à teoria social crítica e à Geografia.

O americano William Bunge e o britânico David Harvey se converteram em importantes líderes da corrente crítica nos Estados Unidos. Destaque também merecem o norte-americano Edward Soja e o escocês Neil Smith. No Brasil, vários geógrafos participaram do movimento da Geografia Crítica; dentre eles, cabe destaque para Armando Corrêa da Silva, Manuel Correia de Andrade, Milton Santos, Ruy Moreira, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Antonio Carlos Robert Moraes e Wanderley Messias da Costa.

Cada um desses autores percorreu caminhos diferenciados, não apenas do ponto de vista teórico, como também ideológico, associando à Geografia tanto a leitura direta dos escritos de Marx, quanto de diferentes marxistas. Entretanto, apesar dessa diversificação, esses autores procuraram veicular em seus estudos uma crítica contundente à estética e ao pensamento reacionário, e a favor de uma Geografia comprometida com as lutas sociais por melhores condições de vida e em prol da construção de uma sociedade mais igualitária.



DAVID HARVEY (1935, Inglaterra), geógrafo marxista, formado na Universidade de Cambridge. É professor da City University of New York e trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana, econômica e política.

Em 1969, preocupado com a falta de uma reflexão teórica da Geografia Clássica, publicara o livro *Explanation in Geography (Teorias, Leis e Modelos em Geografia, na versão em espanhol)*, uma obra nos termos da Geografia Neopositivista, demonstrando a ênfase na distância, no alcance espacial dos bens e serviços, nos modelos, nas técnicas matemáticas e nos novos conceitos para o estudo geográfico, como rede, sistemas e espaço.

Em 1973, Harvey publica uma nova obra, *A justiça social e a cidade*, um marco para a Geografia marxista. Principalmente na segunda parte desse livro, Harvey demonstra clara estrutura marxista e sua importância para a Geografia da época. Uma crítica ao seu trabalho anterior é também por ele apresentada, da mesma forma que ressalta temas relacionados às questões das desigualdades socioespaciais, como problemas ecológicos, de segregação urbana, de injustiça e miséria, imperialismo etc.



Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/David_Harvey

Principais conceitos e bases teórico-metodológicas da Geografia marxista

Na Geografia marxista, uma grande alteração com relação ao conceito central da ciência geográfica vai se estabelecer, o conceito de espaço social, espaço socialmente produzido, como bem discutido no livro *Por uma Geografia Nova*, de Milton Santos. Os estudos realizados pela Geografia e as categorias de análise marxistas utilizadas terão como orientação essa nova concepção de espaço geográfico. Modo de produção, formação social, divisão do trabalho, mais-valia são alguns exemplos de categorias marxistas utilizadas nos estudos geográficos críticos.

Assim, a renovação realizada na Geografia no período apresentou grande progresso no desenvolvimento conceitual de espaço e nos estudos geográficos. Se a concepção relativa do espaço na Geografia Neopositivista tornou o espaço geográfico cada vez mais abstrato, uma vez que o traduzia como espaço matemático, a Geografia marxista irá trazer para a investigação sua essência, as atividades e os eventos sociais, o aspecto concreto, real e social do espaço geográfico, criticando e distanciando-se da concepção neopositivista de espaço como sinônimo de distância, medido pelos custos dos fluxos.

Na Geografia marxista, assim, foi enfatizada a premência de investigações materiais, valorizando as lutas e problemáticas sociais, e fortalecida a necessidade de se pensar o espaço do homem e da sociedade, como indivíduo e como grupo social.

Esse caráter social foi inicialmente assinalado pelo filósofo marxista e sociólogo francês Henri Lefebvre, um dos primeiros intelectuais a reconhecer e chamar a atenção para este fato: o papel do espaço na produção e reprodução da vida social. E a maneira com que chama a atenção é singular. Lefebvre busca teorizar *espaço social* superando a visão dicotômica sociedade/espaço e apresentando argumentos para a construção da dialética socioespacial, os quais não se sustentam em uma análise do espaço pelo espaço, nem mesmo da sociedade pela sociedade, mas sim numa profunda associação.

A partir dessa nova orientação, os estudos geográficos marxistas passaram a não mais descrever a paisagem, como a Geografia Clássica, tampouco a elaborar um sistema econômico abstrato do espaço, como a Geografia Neopositivista. Os geógrafos buscavam ir além da aparência e se distanciar de uma pura abstração. Importava descobrir a essência das aparências espaciais, o que explicaria sua reprodução e dinâmica.

Mas como os geógrafos marxistas fizeram isso?

Na busca da essência espacial, alguns geógrafos passaram a estudar o espaço geográfico a partir da associação entre quatro categorias: estrutura, processo, função e forma. Essas categorias em associação e movimento eram o caminho para a descoberta da dinâmica da essência espacial, valorizando os aspectos estruturais e conjunturais econômicos e políticos, a história, as formas e funções espaciais.

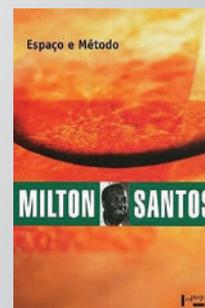
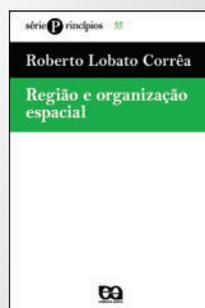
A compreensão da organização espacial, bem como sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções, através do tempo (SANTOS, 1985, p. 50).

As quatro Categorias	Definições
Estrutura	Características econômicas, políticas, ideológicas e culturais da sociedade em um dado momento. Aqui são levantados e analisados dados e informações a partir de conceitos marxistas, como modo de produção, força de trabalho, renda da terra, divisão internacional do trabalho, mais-valia etc. “Relativo ao modo como os objetos estão organizados, refere-se não a um padrão espacial, mas à maneira como estão relacionados entre si. Diferente da forma, a estrutura não constituiu algo que tenha exterioridade imediata. Ela é invisível, estando subjacente à forma, uma espécie de matriz onde a forma é gerada. Estrutura é a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento histórico (CORRÊA, 1986, p. 76-77).

Processo	<p>É a estrutura em movimento. A historicidade crítica. "Ação contínua, desenvolvendo-se na direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança" (SANTOS, 1985, p. 50).</p> <p>"É uma ação que se realiza continuamente, visando um resultado qualquer, implicando tempo e mudança. Os processos acontecem dentro de uma dada estrutura social e econômica e resultam das contradições internas da mesma. Com isto, estamos dizendo que processo é uma estrutura em seu movimento de transformação" (CORRÊA, 1986, p. 76-77).</p>
Forma	<p>A aparência do objeto, das formas espaciais, resultantes da dinâmica natural e social. Descrições de paisagens e formas sociais.</p> <p>"É o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo" (SANTOS, 1985, p. 50).</p>
Função	<p>O papel desempenhado pelas formas espaciais. A escola, por exemplo, tem função pedagógica; a igreja, religiosa etc. Os distritos industriais têm funções produtivas, as áreas turísticas, de comércio e serviços etc.</p> <p>"Sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. Está diretamente relacionada à forma" (SANTOS, 1985, p. 50).</p>



Para o estudo dessas categorias, sugerimos os livros *Espaço e método*, de Milton Santos, e *Região e organização espacial*, de Roberto Lobato Corrêa.



Assim, do ponto de vista teórico-metodológico, importava ultrapassar a descrição pura e simples das formas e funções espaciais e buscar nas dinâmicas sociais as explicações das dinâmicas espaciais. Se a sociedade é desigual, o espaço geográfico irá evidenciar e participar dessa desigualdade.

Nos estudos intraurbanos, por exemplo, muitos trabalhos passaram a explicar as desigualdades socioespaciais utilizando e associando as categorias de análise espacial, estrutura, processo, função e forma, com intuito de demonstrar que, por trás das formas, existia um conteúdo social. As áreas mais pobres, como as favelas, passaram a ser vistas não como objetos naturais, mas como consequências do capitalismo, que concentra investimentos e riquezas em determinadas áreas, distribui desigualmente as riquezas, exige mão de obra barata, extração da mais-valia etc.

Para intervir espacialmente, então, era necessário intervir na estrutura social. A Geografia Crítica não mais se contentava com descrições sobre as formas e os traçados urbanos. Ela buscou ir além da forma e da aparência do fenômeno. Para tanto, era necessário ter instrumentos para ver o que os olhos não viam e encontrar a essência do objeto. Esse foi apenas um exemplo da aplicação do instrumental do materialismo histórico-dialético, desenvolvido na aula passada, ao estudo espacial.



Atende ao objetivo 1

Desenvolva, de forma objetiva, os três tópicos a seguir, sobre a Geografia marxista, preenchendo a coluna da direita.

1) Origem e período dominante:	
2) Autores:	
3) Conceitos e categorias analíticas:	
4) Bases teórico-metodológicas:	

Resposta comentada

1) Origem e período dominante:	França, países europeus e EUA. Décadas de 1960, 1970 e 1980 .
2) Autores:	Pierre George, Yves Lacoste, Richard Peet, Horácio Cape, Willian Bunge, David Harvey; Edward Soja, Neil Smith, Armando Corrêa da Silva, Manuel Correia de Andrade, Milton Santos, Ruy Moreira, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Antonio Carlos Robert Moraes e Wanderley Messias da Costa.
3) Conceitos e categorias analíticas:	Espaço socialmente produzido; o espaço passa a ser entendido como uma instância social; estrutura, processo, função e forma.
4) Bases teórico-metodológicas:	Materialismo histórico-dialético associado ao estudo espacial (dialética socioespacial). Associação entre as observações de campo, empiria, e a abstração, utilizando o instrumental marxista para encontrar as determinações do objeto estudado, ou seja, das formas espaciais. O retorno ao objeto de estudo, a partir do percurso, <i>empiria, teoria e empiria</i> , marcou, assim, a perspectiva dialética em Geografia.

Exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas pela Geografia marxista

Para fixação e conclusão desta aula, vamos agora apresentar alguns exemplos de estudos desenvolvidos pela Geografia Crítica. Estão sendo apresentados cinco fragmentos de textos que exemplificam algumas abordagens desenvolvidas por esse paradigma geográfico entre as décadas de 1970 e 1980.

Fragmento 1: espaço socialmente produzido

Um conceito básico é que o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade; por isso, a sociedade não pode operar fora dele. Conseqüentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço (SANTOS, 1978).

Fragmento 2: desigualdades sociais inerentes ao capitalismo

A desigualdade produz-se inevitavelmente no processo normal das economias capitalistas e não pode ser eliminada sem alterar de modo fundamental os mecanismos do capitalismo. Ademais, forma parte do sistema, o que significa que os detentores do poder têm interesses criados em manter a desigualdade social. Não vale a pena, pois, dedicar energias políticas para defender as políticas que se ocupam somente dos sintomas da desigualdade, sem atacar as suas forças geradoras básicas. Daí a necessidade de uma revolução social e econômica, a derrocada do capitalismo e sua

substituição por um método de produção e um gênero de vida que estejam organizados em torno dos princípios de igualdade e justiça social (PEET, 1985).

Fragmento 3: região e desenvolvimento desigual

A região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas.

A lei do desenvolvimento desigual e combinado traduz-se, assim, no processo de regionalização que diferencia não só países entre si como, em cada um deles, suas partes componentes, originando regiões desigualmente desenvolvidas, mas articuladas (CORRÊA, 1986).

Fragmento 4: desigualdades socioespaciais

Este artigo procura sintetizar dois conceitos: o primeiro, marxista, de que a desigualdade e a pobreza são produzidas inevitavelmente pelas sociedades capitalistas; e a ideias geográfico-sociais, de que a desigualdade pode transmitir-se de uma geração a outra, através do meio ambiente, de oportunidades e serviços em que se encontra o indivíduo ao nascer. Portanto, o objetivo deste trabalho é combinar uma explicação teórica convincente sobre as origens da desigualdade, com algumas generalizações empíricas sobre quem é pobre e exatamente como persiste a desigualdade sob as condições de um capitalismo avançado (PEET, 1985)

Fragmento 5: espaço geográfico e formação social

Os estudos geográficos dão, dessa forma, um importante passo ao investigar a organização do espaço sob a ótica do modo de produção a seu modo de realização concreto, que é a formação social. Trabalhar com esse instrumental não inviabiliza os estudos regionais ou ecológicos. Assim, aqueles que desejassem continuar a fazer estudos localizados, regionais, poderiam analisar especificamente como em um determinado segmento do espaço se forja a sociedade global; que tipos de relações espaciais uma determinada região manteria com os outros segmentos socioespaciais; qual a situação desse segmento do espaço nos quadros mais amplos de uma dada formação social (situação de dominação ou de dependência): que tipo de relações homem/natureza se produziriam num determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas que, por sua vez, dependem das relações sociais de produção (PORTO-GONÇALVES, 1982).



Atende ao objetivo 2

O quadro a seguir apresenta um fragmento de texto escrito pelo geógrafo Ruy Moreira em 1987. Em primeiro lugar, destaque as principais expressões utilizadas pelo autor que o identificam com a Geografia marxista. Em seguida, explique o porquê de este fragmento poder ser considerado um exemplo da abordagem crítica em Geografia.

O processo do trabalho tem a sua materialidade em formas que, ao mesmo tempo, dele derivam e a ele revertem, e são geradas com esse fim. Em se tratando de Geografia, esta materialidade dialeticamente articulada ao processo de trabalho é o espaço geográfico. Espaço e trabalho estão numa relação de aparência e essência: espaço geográfico é a aparência do processo historicamente concreto do trabalho (a relação homem/meio concreta é a essência).

[...]

O espaço geográfico é a materialidade do processo do trabalho. É a relação homem/meio na sua expressão historicamente concreta. É a natureza, mas a natureza em seu vaivém dialético: ora a primeira natureza que se transforma em segunda, que se reverte em primeira, para mais além voltar à segunda. É a história em seu devir perpétuo. História na sua expressão concreta de dada sociedade. E espaço como resultante/determinante da história. (MOREIRA, 1987).

Principais expressões:

Explicação:

Resposta comentada

Principais expressões: “processo de trabalho”; “materialidade dialeticamente articulada”; “aparência e essência”; “segunda natureza”; “espaço como determinante da história”.

Explicação: O acento dado às relações sociais de produção, à categoria trabalho, à história e à busca da essência são fundamentais para identificar o fragmento de texto como um exemplo de estudo da Geografia marxista. Vale ainda mencionar que o objetivo do autor é demonstrar que o espaço geográfico é produto social, delimitando e participando de sua própria história.

CONCLUSÃO

Vimos, nesta aula, as principais características da Geografia marxista: sua origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas. Vimos também alguns exemplos dessa linha de pensamento, a partir da seleção de trechos de textos de estudos desenvolvidos por geógrafos que se envolveram com esse paradigma geográfico, com intuito de fixar o conteúdo aqui estudado. Vale ainda salientar que diferentes foram os desdobramentos do marxismo na Geografia e diferentes foram os caminhos da Geografia Crítica. Apresentamos aqui apenas alguns fragmentos desse paradigma dos estudos geográficos nas décadas de 1960, 1970 e 1980.



Arquivo Passosol

Resposta comentada

Na perspectiva da Geografia Crítica, importa transcender a descrição da forma e buscar a essência dos objetos espaciais, ou seja, associar forma a conteúdo.

Como e por que esse objeto foi construído lá e não em outro lugar? O que ele representa? Qual é sua importância hoje?

Um dos caminhos metodológicos para esse estudo é ir além da observação e descrição da forma, levantando dados e informações econômicas, políticas e culturais associadas à história. Assim, podemos compreender essa organização espacial e sua evolução do seguinte modo:

Estrutura: a catedral foi construída no final da Idade Média e início do Renascimento; demonstra o enorme poder da Igreja Católica na época.

Processo: sua construção edificava o poder da Igreja e fortalecia a importância da cidade de Milão; hoje, a catedral materializa um momento da história passada da cidade. É um objeto de grande valor artístico, atraindo muitos turistas e impulsionando a economia de Milão.

Função: inicialmente religiosa; na atualidade, ressalta-se também sua função turística.

Forma: estilo gótico de influência francesa, feita de mármore, com enormes cúpulas, torres altas, grandes arcos e abóbadas, paredes muito altas e grandes janelas com vitrais etc.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas da Geografia marxista;
- exemplos de trabalhos da Geografia marxista: a importância do materialismo histórico e dialético, dos conceitos e categorias marxistas e da concepção de espaço como produto social.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, procuraremos seguir a mesma metodologia desenvolvida nas nossas últimas aulas. Trataremos da Geografia Humanística, um modelo de estudos geográficos sustentado pelas filosofias do significado. Assim como a Geografia marxista, a Geografia Humanística vai se opor ao neopositivismo.

Até lá!

Aula 12

Geografia
Humanística e
as filosofias dos
significados:
hermenêutica,
fenomenologia
e existencialismo

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia Humanística a partir da abordagem metodológica. Conceituar e discutir as filosofias dos significados, a hermenêutica, a fenomenologia e o existencialismo, relacionando-as à Geografia Humanística.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. apresentar as filosofias dos significados e suas principais características;
2. relacionar as filosofias do significado ao método fenomenológico e à Geografia Humanística.

INTRODUÇÃO

Assim como a Geografia marxista, a Geografia Humanística se estabeleceu como reação às correntes positivistas e neopositivistas. Na realidade, a Geografia Humanística foi o desdobramento da crítica da Geografia da Percepção e do Comportamento, primeiramente realizada pelos geógrafos anglo-saxões em meados da década de 1960. Essa Geografia tinha horizontes epistemológicos contrários à Geografia Neopositivista, dominante nos estudos geográficos naquela década. De forma diferenciada do neopositivismo, considerava o conhecimento dependente diretamente do homem e da experiência humana do mundo. Pode-se dizer que os geógrafos que defenderam a Geografia da Percepção e do Comportamento foram os que aderiram à Geografia Humanística posteriormente.

A Geografia Humanística, contudo, se estabeleceu a partir de bases filosóficas diferentes das que sustentaram a Geografia da Percepção e do Comportamento. De fato, Geografia Humanística foi a denominação dada ao conjunto de estudos e pesquisas desenvolvido a partir da década de 1970, influenciado pelas filosofias dos significados, como a hermenêutica, a fenomenologia e o existencialismo.

O objetivo final da Geografia Humanística foi desenvolver um tipo de conhecimento verdadeiramente pessoal, que permitisse tanto a emoção e o pensamento quanto a paixão e a razão, e que conduzisse a uma compreensão mais completa da realidade.

Principais características da Geografia Humanística:

- É antropocêntrica, isto é destaca os aspectos humanos; valoriza os significados, valores, objetivos e propósitos da ação humana.
- Propõe o enfoque compreensivo através da experiência pessoal, do mundo vivido, do cotidiano.

- Valoriza os significados, a fantasia, o sentimento na abordagem espacial. É fundamental explorar e conhecer a mente humana para poder entender a conduta espacial ou geográfica dos homens.
- Inicialmente, foi uma Geografia identificada como idealista; mais tarde, como hermenêutica, fenomenológica ou existencialista, uma Geografia dos significados.
- Critica o espacialismo e o economicismo. Várias críticas foram direcionadas tanto para as Geografias Positivistas e Neopositivistas quanto para a Geografia marxista.
- A concepção dominante na Geografia Neopositivista, do homem como mercadoria, do homem econômico (racionalidade econômica), é substituída pela concepção do homem sábio, que busca maior diálogo com a Natureza.
- Os estudos geográficos humanísticos investigam o lugar, uma vez que é a escala da experiência do real, do mundo vivido. Assim, a ênfase é dada ao conceito de lugar.
- Os principais temas de estudo procuram destacar a relação afetiva e identitária do homem com o lugar: afetos, amor, ódio, medo, pertencimento, arte, música, poesia se convertem em temas muito estudados pelos geógrafos humanistas.
- Alguns autores: Yfu-Tuan (China, EUA); Anne Buttimer (Irlanda, EUA); Armand Frémont (França); David Lowenthal (Inglaterra).

Para entendermos melhor a Geografia Humanística e como essa nova concepção de estudos geográficos se desenvolveu, assunto central de nossa próxima aula, vamos agora explorar as bases filosóficas que sustentaram essa nova corrente de estudos geográficos: hermenêutica, fenomenologia, e existencialismo.

As filosofias dos significados e suas principais características: hermenêutica, fenomenologia e existencialismo

Como contracorrentes ao positivismo e ao neopositivismo, a Hermenêutica, a Fenomenologia e o Existencialismo criticaram a forma com que as ciências eram desenvolvidas, sempre associadas ao conhecimento empírico formal (físico) e ao conhecimento formal (matemático/lógico). Assim, eles se opõem ao racionalismo científico, à objetividade da ciência, ao conhecimento normativo e à separação do Homem/Natureza.

Da mesma forma que o marxismo, essas correntes buscam a essência e não se limitam à aparência do fenômeno. Contudo, diferentemente do marxismo, elas vão dar ênfase na subjetividade, na razão divina, no sobrenatural e no lado obscuro da vida. Elas são também denominadas de fenomenologia hermenêutica, fenomenologia e a fenomenologia existencialista.

Vejamos um pouco mais sobre essas filosofias.

Hermenêutica: a interpretação

- Origem: Mitologia grega de Hermes, deus da comunicação, encarregado de trazer as mensagens do Olimpo. Essa tradição junta-se à dos rabinos talmúdicos, especialistas em interpretação de textos sagrados. Assim, a concepção de hermenêutica passa do portador de mensagens do Olimpo para aquele que interpreta textos sagrados.
- Reaparece no séc. XVIII como método de leitura e interpretação de textos sagrados e clássicos. Nesse sentido, o objetivo da hermenêutica é buscar ordem teológica, ordem escondida, subjetiva, e o papel do hermeneuta é explicar a mensagem sagrada dos textos bíblicos ou clássicos.

- Com o passar do tempo, a concepção de hermenêutica desloca-se do objeto (no caso dos textos) para o sujeito, o hermeneuta. O texto é substituído pela natureza; o hermeneuta passa a não mais explicar, mas a compreender a natureza. A compreensão se transforma em instrumento epistemológico principal.
- A hermenêutica apresenta a impossibilidade de se conhecer apenas pela objetividade dos fatos. O saber provém do contato entre o objeto e o sujeito, não há como descartar a subjetividade, pois é o próprio móvel do conhecimento, pela via do sentimento e da intuição. Valorizam-se a comunicação e a linguagem (permite a troca de significações) e os grupos regionais, que possuem elementos culturais únicos. O contato entre o objeto e o sujeito é alcançado pelo estudo do mundo vivido, que se transforma em método científico.
- O conjunto da experiência vivida, da expressão e da compreensão, é o método científico pelo qual a humanidade existe para nós como objeto da ciência e do espírito. O objeto de investigação da hermenêutica acaba constituindo-se no SER, no homem, e não no objeto exterior – o sujeito no mundo vivido (SER) passa a ser objeto de investigação, e não mais o objeto exterior.
- O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) é um dos principais autores que se dedicaram ao estudo da hermenêutica; irá influenciar o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938).

Fenomenologia: a compreensão e a essência

- Segundo a etimologia, a Fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno. Como tudo que aparece é fenômeno, o domínio da fenomenologia é ilimitado. Se nos ativermos à etimologia, qualquer um que trate da maneira de aparecer do que quer que seja, qualquer um, por conseguinte, que descreva aparências ou aparições faz fenomenologia.

- A história do termo é mais esclarecedora. O primeiro texto em que figura esse termo é de Lambert (1764), que entende por fenomenologia a teoria da ilusão sob suas diferentes formas. É talvez sob a influência de Lambert que Kant (1770) retoma o termo (está presente na *Crítica à razão pura*, 1781, na primeira seção da primeira parte, Estética transcendental, que deveria se chamar Fenomenologia em geral). É com a *Fenomenologia do espírito* (1807), de Hegel, que o termo entra definitivamente na tradição filosófica e posteriormente para o uso corrente. Não é, contudo, a fenomenologia hegeliana que irá se perpetuar no século XX, sob a forma do movimento de pensamento que traz o nome de Fenomenologia. O verdadeiro iniciador desse movimento é Edmund Husserl (1859-1938), que deu conteúdo novo a uma palavra antiga. A ideia da fenomenologia se transformou, sem contudo renunciar à inspiração fundamental vinda de Husserl. Dessa maneira, a questão “O que é fenomenologia?” pode receber múltiplas respostas, por vezes muito afastadas, mas ligadas a uma mesma fonte.
- Edmund Husserl pertencia ao grupo de filósofos alemães autores dos estudos que formaram a base do movimento filosófico denominado fenomenologia. Algumas características da fenomenologia, com base em Husserl:
 - * Ênfase na intuição direta (opõe-se às ciências empíricas, baseadas no positivismo).
 - * Busca compreender o mundo tal como aparece antes da investigação científica; para tanto, a noção de intencionalidade é central.
 - * Compreender um comportamento ou um objeto é percebê-lo do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico – é exatamente o humano em sua essência que a fenomenologia procura perceber. Busca o sentido de um objeto, e não sua descrição, sua forma de ser original, antes da sua observação pelas ciências empíricas.

- * A fenomenologia busca, antes de tudo, o significado e a revelação da essência através da busca da consciência pura. O desafio está em descobrir o invariável, ou essencial, de um fenômeno.
- Posteriormente à contribuição de Husserl, a Fenomenologia originou proposições muito diversificadas, dificultando generalização sobre o tema. Husserl irá influenciar filósofos como Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Ricoeur, entre outros.

Existencialismo: a individualidade e o ser

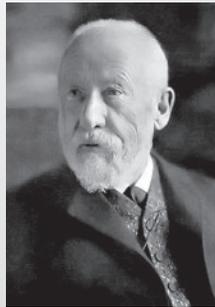
- Advém da palavra existência, que é sinônimo de ser, o ser no mundo, no universo, no espaço e no tempo. O homem só se distingue do mundo pela consciência que dele toma e que o separa do mundo que o faz existir, e de si mesmo. O termo indica o fato de ser, doutrina que admite a existência no centro da reflexão.
- O existencialismo está estreitamente vinculado à fenomenologia de Husserl e, parcialmente, dela derivado.
- Entretanto, o existencialismo se estabelece a partir da crítica à fenomenologia de Husserl e se preocupa mais com as questões da vida (ansiedade, fanatismo, desespero, medo, esperança) do que com problemas do conhecimento e da mente. Para o existencialismo, a experiência vivida envolve mais do que compreensão cognitiva; explora-se a variedade de bases pré-conscientes, orgânicas e sensoriais, que precedem o conhecimento intelectual por si. Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty foram grandes e importantes filósofos do existencialismo; preocuparam-se com o sentido da vida no comportamento humano.
- Após a Segunda Guerra, o existencialismo abandona a preocupação fenomenológica pelas essências e pela consciência e se interessa mais pela natureza e sentido da existência humana. Para esses intelectuais, o existencialismo rejeita as filosofias acadêmicas estabelecidas e se direciona ao mundo concreto do ser como fonte de consciência.

- Para Jean Paul Sartre, a existência precede a essência. Isso significa que o homem não tem primeiro uma essência, que lhe preexistiria e de que ele seria prisioneiro, mas que ele existe antes de poder ser definido por qualquer conceito e só será o que houver escolhido ser. Isso quer dizer que ele é livre absolutamente. Para Sartre, o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo e se define depois. Assim, não há natureza humana, pois que não há Deus para concebê-la. O homem não é nada além do que ele faz. Daí que o existencialismo é uma filosofia da liberdade.
- O existencialismo ofereceu um caminho muito interessante para integrar as questões geográficas no espaço e no lugar, ou seja, o espaço existencial.



Filósofos que legaram grande contribuição à hermenêutica, à fenomenologia ao existencialismo.

Wilhelm Dilthey (1833 -1911): Filósofo alemão. Um dos principais intelectuais que se dedicou ao estudo da hermenêutica).



fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_Dilthey

Edmund Husserl (1859 -1938): Matemático e filósofo alemão, fundador da fenomenologia.



fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl

Jean-Paul Sartre (1905 -1980): Filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Paul_Sartre

Na realidade, as três contracorrentes ao positivismo e ao neopositivismo apresentadas anteriormente, hermenêutica, fenomenologia e existencialismo, apesar de percorrerem rumos diferentes, podem ser consideradas correntes fenomenológicas.

De acordo com Anne Buttimer (1985), definir fenomenologia é tarefa extremamente difícil, pois inúmeras são suas descrições. A autora aponta, pelo menos, três posições distintas entre os fenomenologistas: 1) fenomenologia pura (Husserl); 2) fenomenologia hermenêutica (Ricoeur); 3) fenomenologia existencialista (Merleau-Ponty, Sartre).

Cada uma dessas posições foi descrita anteriormente e influenciou as Geografias Humanísticas.



Atende ao objetivo 1

A partir do que vimos, indique as contracorrentes ao positivismo e ao neopositivismo que sustentaram a Geografia Humanística. Em seguida, apresente o principal eixo de suas críticas.

Resposta comentada

As contracorrentes ao positivismo e ao neopositivismo que sustentaram a Geografia Humanística foram: hermenêutica, fenomenologia e existencialismo.

Essas contracorrentes criticaram a forma com que as ciências eram desenvolvidas, sempre associadas ao conhecimento empírico formal (físico) e ao conhecimento formal (matemático/lógico). Assim, elas se opõem ao racionalismo científico, à objetividade da ciência, ao conhecimento normativo e à separação do Homem/Natureza. Buscam a essência e não se limitam à aparência do fenômeno, valorizando a subjetividade, o sentido, a emoção, a razão divina, o sobrenatural e o lado obscuro da vida. Todas buscam compreender a essência humana.

As filosofias do significado, o método fenomenológico e a Geografia Humanística

Quando falamos de filosofias do significado, estamos nos referindo àquelas estruturas de pensamento vinculadas à hermenêutica, à fenomenologia e ao existencialismo. Do ponto de vista metodológico, podemos dizer que essas filosofias se orientam a partir do método fenomenológico. Definir o método fenomenológico não é tarefa fácil ainda mais levando em consideração as inúmeras ramificações da fenomenologia.

O que vamos fazer aqui é apresentar algumas referências metodológicas gerais, comuns às filosofias do significado, com intuito de demonstrar os caminhos de estudos e investigações característicos da Geografia Humanística.

Para tanto, vamos elencar algumas considerações sobre o método fenomenológico.

- É uma modalidade da pesquisa qualitativa; portanto, não se pretende chegar a generalizações. Busca o desvelamento do fenômeno, interrogando o mundo ao redor. Procura manter o rigor, mas não o da precisão numérica. O rigor metodológico é direcionado para a compreensão dos fenômenos que não são passíveis de ser estudados quantitativamente, por apresentarem dimensões pessoais.
- O método fenomenológico se define como uma volta aos fenômenos, conforme ele aparece à consciência. Seu objetivo é chegar à intuição das essências, isto é, ao conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos, captado de forma imediata.
- Consiste em um método subjetivista de investigação científica, no qual pressupostos e julgamentos são abandonados, permitindo que o conhecimento possa nascer da experiência do pesquisador com a essência do seu objeto.

- O método fenomenológico não é dedutivo nem empírico. Limita-se a mostrar o que é dado e em esclarecer esse dado. Não explica mediante leis, nem deduz a partir de princípios, mas considera imediatamente o que está perante a consciência, o objeto.
- O objetivo do método fenomenológico é descrever a estrutura da experiência vivida, os significados que a experiência tem para os sujeitos que a vivenciam. Diferentemente do positivismo, que pretende descobrir causas e formular leis, a fenomenologia utiliza a observação para descrever os dados como eles se apresentam. A fenomenologia preocupa-se com a compreensão do fenômeno, não com a sua explicação.
- Quando a fenomenologia pratica a hermenêutica, busca-se entender o fenômeno observado, interpretá-lo, perceber seu significado. É o estudo das experiências humanas que descreve os significados das vivências experimentadas por determinados indivíduos em relação a um dado fenômeno. O foco está na consciência humana durante a vivência de situações sociais e de ser. A fenomenologia é particularmente interessante para examinar as percepções dos participantes.
- Diferente da pesquisa acadêmica positivista e neopositivista, que tem como objetivo a redução do fenômeno a dimensões quantitativas, a perspectiva fenomenológica demanda de seus pesquisadores uma descrição interpretativa do fenômeno. Sua lógica não busca a experimentação de padrões previamente estruturados, mas, ao contrário, tem como base a construção de uma dinâmica de pesquisa focada na experiência interativa humana.
- O método fenomenológico não estimula os pesquisadores a encontrar uma verdade definitiva para seus problemas de estudo. A fenomenologia é, antes de tudo, uma abordagem inacabada; o fenômeno investigado sempre poderá ser retomado e visto sob nova interpretação. Diferente do método hipotético dedutivo, o fenomenológico pressupõe um recomeçar incessante, um enfoque que recusa sistemas fechados e acabados.

Assim, a Geografia Humanística foi se desenvolvendo a partir das filosofias do significado, orientando-se com base nos filósofos hermenêuticos, fenomenológicos e existencialistas. Buscava a compreensão, e não a explicação e a intervenção, como a Geografia positivista e neopositivista. As pesquisas em Geografia Humanística vão estar direcionadas, em geral, à escala do cotidiano, ao mundo vivido, onde se realiza a existência, ao lugar, seu conceito-chave.

Entretanto, diferente das outras correntes geográficas, a ênfase estará na busca dos sentimentos, valores, significados e do pertencimento dos sujeitos. De fato, procura-se entender e mapear não o espaço objetivo, externo ao sujeito, mas a imagem e a concepção que o sujeito tem do espaço e do mundo. O trabalho do geógrafo humanístico é codificar o pensamento do sujeito sobre o mundo; é expor seus anseios, medos, valores e sentimentos.



Atende ao objetivo 2

A partir do que vimos, indique oito principais características do método fenomenológico.

Resposta comentada

1. É uma modalidade da pesquisa qualitativa.
 2. O rigor metodológico é direcionado para a compreensão dos fenômenos.
 3. Consiste em um método subjetivista de investigação científica.
 4. O método fenomenológico não é dedutivo nem empírico.
 5. Seu objetivo é descrever a experiência vivida, os significados que a experiência tem para os sujeitos que a vivenciam.
 6. O foco está na consciência humana durante a vivência de situações sociais e de ser.
 7. Busca a construção de uma dinâmica de pesquisa focada na experiência interativa humana.
 8. É uma abordagem inacabada; o fenômeno investigado sempre poderá ser retomado e visto sob nova interpretação.
-

CONCLUSÃO

Esta foi a 12ª aula do curso Metodologia da Geografia. Vimos a origem das filosofias dos significados e suas principais características. Vimos também os três principais eixos dessas filosofias e seus representantes: a hermenêutica, a fenomenologia e o existencialismo. Por último, foram expostas considerações gerais sobre o método fenomenológico, com intuito de correlacioná-lo à corrente humanística geográfica. Conforme indicado, as pesquisas em Geografia Humanística se sustentam na compreensão e na busca dos sentimentos, valores, significados e do pertencimento dos sujeitos.

Atividade final

A seguir, são apresentados três parágrafos com as principais ideias das filosofias estudadas: a hermenêutica, a fenomenologia e o existencialismo. Identifique cada uma delas, preenchendo as lacunas.

_____ : Apresenta a impossibilidade de se conhecer apenas pela objetividade dos fatos. Defende que o saber provém do contato entre o objeto e o sujeito, e nesse sentido não há como descartar a subjetividade. O motor do conhecimento para _____, ou seja, a interpretação, é o sentimento e a intuição. Valoriza a comunicação e a linguagem, que permitem trocas de significações, e os grupos regionais, uma vez que possuem elementos culturais únicos. O contato entre o objeto e o sujeito é alcançado pelo estudo do mundo vivido. Wilhelm Dilthey (1833-1911) é o principal filósofo.

_____ : A preocupação central _____ com base em Husserl é a análise da interpretação da consciência, particularmente da cognição consciente da experiência direta. Para Husserl, _____ : 1) enfatiza a intuição direta e opõe-se às ciências empíricas; 2) busca compreender o mundo tal como aparece antes da investigação científica; e, para a compreensão de um objeto, é fundamental percebê-lo do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico; é exatamente o humano em sua essência que _____ procura perceber; 3) busca o sentido de um objeto, e não sua descrição, busca sua forma de ser original antes da sua observação pelas ciências empíricas; 4) busca, antes de tudo, o significado e a revelação da essência através da busca da consciência pura. O desafio está em descobrir o invariável, ou essencial, de um fenômeno. Edmund Husserl é o principal filósofo.

_____ : Está estreitamente vinculado à Fenomenologia de Husserl e parcialmente dela derivado. Entretanto, se preocupa mais com as questões da vida (ansiedade, fanatismo, desespero, medo, esperança) do que com problemas do conhecimento e da mente. Para _____, a experiência vivida envolve mais do que compreensão cognitiva e tem explorado a variedade de bases pré-conscientes, orgânicas e sensoriais, que precedem o conhecimento intelectual por si. Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty foram grandes e importantes filósofos _____, preocuparam-se com o sentido da vida no comportamento humano. Para Sartre, a existência era fundamental e precedia a essência. O filósofo enxergava assim: o homem é absolutamente livre.

Resposta comentada

Hermenêutica: Apresenta a impossibilidade de se conhecer apenas pela objetividade dos fatos. Defende que o saber provém do contato entre o objeto e o sujeito, e nesse sentido não há como descartar a subjetividade. O motor do conhecimento para a **hermenêutica**, ou seja a interpretação, é o sentimento e a intuição. Valoriza a comunicação e a linguagem, que permitem trocas de significações, e os grupos regionais, uma vez que possuem elementos culturais únicos. O contato entre o objeto e o sujeito é alcançado pelo estudo do mundo vivido. Wilhelm Dilthey (1833-1911), principal filósofo.

Fenomenologia: A preocupação central da **fenomenologia** com base em Husserl é a análise da interpretação da consciência, particularmente da cognição consciente da experiência direta. Para Husserl, a **fenomenologia**: 1) enfatiza a intuição direta e opõe-se às ciências empíricas; 2) busca compreender o mundo tal como aparece antes da investigação científica; e, para a compreensão de um objeto, é fundamental percebê-lo do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico; é exatamente o humano em sua essência que a **fenomenologia** procura perceber; 3) busca o sentido de um objeto e não sua descrição, busca sua forma de ser original antes da sua observação pelas ciências empíricas; 4) busca, antes de tudo, o significado e a revelação da essência através da busca da consciência pura. O desafio está em descobrir o invariável, ou essencial, de um fenômeno. Edmund Husserl é o principal filósofo.

Existencialismo: Está estreitamente vinculado à Fenomenologia de Husserl e parcialmente dela derivado. Entretanto, se preocupa mais com as questões da vida (ansiedade, fanatismo, desespero, medo, esperança) do que com problemas do conhecimento e da mente. Para o **existencialismo** a experiência vivida envolve mais do que compreensão cognitiva e tem explorado a variedade de bases pré-conscientes, orgânicas e sensoriais, que precedem o conhecimento intelectual por si. Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty foram grandes e importantes filósofos do **existencialismo**, preocuparam-se com o sentido da vida no comportamento humano. Para Sartre, a existência era fundamental e precedia a essência. O filósofo enxergava assim: o homem é absolutamente livre.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- A base filosófica da Geografia Humanística, as filosofias do significado.
- Origem das filosofias do significado e suas principais características.
- A hermenêutica, a fenomenologia e o existencialismo.
- O método fenomenológico e sua relação com a Geografia Humanística.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, vamos dar continuidade ao estudo metodológico da Geografia Humanística aqui iniciado. Serão apresentados a origem, os principais autores e conceitos da Geografia Humanística, assim como exemplos de seus estudos e pesquisas.

Até lá!

Aula 13

Geografia
Humanística:
origem, autores,
conceitos, bases
teórico-metodológicas
e exemplos de estudo
e pesquisas

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar e exemplificar o paradigma da Geografia Humanística a partir da abordagem metodológica. Indicar a origem, alguns autores, conceitos e bases teórico-metodológicas da Geografia Humanística, assim como exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidas por esse paradigma geográfico.

Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo, você seja capaz de:

1. descrever as principais características da Geografia Humanística: origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas;
2. apresentar exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidos pela Geografia Humanística.

INTRODUÇÃO

Dando continuidade à nossa última aula, hoje vamos apresentar e aprofundar a Geografia Humanística, buscando demonstrar como os estudos e pesquisas sob esse paradigma foram desenvolvidos pela ciência geográfica a partir da década de 1980. Conforme já indicamos em aulas anteriores, a Geografia Humanística foi a denominação dada ao conjunto de estudos e pesquisas desenvolvido a partir da filosofia, da teoria, do método e da prática fenomenológica.

Assim, a partir das referências apresentadas e estudadas em nossa última aula, hoje trataremos especificamente da Geografia Humanística, apresentando autores, conceitos e bases teórico-metodológicas, além de exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidos por esse paradigma geográfico.

A Geografia Humanística: origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas

A Geografia Humanística emerge nos Estados Unidos e na França, na década de 1960, a partir da renovação e revisão de conceitos e bases filosóficas da Geografia. Na realidade, ela surge em meados dos anos 1960 e ganha força na década seguinte, sob influência da fenomenologia, da hermenêutica e do existencialismo.

A Geografia Humanística buscava substituir epistemologicamente o positivismo lógico, recorrendo às filosofias humanistas, especialmente à fenomenologia, à hermenêutica e ao existencialismo. Na realidade, a contribuição da fenomenologia está diretamente relacionada à crítica da ciência racionalista, e deve ser vista como um meio de renovação da ciência dita objetiva.

Seu objetivo principal foi desenvolver um tipo de conhecimento verdadeiramente pessoal, a partir tanto da emoção e do pensamento,

quanto da paixão e da razão, com o intuito de buscar a compreensão mais completa da realidade. Procurou contemplar a percepção e a imaginação geográfica, valorizando os sentidos, a afetividade, a imaginação, a experiência e a relação existencial dos homens com a paisagem e os lugares.

Entre os geógrafos humanísticos, há consenso com relação à concepção de espaço. O espaço é por eles considerado como resultado concreto de um processo histórico, podendo representar tanto uma dimensão real e física quanto uma construção simbólica, que associa sentidos e ideias. É, enfim, um espaço de valores, de alienação, da distância existencial, do comportamento, do mundo vivido.

Características fundamentais da Geografia Humanística

1. Visão antropocêntrica do saber: o conhecimento é objetivo e subjetivo, e a subjetividade do saber é um traço fundamental para o humanismo. Assim, a espacialidade deve compreender a dimensão subjetiva do homem: o espaço é visto sempre como um lugar com uma dimensão consagrada de significações variadas, além de ser constantemente substituído pela palavra *lugar*, indicando uma visão mais integrada entre espaço e valores.
2. Busca uma visão holística. Refuta o posicionamento analítico, que se limita à análise das partes e perde a riqueza do todo.
3. Enfatiza a interpretação do homem como produtor de cultura, atribuindo valores às coisas que o cercam. Como a cultura é interpretada a partir do código dos grupos que a criam, a generalização é dificultada, pois negligenciaria os contextos particulares, que são importantíssimos para o entendimento do homem e de sua dimensão subjetiva, espelhada na cultura.
4. Busca fortalecer a relação entre ciência e arte. A interpretação das culturas é um caminho para essa aproximação, pois a arte é um meio livre de manifestação de valores e significações dos grupos sociais, é a mediação entre a vida e o universo de representação.

5. Grande influência da Psicologia no estabelecimento metodológico de estudo do espaço vivido. Entretanto, não se trata da Psicologia Behaviorista, que reduz o comportamento humano a estímulos e respostas como qualquer organismo vivo, mas a Psicologia Genética (Piaget) e a Psicanálise (Freud), que se interrogam sobre a personalidade e o comportamento do homem.

Podemos destacar alguns autores fundamentais na origem e no desenvolvimento da Geografia Humanística no mundo: o chinês Yi-Fu Tuan, a irlandesa Anne Buttimer, o britânico David Lowenthal (cidadãos norte-americanos), o francês Armand Fremont e o canadense Edward Relph. No Brasil, a partir da década de 1990, cabe destaque aos trabalhos desenvolvidos pelo geógrafo carioca João Baptista Ferreira de Mello e o arquiteto Werther Holzer.

Vejamos algumas considerações sobre a Geografia Humanística a partir de dois geógrafos: Yi-Fu Tuan e Edward Relph.

Yi-Fu Tuan

- Possui grande influência do filósofo Edmund Husserl.
- Critica a ciência objetiva, que minimiza a importância e o papel da consciência humana para o conhecimento.
- Defende a fenomenologia, pois, para Tuan, essa filosofia dá possibilidade de restabelecer o contato entre o mundo e as significações.
- Não invalida os estudos geográficos objetivos, mas valoriza a compreensão do mundo humano e o estudo das relações entre os homens e a natureza, principalmente seus comportamentos geográficos, sentimentos e ideias frente ao espaço e aos lugares.
- Ocupa-se fundamentalmente da essência dos conceitos, como espaço, homem e experiência, e busca definir características fundamentais para a Geografia. Busca estabelecer o sentido particular de cada cultura em relação ao seu espaço.

- Valoriza o conceito de *lugar*: como aquele que encarna e experiência e as aspirações do povo. É no lugar que o corpo se coloca em relação direta e harmônica com o mundo e o espaço cotidiano.

Edward Relph

- Valoriza o caráter de utilidade de todo fato cultural e o caráter antropocêntrico do conhecimento.
- A fonte legítima do conhecimento é a explicação centrada sobre as experiências vividas cotidianamente e contextualizadas a partir dos instrumentos culturais.
- Valoriza os conceitos de lugar e deslugar, associados à ideia de pertencimento.
- Há tantas geografias quantas são as percepções do mundo, mas existe um ponto de vista mais ou menos universal que possibilita estabelecer um conceito geral nessas percepções, como, por exemplo, o caso da paisagem. É possível estabelecer um conceito geral de paisagem tomando elementos que estão constantemente presentes nela, mas a compreensão do conceito remete à experiência pessoal de cada um com relação às características gerais anunciadas por ele. A explicação constitui-se em uma espécie de troca de sentido entre uma ideia geral e a experiência vivida. Esse procedimento contesta, portanto, a objetividade da ciência e propõe que a subjetividade seja assumida como base para todo conhecimento.



Yi-Fu Tuan (1930 – Tianjin, China) é um geógrafo sino-americano. Filho de um diplomata, Tuan cursou educação básica em escolas chinesas, filipinas e australianas. Sua graduação e pós-graduação em Geografia foram obtidas na Universidade de Oxford e na Universidade da Califórnia, Berkeley, onde recebeu, em 1957, o título de doutor. Foi professor na Universidade de Indiana, na Universidade de Minnesota e na Universidade de Wisconsin, em Madison, onde se aposentou, mas ainda continua atuando como professor emérito. Em 2012, foi laureado com o Prêmio Vautrin Lud, considerado a maior honraria acadêmica no campo da Geografia.



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yi-Fu_Tuan-Festival_international_de_g%C3%A9ographie_2012_\(1\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yi-Fu_Tuan-Festival_international_de_g%C3%A9ographie_2012_(1).jpg)

Alguns geógrafos humanísticos e suas principais influências

Geógrafos	Influências
Yi-Fu Tuan	Edmund Husserl (fenomenologia)
Anne Buttimer	Heidegger e Merleau-Ponty (fenomenologia e existencialismo)
Edward Relph	Fenomenologia
Nicholas Entrikin	Existencialismo
João Baptista Mello	Yi-Fu Tuan

Os principais conceitos para os estudos de Geografia Humanística são: *espaço vivido* e sua dimensão espacial, o *lugar*. A *paisagem* e a *região* constituem igualmente conceitos importantes, não a paisagem ou a região objetivas, mas as elaboradas, imaginadas pelos indivíduos e grupos, a paisagem simbólica, a região como espaço de pertencimento e inclusão. A escala do cotidiano é, para a Geografia Humanística, uma escala prioritária de estudo.

Assim, a paisagem, a região e os lugares, apesar de suas características físicas, são estruturados por uma rede simbólica complexa: valores, representações, imagens espaciais vividas. Para serem percebidos, eles demandam um trabalho profundo de interpretação. As chaves de interpretação são o comportamento e a linguagem, que estruturam o código de expressão do universo simbólico.

Vejamos algumas características dos principais conceitos nos estudos de Geografia Humanística.

Espaço vivido e lugar

- Estes conceitos começam a ser estudados na França, ainda na Geografia Tradicional, por La Blache e Pierre Deffontaines. O humanismo fenomenológico vai revalorizar o estudo das regiões sob o ângulo do espaço vivido, dimensão da experiência humana dos lugares.
- Tornam-se categorias que acentuam a constituição atual dos lugares. É no espaço vivido que os valores e significações materiais e afetivas se estabelecem.
- O sentimento de simpatia entre o geógrafo e a região que ele estuda é fundamental, sendo um dos elementos centrais no estudo do espaço vivido.
- O sentimento do lugar: representa um mergulho no universo de significações e considera também o espaço como uma dimensão simbólica na existência humana. Pressupõe sentimento de empatia do pesquisador.

- O espaço vivido deve ser compreendido como um espaço de vida, representado pelos atores sociais e também vivido pelo geógrafo, que interpreta e precisa penetrar completamente no ambiente.
- É uma proposta de humanização dos estudos geográficos baseadas na Psicologia e na Semiótica.

Região

- A região define, ao mesmo tempo, um espaço de pertencimento e de inclusão a uma dada comunidade e a inteligibilidade do sentimento regional vivido pelos signos indenitários (a compreensão de uma região é definida por uma relação entre o pesquisado e o espaço).

Do ponto de vista teórico-metodológico, algumas observações podem ser apresentadas sobre a Geografia Humanística

- Não há ruptura da relação sujeito/objeto, como ocorre no esquema clássico de ciência. O sentimento de proximidade e identidade está na base da comunicação entre os sujeitos pesquisados e o espaço. Assim, é difícil falar de uma metodologia geral que dê conta das especificidades dos estudos desenvolvidos pela Geografia Humanística. Desatacam-se, desse modo, os temas de estudo, como o amor, o ódio, o pertencimento, a emoção, os valores, enfim os sentimentos em geral, dos indivíduos como o mundo.
- A Geografia Humanística, pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis nem observar regularidades—parte da singularidade e da individualidade dos espaços. Busca fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente, com o objetivo de compreender o comportamento social dos atores através das significações criadas pela comunidade. O geógrafo humanístico torna-se um personagem ativo no próprio desenvolvimento da comunidade.

- A Geografia Humanística privilegia o espaço vivido e investiga as representações de ordem simbólica, que não estão ligadas a uma racionalidade; sendo assim, não é possível partir de modelos lógicos gerais. Dessa forma, do ponto de vista metodológico, aproxima-se da Psicanálise, consistindo em resgatar o sentido a partir daquilo que, projetado sobre o espaço, circula entre a esfera da ação e a da representação.
- Nesse sentido, o método privilegiado da Geografia Humanística é o da interpretação, é a arte da interpretação. O geógrafo humanístico deve se colocar na perspectiva de um observador privilegiado, capaz de interpretar todo o jogo complexo de analogias, de valores, costumes, hábitos, de representações e de identidades que figuram no espaço.
- A Geografia Humanística reafirma o lugar central do estudo do único e do excepcional, portanto, do lugar. Cada lugar significa uma combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos sobre um espaço reduzido. O lugar é visualizado como uma forma que se integra à paisagem local e regional.
- Do ponto de vista das fontes de pesquisa, estudos de Geografia Humanística valorizam a literatura como a descrição dos espaços vividos ou vale estudos sobre autores e obras literárias, a música etc. Considera que a arte possibilita a dimensão do conhecimento espontâneo, inconsciente e não racional.



Atende ao objetivo 1

A partir do que vimos, preencha as lacunas do texto a seguir.

A Geografia _____, também conhecida como Geografia Humanista, surge a partir da adoção de filosofias que valorizam a consciência e a experiência pessoal como fontes de dados válidos sobre o mundo, como a _____, a _____ e o _____. Essas filosofias impugnam as abstrações positivistas e possibilitam novo ideal científico, sustentado na revalorização do homem e do indivíduo, deslocando a atenção e a observação dos objetos para o indivíduo, especialmente para os fenômenos e sentimentos que se colocam em sua consciência. Contemporânea à Geografia puxada inicialmente por _____ (sino-americano), _____ (irlandesa e norteamericana), _____ (canadense) e _____ (francês), a _____ tem seu principal eixo de desenvolvimento no mundo _____ e _____. No Brasil, destacam-se os estudos desenvolvidos pelo geógrafo _____ e o arquiteto _____. Em termos metodológicos, a Geografia _____ se sustenta nas investigações a partir da observação, experiência e reflexão do _____ dos indivíduos, ou seja, do seu espaço _____. Aqui também é importante a personalidade, a intuição, a experiência e a reflexão do pesquisador. Interpretações sobre _____, a _____ e as diversas expressões _____, com o intuito de compreensão da essência humana, constituem igualmente elementos importantes do quadro metodológico.

Resposta comentada

A Geografia **Humanística**, também conhecida como Geografia Humanista, surge a partir da adoção de filosofias que valorizam a consciência e a experiência pessoal como fontes de dados válidos sobre o mundo, como a **fenomenologia**, a **hermenêutica** e o **existencialismo**. Essas filosofias impugnam as abstrações positivistas e possibilitam novo ideal científico, sustentado na revalorização do homem e do indivíduo, deslocando a atenção e a observação dos objetos

para o indivíduo, especialmente para os fenômenos e sentimentos que se colocam em sua consciência. Contemporânea à Geografia puxada inicialmente por **Yi-Fu Tuan** (sino-americano), **Anne Buttimer** (irlandesa e norte-americana), **Edward Relph** (canadense) e **Armand Frémont** (francês), a **Geografia Humanística** tem seu principal eixo de desenvolvimento no mundo **norte-americano e francês**. No Brasil, destacam-se os estudos desenvolvidos pelo geógrafo **João Baptista Ferreira de Mello** e o arquiteto **Werther Holzer**. Em termos metodológicos, a Geografia **Humanística** se sustenta nas investigações a partir da observação, experiência e reflexão do **cotidiano** dos indivíduos, ou seja, do seu espaço **vivido**. Aqui também é importante a personalidade, a intuição, a experiência e a reflexão do pesquisador. Interpretações sobre **literatura**, a **arte** e as diversas expressões **culturais**, com o intuito de compreensão da essência humana, constituem igualmente elementos importantes do quadro metodológico.

Exemplos de estudos e pesquisas desenvolvidos pela Geografia Humanística

Para fixação e conclusão desta aula, vamos agora apresentar alguns exemplos de estudos desenvolvidos pela Geografia Humanística. Estão sendo apresentados quatro fragmentos de textos que exemplificam algumas abordagens desenvolvidas por este paradigma geográfico.

Fragmento 1: o espaço na fenomenologia

Do ponto de vista fenomenológico [...], o espaço é um conjunto dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas. Descrever o espaço meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana: para nós o espaço não pode ser reduzido a simples papel de espectadores ou cientistas, estivéssemos nós próprios fora do espaço. Nós vivemos e atuamos no espaço e nossas vidas pessoais, tão bem como a vida da Humanidade,

desdobram-se nele. A vida expande-se no espaço sem ter uma extensão geométrica no sentido próprio da palavra. Nós temos necessidade de expansão, de perspectivas, a fim de viver. O espaço é tão indispensável quanto o tempo no desenvolvimento da vida (BUTTMER in CHRISTOFOLLETTI, 1985, p. 174)

Fragmento 2: o método fenomenológico

A fenomenologia nos oferece métodos para explorar e descrever aquilo que conforma o mundo vivido do indivíduo. Para chegar à descrição e ao conhecimento das essências dos fenômenos que estruturam este mundo vivido, os caminhos são múltiplos e variados. O método fenomenológico nos permite a descrição do mundo cotidiano da experiência imediata do homem, em nosso caso, a paisagem em que vive, que sente e experimenta. Eu optei por um trabalho de campo experimental, com base em entrevistas pessoais, algo peculiar em comparação com as clássicas questões quantitativas, rígidas, fechadas e perfeitamente estruturadas da geografia da percepção e do comportamento. A entrevista deve ser livre, informal, espontânea, sem limitações de tempo nem de temas, ao ritmo da pessoa entrevistada, e se possível, em seu próprio meio, rodeada da paisagem que normalmente contempla. O entrevistador deve estabelecer uma relação profunda e sincera com a pessoa entrevistada, de tal maneira que ambos embarquem juntos numa exploração conjunta do mundo vivido e, inclusive, cheguem a trocar papéis. Se produz, portanto, uma espécie de imersão do geógrafo fenomenológico na investigação (BALLESTEROS, 1992, p. 89-90).

Fragmento 3: o geógrafo humanístico

O que pode fazer um humanista? Falando de maneira geral, a competência de um humanista repousa na interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência

e complexidade. Sua principal função como geógrafo é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar. Eis uma sugestão específica de como ele pode servir. A reação das pessoas ao cenário físico é mediada pela cultura, que é tanto parte da vida do dia a dia que raramente pode ser vista pelos próprios habitantes. Uma das funções do humanista é tornar explícitos as virtudes e os defeitos de uma cultura. Deve ser capaz de sugerir ao planejador que em algumas culturas as pessoas preferem viver bem próximas; por outro lado, deve ser capaz de lembrar às pessoas que a proximidade, muito embora aconselhável, é alcançada às custas de certos outros valores humanos. O humanista mostrará como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhados tanto quanto uma localização e um meio ambiente físico. Pode sugerir meios pelos quais um sentimento possa ser enfatizado. (TUAN, 1985, p. 162)

Fragmento 4: afetividade e lugar através das canções

Os laços de afetividade que ligam o homem – abstrata ou concretamente – ao lugar provocam relatos verbais e escritos do cidadão comum, artistas, poetas e intelectuais. Todavia, somente nas últimas duas décadas, a Geografia passou a utilizar a experiência vivida como instrumento de investigação, muito embora o relacionamento dos seres humanos com o meio seja pertinente com os princípios deste saber. Com base na experiência vivida pelos compositores da música popular brasileira, registrada nos versos de suas canções, esta dissertação de mestrado objetiva interpretar o sentimento e o entendimento da população carioca, em relação à cidade do Rio de Janeiro, no período compreendido entre 1928 a 1991 (MELLOS, 1991).



O Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (NeghaRIO), coordenado pelo professor João

Baptista Ferreira de Mello, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apresenta estudos, bibliografias e atividades sobre Geografia Humanística do Rio de Janeiro, fundamentais para a prática e a pesquisa nessa corrente geográfica.

Sugerimos visitar a página do NeghaRIO, assim como a participação nos trabalhos de campo realizados no projeto dos *roteiros diurnos e noturnos na área central do Rio de Janeiro*.

NeghaRIO



Fonte: <http://neghario.wordpress.com/> www.roteirosdorio.com



Atende ao objetivo 2

O quadro a seguir apresenta um fragmento de texto escrito pelo geógrafo João Baptista Ferreira de Mello. Em primeiro lugar, destaque as principais expressões utilizadas pelo autor que o identificam com a Geografia Humanística. Em seguida, explique o porquê deste fragmento poder ser considerado um exemplo da abordagem humanística em Geografia.

Fragmento: as centralidades do mundo vivido

O Rio de Janeiro é uma cidade plena de centralidades construídas, eleitas ou adotadas pelos indivíduos e grupos sociais (bem como outros agentes). Mas, o que é centralidade, um lugar central? O fenômeno da centralidade assume as mais diversas nuances, em diferentes escalas. Uma cabine telefônica, um cinema, um templo ou o endereço domiciliar são lugares centrais, a região, a pátria ou até mesmo o planeta Terra – nestes tempos de consciência ecológica – podem adquirir simbolicamente o *status* de lugares centrais. Alguns desses exemplos são corriqueiros e, certamente, irritam os positivistas, que em suas pesquisas, de um modo geral, focalizam centralidades tradicionais e grandes quadros distantes do mundo vivido do dia a dia. No entanto, convém reafirmar, outros tipos de centralidades eclodem cotidianamente em meio à ordem e à desordem. Por conseguinte, os lugares centrais não estão estritos às correntes teóricas ou leis e conceitos emitidos pela célebre Escola de Ecologia Humana de Chicago, ou ainda, pela Teoria dos Lugares Centrais escrita por Walter Christaller, nos anos 30, e, como se sabe, amplamente utilizada pela Geografia. (MELLO, 2001)

Principais expressões:

Explicação:

Resposta comentada

Principais expressões: centralidades construídas pelos indivíduos e grupos; mundo vivido.

Explicação: O acento dado ao espaço vivido e simbólico dos indivíduos e grupos. Neste fragmento, o objetivo central do autor é demonstrar que há outras formas de estudo do espaço geográfico diferentes da perspectiva positivista. Para tanto, o autor traz o exemplo das centralidades espaciais, que eram vistas apenas como centralidades tradicionais, vinculadas às dinâmicas econômicas distantes do mundo vivido. O autor destaca que objetos e formas espaciais tornam-se centralidades, à medida que são usados e significados pelos indivíduos e grupos.

CONCLUSÃO

Esta foi a oitava 13ª aula do curso *Metodologia da Geografia* vistos através dos métodos. Vimos as principais características da Geografia Humanística: sua origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas. Vimos também alguns exemplos da Geografia Humanística a partir da seleção de trechos de estudos desenvolvidos

por geógrafos que se envolveram com esse paradigma geográfico com o intuito de fixar o conteúdo aqui estudado. Vale ainda salientar que diferentes foram os desdobramentos da abordagem humanística na Geografia e diferentes foram os caminhos da Geografia Humanística. Apresentamos aqui apenas alguns fragmentos desse paradigma dos estudos geográficos desenvolvidos nas décadas de 1980 e 1990.

Atividade final

O fragmento de texto a seguir foi escrito pelo geógrafo Yi-fu Tuan. Nele, podemos identificar elementos importantes presentes nos estudos de Geografia Humanística. Com base no conteúdo desta aula, apresente as principais razões que associam o texto à Geografia Humanística.

Fragmento: espaço vivido e o bairro

Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; “lá fora” é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referências arquitetônicas, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Preocupar-se com eles mesmo momentaneamente é reconhecer a sua realidade e valor [...]. Como as impressões, recebidas através dos sentidos, adquirem a estabilidade de objetos e lugares? (TUAN, 1980, p. 20-21)

Resposta comentada

O texto apresenta e valoriza o espaço vivido, o espaço vivenciado em um bairro. Destaca o bairro como um lugar de significado, identidades e valores. Valoriza o sentimento e as impressões advindas da experiência espacial cotidiana.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- Origem, autores, conceitos e bases teórico-metodológicas da Geografia Humanística.
- Exemplos de trabalhos da Geografia Humanística: a importância do espaço vivido, do lugar, da interpretação e da afetividade; o método fenomenológico; a atuação do geógrafo humanístico.

Informações sobre a próxima aula

Na próxima aula, procuraremos seguir a mesma metodologia desenvolvida em nossas últimas aulas. Será apresentada e discutida a última temática do curso: trataremos do paradigma ambientalista na Geografia, fortalecido pelos processos e impactos da globalização a partir das duas últimas décadas do século XX. Conforme será visto, estabelece-se a necessidade, na Geografia, de um diálogo maior com os diferentes saberes, assim como a pluralidade temática, filosófica e teórico-metodológica.

Até lá!

Aula 14

O paradigma
ambiental e a
Geografia:
o diálogo
de saberes

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar o significado do paradigma ambiental e sua inserção na Geografia.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. apresentar os conceitos de paradigma ambiental e epistemologia ambiental e sua importância para as pesquisas científicas;
2. apresentar o surgimento do paradigma ambiental e da epistemologia ambiental na Geografia.

INTRODUÇÃO



Figura 14.1

Fonte: Ciro Reis, 2014 (direitos autorais concedidos pelo autor)

Nesta aula vamos dar prosseguimento ao estudo metodológico em Geografia, a partir da discussão do paradigma ambiental e sua inserção no campo científico geográfico. Inicialmente, vamos recuperar um pouco o conteúdo da nossa aula de número 4, sobre as concepções de paradigma, de paradigma científico e de paradigma em Geografia. Em seguida, trataremos do significado do paradigma ambiental e da epistemologia ambiental a partir das ideias propostas por Enrique Leff, em seu livro, *As aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes*. Por último, apresentaremos o surgimento do paradigma ambiental na Geografia.

O paradigma ambiental

Conforme proposto, vamos recuperar algumas concepções de *paradigma*, que serão relevantes ao conteúdo apresentado nesta aula.

Paradigma:

A palavra paradigma significa modelo, padrão, exemplo. Assim, paradigma é um modelo que serve como exemplo a ser seguido. É um exemplo privilegiado ou um modelo que serve para pensar. Nesse sentido, paradigma indica um modelo, seja ele estético, comportamental, político, científico ou qualquer outro.

Paradigma científico:

Na produção científica moderna, um paradigma inclui uma concepção filosófica matriz, que interfere na adoção e no desenvolvimento de teorias, métodos, valores e técnicas de uma investigação. Um paradigma científico é concebido como um modelo de investigação a ser seguido, isto é, uma referência, uma base, um padrão para o desenvolvimento dos estudos e pesquisas. Trata-se, assim, de uma forma de pensamento, um pensamento dominante que irá dirigir as formas de pesquisas, a observação e a demonstração dos resultados.

Paradigma em Geografia:

Ao falarmos de paradigma em Geografia estamos nos referindo a uma base filosófica e um conjunto de teorias, técnicas, valores, problemas, metáforas etc., aceitos e compartilhados por geógrafos e profissionais do campo científico geográfico em determinada época, para o desenvolvimento de seus estudos e pesquisas. Como ocorreu, por exemplo, com o paradigma da Geografia positivista, da Geografia neopositivista, da Geografia marxista e da Geografia Humanística.

Assim, cada paradigma geográfico foi orientado e definido por uma específica base filosófica e ideológica, com seus respectivos valores e concepções teórico-metodológicas. Cada paradigma se sustentou, nesse sentido, por uma epistemologia dominante e por um método de investigação e pesquisa também dominante, estabelecido na relação entre empirismo e a prática da indução e o racionalismo e a prática da dedução. Ora uma determinada prática se sobressaía, ora ambas se relacionavam dialeticamente.

Como já mencionamos, ao longo da história da ciência geográfica moderna, podem ser identificados quatro grandes paradigmas geográficos, e suas respectivas bases filosóficas, que antecederam ao paradigma ambiental:

a) Geografia Clássica: positivismo clássico (método indutivo e empirismo)

- b) Geografia lógico-formal: neopositivismo (método dedutivo e racionalismo)
- c) Geografia marxista: materialismo histórico dialético
- d) Geografia Humanística: fenomenologia, hermenêutica, existencialismo

Paradigma ambiental:

Entendido como um paradigma científico, o paradigma ambiental pode ser considerado como uma das sínteses possíveis da crise dos grandes modelos interpretativos da ciência, ou seja, dos grandes paradigmas científicos e sociais. Os desafios colocados pelos atuais problemas ambientais (relativos à dinâmica da natureza e à dinâmica social) exigem um conhecimento holístico, mais amplo e integrador, possível apenas a partir dos diferentes olhares dos campos científicos.

Na realidade, o paradigma ambiental emerge em função da crise ambiental da década de 1970, que por sua vez está associada a crise do conhecimento científico. A *epistemologia ambiental*, ou seja, a lógica do conhecimento ambiental, surge como uma política do saber que busca dar sustentabilidade à vida. É um campo de aplicação da *epistemologia* para a compreensão de um novo objeto de conhecimento: o ambiente, que tem atraído autores diferentes e enlaçando teorias diversificadas.

Essa crise ambiental que está associada ao estabelecimento da globalização planetária e de um novo espaço geográfico, denominado por Milton Santos (1996) de *meio técnico científico-informacional*, promoveu grandes problemas e desafios à humanidade. Assim, para o enfrentamento dessa nova realidade advinda do mundo contemporâneo e globalizado foi necessário ampliar o diálogo e o contato entre autores de diferentes áreas do conhecimento e com posturas filosóficas, ideológicas, teóricas e metodológicas diversificadas, na busca de soluções para continuidade do homem no planeta. Foi necessária, portanto, a construção de uma nova epistemologia, ou seja, de uma forma nova de fazer e entender a ciência, uma *epistemologia ambiental*, holística e integradora, epistemologia diferente daquela que se instaurou com o

advento da ciência moderna. Na realidade a crise ambiental reflete a crise do modelo científico moderno estabelecido a partir do século XVII.



Milton Santos, em *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, publicado em 1996, desenvolve o conceito de meio técnico científico-informacional se reportando às relações históricas entre natureza e sociedade. Essa relação retrata a substituição do meio natural por um meio cada vez mais artificializado. Apresenta a história do meio geográfico em três etapas. Com base em Milton Santos e na obra mencionada, vejamos algumas considerações sobre os conceitos de meio natural, meio técnico e meio técnico científico-informacional.

- **Meio natural:** o homem escolhia as partes fundamentais do espaço geográfico como um exercício da vida e utilizava a natureza sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza. As técnicas existentes, como a domesticação de plantas e animais, apontavam um certo controle do homem sobre a natureza. Entretanto, dominava uma verdadeira relação simbiótica entre homem/natureza. O equilíbrio natural era fracamente modificado pela intervenção do homem, sendo logo retomado. As motivações e impactos eram apenas locais.
- **Meio técnico:** reserva a fase posterior à invenção e aos usos das máquinas, que unidas ao solo dão uma dimensão nova ao espaço geográfico, que passa a ser crescentemente formado do natural e do artificial. As áreas e países começam a se

distinguir em função da incidência desses objetos artificiais, com destaque dos países do ocidente e do Japão. Ocorre a mecanização do espaço geográfico em termos planetários. A lógica instrumental desafia a lógica da natureza e estabelece sua superioridade. Os instrumentos técnicos já não são como no período anterior, uma extensão/prolongamento do corpo humano, mas sim prolongamentos do território – verdadeiras próteses. Domina a razão do comércio. As questões ambientais, como a poluição ambiental, passam a tomar expressão, principalmente nas grandes cidades europeias do século XIX, como as da Inglaterra. Mas o fenômeno (a artificialização do meio) ainda era limitado às regiões onde a técnica se instalava, era um fenômeno circunscrito geograficamente.

- **Meio técnico científico-informacional:** caracteriza o período atual, posterior à Segunda Guerra, principalmente, a partir de 1970. Grande interação entre ciência/técnica sob a égide do mercado, do mercado global. Ciência, tecnologia e informação são vitais para o progresso contemporâneo, criam processos vitais animais e vegetais. Antes, apenas as cidades concentravam objetos artificiais, técnicos. Hoje, o mundo rural está cada vez mais marcado por plásticos, fertilizantes, corantes, computadores etc. A ideia do meio artificial domina a existência contemporânea e apresenta diferenças marcantes das lógicas e escalas espaciais anteriores: é o domínio da lógica global imposta a todos os territórios. Aumentam os objetos técnicos no território: o capital fixo (estradas, máquinas, pontes, etc.), o capital constante (máquinas, fertilizantes,

veículos, sementes), os fluxos (comunicações de bens materiais e imateriais). Rompem-se, assim, os equilíbrios preexistentes, uma vez que cresce a necessidade de circulação, distribuição e consumo da produção em grande escala e acirra-se a especialização das áreas de produção (exemplo: soja), que necessitam de intercâmbios com outras áreas. Os territórios se transformam, em função das redes de comunicação a serviço dos atores hegemônicos: “espaço nacional de economia internacional”. Aumenta a crise do Estado, em função da abertura dos mercados nacionais, que promove a diminuição da soberania nacional, principalmente de Estados mais periféricos. Estabelecem-se crises do Estado nacional, uma vez que os negócios governam mais do que os governos.

Nesse sentido, o *paradigma ambiental* se desenvolve a partir de uma nova epistemologia, a *epistemologia ambiental*, uma nova forma de fazer ciência, e não deve ser entendido como um modelo interpretativo fechado e limitado a uma base filosófica específica, com uma conduta única e compartilhada da mesma forma por um grupo de pessoas, como ocorreu com outros paradigmas. O paradigma ambiental deve ser entendido, contudo, como uma nova forma, um novo modelo de conhecimento científico, sustentado e desenvolvido a partir do constante diálogo dos saberes e das bases filosóficas, de uma nova epistemologia, a já mencionada epistemologia ambiental.

Para entendermos melhor o significado e a importância do paradigma ambiental, vamos recorrer às ideias do professor Enrique Leff em seu livro *As aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes*, publicado em 2004.

Enrique Leff, um dos grandes expoentes nos debates sobre os limites e crises do conhecimento científico contemporâneo, reforça a ideia de que a crise do conhecimento científico iniciada nas décadas de 1970 e 1980 se estabeleceu e se produziu em função do olhar fragmentado, tecnicista e reducionista dos pesquisadores. Como forma de superação dessa maneira de entender e desenvolver a ciência, Leff fortalece a corrente de intelectuais que defende um novo olhar científico sustentado por uma nova epistemologia, a qual denominou de *epistemologia ambiental*.

Vejamos, a seguir, algumas considerações sobre a epistemologia ambiental proposta pelo autor.

Leff defende a necessidade de um novo olhar científico, uma nova forma de pensar e entender os limites impostos pelo paradigma científico dominante. O autor busca debater os limites e as crises do atual conhecimento científico, através do estabelecimento de um campo novo de discussão, denominado *saber ambiental*. O que para ele não significa a conjunção interdisciplinar dos paradigmas atuais, ou a reintegração da sociedade-natureza.

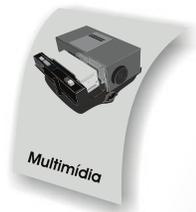
Para Leff, ao contrário das ciências naturais e sociais que, em seu percurso foram se fracionando, o *saber ambiental*, surge por uma análise que perpassa os objetos de estudo. A *epistemologia ambiental* é por ele defendida como uma aventura do conhecimento que busca o horizonte do saber.

Mais do que um projeto com finalidade de apreender um novo objeto do conhecimento e uma reintegração do saber, a *epistemologia ambiental* é um percurso para se chegar ao conhecimento do ambiente. O ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo.

O ambiente põe em contato e faz dialogar autores díspares que, se em algo confluem no espaço do saber ambiental, é justamente por sua persistência em estar fora do campo de positividade. Assim, o ambiente tem posto a dialogar o estruturalismo com o pós-estruturalismo, a modernidade com a pós-modernidade, o *logos*

científico e a racionalidade econômica com saberes populares, a ética com o conhecimento.

Nesse sentido, a *epistemologia ambiental* não é a formalização de um método desenhado para reintegrar e recompor o conhecimento de um mundo globalizado. A epistemologia ambiental é um saber ambiental que nasce no campo das externalidades das ciências e penetra nas muralhas do conhecimento científico. Seu objetivo é desenvolver um saber que ultrapassa o conhecimento científico e questiona a racionalidade da Modernidade.



Além do livro escrito por Enrique Leff, *As aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes*, sugerimos a consulta aos endereços abaixo, que

apresentam artigos comentando as ideias do autor.

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/viewFile/3041/2432>

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/viewFile/74293/77936>

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2001000800009&script=sci_arttext

Resposta comentada

Paradigma ambiental: É um paradigma científico, um modelo científico, que surge a partir das crises dos paradigmas científicos anteriores. Na realidade, o paradigma ambiental emerge em função da crise ambiental da década de 1970, que por sua vez está associada à crise do conhecimento científico. É um modelo de produção do conhecimento científico mais amplo e integrador construído a partir dos diferentes olhares dos campos científicos e do conhecimento do homem comum. Ele se estabelece baseado em outra lógica de organização e produção do conhecimento científico, ou seja, a partir de outra epistemologia, a epistemologia ambiental, não mais sustentada em um olhar fragmentado, tecnicista e reducionista dos pesquisadores.

Epistemologia ambiental: É o campo de estudo e debate sobre a lógica da produção de um novo conhecimento científico, o conhecimento ambiental, que inclui tanto as dinâmicas sociais e naturais quanto sua constante associação. A epistemologia ambiental surge como uma política do saber e busca dar sustentabilidade à vida. É um campo de aplicação da epistemologia que tem atraído autores diferentes e vem enlaçando teorias diversificadas que objetivam compreender o ambiente, que não é a ecologia, mas a complexidade do mundo.

A importância do paradigma ambiental para o desenvolvimento científico na atualidade consiste no fato de que ele é um modelo integrador de conhecimento e para existir é fundamental que sejam estabelecidos diálogos e trocas entre pessoas com pensamentos, formações e posições sociais, políticas e ideológicas diversificadas. É portanto um modelo científico que só se sustenta em um regime democrático. A **epistemologia ambiental** é o campo de estudo e debate de um novo conhecimento científico. Não há na epistemologia ambiental a intenção em formalização de um método desenhado para reintegrar e recompor o conhecimento de um mundo globalizado. Seu objetivo é desenvolver um saber que ultrapassa o conhecimento científico e questiona a racionalidade da Modernidade.

O paradigma ambiental e a Geografia

Podemos dizer que o paradigma ambiental e sua epistemologia, a epistemologia ambiental, surgiram na Geografia no final dos anos de 1980 e início dos 1990. Na realidade coincide com o debate da crise da *Modernidade* e da ciência moderna e com o advento da **Pós-Modernidade**, ou seja, do surgimento de um novo cenário social, econômico e espacial mundial, dinamizado pela então globalização. Naquele período, livros e artigos discutiam sobre o assunto, ao mesmo tempo em que importantes acontecimentos, como a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética abalavam convicções e utopias e forçaram reflexões sistemáticas sobre o fim do século XX.



Modernidade e Pós-Modernidade

Embora haja um grande debate sobre o significado da Pós-Modernidade, sua conexão com a Modernidade é um consenso. Ou seja, ora a Pós-Modernidade é considerada uma extensão da Modernidade, ora uma ruptura. De toda forma, a Pós-Modernidade representa um desdobramento da Modernidade.

Modernidade

Conforme Perry Anderson em seu livro, *As origens da pós-modernidade* (1999), a noção de Modernidade origina do adjetivo moderno, do latim “modernus”, que significa moderado, recente, novo, contemporâneo, opondo-se ao antigo, antiquado, arcaico, obsoleto, gasto ou retrógrado. Historicamente surge em finais da Idade Média, período de grandes modificações no mundo ocidental, principalmente na Inglaterra, relacionadas às práticas humanas mais fundamentais, de um

rompimento com antiquíssimos padrões de interação humana com a natureza. Assim, a noção de **Modernidade** aponta a qualidade ou o estado do que é moderno, o ato e efeito do moderno, e por sua vez se relaciona às noções de **Modernização** e **Modernismo**. A Modernização uma noção vinculada à produção e ao processo industrial e a noção de Modernismo vinculado expressão estética e artística.

Pós-Modernidade

A Pós-Modernidade designa a condição sociocultural do mundo ocidental de finais da década de 1980 e início da década de 1990, estabelecida pela queda do Muro de Berlim, o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais, impulsionada principalmente pelo fracasso da razão científica e instrumental na compreensão do mundo através de esquemas totalizantes. O uso do termo Pós-Modernidade se tornou corrente embora haja controvérsias quanto ao seu significado e a sua pertinência. Algumas escolas de pensamento situam a origem da Pós-Modernidade no esgotamento do projeto moderno e no fim das grandes narrativas totalizantes, das grandes teorias, fundadas na crença no progresso, na ciência e nos ideais iluministas. Outros, porém, afirmam que a Pós-Modernidade seria apenas uma extensão da modernidade.

Intelectuais e estudiosos do marxismo como David Harvey e Edward Soja tornam-se referência no debate internacional geográfico sobre a **Pós-Modernidade**. Suas influências, inclusive, ultrapassaram o campo científico da Geografia e tiveram repercussões em todas as ciências sociais.

Em 1989, embora desenvolvendo dois eixos diferenciados de discussão sobre a Pós-Modernidade, esses autores publicaram dois livros: *A Condição Pós-Moderna* foi a obra de Harvey e *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, a de Soja.

Pode-se dizer que a obra de David Harvey centra-se na apresentação e discussão do novo cenário social, econômico e espacial da Pós-Modernidade, enquanto a de Edward Soja, focaliza a caracterização e o impacto desse novo contexto nas ciências sociais, em geral, e na Geografia, em particular. Ambos os autores em suas obras, entretanto, afirmam que diferentemente da Modernidade, a Pós-Modernidade é marcada pela centralidade da dimensão espacial na economia, na cultura e na ciência.



A Pós-Modernidade, segundo Harvey e Soja A Condição Pós-Moderna, David Harvey (1989)

Em *A Condição Pós-Moderna*, David Harvey procura apresentar a grande mudança nas práticas culturais, políticas e econômicas associadas à emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e a um novo ciclo de compressão espaço-tempo na reorganização do capitalismo. Defende e procura construir uma teoria geral capaz de apresentar, pelo menos em parte, um sistema explicativo de apreensão da nova relação espaço/tempo, realidade associada à dinâmica da então globalização planetária.

Assim, Harvey identifica a Pós-Modernidade como o período e a dinâmica do capitalismo tardio ou a acumulação flexível, um estágio de capitalismo posterior ao financeiro, caracterizado por trabalho e capital altamente móveis, e pela compressão do tempo e espaço. Esse contexto gerou grandes alterações na experiência do espaço e do tempo, jamais vivenciadas antes. O planeta passava a estar todo conectado, a produção e reprodução capitalista não apenas tornava-se mais complexa, mas, sobretudo, de maior impacto social, econômico e espacial, atingindo todo o planeta.

Assim, Harvey identifica a Pós-Modernidade como o período e a dinâmica do capitalismo tardio ou a acumulação flexível, um estágio de capitalismo posterior ao financeiro, caracterizado por trabalho e capital altamente móveis, e pela compressão do tempo e espaço. Esse contexto gerou grandes alterações na experiência do espaço e do tempo, jamais vivenciadas antes. O planeta passava a estar todo conectado,

a produção e reprodução capitalista não apenas tornava-se mais complexa, mas, sobretudo, de maior impacto social, econômico e espacial, atingindo todo o planeta.

Harvey inicia sua obra apresentando a passagem da Modernidade à Pós-Modernidade na cultura contemporânea. Discute os conceitos de modernidade, modernismo e pós modernismo e destaca o pós-modernismo na cidade, na arquitetura e no projeto urbano. Em seguida trata da transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX. Aqui são debatidas as características do fordismo e da acumulação flexível, com intenção de teorizar sobre a transição e os impactos sociais, espaciais e temporais da acumulação flexível. Após esse rico cenário, Harvey apresenta a experiência do espaço e tempo na pós-modernidade, tratando tanto da experiência na vida social, quanto na arte e na cultura, dando particular destaque ao cinema. Por fim, o autor afirma que apesar do pós-modernismo ser uma nova condição histórico-geográfica do capitalismo, é necessário discutir e entender seu significado.

Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica, Edward Soja (1989)

Geografias Pós-Modernas é uma das obras mais famosas de Edward Soja. Nela, o autor apresenta uma rica crítica ao historicismo e seus efeitos na imaginação geográfica. A partir de autores como John Berger, Michel Foucault, Antony Giddens, Fredric Jameson, Marshall Berman e Henri Lefebvre, Soja estrutura a defesa de um materialismo histórico e geográfico, um repensar radical da dialética do espaço, do tempo e do ser social.

Na realidade, Soja objetiva reafirmar a perspectiva espacial crítica na teoria e análise sociais contemporâneas. Segundo o autor, com base em Foucault, o século XIX tinha uma verdadeira obsessão pela história. O tempo e a história ocupavam uma posição privilegiada na consciência prática e teórica do marxismo ocidental e da ciência social crítica. A espacialidade era silenciada pelo historicismo. No final do século XX, porém, essa posição começa a ser alterada: mais o espaço do que o tempo parece então ocultar as consequências da produção e reprodução social. Isto significa que mais a construção da geografia do que a construção da história proporciona o meio tático e teórico mais revelador.

O espaço foi tratado como morto, o fixo, o não-dialético, o imóvel. O tempo, ao contrário, era a riqueza, a fecundidade, a vida e a dialética.

(FOUCAULT, 1986)

As Geografias pós-modernas, assim, buscam escapar do presídio temporal da linguagem e do historicismo da teoria crítica convencional do século XIX e abrir espaço para uma Geografia humana interpretativa, para uma hermenêutica espacial. Embora ainda de forma tímida, as observações de Foucault sobre a emergência de uma *era do espaço* tornam-se cada vez mais fortes. Dividida em nove partes, a obra de Soja é iniciada com a apresentação das origens das Geografias pós-Modernas. Em seguida, o autor discute a reconstrução de uma Geografia humana crítica e espacial, assim como a dialética sócioespacial. Debates urbanos e regionais sob a ótica marxista são apresentados na sequência. O quinto capítulo é dedicado à discussão da espacialização na fenomenologia e no existencialismo. O sexto discute as ideias de Antony

Guiddens sobre a teoria social crítica, com o intuito de demonstrar a importância do espaço em seu pensamento. A Geografia histórica focalizada através da reestruturação urbana e regional é tratada no capítulo seguinte. Por último, um estudo inteligente e criativo sobre a cidade de Los Angeles é apresentado, com objetivo de contribuir para a construção de uma Geografia pós-moderna.

Embora não tratando diretamente da Pós-Modernidade, o geógrafo Milton Santos apresentou também grande contribuição para o entendimento desse novo cenário social, econômico, espacial do mundo na virada do século XX para o século XXI, introduzindo na Geografia a temática da globalização planetária e sua relação com o território. Suas influências, assim como em Harvey e Soja, também tiveram grande repercussão científica e social, ultrapassando o campo científico geográfico e impactando nas diversas ciências sociais.

Através das obras *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia (1988)*, uma de suas primeiras exposições teóricas sobre o debate da globalização e suas repercussões espaciais, e *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, publicada em 1996, Milton Santos consolidava e defendia sua grande teoria geográfica, *Geografia como filosofia da técnica*. A partir de então, Milton Santos analisa o Brasil do início do século XXI e apresenta sua interpretação do País a partir do território e de sua relação com o mundo, evidenciada na obra *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI (2001)*.



Globalização planetária e o território, segundo Milton Santos

A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção (1996)

Esta obra apresenta uma interpretação pioneira ao estudo do espaço geográfico, descrevendo-o e explicando-o através das relações entre técnica e espaço e espaço e tempo. Oferece como resultado uma teoria geral do espaço geográfico demonstrando e reforçando seu papel ativo na dinâmica social. Através da Geografia, entendida por Milton Santos como uma contribuição específica para a produção de uma filosofia das técnicas, o autor apresenta uma grande contribuição à reconstrução da teoria social crítica.

Tendo como ideia central o estudo do espaço geográfico pelas técnicas (ideia que se origina ainda na primeira fase do autor) e do espaço como instância fundamental da dinâmica social (elaborada na segunda fase), Milton Santos desenvolve sua teoria geográfica e a apresenta em *A Natureza do Espaço*, em 1996.

Inicia sua obra discutindo o objeto de estudo da Geografia e defendendo a necessidade deste campo científico estabelecer uma reflexão mais profunda sobre a natureza do espaço geográfico, para ele um sistema de objetos e ações.

Para desenvolver seu argumento, na primeira parte do livro, Milton Santos discute os estudos desenvolvidos sobre as técnicas e demonstra a falta de uma reflexão sobre a relação entre técnica e espaço geográfico, um sistema de objetos e ações inseparáveis. Aqui também é apresentada a distinção entre paisagem e espaço.

Em seguida, a fim de discutir a existência do espaço geográfico, a forma-conteúdo (não existe forma sem existência empírica e filosófica separadamente do

conteúdo, que não poderia existir sem a forma que o abrigou), o autor explora as noções de totalidade e totalização, universal e particular, além da divisão internacional do trabalho. Assim, busca relacionar o tempo e o espaço e estabelecer o entendimento de lugar, não como um fragmento, mas como uma totalidade em movimento. Na terceira parte, o autor, objetiva a defesa de uma geografia do presente e define períodos históricos geográficos pelos sistemas técnicos, classificando-os como meio natural, meio técnico e meio técnico científico-informacional. Discute espaço nacional (território), região, crise ambiental, tencosfera e psicofera. A partir de então, debate as redes geográficas e seus impactos horizontais. Por último, explora e apresenta a força do lugar, lugar e cotidiano, ordem global e ordem local. O lugar como realização da síntese, onde o mundo se realiza e o tempo se empiriciza.

O Brasil: território e sociedade no início do século XXI (2001)

Milton Santos analisa o país a partir de sua teoria geográfica, renovando a abordagem geográfica do Brasil. Oferece uma interpretação do Brasil da globalização, um Brasil em conjunto, como um todo. Aqui introduz a ideia de *território usado*, que é uma noção central de sua abordagem. Os sistemas técnicos, objetos e formas de fazer, permitem explicar como, onde, por quem, por que e para que esse território é usado. O texto é iniciado com a questão do uso do território e sua definição. O autor analisa o Brasil a partir dos períodos histórico-geográficos, meio natural, meio técnico e meio-técnico-científico-informacional. Em seguida concentra seus estudos no meio-técnico-científico-informacional: a renovação da materialidade do território (construções, rodovias,

hidrovias, ferrovias, aeroportos, energia elétrica, telecomunicações, et.); a informação e o conhecimento; a reorganização produtiva (descentralização industrial, guerra fiscal, Zona Franca de Manaus, Região concentrada, etc.); os círculos de cooperação, consequência dos circuitos espaciais da produção (Ceasa, CEAGESP, supermercados, shopping centers, empresas diversas); os fluxos (aéreo, ferroviário, rodoviário, aquaviário, navegação etc.); o sistema financeiro; a distribuição da população e a geografia do consumo. Em seguida Milton Santos busca a síntese do território brasileiro: reforça a ideia de *território usado* como categoria de análise central (e não o território); confronta o passado e o presente do território e apresenta as suas diferenciações; a urbanização das cidades médias e grandes e, por fim, a ordem espacial do Brasil que denomina de economia política do território. Um mapa das regiões do Brasil a partir do meio técnico-científico-informacional é oferecido como forma de síntese do país na globalização.



Figura 14.2: SANTOS, Milton, 1996 e SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura, 2001.

Fonte: Acervo pessoal

O paradigma ambiental e sua epistemologia surgiram na Geografia como uma alternativa investigativa frente às alterações sociais, econômicas e espaciais de finais do século XX, bem como de seus inúmeros e amplos desafios e impactos para o planeta. Essas alterações, características da Pós-Modernidade, foram descritas e debatidas por vários intelectuais de campos científicos diferenciados e da Geografia, em particular, como David Harvey, Edward Soja e Milton Santos.

Assim, a complexidade do sistema capitalista e o novo conteúdo do espaço geográfico de finais do século XX, ou seja, o meiotécnicocientífico-informacional, impôs à Geografia novos problemas e desafios. Os antigos modos de investigação utilizados pela disciplina e suas respectivas bases teórico-metodológicas, não mais ofereciam aportes interpretativos eficazes dessa nova realidade.

O paradigma ambiental e a epistemologia ambiental surgem na Geografia quando os modelos interpretativos até então utilizados por essa ciência tornavam-se insuficientes e ineficazes. Surgem, nesse sentido, como uma alternativa epistemológica. Com objetivo de buscar novos olhares e bases interpretativas do espaço geográfico, fez-se necessário o estabelecimento de maior diálogo entre pesquisadores com bases filosóficas e ideológicas diferenciadas, assim como entre pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Uma visão mais integradora e holística, assim foi sendo percebida como necessária.

Filosofias diversificadas modernas e pós-modernas são trazidas de formas variadas e em associação para as investigações em Geografia. Assim, a pluralidade temática, filosófica, teórica e metodológica é observada. Há múltiplas tendências de estudos geográficos convivendo e dialogando, não predominando como no passado um só modelo, um só padrão teórico-metodológico. Isso se reflete na quebra do modelo, do paradigma universal, e no estabelecimento da combinação e convivência da diversidade, denominada por muitos de pós-modernidade científica.



Atende ao objetivo 2

Quando o paradigma ambiental e a epistemologia ambiental emergiram na Geografia e quais seus principais desafios?

Resposta comentada

A concepção de paradigma ambiental e de epistemologia ambiental, conforme desenvolvida anteriormente, surgiu na Geografia no final dos anos de 1980 e início dos 1990, coincidindo com o debate da crise da **Modernidade** e da ciência moderna e com o advento da **Pós-Modernidade**, ou seja, do surgimento de um novo cenário social, econômico e espacial do mundo, dinamizado pela então globalização.

O paradigma ambiental e a epistemologia ambiental representam uma alternativa investigativa frente às alterações sociais, econômicas e espaciais de finais do século XX. Seu grande desafio é construir e oferecer novos olhares e bases interpretativas do espaço geográfico, sustentadas no amplo diálogo entre os pesquisadores de diferentes bases filosóficas, ideológicas e científicas.

CONCLUSÃO

Nesta aula, vimos, primeiramente, as concepções de paradigma ambiental e de epistemologia ambiental a partir da contribuição de Enrique Leff. Em seguida, foi apresentado o surgimento do paradigma ambiental e da epistemologia ambiental na Geografia. Temas como Pós-modernidade, globalização e meio técnico-científico e informacional fizeram parte importante e explicativa desta aula.

Atividade final

Preencha as lacunas relacionando as quatro expressões aos seus respectivos conceitos.

- Paradigma científico
- Paradigma ambiental
- Epistemologia ambiental
- Paradigma geográfico

_____ pode ser considerado como uma das sínteses possíveis da crise dos grandes modelos interpretativos da ciência, ou seja, dos grandes paradigmas científicos e sociais. Os desafios colocados pelos atuais problemas ambientais (relativos à dinâmica da natureza e à dinâmica social) exigem um conhecimento holístico, mais amplo e integrador, possível apenas a partir dos diferentes olhares dos campos científicos.

_____ refere-se a uma concepção filosófica matriz, que interfere na adoção e desenvolvimento de teorias, métodos, valores e técnicas de uma investigação. É concebido como um modelo de investigação a ser seguido, isto é, uma referência, uma base, um padrão para o desenvolvimento dos estudos e pesquisas. Trata-se, assim, de uma

forma de pensamento, um pensamento dominante que irá dirigir as formas de pesquisa, a observação e a demonstração dos resultados.

_____ refere-se a uma base filosófica e a um conjunto de teorias, técnicas, valores, problemas, metáforas, etc., aceitos e compartilhados por geógrafos e profissionais do campo científico geográfico em determinada época, para o desenvolvimento de seus estudos e pesquisas.

_____ é o campo de estudo e debate sobre a lógica da produção de um novo conhecimento científico, o conhecimento ambiental, que inclui tanto as dinâmicas sociais e naturais quanto sua constante associação. É um percurso para se compreender o ambiente, que não é a ecologia, mas a complexidade do mundo. É o ambiente e seus desafios que obrigam o contato e o diálogo de diversos autores e atores. O ambiente tem posto a dialogar o estruturalismo com o pós-estruturalismo, a modernidade com a pós-modernidade, o logos científico e a racionalidade econômica com saberes populares, a ética com o conhecimento.

Resposta comentada

Paradigma ambiental pode ser considerado como uma das sínteses possíveis da crise dos grandes modelos interpretativos da ciência, ou seja, dos grandes paradigmas científicos e sociais. Os desafios colocados pelos atuais problemas ambientais (relativos à dinâmica da natureza e à dinâmica social) exigem um conhecimento holístico, mais amplo e integrador, possível apenas a partir dos diferentes olhares dos campos científicos.

Paradigma científico refere-se a uma concepção filosófica matriz, que interfere na adoção e desenvolvimento de teorias, métodos, valores e técnicas de uma investigação. É concebido como um modelo de investigação a ser seguido, isto é, uma referência, uma base, um padrão para o desenvolvimento dos estudos e pesquisas. Trata-se, assim, de uma forma de pensamento, um pensamento dominante que irá dirigir as formas de pesquisa, a observação e a demonstração dos resultados.

Paradigma em Geografia refere-se a uma base filosófica e a um conjunto de teorias, técnicas, valores, problemas, metáforas, etc., aceitos e compartilhados por geógrafos e profissionais do campo científico geográfico em determinada época, para o desenvolvimento de seus estudos e pesquisas.

Epistemologia Ambiental é o campo de estudo e debate sobre a lógica da produção de um novo conhecimento científico, o conhecimento ambiental, que inclui tanto as dinâmicas sociais e naturais quanto sua constante associação. É um percurso para se compreender o ambiente,

que não é a ecologia, mas a complexidade do mundo. É o ambiente e seus desafios que obrigam o contato e o diálogo de diversos autores e atores. O ambiente tem posto a dialogar o estruturalismo com o pós-estruturalismo, a modernidade com a pós-modernidade, o logos científico e a racionalidade econômica com saberes populares, a ética com o conhecimento.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

- Paradigma ambiental
- Epistemologia ambiental
- Pós-Modernidade e pluralidade teórico-metodológica em Geografia.

Informações sobre a próxima aula

A próxima aula fecha nosso curso. Vamos dar continuidade à discussão sobre o paradigma ambiental e da epistemologia ambiental apresentando alguns exemplos de estudos desenvolvidos pela Geografia na atualidade. Será também apresentada uma breve revisão das aulas anteriores.

Até lá!

Aula 15

Exemplos
de estudos
desenvolvidos
pela Geografia na
atualidade e seus
principais desafios
metodológicos

Mônica Sampaio Machado

Metas da aula

Apresentar alguns exemplos de estudos desenvolvidos no âmbito da ciência geográfica na atualidade e demonstrar os principais desafios metodológicos colocados à Geografia em tempos de globalização.

Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender e apresentar os principais desafios metodológicos da ciência geográfica na atualidade;
2. indicar a proposta central da disciplina ministrada, Metodologia da Geografia, os principais temas e conceitos abordados.

INTRODUÇÃO

Esta é a nossa última aula da disciplina Metodologia da Geografia. Vamos iniciar expondo alguns estudos desenvolvidos pela ciência geográfica na atualidade com intuito não só de exemplificar sua diversidade temática e metodológica, característica do paradigma ambiental, como também de ilustrar alguns desafios colocados para a Geografia em tempos de globalização. Em seguida, iremos recuperar a proposta central da disciplina, seus temas, discussões e conceitos abordados.

Exemplos de estudos geográficos na atualidade e seus desafios metodológicos

Conforme vimos em nossa última aula, em função da atual dinâmica do mundo – impulsionada e muito influenciada pela globalização –, os impactos socioespaciais nos países, regiões e lugares têm sido muito mais intensos. Não apenas os vetores globais incidem de forma direta e rápida, como também os lugares participam e estão muito incluídos na dinâmica global. Esse impacto e participação atingem todas as áreas, como a economia, a cultura, a política, a ideologia, a natureza e todo ambiente. Sendo assim, países, regiões e lugares não podem mais ser estudados sem que sejam consideradas suas relações com o mundo.

Nesse sentido, esta realidade atual tem colocado muitos desafios às ciências. No plano epistemológico, o que inclui origem, interpretação e validade do conhecimento científico, domina o relativismo teórico e metodológico. Relativismo este vinculado, principalmente, à aceitação da ideia de que a capacidade humana capta apenas parcialmente e provisoriamente a realidade.

Assim, além da maior complexidade social e espacial da atualidade, há também maior aceitação entre os pesquisadores de interpretações variadas e plurais no plano epistemológico.

É dentro desse contexto que o *paradigma ambiental* se desenvolve, isto é, a partir de uma nova epistemologia, a *epistemologia ambiental*. Essa nova forma de fazer ciência não deve ser entendida como um modelo interpretativo fechado e limitado a uma base filosófica específica, com uma conduta única e compartilhada da mesma forma por um grupo de pessoas, conforme ocorreu com outros paradigmas.

O paradigma ambiental, portanto, deve ser entendido como uma nova forma, um novo modelo de conhecimento científico, sustentado e desenvolvido a partir do constante diálogo dos saberes e das bases filosóficas, apresentando como produto uma pluralidade de interpretações teórico-metodológicas e a incorporação de novos temas de investigação aos tradicionais temas já existentes.

Do ponto de vista metodológico, o principal desafio dessa nova epistemologia está na necessidade de, ao mesmo tempo, ampliar o conhecimento de filosofias diferenciadas e aprofundar o conhecimento de filosofias específicas. A abertura para novos temas e novas tecnologias também constitui um grande desafio para o pesquisador.

É esse novo quadro epistemológico que vamos agora exemplificar a partir da indicação de alguns temas de estudos desenvolvidos no campo científico da Geografia na atualidade.

Vejamos alguns exemplos.

- a. Temas vinculados à expansão das tecnologias de comunicação e informação (internet e computadores), como geotecnologia, ciberespaço e cibergeografia. A esse respeito, sugere-se consultar os sites <http://www.cibergeo.org/> e <http://www.viconsaga.com.br/lageop/index.php> e o capítulo 14, denominado – “Nuevas geografías y neogeografía” –, da obra de Horácio Capel *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea: una introducción a la Geografía* (2012). Nesse capítulo, é apresentado o surgimento do termo *neogeografía* e analisado o desenvolvimento e uso dos computadores, da internet e da telefonia móvel na produção intelectual da Geografia.
- b. Temas vinculados à religião, festas, ritmos e expressões musicais, movimentos feministas, movimentos inclusivos e afirmativos, à escala do cotidiano etc. desenvolvidos principalmente pela Geografia

cultural e humanística. Para saber mais sobre esses temas, sugere-se consultar os *sites*: <http://www.nepec.igeog.uerj.br/> e <http://neghario.wordpress.com/bibliografias/geografia-humanistica/>.

- c. Temas vinculados à questão ambiental, aproximando a Geografia física à cultura, como educação ambiental, aquecimento global, potencial geoturístico, energias renováveis, sustentabilidade, ecoturismo, geopatrimônio, geoturismo etc. Para analisar recentes pesquisas realizadas com essas temáticas, sugere-se consultar as teses e dissertações defendidas no curso de Geografia da UFRJ. Acesse o *site*: <http://146.164.2.115/F?RN=606905567>.



Atende ao objetivo 1

Relacione a primeira coluna com a segunda coluna.

- | | |
|--|--|
| a. Pluralidade teórico-metodológica. | () Áreas que se fortaleceram apresentando novos temas de investigação. |
| b. Tecnologias da informação, cultura e meio ambiente. | () Ampliar o conhecimento de filosofias diferenciadas, aprofundar o conhecimento de filosofias específicas. |
| c. Grande desafio epistemológico para o pesquisador na atualidade. | () Característica da epistemologia ambiental. |

Resposta comentada

(b) Áreas que se fortaleceram apresentando novos temas de investigação; (c) Ampliar o conhecimento de filosofias diferenciadas, aprofundar o conhecimento de filosofias específicas; e (a) Característica da epistemologia ambiental.

Recordando a proposta da Metodologia da Geografia

A disciplina Metodologia da Geografia teve como proposta central apresentar as principais práticas e os principais métodos desenvolvidos e utilizados pela pesquisa científica geográfica ao longo do tempo. Foram estudadas tanto as atividades práticas quanto as teóricas, ideológicas e políticas, que envolvem o processo de investigação em Geografia. Isto é, foram estudados os métodos de pesquisa e os métodos de interpretação utilizados pela ciência geográfica.

Como a metodologia da Geografia é resultante de diálogos entre a Filosofia e a Geografia, por meio dessa disciplina, procuramos apresentar e avaliar as razões, as condições e as formas com que o conhecimento geográfico foi produzido, destacando as teorias, os conceitos, as bases filosóficas e científicas que sustentaram os principais paradigmas geográficos, as observações de campo, as fontes e os procedimentos de pesquisa. Pretendemos, assim, apresentar os principais caminhos metodológicos da pesquisa em Geografia ao longo do tempo.

Para alcançar tais propósitos, a disciplina foi ministrada em duas grandes partes. Na primeira, foram expostos e discutidos os aspectos conceituais e históricos de método e metodologia científica, vinculando-os à Geografia, ou seja, estava em foco o campo de estudo da disciplina e sua base histórica, filosófica e conceitual. Na segunda parte, foram apresentados os principais paradigmas da Geografia e suas bases filosóficas e metodológicas e foram apontados alguns exemplos na produção intelectual da Geografia.

Temas e discussões da disciplina:

1. Aspectos conceituais e históricos sobre método, metodologia e metodologia científica, vinculando-os à Geografia.
2. Geografia como ciência e geografia como materialidade.
3. A metodologia científica da ciência moderna e sua relação com a modernidade.
4. Os polos metodológicos da ciência moderna: método indutivo e método dedutivo e a relação com as filosofias positivistas e neopositivistas
5. A filosofia positivista e o método indutivo e a filosofia neopositivista e o método dedutivo.
6. O campo de estudo da Metodologia da Geografia e a concepção de paradigma.
7. Os principais paradigmas em Geografia, suas características e seu papel na produção e dinâmica/desenvolvimento da ciência geográfica.
8. Os principais métodos de interpretação e pesquisa na ciência geográfica.
9. A Geografia Clássica ou Tradicional: origem, abordagem metodológica, principais autores, conceitos e exemplos de estudo e pesquisa.
10. A Geografia lógico-formal: origem, abordagem metodológica, principais autores, conceitos e exemplos de estudo e pesquisa.
11. A Geografia marxista: origem, abordagem metodológica, principais autores, conceitos e exemplos de estudo e pesquisa.
12. A Geografia Humanística: origem, abordagem metodológica, principais autores, conceitos e exemplos de estudo e pesquisa.

Conceitos abordados:

- método, metodologia e metodologia da Geografia;
- método de pesquisa e método de interpretação;
- campo científico da Geografia e geografia como materialidade;
- modernidade;
- método indutivo e empirismo;
- racionalismo e método dedutivo;
- positivismo, neopositivismo, historicismo;
- paradigma;
- epistemologia;
- Geografia Clássica ou Tradicional;
- Geografia neopositivista;
- marxismo;
- Geografia marxista;
- fenomenologia, hermenêutica, existencialismo;
- Geografia Humanística;
- paradigma ambiental e epistemologia ambiental;
- meio técnico-científico-informacional;
- Pós-modernidade e globalização.

CONCLUSÃO

Esta foi a última aula de Metodologia da Geografia. Esperamos que vocês tenham assimilado o conteúdo da disciplina de forma prazerosa e que esta possa auxiliar as suas reflexões e as atividades de estudo e pesquisa em Geografia.

Resposta comentada

A disciplina Metodologia da Geografia teve como proposta central apresentar as principais práticas e os principais métodos desenvolvidos e utilizados pela pesquisa científica geográfica ao longo do tempo.

As aulas da disciplina:

Aula 1: Método e metodologia: considerações históricas e conceituais

Aula 2: Modernidade, constituição da ciência moderna e metodologia científica.

Aula 3: Os polos da metodologia da ciência moderna: método indutivo (empirismo) × método dedutivo (racionalismo)

Aula 4: O campo da metodologia da Geografia e a concepção de paradigma

Aula 5: Métodos de interpretação e pesquisa em Geografia

Aula 6: Geografia Clássica ou Tradicional: positivismo clássico e historicismo (método indutivo e empirismo)

Aula 7: Geografia Clássica ou Tradicional: origem, autores, conceitos e exemplos de estudos e pesquisas

Aula 8: Geografia lógico-formal: neopositivismo ou positivismo lógico (método dedutivo e racionalismo)

Aula 9: Geografia neopositivista: origem, autores, conceitos, princípios teórico-metodológicos e exemplos de estudos e pesquisas

Aula 10: Geografia marxista: materialismo histórico dialético

Aula 11: Geografia marxista: origem, autores, conceitos, bases teórico-metodológicas e exemplos de estudo e pesquisas

Aula 12: Geografia Humanística e as filosofias dos significados: hermenêutica, fenomenologia e existencialismo

Aula 13: Geografia Humanística: origem, autores, conceitos, bases teórico-metodológicas e exemplos de estudo e pesquisas

Aula 14: O paradigma ambiental e a Geografia: o diálogo de saberes

Aula 15: Exemplos de estudos desenvolvidos pela Geografia na atualidade e seus principais desafios metodológicos

Conceitos principais: método, metodologia; método de pesquisa; método de interpretação; campo científico; geografia como materialidade; paradigma; epistemologia; modernidade; pós-modernidade; método indutivo; empirismo; método dedutivo; racionalismo; positivismo; neopositivismo; historicismo; marxismo; fenomenologia; hermenêutica; existencialismo; epistemologia ambiental.

RESUMO

Nesta aula, você estudou:

Exemplos de estudos geográficos na atualidade.

Proposta central do Curso

Temas e conceitos abordados no Curso

Metodologia
da Geografia

Referências

Aula 1

CARVALHO, Alex et al. *Aprendendo metodologia científica*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.

DROIT, Roger-Pol. *Filosofia em cinco lições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GEORGE, Pierre. *Os métodos da Geografia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAW, Stephen. *Guia ilustrado Zahar - Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MACHADO, Mônica Sampaio. Implicações do realismo na Geografia e no seu objeto de estudo, a Geografia como materialidade, categoria da determinação do real. Rio de Janeiro, Geo UERJ, v. 1, n. 17, 2007.

MORAES, Antônio Carlos Robert. *A valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Pequena história crítica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1983.

MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Primeiros Passos, 48)

VALENTINE, Gill; CLIFFORD, Nicholas J. *Principais métodos em Geografia*. London: Sage, 2003.

Aula 2

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. Modernidad y Revolucion en Nicolás Casullo. El debate modernidad-posmodernidad. Revista Leviatán, n. 16, verano de 1984.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII: O tempo e o mundo*. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CARVALHO, Alex et al. *Aprendendo metodologia científica*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.

CHIBENI, Silvio Seno. Algumas observações sobre o “método científico”. *Notas de aula, dez. 2006*. Disponível em: http://agriculturasamazonicas.ufpa.br/PDF%27S/AA_selecao/2012/Silvio_Seno_Chibeni_Algumas_informacoes_sobre_metodo_cientifico.pdf. Acesso em: 23 jan. 2015.

GOLDMANN, Lucien. *O materialismo dialético é uma filosofia?* In: _____. *Dialética e cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

LENIN, Vladimir Ilitch. Sobre a questão da dialética. In: *Socialismo e Democracia*, ano I, n. 4, out.-dez. 1984.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

Aula 3

CARVALHO, Alex et al. *Aprendendo metodologia científica*. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.

CHIBENI, Silvio Seno. Algumas observações sobre o “método científico”. *Notas de aula, dez. 2006*. Disponível em: http://agriculturasamazonicas.ufpa.br/PDF%27S/AA_selecao/2012/Silvio_Seno_Chibeni_Algumas_informacoes_sobre_metodo_cientifico.pdf. Acesso em: 23 jan. 2015.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1996.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAPIASSÚ, Hilton. O racionalismo cartesiano. In: RESENDE, Antonio (Org.) *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 85-98.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1, O processo de produção do capital, volume II. São Paulo: Bertrand Brasil; DIFEL, 1987.

ROSS, George MacDonald; FRANCK, Richard. Descartes, Spinoza e Leibniz. In: BUNNIN, Nicholas; JAMES-TSUI, E. P. (Org.). *Compêndio de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 509-528.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes. O empirismo inglês. In: RESENDE, Antonio (Org.) *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 98-105.

Aula 4

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 1983.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSTON, Ronald. J. *A Geografia e geógrafos*. São Paulo: Difel, 1983.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LEFF, Enrique. *As aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.). *Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental, *Terra Livre*, São Paulo, n. 16, p. 139-158, 1º semestre/2001. Disponível em: http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf#page=113. Acesso em: 23 jan. 2015.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. *A questão ambiental no Brasil: 1960-1980*. São Paulo: IGEO/USP, 1981.

MORAES, Antonio Carlos R. *Meio ambiente e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SPOSITO, Eliseu Saverio. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, Iná E. et al. (Org.) *Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Faperj, 1999, p. 347-359.

_____. *Geografia e Filosofia: contribuição à metodologia do ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. A propósito dos paradigmas de orientação de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea, *Terra Livre*, São Paulo, n. 16, p. 99-112, 1º semestre/2001. Disponível em: http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf#page=113. Acesso em: 23 jan. 2015.

Aula 5

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. *Geografia crítica: a valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1987.

Aula 6

BERDOULAY, Vicent. La Métaphore Organiciste: contribution à l'étude du langage des géographes, *Annales de Géographie*, Paris, n. 507, 1982, p. 573-586.

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

CORRÊA, Roberto L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1986, p. 22-50.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO, Mônica Sampaio. A contribuição de Delgado de Carvalho aos estudos geográficos brasileiros a partir da obra 'Le Brésil Méridional'. In: SANTOS, Marco Aurélio Martins (Org.). *Geografia e Geopolítica*. A contribuição de Delgado de Carvalho e Terezinha de Castro. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/ColecaoMemorialInstitucional/16_Geografia%20e%20geopolitica_A%20contribuicao%20de%20Delgado%20de%20Carvalho%20e%20Therezinha%20de%20Castro.pdf. Acesso em: 23 jan. 2015.

LA BLACHE, Paul Vidal. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos, 1954.

MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986.

RATZEL, Friedrich. *History of Mankind*. Volume III. Tradução da segunda edição alemã por A. J. Butler, M.A. London: Mamillan and Co. Limited, 1898. Disponível em: <http://www.unz.org/Pub/RatzelFriedrich-1896?View=ReadIt>. Acesso em: 23 jan. 2015.

Aula 7

BERDOULAY, Vicent. La Métaphore Organiciste: contribution à l'étude du langage des géographes, *Annales de Géographie*, Paris, n. 507, 1982, p. 573-586.

BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Maria Therezinha S. *Rio de Janeiro: cidade e região*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1987.

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

CORRÊA, Roberto L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1986, p. 22-50.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO, Mônica Sampaio. A contribuição de Delgado de Carvalho aos estudos geográficos brasileiros a partir da obra 'Le Brésil Méridional'. In: SANTOS, Marco Aurélio Martins (Org.). *Geografia e Geopolítica*. A contribuição de Delgado de Carvalho e Terezinha de Castro. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/ColecaoMemorialInstitucional/16_Geografia%20e%20geopolitica_A%20contribuicao%20de%20Delgado%20de%20Carvalho%20e%20Therezinha%20de%20Castro.pdf. Acesso em: 23 jan. 2015.

LA BLACHE, Paul Vidal. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos, 1954.

MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1986.

RATZEL, Friedrich. *History of Mankind*. Volume III. Tradução da segunda edição alemã por A. J. Butler, M.A. London: Mamillan and Co. Limited, 1898. Disponível em: <http://www.unz.org/Pub/RatzelFriedrich-1896?View=Readlt>. Acesso em: 23 jan. 2015.

FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. *Evolução histórica do pensamento geográfico*. A evolução do pensamento geográfico. Lisboa: Gradiva, 1986.

MENDONZA, Josefina; MUÑOZ JIMÉNEZ, Julio; ORTEGA CANTERO, Nicolás (Org.). *El Pensamiento Geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza, 1982.

Aula 8

BRADFORD, M. G.; KENT, W. A. *Geografia Humana: teorias e suas aplicações*. Lisboa: Gradiva, 1977.

BUCKINGHAM, Will; BURNHAM, Douglas et al. *O livro da filosofia*. Tradução: Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

CAMARGO, José C. G.; REIS JÚNIOR, Dante F. da C. Considerações a respeito da Geografia Neopositivista no Brasil. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n. 3, p. 355-382, set.-dez.

2004. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5917/1/ARTIGO_ConsideracoesGeografiaNeopositivista.pdf. Acesso em: 26 jan. 2015.

_____; _____. Neopositivismo na Geografia brasileira: parafraseando o pensamento de Speridião Faissol (1923-1995). In: GERARDI, Lucia H. de (Org.). *Ambientes: estudos de Geografia*. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – Unesp. Associação de Geografia Teorética – Ageteo, 2003, p. 223-234. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2003/neopositivismo.pdf>.

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSTON, Ronald J. *A Geografia e geógrafos*. São Paulo: Difel, 1983.

MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1985.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1986.

Aula 9

BRADFORD, M. G.; KENT, W. A. *Geografia Humana: teorias e suas aplicações*. Lisboa: Gradiva, 1977.

BUCKINGHAM, Will; BURNHAM, Douglas et al. *O livro da filosofia*. Tradução: Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

BUNGE, William. Geografia teórica. Uma metodologia geográfica. In: GOMES MENDONZA, Josefina; MUÑOZ JIMÉNEZ, Julio; ORTEGA CANTERO, Nicolás (Org.). *El Pensamiento Geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza, 1982, p.402-411.

CAMARGO, José C. G.; REIS JÚNIOR, Dante F. da C. Considerações a respeito da Geografia Neopositivista no Brasil. *Geografia*, Rio Claro, v. 29, n. 3, p. 355-382, set.-dez. 2004. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5917/1/ARTIGO_ConsideracoesGeografiaNeopositivista.pdf. Acesso em: 26 jan. 2015.

_____; _____. Neopositivismo na Geografia brasileira: parafraseando o pensamento de Speridião Faissol (1923-1995). In: GERARDI, Lucia H. de (Org.). *Ambientes: estudos de Geografia*. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – Unesp. Associação de Geografia Teórica – Ageteo, 2003, p. 223-234. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2003/neopositivismo.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2015.

CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

FAISSOL, Speridião (Org.). *Tendências atuais na Geografia urbano-regional: teorização e quantificação*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1978.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GALVÃO, Marília Velloso. Áreas de pesquisa para determinação de áreas metropolitanas. Estudo e aplicação de critérios para identificação e delimitação de áreas de pesquisa, sobre as quais deverá ser feito um levantamento estatístico especial no Censo de 1970, para fins de determinação das áreas metropolitanas do País. Separata, *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 4, 1969.

GEIGER, Pedro Pinchas. A Região Setentrional da Baixa da Fluminense. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 28, n. 1, jan.-março 1956.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSTON, Ronald J. *A Geografia e geógrafos*. São Paulo: Difel, 1983.

MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1985.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1986.

Aula 10

BOTTOMORE, Tom (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CAPEL, Horácio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.

_____. *Lógica forma e lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Pensamento marxista e a cidade*. Lisboa: Ulisseia, 1972.

_____. *Revolution Urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1, O processo de produção do capital, volume II. São Paulo: Bertrand Brasil; Difel, 1987.

PAULO NETTO, José. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. *Curso O Método em Marx*. Aula 5 DVD 1, 2002. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uWJOnCOfs40>. Acesso em: 27 jan. 2015.

Aula 11

CAPEL, Horácio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

CORRÊA, Roberto L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1986.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A Geografia está em crise. Viva a Geografia. In: MOREIRA, Ruy (Org.) *Geografia: teoria e crítica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982, p.111-112.

HARVEY, David. *Teorias, Leys y Modelos en Geografía*. Madrid: Alianza, 1983.

_____. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSTON, Ronald J. *A Geografia e geógrafos*. São Paulo: Difel, 1983.

LACOSTE, Yves. *A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*. São Paulo: Papirus, 1977.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.

_____. *Lógica forma e lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Pensamento marxista e a cidade*. Lisboa: Ulisseia, 1972.

_____. *Revolution Urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

MACHADO, Mônica Sampaio. Implicações do realismo na Geografia e no seu objeto de estudo, a geografia como materialidade, categoria da determinação do real. Rio de Janeiro, *Geo UERJ*, v. 1, n. 17, 2007.

_____. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. Rio de Janeiro, *GeoUerj*, n. 1, jan. 1997, p.17-32.

MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1985.

MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEET, Richard. Desigualdade e pobreza: uma teoria geográfico-marxista. In: Christofolletti, Antonio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Aula 12

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. *L'humanisme en Géographie*. Paris: Economica, 1990.

BOSQUE MAUREL, Joaquín; ORTEGA ALBA, Francisco. *Comentario de textos geográficos: história y crítica del pensamiento geográfico*. Barcelona: Oikos-Tau, 1995.

BUTTMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.

CAPEL, Horácio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1996.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GARCIA BALLESTEROS, Aurora (Org.). *Geografía y humanismo*. Barcelona: Oikos-Tau, 1992.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES MENDONZA, Josefina; MUÑOZ JIMÉNEZ, Julio; ORTEGA CANTERO, Nicolás (Org.). *El Pensamiento Geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza, 1982.

TUAN, Yi-Fu . *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

UNIWIN, Tim. *El lugar de la Geografía*. Madrid: Cátedra, 1995.

Aula 13

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. *L'humanisme en Géographie*. Paris: Economica, 1990.

BOSQUE MAUREL, Joaquín; ORTEGA ALBA, Francisco. *Comentario de textos geográficos: historia y crítica del pensamiento geográfico*. Barcelona: Oikos-Tau, 1995.

BUTTMER, Anne. *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido*. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.

CAPEL, Horácio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CORRÊA, Roberto L. *Espaço: um conceito-chave para a Geografia*. In: CASTRO, Iná E.; CORRÊA, Roberto L.; GOMES, Paulo C. C. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-48.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1996.

FONT, Joan Nogué i. El paisaje existencial de cinco grupos de experiencia ambiental. Ensayo metodológico. In: GARCIA BALLESTEROS, Aurora (Org.). *Geografía y humanismo*. Barcelona: Oikos-Tau, 1992, p.89-90.

GARCIA BALLESTEROS, Aurora (Org.). *Geografía y humanismo*. Barcelona: Oikos-Tau. 1992.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES MENDONZA, Josefina; MUÑOZ JIMÉNEZ, Julio; ORTEGA CANTERO, Nicolás (Org.). *El Pensamiento Geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (de Humboldt a las tendencias radicales)*. Madrid: Alianza, 1982.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Org). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012.

MELLO, João Baptista Ferreira. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira, 1928-1991 – uma introdução à Geografia Humanística*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Explosões de centralidades na cidade do Rio de Janeiro*. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, 1993-2008, p. 137-147. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142/4414>. Acesso em: 27 jan. 2015.

SANTOS, Milton. *O lugar e o cotidiano*. In: _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 251-293.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980, p. 20-21.

_____. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. *Geografia Humanística*. In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

UNIWIN, Tim. *El lugar de la Geografía*. Madrid: Cátedra, 1995.

Aula 14

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

LEFF, Enrique. *As aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ROUANET, Sérgio P. Introdução: crises da razão, da modernidade e da ilustração. In: _____. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Aula 15

CAPEL, Horácio. *Filosofía y ciencia en Geografía contemporánea*. Una introducción a la Geografía. Nueva edición ampliada. Barcelona: del Serbal, 2012.

